

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

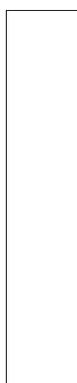
A envolvente do Convento de Cristo em Tomar:

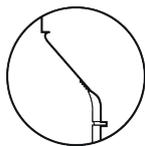
Uma leitura sobre o lugar no tempo
para uma proposta de regeneração urbana

André Freitas

M

2018





FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

U.PORTO

A envolvente do Convento de Cristo em Tomar

*Uma leitura sobre o lugar no tempo
para uma proposta de regeneração urbana*

André Freitas

Dissertação de Mestrado em Arquitectura
apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Orientado por
Professora Doutora Maria Sofia Santos

Porto
2018

Nota

A presente dissertação foi apresentada em Prova Pública, no dia nove de novembro de dois mil e dezoito. O Júri da prova foi composto pelo Prof. Doutor José Cabral Dias, enquanto Presidente da Mesa de Júri, pela Professora Doutora Marta Oliveira, enquanto Arguente, e pela Prof. Doutora Maria Sofia Santos, enquanto Orientadora. A duração da prova foi de uma hora e trinta minutos e a classificação atribuída foi de 19 valores. O texto de apresentação da dissertação encontra-se em anexo, na página 257.

Agradecimentos

De todos os que tornaram possível esta dissertação, agradeço particularmente:

À Professora Doutora Maria Sofia Santos, orientadora desta dissertação. Por toda a disponibilidade, dedicação, metodologia e rigor crítico ao longo do trabalho, sem os quais não seria possível a sua concretização.

Ao Arquitecto Rui Serrano, cujo tema me inspirou. Por toda a disponibilidade para conversar, pela ajuda no estabelecimento de contactos e cedência de materiais. Por todo o interesse e preocupação demonstrados no decorrer deste trabalho e ainda pela inspiração e orientação no meu percurso académico e profissional.

Ao Arquitecto Álvaro José Barbosa agradeço pelas conversas e conhecimento partilhado, pelos materiais cedidos e pela inspiração proveniente dos seus trabalhos, nomeadamente do seu livro *Os Sete Montes de Tomar*.

A todas as entidades, que despenderam do seu tempo na recolha de informação e na permissão à respetiva consulta. Em particular agradeço:

ao Arquivo Municipal de Tomar, na pessoa da Técnica Catarina Faria;
aos Serviços Educativos do Convento de Cristo, na pessoa da Técnica Elisabete Gameiro, que muito despendeu do seu tempo para me receber e acompanhar em diversos momentos;
à Câmara Municipal de Tomar, na pessoa do Vereador Hugo Cristóvão;
ao Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental de Tomar, na pessoa da Eng.^a Cátia Pouseiro;
à Divisão de Gestão do Território, na pessoa da Eng.^a Susana Pereira e do Técnico Pedro Silva.

Por último, e não menos importante, à minha família e aos meus amigos, pela sua presença e motivação.

Resumo

O Convento de Cristo em Tomar, classificado como Património Mundial da Unesco, é um monumento de alta qualidade arquitectónica e espacial, revelando-se como um importante ícone da História de Portugal e da História da Arquitectura Portuguesa. A sua envolvente tem uma conotação igualmente importante na História deste lugar e, acima de tudo, na sua caracterização e imagem.

Assim, surge este trabalho com o intuito de criar uma oportunidade para uma leitura completa, ampla e abrangente da parcela de território compreendida entre os três morros envolventes ao Convento de Cristo. Para tal, será fundamental a definição de uma unidade de paisagem, decorrente de um processo de observação da relação estabelecida entre este monumento e a sua envolvente próxima e distante. Esta será analisada segundo as suas transformações ao longo do tempo – desde os primórdios da sua ocupação até aos dias de hoje – e na sua relação com este monumento – segundo diferentes abordagens à continuidade física e visual estabelecida entre os interiores do Convento e a unidade de paisagem que o acolhe. A sua finalidade é de poder contribuir para a construção de um estado do conhecimento em torno deste tema, para o levantamento de problemas e designação de possíveis caminhos e soluções.

Abstract

The Convent of Christ in Tomar, classified as UNESCO World Heritage Site, is a monument of high architectural and spatial quality, revealing itself as an important icon of the History of Portugal and the History of Portuguese Architecture. Its surrounding has an important connotation in its History and, above all, in its characterization and image.

Thus, this work has the objective of creating an opportunity for a complete, wide and comprehensive reading of the part comprised between the three surrounding hills of the Convent of Christ. For this, it will be crucial the definition of a landscape unit, due to a process of observation of the relation between this monument and its near and distant surroundings. This will be analyzed according to its transformations over time – from the beginnings of its occupation to the present – and its relationship with this monument – according to different approaches to the physical and visual continuity established between the interiors of the Convent and its landscape unit. Its purpose is useful for building a state of art about the subject, for solving problems and to point possible solutions.

Índice

	AGRADECIMENTOS	5
	RESUMO	7
	INTRODUÇÃO	13
	ABREVIATURAS	17
Capítulo 1	TOMAR E O TERRITÓRIO	19
1.1.	Unidade de Paisagem e Território	22
1.2.	O sítio de Tomar	24
1.3.	Dos primórdios da ocupação à chegada da Ordem do Templo	26
Capítulo 2	O CASTELO TEMPLÁRIO E O CONVENTO DE CRISTO	31
2.1.	O Castelo Templário (1160 – 1420) <i>A fundação de Tomar</i>	35
2.2.	O Convento de Cristo (1420 – 1834) <i>As sucessivas campanhas de reforma conventual</i>	45
2.3.	O Convento após a extinção das Ordens Religiosas (1834 – atual) <i>Da decadência e degradação do Convento à sua recuperação</i>	56
2.4.	O processo de classificação patrimonial do monumento <i>Do seu reconhecimento nacional a Património Mundial</i>	58

Capítulo 3	A ENVOLVENTE DO CONVENTO DE CRISTO	61
3.1.	Dos primórdios à fundação da nacionalidade (até ao séc. XII) <i>Os primeiros vestígios de presença humana na região</i>	67
3.2.	Da Ordem do Templo à Ordem de Cristo (séc. XII a XIV) <i>A fundação de Tomar e as primeiras grandes alterações na paisagem</i>	81
3.3.	De D. João I ao Infante D. Henrique em Tomar (séc. XIV a XV) <i>Do surgimento do Convento de Cristo ao desenvolvimento da Vila de Baixo</i>	93
3.4.	Reinado de D. Manuel I (finais séc. XV ao 1º quartel do séc. XVI) <i>O início da expansão extramuros do Convento</i>	99
3.5.	Reinado de D. João III (1º quartel do séc. XVI ao 2º) <i>O Convento de Cristo como agente transformador da paisagem</i>	107
3.6.	Junção das coroas de Portugal e Espanha (1580 a 1640) <i>Do Convento de Cristo ao surgimento de novos Conventos</i>	121
3.7.	Da Restauração ao fim da Monarquia (séc. XVII a XX) <i>Da construção à transformação de uma imagem</i>	127
3.8.	Da implantação da República à atualidade (séc. XX e XXI) <i>Das sucessivas intervenções ao reconhecimento da História e do Património</i>	147
Capítulo 4	REGENERAÇÃO DA ENVOLVENTE DO CONVENTO DE CRISTO	165
4.1.	Planos de intervenção e requalificação para a sua envolvente próxima nos séculos XX e XXI	169
4.2.	Reconhecimento dos problemas atuais	184
4.3.	Propostas de atuação e de regeneração do lugar	187
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	199
	REFERÊNCIAS	
	de bibliografia	203
	de imagem	210
	ANEXOS	
I	Cronologia	221
II	Um percurso de aproximação ao Convento de Cristo	233
III	Estatísticas de entradas no Convento de Cristo	251
IV	Memória descritiva do projeto para a Cerrada dos Cães de 1955	253
V	Memória descritiva do projeto para a Cerrada dos Cães de 2011	255
VI	Texto de apresentação para a Prova Pública de Dissertação de MIARQ	257

Introdução

Objeto e Tema

O presente trabalho tem como objeto de estudo a envolvente do Convento de Cristo em Tomar. Com um olhar direcionado para a parcela de território compreendida entre os três morros envolventes a este lugar, pretendemos incidir o nosso foco de estudo nas suas transformações ao longo do tempo e na sua relação com o Convento de Cristo.

A região de Tomar, situada na zona centro do país, é um local rico em arquitectura e história e comporta mais de mil anos de existência. Povoadada muito antes da fundação de Portugal, esta cidade ganhou a identidade próxima à que hoje possui após a chegada dos Templários a esta região, na qual fizeram sede e construíram o Castelo de Tomar, posteriormente aumentado e convertido no Convento de Cristo. Este monumento, classificado como Património Mundial da Unesco em 1983, apresenta-se como um monumento de alta qualidade arquitectónica e espacial, bem como de elevado valor patrimonial, sendo um importante ícone da História da Arquitectura Portuguesa. A sua construção ao longo de séculos deu-lhe o valor singular que hoje tem, por este ostentar vestígios de variadas épocas e estilos arquitectónicos e por ter sido obra das mãos de importantes arquitetos que por Portugal passaram.

A escolha e delimitação do objeto de estudo não foi imediata no processo de trabalho. Inicialmente motivados pelo projeto a fim de regenerar o local, surgiu a necessidade de conhecer as transformações existentes na envolvente próxima ao Convento. Contudo, desde logo sentimos a necessidade de investigar para além disso e procurar ler o Convento de Cristo na sua envolvente mais abrangente. Definir os limites de uma unidade de paisagem passou por ler a sua envolvente tendo em conta o impacto que tem na imagem do Convento de Cristo, mas também tendo em conta fatores históricos e questões de identidade e de relevância espacial. Foi nossa intenção considerar diferentes modos de experienciar a relação entre o monumento e a paisagem através da sua observação a partir de diferentes pontos: como se avista a paisagem a partir dos interiores do próprio Convento; como se avista o Convento a partir da envolvente próxima e alargada; como se avista o Convento a partir da sua unidade de paisagem.

Assim a sua definição teve em conta um conjunto de características consideradas homogêneas e que distinguem este conjunto montanhoso da restante envolvente – razão pela qual foram definidos estes três morros. Para além do seu idêntico uso do solo, relevo e altitude, e das suas condicionantes históricas e da vivência quotidiana que dela advém, todos eles apresentam intervenções de carácter religioso e patrimonial, possuindo um papel construtivo e relevante na identidade destes locais. Ademais, em conjunto formam uma depressão montanhosa sobre as várzeas do Nabão – em conjunto com o monte do Piolhinho, deixado de fora deste estudo –, estendendo-se desde a Várzea Pequena, a norte, até à Várzea Grande, a sul, definindo os limites da então Vila de Tomar.

Este local foi centro de muitos olhares e estudos por parte de muitos autores, arquitetos, historiadores e arqueólogos, criando em torno destes locais um complexo e extenso estado de conhecimento. No entanto, o lugar que acolheu este monumento e que delimita geograficamente a cidade de Tomar, nunca tivera a mesma relevância e destaque neste estudo, não existindo uma leitura direcionada e coesa do que foi e do que é este lugar. Ao longo dos séculos sofreu inúmeras intervenções e foram muitos os fins para que serviu, como militares, agrícolas e religiosos. Foi este desenvolvimento gradual que lhe atribuiu a sua identidade atual, englobando nela pequenas e grandes transformações, desde a construção de um muro à construção de um convento.

Neste território, é-nos possível encontrar locais como o Castelo Templário e o Convento de Cristo, a Capela de São Gregório, a Ermida de Nossa Senhora da Piedade, a Ermida de Nossa Senhora da Conceição, a Mata Nacional dos Sete Montes, o Aqueduto dos Pegões, o Convento de São Francisco, o Convento da Anunciada Nova e, por último, a própria cidade de Tomar, que desde a sua fundação esteve inevitavelmente relacionada com este monumento.

Objetivo e motivação

O objetivo deste trabalho é criar uma oportunidade para uma leitura completa, ampla e abrangente da envolvente do Convento de Cristo, da sua relação com o próprio monumento, com a cidade de Tomar e com todos os restantes elementos que completam este panorama, inventariando todos os acontecimentos que decorreram desde o início do seu surgimento até à atualidade.

Em primeira instância, acreditamos que este estudo será uma mais valia para o estado do conhecimento da envolvente do Convento de Cristo e para a recriação de locais e vias que antigamente protagonizavam a vivência deste lugar e que atualmente se encontram esquecidos e abandonados. Em segundo, esta análise histórica pretende suportar linhas de ação e propostas de regeneração do espaço, na sua morfologia, vivência e essência, a fim de refortalecer a sua dinâmica atual, essencialmente direcionada para o turismo. É nossa intenção construir um contributo para a leitura da evolução do lugar no tempo, para o levantamento de problemas e para a designação de possíveis caminhos e soluções, quer a partir da escrita, quer a partir do desenho.

Desenvolver esta análise pressupõe uma ideia de percurso de descoberta dos diferentes lugares da envolvente, através da leitura do objeto e do espaço, bem como da interpretação e posicionamento crítico acerca das intervenções existentes ao longo do tempo.

Será necessário olhar para estes locais como um todo, o que se torna difícil, por vezes até impossível, quando há diferentes órgãos de gestão intervenientes no processo, de entre os quais constam os responsáveis pela Direção do monumento, a Direção-Geral do Património Cultural e a Câmara Municipal de Tomar, que levam a que haja estratégias individualizadas entre as cidades e os monumentos e a intervenções arquitectónicas desassociadas e diferentes. Reflexo disso é a falta de relação entre as diversas partes pertencentes a esta mesma envolvente, fechando os espaços àquilo que outrora fora o seu propósito e a sua vivência. Para além do mais, estes espaços têm tido ao longo das últimas décadas diferentes utilizações e fins desassociados que, de certo modo, foram alterando o seu desenho e desvirtualizando a sua identidade original.

As motivações que me levaram à escolha deste tema estão relacionadas com uma convivência diária com o espaço. Sendo natural de Tomar, a paixão por esta cidade e a curiosidade por saber mais, sempre foram impulsores de muitos dos meus trabalhos ao longo do meu percurso académico. Desde o seu início foi certo que o tema de dissertação de Mestrado Integrado seria direcionado para a cidade de Tomar, nomeadamente através de uma leitura da arquitectura e das suas transformações no tempo. No último ano tive oportunidade de conhecer pessoas que acabaram por me despertar a atenção para este local, a envolvente do Convento de Cristo, e que, logo à partida, se tornou claro e certo como um tema pertinente e necessário. Para além do mais, associo a minha função enquanto arquitecto a uma ação cívica de alguém a quem o monumento é próximo e que pode facilmente conjugar estas duas formas de conhecimento do espaço. Inicialmente com uma visão mais empírica, fundamentada unicamente pela minha vivência do espaço e pelo acompanhamento das suas transformações ao longo dos anos, surge agora a necessidade de conhecer além disso e poder conjugar estes dois modos de pensar o lugar.

Metodologia e Estrutura

O processo de trabalho foi o reflexo do desenvolvimento temporal e espacial do lugar. Passou pelo reconhecimento do local, com um olhar direcionado para aquilo que o lugar foi ao longo dos séculos, nos diferentes locais que o compõem, naquilo que é atualmente, o que tem para nos oferecer, quais os seus acessos, a sua topografia e o desenho do terreno na relação com o Convento de Cristo, como é que este se apresenta perante a paisagem, e qual a relação que estabelece com a cidade de Tomar. Esta leitura teve por base uma análise em retrospectiva, necessária para compreender qual a identidade do monumento e dos princípios originais que levaram ao modo como o Castelo e o Convento de Cristo foram construídos e projetados.

A recolha e levantamento destes elementos passou pelo contacto com inúmeras entidades, coletivas e individuais, bem como pela pesquisa em diversas plataformas digitais, bibliotecárias e bases arquivistas, todas elas referidas na bibliografia. Das entidades, foram contactados: o Arquivo Histórico da Força Aérea; o Arquivo Municipal de Tomar; a Câmara Municipal de Tomar; o Centro de Informação Geoespacial do Exército; o Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental de Tomar; a Direção do Convento de Cristo; a Direção-Geral do Património Cultural; o Instituto de Conservação da Natureza e Florestas; o Sistema de Informação de Património Arquitetónico. Destes contactos, não nos foi possível obter resposta do Instituto de Conservação da Natureza e Florestas e do Arquivo Histórico da Força Aérea. Para além destes, foram ainda estabelecidos contactos com pessoas a título individual, entre os quais o Arquitecto Álvaro Barbosa e o Arquitecto Rui Serrano, que foram importantes contributos.

O trabalho apresenta-se dividido em 4 capítulos. Para que sejam dadas as bases históricas e geográficas e as premissas de análise necessárias para os capítulos seguintes, começámos por uma abordagem mais global, partindo do território nacional até à região de Tomar. O primeiro capítulo aborda o sítio de Tomar e o seu território onde, para além do estudo orográfico e geográfico da região de Tomar, realizámos uma breve exposição histórica dos seus povoamentos desde as primeiras ocupações.

Seguindo-se para o segundo capítulo, é-nos dada uma leitura intramuralhas da zona em estudo, virada para o desenvolvimento do Castelo Templário e do Convento de Cristo ao longo dos séculos, acompanhando as diversas campanhas de obras desde a sua fundação até aos dias atuais. Será um capítulo importante, dada a estreita relação entre as intervenções intramuros e a sua envolvente. Neste seguimento, surgirá também a análise dos processos de classificação patrimonial do monumento, a nível nacional e internacional.

É no terceiro capítulo que nos focamos no objeto de estudo desta dissertação, a envolvente do Convento de Cristo em Tomar. Este capítulo é dividido em nove subcapítulos, segundo as épocas e reinados que despoletaram maiores transformações neste lugar, partindo desde os primórdios da fundação até à atualidade. Procurámos reunir o máximo de conhecimento e dados arquivistas, como iconografia, cartografia e documentação, formando um complexo compêndio de informação a partir da qual se forma a História da envolvente do Convento. É de denotar a importância acrescida que o desenho assume neste capítulo enquanto ferramenta de estudo e de comunicação, através do auxílio à recriação dos locais e no suporte de hipóteses por nós levantadas.

Concluída esta análise em retrospectiva, o quarto e último capítulo apresenta-nos a leitura atual do local, evidenciando os principais problemas e carências e remetendo diretrizes necessárias para a regeneração e revitalização do mesmo. Nesta análise também os Planos Urbanísticos, de Porme-

nor, estudos e documentos emitidos pela Câmara Municipal de Tomar e/ou por outras entidades responsáveis, são considerados e igualmente discutidos, contribuindo para a construção do panorama existente. De entre estes destacam-se as intervenções e planos mais significativos para a envolvente do monumento dos séculos XX e XXI que serão consideradas, apresentadas e analisadas segundo as suas motivações, contributos e alterações à identidade do espaço. Para tal, procurámos associar o conhecimento empírico do local, através das visitas e percursos no terreno, como perspectiva enriquecedora e uma mais valia a somar aos dados recolhidos e expostos ao longo deste capítulo. Posto isto, na última parte são apresentadas propostas de atuação e revitalização do espaço, como o culminar de uma leitura e análise que foi sendo desenvolvida ao longo dos capítulos anteriores.

Ainda como nota introdutória, queremos salientar o público-alvo ao qual se dirige este trabalho. Apesar de cruzar referências de autores das mais variadas áreas, e de reunir em si conteúdos de vários campos disciplinares, com linguagem e termos muito específicos, deveremos considerar esta dissertação para o público em geral. Pretendemos, assim, que seja de uma escrita fluída e de fácil compreensão para o cidadão comum, procurando a todo o momento simplificar e traduzir expressões mais particulares.

Abreviaturas

AMT	Arquivo Municipal de Tomar
ANTT	Arquivo Nacional da Torre do Tombo
CMT	Câmara Municipal de Tomar
DGPC	Direção-Geral do Património Cultural
ICNF	Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas
apud	citação por
cf.	confrontar com
ibid.	a mesma obra do autor
op. cit.	anteriormente citado

Capítulo 1

TOMAR E O TERRITÓRIO

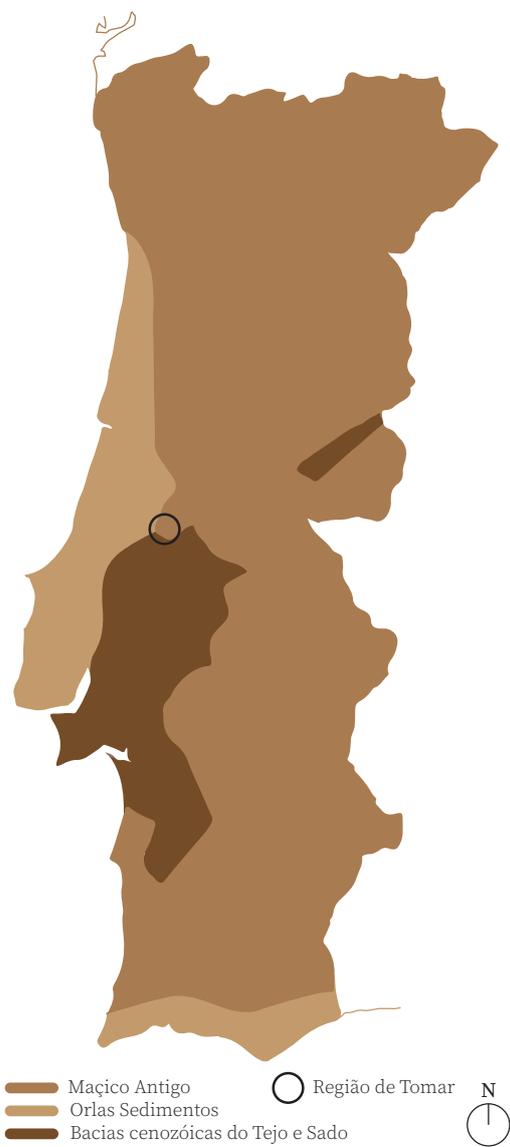
NUNO VILLAMARIZ OLIVEIRA, 2010

A melhor imagem que hoje se pode ter de Tomar é a de um quadro inacabado num velho cavalete, onde o pintor anónimo parece ter deliberadamente deixado de executar as suas últimas pinceladas. A obra é, no entanto, difícil de descrever, tal a sua beleza. (...) Tomar permanece ainda hoje como um desses lugares luminosos que constantemente nos chamam, talvez atraídos pela sedução da fisionomia urbana, medida numa escala que nos faz sentir mais humanos e em serena comunhão com os seus ritos e lendas. Tal visão transporta os visitantes para um subconsciente de tempos ancestrais, fazendo-os sonhar todas as histórias possíveis de explicar a sensação indescritível que produz.¹

Como bem nos introduz Nuno Villamariz Oliveira, Tomar é como *um quadro inacabado num velho cavalete*, que abarca tanta história, muito dela ainda por contar e encontrar, tornando-se necessário uma introdução ao tema de estudo através de um grande recuo cronológico e de um estudo realizado camada a camada, tempo após tempo. Não nos poderíamos limitar à chegada dos Templários ao território, momento em que o Castelo de Tomar fora construído e, a partir do qual, se dera toda a evolução urbana da atual cidade e, posteriormente, do Convento de Cristo, uma vez que a região de Tomar foi ocupada muito antes deste episódio, por diversos povos que deixaram marcas na região e na sua História.

Assim, para que se possa avançar para o cerne desta dissertação, no capítulo que se segue, apresentamos um estado de conhecimento deste território, que partirá desde os primórdios da sua formação geológica até às inúmeras ocupações e povoamentos existentes. Sendo o fim deste trabalho o estudo em específico da envolvente do Convento de Cristo, não é do nosso intuito descrever exaustivamente todos os elementos geológicos e transformações morfológicas do terreno, bem como todas as escavações e achados arqueológicos realizados. Queremos deixar como nota prévia que, cientes da complexidade e aprofundamento que este tema exige – e ao qual muitos autores, das mais variadas áreas disciplinares, exaustivamente se dedicaram – a realização de uma breve síntese deixa, inevitavelmente, de lado muitos pormenores e detalhes, bem como importantes autores que sobre o tema escreveram. No entanto, acreditamos que nos tenha sido possível desenvolver um compêndio suficientemente completo para conceder as bases necessárias para os capítulos que se seguem.

¹ OLIVEIRA, N. (2010). Castelos Templários em Portugal. p.319



DESENHO 01
Esquema Morfoestrutural de Portugal



DESENHO 02
Mapa hipsométrico de Portugal.

1.1. Unidade de Paisagem e Território

A região em estudo, Tomar, apresenta-se inserida no território português, pertencente à Península Ibérica. Este território, no qual é possível encontrar vestígios e materiais de todas as épocas geológicas provenientes dos primórdios da sua formação, é dividido em unidades geomorfológicas², segundo a sua natureza litológica e estrutural. Assim, o continente português é constituído por três unidades geomorfológicas: o Maciço Antigo, as Orlas Sedimentares e as Bacias Cenozóicas do Tejo e Sado. (Desenho 01)

O Maciço Antigo, predominante na maioria do território, é a unidade geomorfológica mais antiga, caracterizando-se pela predominância de rochas Pré-Câmbricas e Paleozóicas, como os xistos, os granitos e os quartzitos. Encontra-se delimitada, nos seus extremos centro-oeste e sul, pelas Orlas Sedimentares, constituídas por variados sedimentos, sobretudo calcários, margas e argilas, provenientes dos desgastes ocorridos no Maciço Antigo. Geograficamente, o seu limite define-se de Aveiro a Tomar de forma retilínea, sendo aí o seu contacto com as Bacias Cenozóicas do Tejo e Sado, a partir das quais o seu limite passa a ser feito de forma irregular até à sua separação, em Lisboa. Estas Bacias correspondem à unidade geomorfológica mais recente, onde predominam as rochas sedimentares como areias, argilas e o calcário. No decurso do tempo, ocorreram sucessivas fases de enrugamentos, erosão e avanços e recuos do nível do mar, contribuindo para o desenho do relevo e morfologia do terreno como hoje se apresentam.³

É ainda de salientar que durante o período Jurássico, Tomar era uma das regiões pertencentes a uma grande extensão de mares interiores, criando uma sucessão de lagos que por Alenquer se abria até à região de Tomar pelo vale do Nabão. Com o seu recuo, a orla adquire um carácter de uma antiga zona marinha, repleta de lagunas pantanosas, que aos poucos foram sendo preenchidas por sedimentos e detritos do Maciço Antigo, tornando-se superfície emersa. Porventura, será deste passado remoto que o vale do Nabão herda o seu carácter pantanoso, conhecido desde os primórdios de Portugal.

O vale do Nabão insere-se assim na confluência destas três unidades geomorfológicas, que permite compreender a diversidade paisagística do lugar: a nascente, de relevo mais suave, encontra-se o Maciço Antigo, representado pela Serra de Tomar; a norte e a poente, de relevo mais acentuado, encontram-se as Orlas Sedimentares, provenientes do Maciço Jurássico, representadas pela Serra da Sabacheira; e a sul, encontra-se a extensão da Bacia Hidrográfica do Tejo, com fisionomia de planície. Portanto, é-nos possível encontrar grandes variações de relevo na região: à cota de 50 metros acima do nível médio das águas do mar, encontra-se a cidade de Tomar; à cota de 100-150 metros, no lado poente da cidade, ergue-se o Castelo e o Convento de Cristo; à cota de 300 metros, a nascente do Nabão, a Serra de Tomar; e ainda à cota de 400 metros, a Serra de São Saturnino a norte de Tomar, no atual concelho de Ferreira do Zêzere (Desenho 02 e Desenho 03).

² Unidade geomorfológica é uma área na qual as rochas, as estruturas internas da crosta terrestre e as formas de relevo apresentam características semelhantes.

³ A propósito deste tema, ver *Atlas de Portugal* (2005). p. 36-43 e GIRÃO, A. (1941). *Geografia de Portugal*, p. 45-49

1.2. O sítio de Tomar

Tomar é hoje sede de município com cerca de 40 677 habitantes, no centro de Portugal, província do Ribatejo e distrito de Santarém. O concelho, com uma área de 351,2 Km² é subdividido em 11 freguesias, sendo limitado pelos municípios vizinhos de Ferreira do Zêzere a norte, Abrantes a leste, Vila Nova da Barquinha a sul, Torres Novas a oeste, e por Ourém a noroeste.⁴

Em termos hidrográficos, a região de Tomar é rica em correntes de água e ribeiros, sendo a sua rede hidrográfica organizada segundo a bacia do rio Zêzere – afluente de primeira ordem do Rio Tejo – e do rio Nabão – afluente de segunda ordem. O rio Zêzere, com nascente na Serra da Estrela e foz em Constância, percorre o concelho no seu sector oriental, no sentido norte-sul, definindo uma fronteira natural entre este concelho e o de Abrantes, através da albufeira da Barragem de Castelo do Bode. O rio Nabão, nasce em Ansião e percorre 65,9 Km até à sua confluência com o Rio Zêzere. O seu percurso é maioritariamente por vales apertados, sendo na cidade de Tomar onde o vale do Nabão ganha maior grandiosidade e importância, não só pelas paisagens de grande beleza, mas também por ser centro de muita atividade humana desde primitivas ocupações. Fruto da sua instabilidade e da dificuldade em fixar população junto do mesmo, o seu caudal fora domesticado na sua passagem por Tomar, através da colocação de açudes e levadas, por onde o rio fora encaminhado.⁵

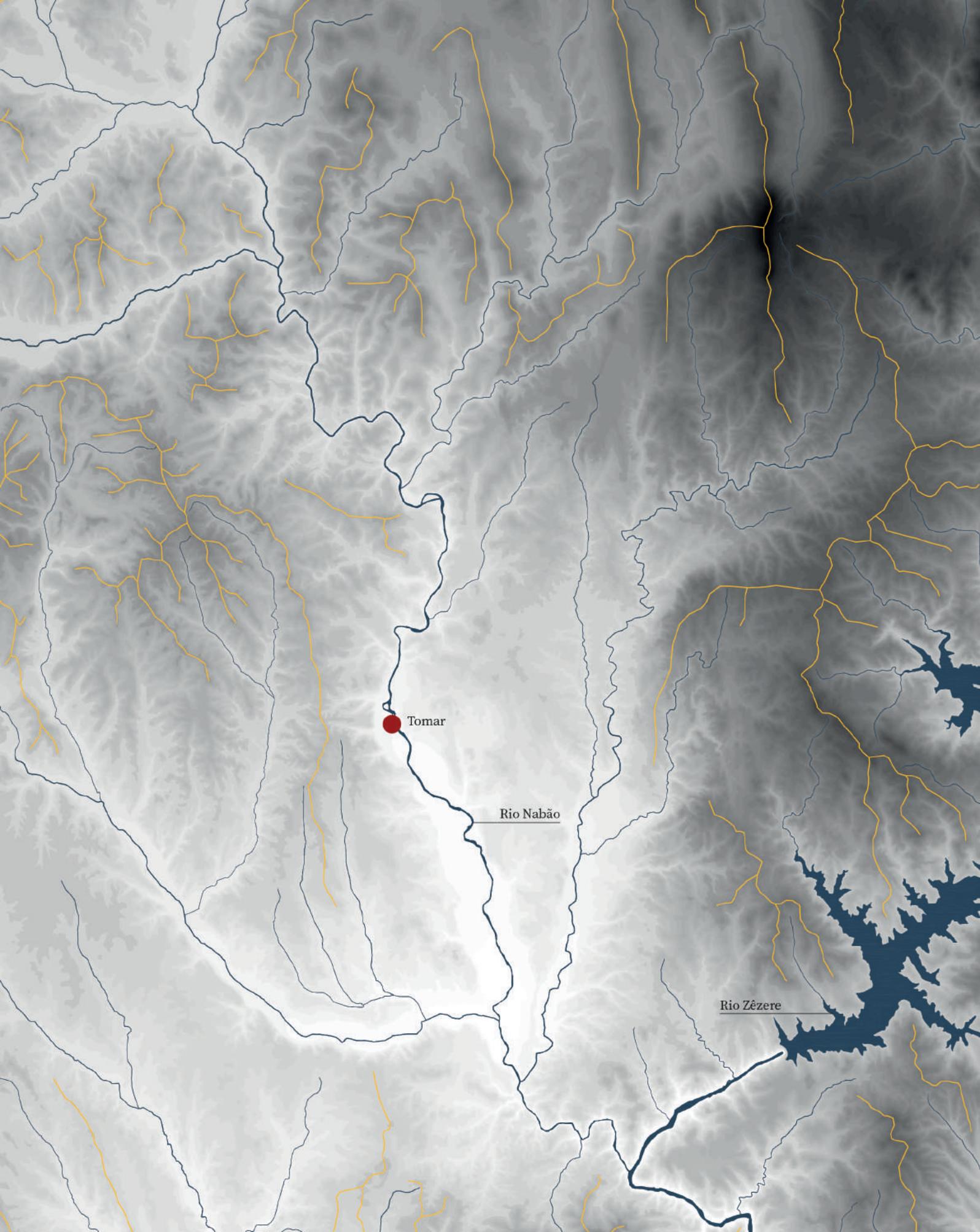
O Nabão e os seus afluentes, nomeadamente as ribeiras de Ceras, de Seiça e da Beselga, constituem a mais importante bacia hidrográfica do território concelhio. Apesar de muitos destes ribeiros secarem nos períodos mais quentes do ano, é graças ao Agroal e aos Olhos de Água, da Mendacha, que o seu caudal se mantém praticamente igual durante todo o ano.

Em termos de flora, a cidade de Tomar está inserida numa zona denominada de Bairros, designação que advém das características do seu solo, argilo-arenoso ou argilo-calcário, que consequentemente tornam a região suscetível ao aproveitamento agrícola variado. Atualmente a maioria do território é ocupado com culturas arbóreas – olivais maioritariamente, mas também pomares – arvenses e arbustiva – vinhas, sendo poucas as zonas de espaço por cultivar ou com utilização florestal. Tal facto advém de uma cultura oriunda do período da romanização, altura em que se mais desenvolveu esta prática agrícola na região, e que agora se foi abandonando, nomeadamente no cultivo do azeite.⁶

⁴ Dados referentes ao ano de 2011, retirados do website da Câmara Municipal de Tomar, acedido a 3 de maio de 2018: www.cm-tomar.pt.

⁵ “O certo é que os primeiros Reis de Portugal, para propiciarem a fixação de povoações nesta região, realizaram grandes obras de assoreamento do Nabão, o qual, era então um rio de leito instável, pródigo na formação de mouchões e paúis.” In BARBOSA, A. (2003). *Sete Montes de Tomar. Recuperação da Cerca do Convento de Cristo*, p. 16

⁶ Cf. CONDE, M. (1996). *Uma Paisagem Humanizada: O Médio Tejo nos finais da Idade Média*. Volume I. p. 131 – 156



— Linhas de fecho
— Linhas de água

20 450

Planta topográfica desenhada com base em
Cartas Militares de Portugal - Série M888 - Escala 1:25 000



ESCALA 1:100 000

Desenho 03/20
O território envolvente de Tomar

André Freitas, 2018.
A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP.

1.3. Dos primórdios da ocupação à chegada da Ordem do Templo

É abundante a presença de antigos povoamentos dos mais diversos períodos pré-históricos e históricos, achados em praticamente todas as zonas do concelho de Tomar. Como referimos na introdução ao tema, não pretendemos realizar uma descrição exaustiva de todas as campanhas arqueológicas existentes e de tudo o que nelas foi achado. No entanto, queremos deixar nota de alguns dos incontornáveis Arqueólogos e Historiadores, sobre os quais se baseou esta síntese, como Carlos Batata, Salete da Ponte, Jorge Alarcão, Vasco Gil Mantas, Camarate França, entre muitos outros igualmente importantes, que dedicaram o seu estudo e trabalho ao concelho de Tomar e que nos permitiram ter um entendimento mais correto, completo e corroborado das ocupações primitivas desta região.⁷

As primeiras notícias de estações arqueológicas no concelho de Tomar datam do século XVII, apesar destas carecerem de um propósito arqueológico e historicista, sendo o seu intento relacionado com a necessidade de corroborar certas teorias relativas à presença romana em locais específicos do concelho, as quais mais tarde se vieram a comprovar como antigas *villae* romanas.⁸

Posto isto, considera-se que a grande investigação arqueológica data de finais do século XIX, com as escavações efetuadas na *Villa* romana de Cardais por Joaquim Possidónio Narciso da Silva, então Presidente da Comissão dos Monumentos Nacionais, identificada na altura como *Nabância* – que posteriormente se veio a verificar como sendo incorreta essa localização e designação. Após este primeiro momento, foram muitos os estudos arqueológicos que se realizaram ao longo do concelho de Tomar no decorrer dos restantes dois séculos, e que permitiram comprovar a existência de povoamentos desde o Paleolítico até ao Período Romano. Destes estudos, foi evidente e conclusiva a irregularidade e disformidade no processo de povoamento em toda a região. Enquanto que em certas zonas se verificaram ocupações mais específicas de um certo tipo de povo, – por exemplo, na zona mais montanhosa do concelho verificou-se uma ocupação castrense; nas zonas mais ribeirinhas e de peneplanície⁹ verificou-se uma ocupação mais tardia, Romanos e povos de origem Celta – nas grutas do vale do Nabão foi possível assistir a uma presença mais alargada do Homem, desde o Paleolítico até à Idade Média. Este facto pôde comprovar que, na maioria dos casos, existe uma relação direta entre o tipo de povoamento e as características naturais do território. Apesar disto, é de ressaltar a particularidade de todas estas diferentes ocupações terem uma forte relação com a rede hidrográfica do concelho, devido à sua riqueza natural e à fertilidade das zonas por ela banhadas, não só pelo rio Nabão, mas também pelas ribeiras do concelho.

No local da atual cidade de Tomar, apesar de se conhecer a existência de uma cidade romana, é ainda possível identificar vestígios de um ocupação pré-romana de origem Celta, na Idade do Ferro, referenciada por Salete da Ponte e Carlos Batata:

⁷ Para além dos nomes incontornáveis nesta temática, neste estudo foram ainda utilizadas como referência obras de autores como Amorim Rosa, Carlos Batata, Costa Rosa, José Cabral Dias, Ricardo Pinto.

⁸ Designação genérica para propriedade rústica senhorial romana. Cf. BATATA, C. (1992). *As Origens de Tomar: carta arqueológica do concelho*.

⁹ Uma peneplanície é uma região quase plana devido à erosão normal das águas correntes, que desgastaram as elevações e as foram aplanando.

JOSÉ CABRAL DIAS

A autora [Salette da Ponte] refere, além disso, um outro povoado pré-romano. Os achados arqueológicos descobertos nas fundações dos Paços do Infante permitem – segundo a própria – identificá-lo no Morro do Castelo.¹⁰

Com a chegada dos romanos à Península Ibérica nos finais do século II a.C., verificou-se um grande crescimento demográfico e evolução na organização do território e na criação de diversas infraestruturas como vias, pontes e edifícios. A região de Tomar, denominada pelos romanos de *Sellium*¹¹, encontrava-se sobre a alçada do *Conventus Scallabitanus*, pertencente à Lusitânia¹², e foi um importante centro urbano da região e um ponto de ligação e passagem de diversas vias que ligavam importantes cidades da Hispânia¹³. Situada na margem nascente do rio Nabão, a sua localização apenas ficara totalmente esclarecida com as escavações arqueológicas realizadas no decorrer do século anterior¹⁴, uma vez que sobre ela se ergueu a nova cidade de Tomar, deixando à vista poucos vestígios desta ocupação. Ainda no resto do concelho foram deixados vestígios deste povo, em importantes *villae* como Cardais, S. Silvestre da Beselga e S. Pedro de Caldelas.

A invasão da Península Ibérica no século V d.C. pelos povos germânicos e a consequente desagregação e fim do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C., vieram provocar instabilidade e o declínio de diversas cidades romanas, das quais fez parte *Sellium*. Estes povos apresentavam costumes mais rurais, contrários à realidade precedente destas urbes, provocando um gradual processo de abandono e degradação das cidades. Mais tarde, com a conversão dos Visigodos aos Cristianismo, no século VI, e a consequente divisão em freguesias (*filios-eclésia*), são fundados em *Selio*¹⁵, por S. Frutuoso, arcebispo de Braga, dois Conventos: o de Sta. Maria de Selho, de monges, e o de Sta. Iria, de freiras.¹⁶ Assim, apesar de *Sellium* manter a sua existência enquanto lugar, verificou uma perda significativa de vida urbana e importância.

O fim da ocupação visigótica dá-se com a chegada dos povos árabes no século VIII, que irão ocupar o território por 300 anos. O ocidente peninsular assistiu a uma invasão tripartida – com uma

¹⁰ “E se em relação à Idade do Bronze se pode identificar presença humana no concelho de Tomar, só mais tarde e para a Idade do Ferro é seguro afirmar a existência de habitantes no local da cidade, com uma ocupação de tipo castreja. (...) A existência dos vestígios respeitantes ao rito da incineração dos mortos, praticada pelos povos de origem celta, é também referenciada por Salette da Ponte (1993). A autora refere, além disso, um outro povoado pré-romano. Os achados arqueológicos descobertos nas fundações dos Paços do Infante permitem – segundo a própria – identificá-lo no Morro do Castelo.” CABRAL DIAS, J. (2018). *A Evolução Urbana de Tomar: De Sellium a Carlos Ramos*, p. 41-42.

¹¹ “O nome da cidade não nos aparece em nenhuma inscrição, mas existem referências de autores latinos que nos falam dela, situada entre *Scallabis* e *Conimbriga*. Cláudio Ptolomeu (séc. II d. C.) e o Itinerário de Antonino (séc. III) referem *Seilivm* situada entre estas duas cidades.” BATATA, C. (1992). *ibid.* p.81. É importante referir ainda que, segundo este mesmo autor, a palavra *Seilivm* evoluiu para *Sellium*, forma adotada posteriormente pela maioria dos autores que escrevem sobre o assunto. p.13.

¹² *Conventus Scallabitanus* exercia jurisdição do Douro ao Tejo, fazendo parte da *Lusitânia*, uma das três divisões administrativas de *Hispânia*, sendo as restantes *Tarraconensis* e *Baetica*.

¹³ “Em termos viários, *Sellium* era um “*caputviarum*”, ou seja, daqui partiam várias estradas nas mais diversas direcções. Para Braga, pelo Porto, mas também para os actuais distritos de Leiria, Coimbra e Castelo Branco. (...) No fundo, *Sellium* situava-se numa área fulcral da rede de comunicações, controlando a ligação entre a região litoral, o norte e o sistema viário unindo Olisippo a Emerida pelo vale do Tejo e Alentejo.” PINTO, R. (2004). *Tomar – Na Terra dos Templários...*, p. 27.

¹⁴ “É, de facto, com a descoberta do *fórum* e com a inscrição que consagra o *Genio Mvncipii* (encontrada numa parede exterior da torre de menagem do Castelo dos Templários) que nos é permitido reconhecer ter uma cidade romana sob o chão de Tomar – a antiga *Sellium* – fundada, como vimos na secção anterior, sobre uma *oppida* indígena.” CABRAL DIAS, J. (2018). *ibid.* p. 44.

¹⁵ Evolução fonética da palavra *Sellium* para *Selio*. Deve-se ainda referir uma outra designação do período Visigótico, que posteriormente veio a dar nome ao rio da cidade: “O rio *Zêzere* chamar-se-ia rio *Nabia* e a sua origem etimológica é pré-romana (...) Podemos assim concluir que entre os sécs. VI e VII *Selio* foi paróquia sueva e depois visigótica, cujo limite oriental ia até ao *Nava* (*Zêzere*).” BATATA, C. (1992). *ibid.* p.115-116.

¹⁶ É do Convento de Santa Iria que reporta a lenda da Mártir Santa Iria (século VII), atual padroeira da cidade de Tomar.

presença árabe quase nula acima do Douro, uma forte presença abaixo do Tejo e uma zona de instabilidade e constantes oscilações na linha de fronteira, entre o Douro e o Tejo, fruto das sucessivas disputas territoriais. Apesar de em *Selio*, situado nesta zona instável, não se poder especular muito acerca da presença árabe – senão apenas pela herança nas técnicas inovadoras dos sistemas de irrigação agrícola e pela toponímia deixada – pode-se concluir que a região sofreu de um desfecho de desertificação e abandono da população, desencadeado anteriormente pela ruralização dos povos Visigóticos e finalizado pelo clima de insegurança criado pelas invasões árabes e constantes lutas decorrentes da reconquista cristã.

É nestas circunstâncias que em 1128, na formação do Condado Portucalense, D. Teresa, mãe do futuro Rei de Portugal, doa à Ordem do Templo várias terras além Mondego¹⁷, na esperança de contar com a sua colaboração na conquista das terras aos muçulmanos. Nesse seguimento, nova doação volta a acontecer após a tomada de Santarém aos Mouros, em 1147, por D. Afonso Henriques que, devido ao auxílio prestado pela Ordem, lhes doou o Termo de Ceras¹⁸ e terras junto do rio Zêzere.¹⁹ No documento de Fevereiro de 1159 d.C.²⁰, foram mencionados os limites da doação, dos quais o rio Nabão e as terras por ele banhadas fazem parte, dando-se assim a chegada dos Templários à região de Tomar, na altura desertificada²¹.

Apesar desta doação ser referente ao Castelo de Ceras, D. Gualdim Pais, mestre da Ordem (1157-1195), pelas mais diversas razões, viu nele um carácter insuficiente para se assumir como sede desta Ordem.²² Nesse seguimento, acaba por escolher um morro²³ sobre a planície oeste da margem

¹⁷ Os Templários eram cavaleiros pertencentes a esta ordem, fundada em 1118, com o intuito de acompanhar e proteger os peregrinos que se dirigiam a Jerusalém. Com o passar dos anos, a ordem começou a ganhar bastante reconhecimento e expandiu-se rapidamente pela Europa, continuando a sua missão com o auxílio à reconquista cristã. Cf. OLIVEIRA, N. (2010). *Castelos Templários em Portugal*, p. 35-44

¹⁸ Termo que advém do étimo *Castrum Caesaris* que remonta para castro ou fortaleza da época romana que defendia esta região.

¹⁹ “Inicialmente o Rei D. Afonso Henriques doou aos Templários todo o direito eclesiástico de Santarém, o que não terá soado bem ao primeiro bispo de Lisboa, D. Gilberto. Essa doação, porém, provocou uma acesa demanda com o primeiro bispo de Lisboa, D. Gilberto, e foi por isso que o monarca português, para pôr termo à contenda, compensou os Templários, fazendo-lhes uma doação a que nos referimos do castelo chamado de Ceras em vez das igrejas de Santarém que primeiro lhes tinha dado...” BAIÃO, A. (1918). *A vila e Concelho de Ferreira do Zêzere: Apontamentos para a sua história documentada*, p. 3

²⁰ Documento da doação do território de Cera de 1159. ANTT., Coleção Gavetas, g.7, m.3, nº8. Publicação de Rui Pinto de Azevedo, DMP, DR, I, doc. 271 (tábua XXIX). Retirado de OLIVEIRA, N. (2010). *ibid.* p. 716, e analisado a partir da p. 3-4

²¹ Dr. Pedro Álvaro – tombo dos Bens e Direitos da Mesa Mestral (1542) apud ROSA, A. (1940). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos*, Volume I, p. 24

²² A razão, evidenciada pela maioria dos autores, prende-se com o facto da fortificação de Ceras estar arruinada e sem condições suficientes para estabelecer a sede da Ordem do Templo em Portugal, bem como a favorável implantação de Tomar no vale fértil do Nabão. No entanto, há outras opiniões e suposições, como a do autor Manuel Gandra, que sustenta que Tomar e Ceras são um único local, tendo apenas havido uma reconstrução do mesmo e a alteração do nome para *Thomar*. Relativamente ao Castelo de Ceras, atualmente não há vestígios nem quaisquer indícios da sua localização, tendo apenas ficado para a memória do possível local uma pequena terra denominada de Ceras e situada poucos quilómetros a norte de Tomar.

²³ “(...) o Mestre com os freires vieram àquele lugar, convém a saber onde ora está Santa Maria de Tomar e acharam que fora povoado de antigo e que então dissera o dito mestre que já aqui foi cidade de antigo e foi destruída de mouros e se povoássemos aqui seria fraco lugar para os mouros porque era terra chã e que então o dito Mestre mandara lançar sortes por três vezes e que por três vezes caíra a sorte naquele monte onde ora se [vê] o castelo de Tomar e que então se acordaram que povoassem em esse monte.” ANTT: gaveta 15, maço 3, n.15 e Mestrados, fl. 93v apud OLIVEIRA, N. (2010). *ibid.* p.328. Ainda neste assunto, José Cabral Dias (2018), afirma como sendo os outros dois montes o de Santa Bárbara, e o do Piolhinho, ambos para sul do monte do Castelo e ambos sobre a Várzea Grande na planície do rio. Cf. CABRAL DIAS, J. (2018). *ibid.* p.69.

do rio Nabão, na altura denominado de *Thomar*²⁴, para lá construir o Castelo. Tendo a maioria das anteriores ocupações decorrido em locais mais próximos às margens do rio Nabão, não é de descartar a hipótese da existência de ruínas de primitivas ocupações, tendo também em conta a existência de uma complexa rede viária deixada pelos romanos que por aqueles morros passava.

Com a entrada desta Ordem na região, encerrou-se um capítulo de constantes ocupações e de uma inconstante e irregular fixação no território. Foram deixadas marcas destas inúmeras presenças, por vezes não tão evidentes como de povos posteriores, mas que subtilmente lançaram pistas e traçados a partir dos quais posteriormente se desenvolveu a cidade de Tomar.

²⁴ O primeiro documento em que aparece a palavra *Thomar* é na Crónica dos Godos: “*Era MCLXXV (1137): Evenit infortunium super christianos in Thomar*” em *Portugaliae Monumenta Historica – Scriptorum – Chronica Gothorum et Brevis Historia Gotorum*. apud ROSA, A. (1940). *ibid.* p. 11. O autor toma ainda nota de seguida: “*Thomar*, aqui, refere-se indubitavelmente ao Rio e zona por ele banhada (...)”. Carlos Batata, por sua vez, aponta também inúmeras hipóteses para a origem do nome, referenciando alguns autores dos quais destacamos: “Vieira Guimarães é de opinião que o nome deriva de THYMOS (tomilho), erva abundante nesta área; (...) Entre os segundos, a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira é de opinião que Tomar se teria formado do genitivo germânico THEODEMARI, que seria o proprietário de uma *villa* que teria existido na base do monte onde se ergue o castelo.” Apesar disto, o autor acaba por se inclinar para uma origem latina de *Tamara*, *Tamarici* ou *Tamarus* que se referem a um rio nas suas proximidades. Cf. BATATA, C. (1992). *ibid.* p.114-116.

Capítulo 2

**O CASTELO TEMPLÁRIO
E O CONVENTO DE CRISTO**

Foi a partir da chegada dos Templários ao território que se deu o desenvolvimento da cidade de Tomar. O Castelo e, posteriormente, o Convento de Cristo foram importantes centros na vida da região e também a partir dos quais a paisagem verificou alterações significativas e que a zona de estudo ganha a sua relevância enquanto auxiliar na vivência deste complexo e testemunho da sua vida quotidiana. Assim, dedicamos este capítulo a uma análise intramuros, direcionada para o desenvolvimento e evolução deste complexo e das várias campanhas de obras existentes, desde o seu aparecimento no século XII até às últimas intervenções no século XXI.

Contudo, seria um risco procurar compreender e responder a todos os períodos numa dissertação cujo propósito não é o estudo deste complexo intramuros e do seu desenvolvimento. Assim, olhamos para esta exposição como um estado de conhecimento daqueles que foram os principais rostos do Castelo e do Convento de Tomar, procurando entender e estabelecer pontes entre estes eventos e o ocorrido na sua envolvente. Para tal, fomos apoiados por alguns autores e referências, refletindo criticamente sobre as posições dos mesmos e indagando em modelos e teorias que, apesar de não serem corroboradas ou maioritariamente aceites pelos autores, nos parecem verosímeis.

2.1. O Castelo Templário (1160 – 1420)

A fundação de Tomar

A construção do Castelo Templário remonta a 1 de Março de 1160.²⁵ A sua construção seguiu um modelo proveniente da experiência adquirida pelos Templários no Oriente e no decorrer das cruzadas, apesar de adaptada às condições topográficas do terreno e ao contexto local.²⁶ Esta desenvolveu-se segundo três núcleos distintos que regulavam a vivência da cidadela: a Alcáçova, o Terreiro e a Almedina (Figura 02). Estes três núcleos estavam envoltos por um perímetro muralhado, destacando-se na paisagem através dos expressivos alambores²⁷ e cubelos²⁸, elementos característicos destas fortificações Templárias. Apesar da maioria do complexo muralhado estar praticamente intacto, é impreciso situar temporalmente o surgimento de certos elementos pertencentes ao mesmo, dado o longo período de intervenções e a inexistência de registos exaustivos de todos os feitos. Assim, resta-nos reunir diferentes posições e autores e procurar encontrar indícios no desenho e na arquitectura dos elementos a fim de os situar temporalmente.

Partindo no sentido norte-sul junto da Torre de Menagem²⁹ (Figura 06), ponto mais elevado de todo o complexo, este primeiro troço apresenta-se virado à atual cidade baixa, culminando num cubelo quadrangular, conhecido por Torre D. Catarina, a partir do qual sofre uma inflexão para poente e termina na Torre da Condessa — construção posterior do séc. XVI. Este último tramo é o mais longo do castelo e revela-se a sul para o vale da Riba Fria. É também aqui que se apresenta a Porta da Almedina ou do Sangue (Figura 15), acesso que ligava a então vila de Tomar à cota baixa junto ao rio Nabão e às suas várzeas. O restante tramo ocidental da muralha, que partia da Torre da Condessa, é atualmente desconhecido devido à posterior construção do Convento de Cristo.



FIGURA 01 Castelo Templário
Vista a partir do monte de Sta. Bárbara.

²⁵ Conforme nos indica o letreiro em pedra gravada junto dos lanços que sobem para a Charola: “Era 1198 (1160, era de Cristo) Reinando Afonso, ilustríssimo Rei de Portugal, Gualdim Pais, Mestre dos Cavaleiros Portugueses do Templo, com seus freires, começou no primeiro dia de março, a edificar este Castelo, chamado Tomar que, concluindo, o Rei ofertou a Deus e aos Cavaleiros do Templo...”.

²⁶ “De facto, se as fortalezas orientais que citamos se construíram tendo em vista, não o povoamento dos corredores de acesso à Terra Santa, mas a viabilização do atravessamento desses territórios – o fim era o acesso e permanência na Terra Santa – já, em contraste, em Tomar havia um efectivo interesse pelo povoamento territorial, de acordo com o processo de formação e afirmação Nacional. São contextos diferentes com incidências e consequências também diferentes.” CABRAL DIAS, J. (2018). *A Evolução Urbana de Tomar: De Sellium a Carlos Ramos*, p. 71.

²⁷ Alambor é um dispositivo, em forma de talude inclinado, erguido para aumentar a resistência das torres e muralhas.

²⁸ O cubelo é uma torre em forma de cubo, embora normalmente paralelepípedica. Pode ter secção quadrada ou mesmo circular.

²⁹ Torre de Menagem é a principal torre do castelo e seu último reduto defensivo.

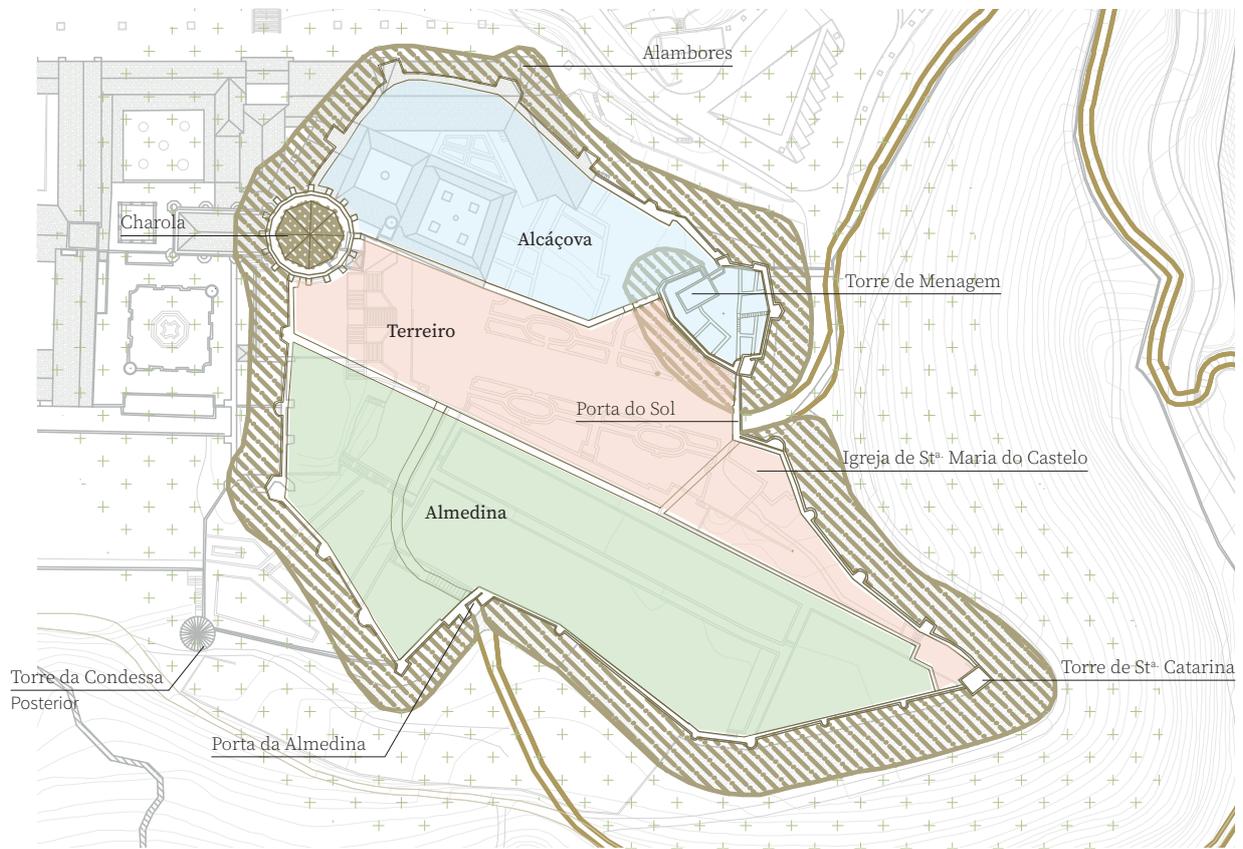


FIGURA 02 Castelo Templário com identificação dos locais e principais dependências.

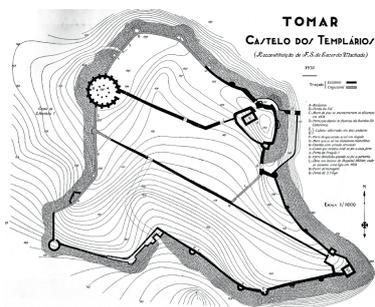


FIGURA 03 Proposta do Castelo Templário por Lacerda Machado.

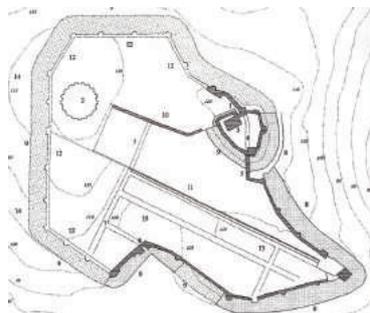


FIGURA 04 Proposta do Castelo Templário por Nuno Oliveira.



FIGURA 05 Proposta do Castelo Templário por Maria Bento.

Existem diferentes suposições acerca do seu percurso, levantadas por alguns autores, sendo o encontro entre a muralha e a Charola o principal ponto de divergência. Considerando ainda o desenho topográfico, a morfologia da muralha e dos alambores, é de igual modo questionável se o último tramo de muralha, situado entre as torres junto da Porta da Almedina e a Torre da Condessa, inclusive, fariam parte do desenho primitivo da muralha. Seria bastante redutor tentar descrever e justificar todas as condicionantes e razões pelas quais os diferentes autores avançam com possíveis reconstituições do tramo ocidental da muralha. No entanto, não queremos deixar passar, como modo de apontamento, algumas das principais razões e conclusões que nos levaram a considerar uma ou outra hipótese.

Lacerda Machado em 1936³⁰ avança com uma planta do complexo muralhado, tendo por base a topografia do terreno, e ainda alguns vestígios de cubelos descobertos em intervenções documentadas no Convento, fundamentais para o redesenho do troço de muralha a norte. Segundo este autor, o tramo ocidental partiria da Torre da Condessa e colidiria com a Charola, tendo esta um carácter militar e defensivo para o lado poente do castelo, afirmado pela sua fisionomia e localização³¹ (Figura 03). Em contrapartida, Nuno Villamariz Oliveira³², tendo por base alguns levantamentos e cartografia mais recentes, admite ser possível afirmar que a cerca não colidia com o edifício religioso, distanciando-se cerca de dez metros da mesma e omitindo a existência da Torre da Condessa.³³ Para além disto, o desenho da reconstrução dos tramos é muito geometrizado, contrariando o que acontece nos tramos do restante complexo (Figura 04). Maria Travassos Bento³⁴, por sua vez, e não tendo como propósito o estudo do complexo em época tão precoce, ao expor os desenhos na sua tese de Doutoramento, apresenta um modelo que poderemos considerar misto. Omitindo a existência da Torre da Condessa, à semelhança de Nuno Oliveira, apresenta um percurso mais irregular dos tramos da muralha pela cumeeira do monte, culminando na interseção com a Igreja Templária, à semelhança da proposta de Lacerda Machado (Figura 05).

Ainda que superficial esta exposição, tendo em conta a complexidade do tema, parece-nos que ambas as propostas são dignas de uma igual análise e consideração e, apesar de não ser o propósito deste trabalho, o tema levou-nos inevitavelmente à adoção de uma das hipóteses para base dos nossos desenhos. Em primeira instância, considerámos a morfologia dos alambores e da muralha, num desenho que melhor potencie a sua adaptação à topografia do terreno e que mantenha a coerência com os restantes tramos existentes de carácter irregular. Depois, a última secção do tramo, que culmina junto da Torre da Condessa, apresenta uma forma bastante regular e sem nenhum indício de alambores pré-existentes, levando a questionar se seria o tramo primitivo. Para além do mais, a

³⁰ Francisco Soares de Lacerda Machado, mais conhecido pelos seus dois últimos nomes, foi um Militar, Historiador e Etnógrafo que, apesar de natural dos Açores, permaneceu em Tomar onde desempenhou diversos papéis ligados à sua História, cultura e património. Cf. MACHADO, F.S.L. (1936). *O Castelo dos Templários: Origem da Cidade de Tomar*.

³¹ “...era coroada de ameias, não as que hoje aí se encontram, mas de feição medieva, o que a integra pelo facto de se apresentar com aspecto de baluarte a que não era alheio o de poder servir de atalaia ou até mesmo como local de arremesso;” COSTA ROSA, J. (1991), *Os oito claustros do Convento de Cristo*, p. 66-67

³² Arquitecto e Doutorando em História da Arte. Cf. OLIVEIRA, N. (2010). *Castelos Templários em Portugal*.

³³ “Discordamos que ele tenha sido pensado como uma estrutura de defesa, embora pudesse estar integrado como uma estrutura de defesa, embora pudesse estar integrado no sistema de vigia do castelo. A hipótese, veiculada por Lacerda Machado, de ela conter uma função militar activa parece-nos insustentável por dois motivos. Primeiro, por tal não existir em nenhum outro exemplo conhecido, quer no Oriente, que no Ocidente. (...) O segundo motivo é ainda mais forte: um edifício que encontra o seu arquétipo no *Templum Domini* da Cidade Santa (...) dificilmente poderia, por esse facto, ter outra função que não fosse a de constituir sobretudo um local de culto e oração.” OLIVEIRA, N. (2010). *Castelos Templários em Portugal*, p. 321.

³⁴ Maria José Travassos Bento é Arquitecta e Doutorada em História da Arte pela Universidade de Coimbra Cf. BENTO, M. T. (2014). *Convento de Cristo – 1420/1521 – Mais do que um século...*



FIGURA 06 Torre de Menagem
Vista do interior da Alcáçova



FIGURA 07 Charola Templária



FIGURA 08 Interior da Almedina
O local encontra-se completamente diferente daquilo que seria a antiga vila de cima, tendo sido convertido em plataformas para cultivo agrícola.

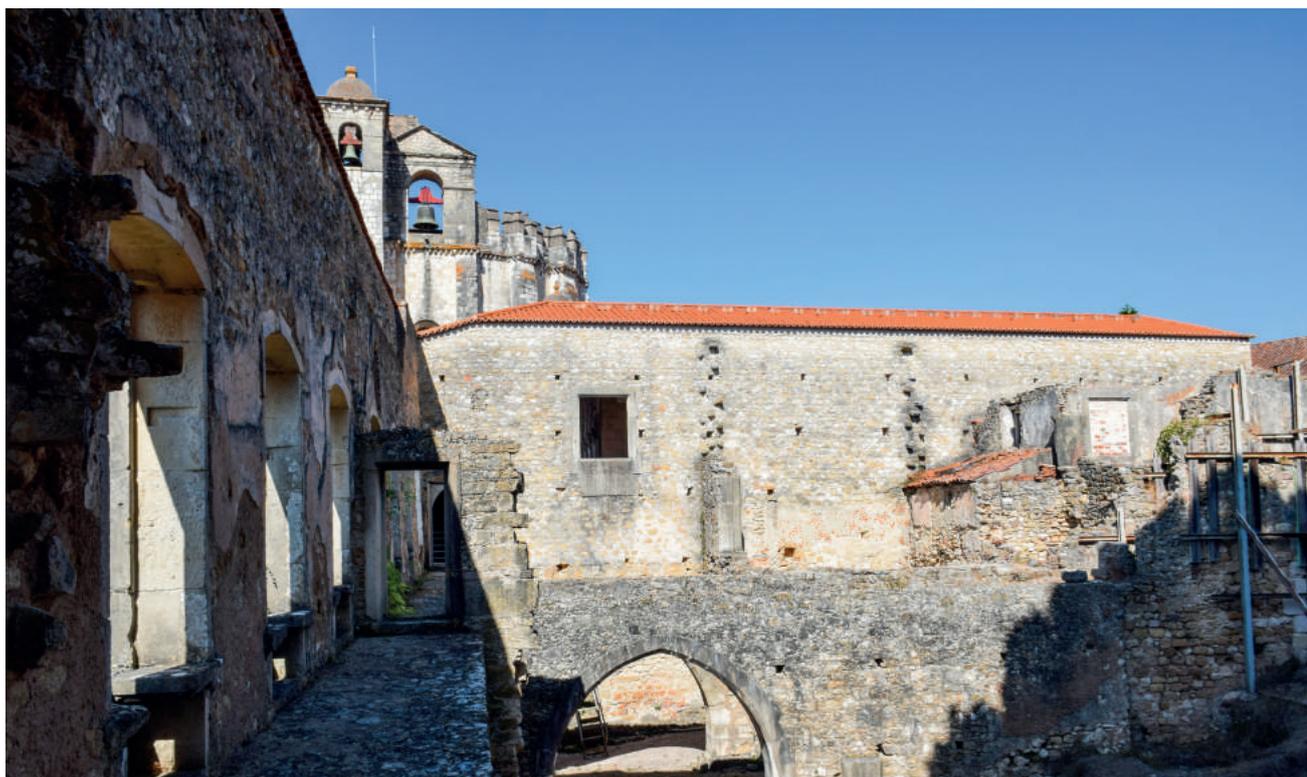


FIGURA 09
Interior da Alcáçova
Do lado esquerdo o troço da muralha que separava esta parte do Terreiro de entrada e que termina junto da Charola, à frente-
Do lado direito, vestígios dos Paços Henriquinos, agora em ruínas. A parede em frente é o lado nascente do Claustro do Cemitério.

Torre da Condessa possui uma forma circular, num desenho que nos parece posterior ao executado em qualquer parte do tramo primitivo, colocando em causa a data da sua construção. Neste seguimento, optámos pela hipótese levantada por Maria Bento para o redesenho do complexo original.³⁵

Para além da muralha que encerrava o complexo e o protegia, existiam ainda outros dois tramos que repartiam o interior do mesmo nos três núcleos identificados anteriormente. O mais importante, situado na zona mais elevada, era a residência dos Cavaleiros Templários e dos altos dignitários da Ordem, inserida entre os dois polos mais importantes – a Alcáçova (Figura 09), com a imponente Torre de Menagem (Figura 06). Nesta zona é ainda equacionada por Lacerda Machado a existência de uma outra porta, a da Traição, seguindo a tradição de outros complexos Templários, mas sem indícios concretos da mesma. Em oposto, na zona mais baixa, com uma diferença de cota de 5 a 25 metros, situava-se a Almedina (Figura 08), com acesso direto à planície Tomarense através da Porta do Sangue. Deste núcleo são poucos os vestígios visíveis do desenho urbano da época, devido aos posteriores aterros e à criação de jardins e terreiros que alteraram substancialmente a cota desta zona da cerca. Por último, como zona de fronteira entre estes dois núcleos, encontrava-se o terreiro, com acesso ao exterior através da Porta do Sol (Figura 16), e com acesso direto à Charola. Era ainda aqui que se encontravam a Igreja Paroquial de Sta. Maria do Castelo³⁶, da qual não existem vestígios atualmente, e a Rotunda Templária (Figura 07).

³⁵ Justificamos ainda esta opção com uma leitura do território que realizamos no estudo em anexo seguinte. Cf. Anexo II, p. 233.

³⁶ A sua localização e desenho é exposto por Maria Travassos Bento, com base em desenhos antigos onde ainda é possível identificá-la. Cf. BENTO, M. T. (2014). *ibid.* Ainda assim, deixamos um transcrito que corrobora a sua existência. “A paroquial de Santa Maria do Castelo foi feita em 1226 (1188).” ANTT – CC – Maço nº34 apud ROSA, A. (1940). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos*, Volume I. p.54.

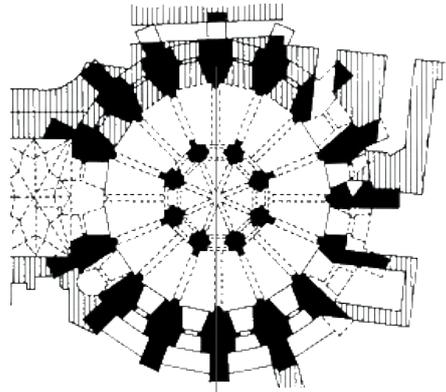
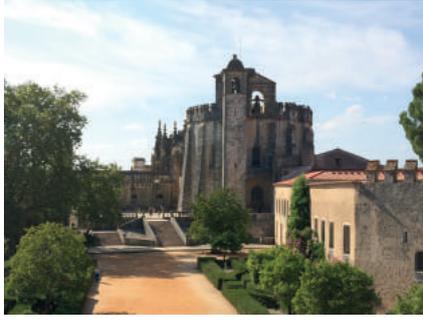


FIGURA 10
Charola de Tomar
Santarém, Portugal

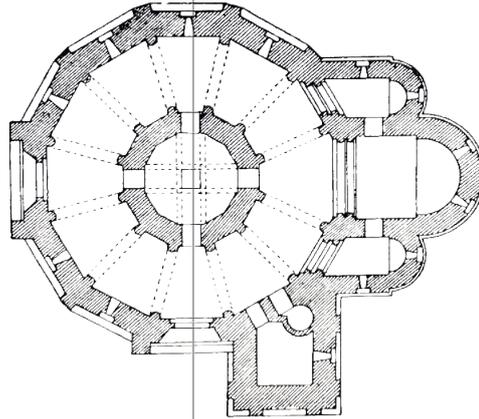


FIGURA 11
Igreja de Vera Cruz
de Segóvia
Castela e Leão, Espanha

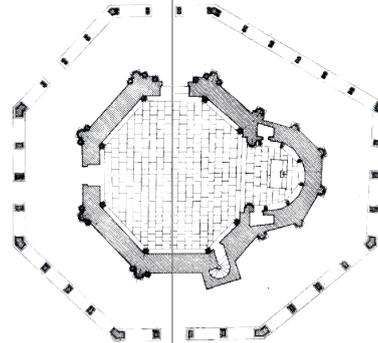


FIGURA 12
Igreja de Santa Maria de
Eunate
Navarra, Espanha

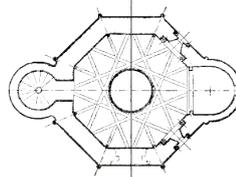


FIGURA 13
Igreja do Santo Sepulcro
de Torre del Río
Navarra, Espanha

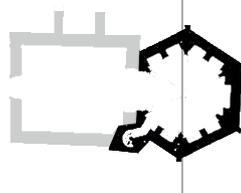
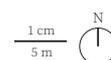


FIGURA 14
Ermida de Santa Catarina
de Monsaraz
Évora, Portugal



É de destacar esta última igreja, pela sua singularidade e magnitude. Inspirada em modelos de construção religiosa trazidos do oriente³⁷, esta igreja românica de planta centralizada possui uma forma octogonal com um deambulatório de dezasseis faces em torno de um espaço central, como altar-mor, e foi o espaço utilizado pelos cavaleiros da Ordem para o culto religioso a partir da qual, posteriormente, se desenvolveu todo o complexo conventual. Esta construção data dos finais do séc. XII e julga-se ter sido erguida quase em simultâneo com o Castelo Templário, até mesmo pela sua possível função defensiva como parte do troço muralhado.

Paralelos a uma construção idêntica são encontrados alguns exemplos na Península Ibérica, de igual autoria dos Templários. As suas construções respeitam diferentes funções, impressas nas suas formas e localizações, sempre segundo uma lógica de acompanhamento e demarcação dos percursos de peregrinação à Terra Santa. Destacamos alguns exemplos como a Ermida de Santa Catarina de Monsaraz³⁸ (Figura 14), em Portugal, a Igreja de Vera Cruz de Segóvia (Figura 11), a Igreja de Santa Maria de Eunate (Figura 12) e a Igreja do Santo Sepulcro de Torre del Río (Figura 13), estas três últimas em Espanha.³⁹

Todas estas Igrejas são atribuídas aos Templários e datam de finais do séc. XII, apresentando planta centralizada com pequenas absides associadas e uma particularidade comum a todas. O seu local de construção é afastado de um núcleo urbano, associando-se a vias de peregrinação ou aproximação a alguma localidade. Contrariamente a estes, a Charola Templária encontra-se inserida num núcleo urbano e fortificado. Dado o carácter destes espaços centralizados, podíamos equacionar a construção da Charola fora do núcleo urbano primitivo? Tal hipótese não nos parece admissível dado o seu carácter fortificado e estratégico, situada no local mais elevado do morro e em estreita relação com o desenho e propósito defensivo do Castelo.

No entanto, tal paralelo pode ser estabelecido com preexistências da Capela de S. Gregório em Tomar (Figura 48, p. 90), situada à cota baixa junto das várzeas do Nabão e cuja construção acreditamos ser coetânea a estas obras. Para além da sua localização numa das entradas de Tomar, a sua forma e reduzida dimensão denunciam uma clara aproximação aos modelos anteriormente mencionados e, apesar da atual capela ter sido uma intervenção do séc. XVI, a planta centralizada poderá ter sido mantida da sua forma original, funcionando como um marco de aproximação a Tomar.

Antes de avançar cronologicamente, gostaríamos de ressaltar a construção da Porta do Sol, equacionada por Maria Bento como aberta apenas nas campanhas de obras do Infante D. Henrique, na primeira metade do século XV – realizando-se então a reorganização e hierarquização dos espaços intramuros, tornando o terreiro central na zona de recebimento.⁴⁰ Tal facto leva-nos inevitavelmente a questionar a data de construção da Calçada de Santiago, que ligava esta porta à zona baixa de Tomar. Por certo, e segundo uma análise superficial do tema que merece bem mais do que isso para que seja possível afirmar o que quer que seja, se tivermos em conta os hábitos e o quotidiano

³⁷ Alguns autores estabelecem um paralelismo entre a Charola de Tomar e a Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém, edifício assente num plano circular. No entanto, é também apontado o Templo da Cúpula do Rochedo, como inspiração para este modelo por Nuno V. Oliveira. Cf. OLIVEIRA, Nuno (2010). *ibid.* p. 320.

³⁸ Consultado no website dos Monumentos em <http://www.monumentos.pt/>, a 10 de agosto de 2018. Cf. ESPANCA, Túlio (1978) *Inventário Artístico de Portugal*. Volume IX.

³⁹ Cf. CHUECA GOITIA, F. (2001). *História de la arquitectura española : edad antigua y edad media*. Volume I. p. 219 a 229

⁴⁰ “...o Infante mandou rasgar na muralha nascente a denominada Porta do Sol. Esta, de amplas dimensões e em arco quebrado, foi aberta junto da alcáçova, no extremo da calçada de Santiago que ligava o Convento à praça de São João na vila de baixo. A introdução deste acesso na vila intramuros originou a reorganização e hierarquização dos espaços, nomeadamente na praça de armas, que foi transformada em recebimento, e que, tal como o seu nome indica, era o local de recepção/celebração e distribuição dos diversos espaços intramuros.” BENTO, M. T. (2014). *ibid.* p. 80



FIGURA 15 Porta da Almedina ou Porta do Sangue
Vista junto do caminho da Riba Fria



FIGURA 16 Porta do Sol
Vista no barbacã da Porta de Santiago.
É visível o terreiro e a Charola Templária
no interior das muralhas



FIGURA 17 Porta de Santiago
Porta que antecede a Porta do Sol, no final da Calçada de Santiago

da urbe e da população poderá ser equacionada a divisão dos espaços no interior da muralha, pelo menos como o conhecemos hoje, um gesto mais tardio à construção do Castelo, por algumas razões. Para além da clara diferença entre o desenho dos panos muralhados exteriores (irregulares e adaptados à topografia) e dos interiores (retilíneos e pragmáticos), esta porta não seria uma necessidade imediata para o quotidiano da Ordem, dado que a principal via de acesso – segundo aquilo em que acreditamos – seria no vale da Riba Fria, de oeste a sul. Contudo, nada mais podemos especular, até porque não há referências à construção da mesma em qualquer data. Relacionado com isto, no Sistema de Informação da Direção Geral do Património Cultural, encontramos uma alusão a uma intervenção ocorrida no século XV – possivelmente a mesma a que Maria Bento se referia – na qual é aberta a Porta de Santiago (Figura 17). Segundo a descrição, foi construída a barbacã⁴¹, para reforço da Porta do Sol, levando à abertura da Porta de Santiago.⁴² Ainda, em contrapartida à hipótese levantada por Maria Bento, o primeiro registo da Calçada de Santiago é do ano de 1314, com vestígios de habitações que surgiram no seguimento desta via. Este facto comprova a existência da Porta do Sol nesta data, sendo a calçada ainda conhecida como calçada do Castelo e não de Santiago. Para além disto, e apesar da afirmação de Maria Bento, nas descrições das obras henriquinas no interior do Castelo de 1430, é feita referência à Porta do Sol como “*E Recebimento da porta que soía [tem por costume] ser principal*”.⁴³ Tal afirmação leva-nos a corroborar a existência da mesma em tal data, possivelmente até mesmo anterior a este século.

Durante quase três séculos após a chegada dos Templários a Tomar, o Castelo não verificou novas intervenções consideráveis. Antes disso, a Ordem do Templo muda a sua sede para Castelo Branco em 1214 e posteriormente para Castro Marim em 1314. É extinta, em 1308, no seguimento de um inquérito de bases duvidosas, submetido pelo Papa Clemente V⁴⁴, e é criada uma nova ordem de cavaleiros, poucos anos depois por D. Dinis, a Ordem de Cavalaria de Jesus Cristo, mais conhecida como Ordem de Cristo, para a qual passaram todo os bens da antiga Ordem⁴⁵, entre os quais o território onde consta o concelho de Tomar. Assim, transferem de novo a sua sede do Castelo de Castro Marim para o de Tomar em 1357.

⁴¹ A Barbacã de porta é estrutura defensiva criada para uma proteção mais eficaz à entrada do castelo.

⁴² “séc. 15 – Construção da barbacã da porta, para reforço da Porta do Sol, e onde se rasga a denominada porta de Santiago (...)”. Consultado a 18/12/17 no Sistema de Informação para o Património Arquitectónico em <http://www.monumentos.gov.pt/>.

⁴³ ANTT – 3ª Parte do Livro das Escrituras apud ROSA, A. (1940). *ibid.* p. 359

⁴⁴ “Em Agosto de 1308, o papa Clemente V encarrega o bispo de Lisboa, D. João Martins com alguns outros prelados, de submeter a conducta dos Templários, no nosso país, a um rigoroso inquérito. E, como contra eles nada se encontrasse, um processo judicial lhes caiu em cima, senão com a malévola intenção que o Papa desejava e instigava, pelo menos desapossando-os dos avultados bens que os monarcas portugueses lhes tinham doado anteriormente.” BAIÃO, A. (1918), *A vila e Concelho de Ferreira do Zêzere: Apontamentos para a sua história documentada*, p.15.

⁴⁵ “Não tendo sofrido o destino dos seus irmãos no resto da Europa, os Templários continuaram, após a sua dissolução, com o nome de cavaleiros da Ordem de Cristo, uma existência de gloria e lutas depois de uma curta transferência para Castro Marim.” HAUPT, A. (1968). *A arquitectura do Renascimento em Portugal: do tempo de D. Manuel o Venturoso, até ao fim do domínio espanhol*, p. 176

2.2. O Convento de Cristo (1420 – 1834)

As sucessivas campanhas de reforma conventual

Apenas com a presença do Infante D. Henrique como governador da Ordem (1420-1460)⁴⁶ é que se deram novos avanços no complexo. Iniciados na primeira metade do século XV e terminados em meados do mesmo século, encontram-se os Claustros do Cemitério e da Lavagem, da autoria de Fernão Gonçalves, situados entre a Torre de Menagem, a cerca e a Igreja Românica, no alinhamento do tramo de muralha que dividia o terreiro e a zona nobre do complexo Templário. Ambos foram desenhados com arcaria gótica e de planta quadrada. O Claustro do Cemitério, situado junto à rotunda, tinha como finalidade práticas associadas à religião, como procissões e sepulcros, permitindo ligação direta à Charola, bem como à capela de S. Jorge, transformada em finais do século XV na nova sacristia.⁴⁷ Posteriormente este claustro sofre alterações por parte de D. Manuel I e Filipe I, mantendo-se do primitivo a sua arcaria. O outro Claustro, localizado a nascente do anterior, destinado à residência dos freires, salienta-se pela sua construção em dois pisos e pela clara diferença no ornamento da arcaria e do espaço (Figura 19).

Enquanto que, no Claustro do Cemitério, os capitéis exibem uma decoração naturalista e delicada, no Claustro da Lavagem, a arcaria superior e inferior, embora igual no traço geral, distingue-se pela simplicidade e subtileza nos apontamentos, menos decorado que o anterior claustro. Tal reminiscência provém de uma das mudanças de gosto decorrentes, passando de um tardo-gótico para um gótico desornamentado, no qual o ornamento começa a ser utilizado de forma mais pontual e ponderada, apelando mais à simplicidade. Tais mudanças vêm a sua origem no Mosteiro da Batalha, considerado o grande estaleiro da época e no qual estivera Fernão Gonçalves.⁴⁸ O Claustro do Cemitério apresenta um ornamento mais eloquente e delicado, oposto ao do Claustro da Lavagem, mais desornamentado. Assim, também as suas funções diferenciam, tendo este último uma função mais pública e nobre, contrariamente ao Claustro da Lavagem, direcionado para o funcionamento interno do complexo e mais privativo (Figura 19).

A par dos claustros, o Infante ordenou ainda a construção de uma série de outros edifícios, como os Paços Henriquinos⁴⁹, uma sacristia, um coro e uma casa do capítulo.⁵⁰ Destas construções, atualmente apenas restam vestígios dos Paços, tendo as restantes sido demolidas com as obras manuelinas.

⁴⁶ “O mais distinto dos Mestres da Ordem fora o Infante D. Henrique, o Navegador, que ocupara o cargo de 1418 a 1461.” HAUPT, A. (1968), *A arquitetura do Renascimento em Portugal: do tempo de D. Manuel o Venturoso, até ao fim do domínio espanhol*, p. 14. “A partir do grande Henrique, o Navegador, primeiro Duque de Viseu, o cargo de Grão-Mestre foi transformado no de governador e administrador...” *ibid.* p. 176

⁴⁷ “Fez claustro para a sepultura dos religiosos e pera as procissões. E ficou com porta e serventia da Igreja pera ela, a própria porta por onde os religiosos cavaleiros se serviam por dentro da segunda cêrca.” ANTT – 3ª Parte do Livro das Escritas. apud ROSA, A. (1940), *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos*, Volume I, p.359. Ainda sobre as transformações existentes neste claustro, ver BENTO, M. T. (2014), *Convento de Cristo – 1420/1521 – Mais do que um século*.

⁴⁸ “Mais uma vez, é de notar a pronta adopção, designadamente nos claustros, de uma estética avançada, neste caso com os suas raízes no estaleiro da Batalha. (...) As mudanças na arquitectura traduzem um desejo de reforma espiritual e material e correspondem a um passo intermédio de ligação da propriedade das ordens militares com a propriedade da Coroa (onde o príncipe ocupa lugar central), processo que culminou nos reinados de D. Manuel I e de D. João III, dos quais datam importantes alterações na arquitectura do Convento de Cristo, aproximando-se também os fins da povoação intramuros.” PONTE, S., SILVA, P. L. (1989). *Abordagem A Abordagem Arqueo-Histórica dos Paços do Castelo dos Templários (Sondagem 1985)*. In Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar. Nº 11-12. p. 59

⁴⁹ Esta construção, também referenciada como “Paços Antigos”, ficou encostada junto à muralha do terreiro e à parede poente do Claustro da Lavagem.

⁵⁰ A localização destes espaços é incerta, uma vez que foram demolidos aquando das intervenções manuelinas. No entanto, Maria Bento avança com hipóteses corroboradas por documentos da época e pela utilização do desenho como método de estudo, a ter em consideração. Cf BENTO, M. T. (2014). *ibid.* p. 236-238.

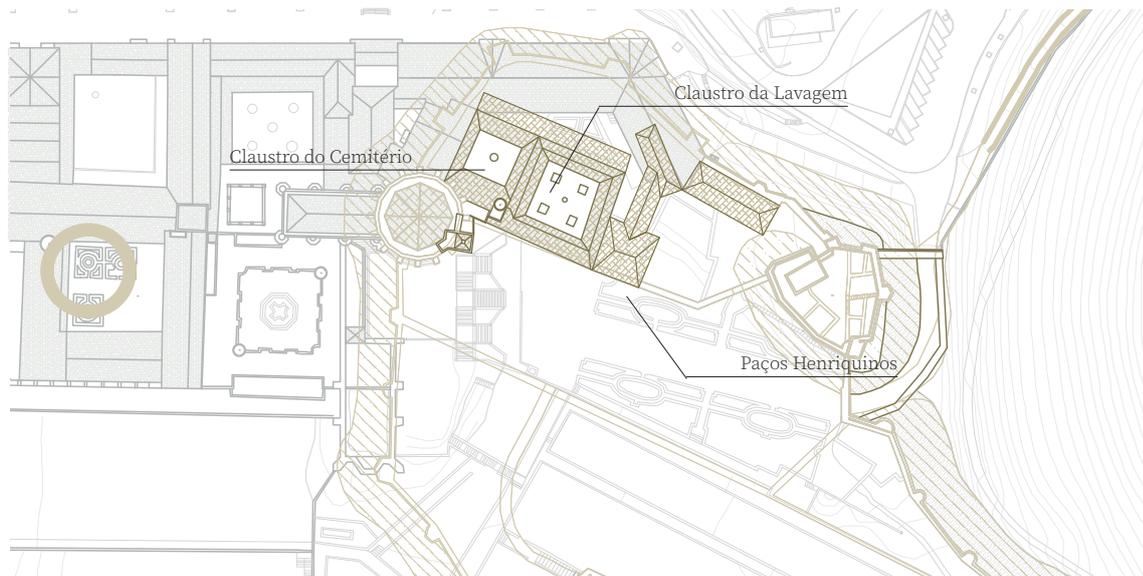


FIGURA 18 Obras do Infante D. Henrique

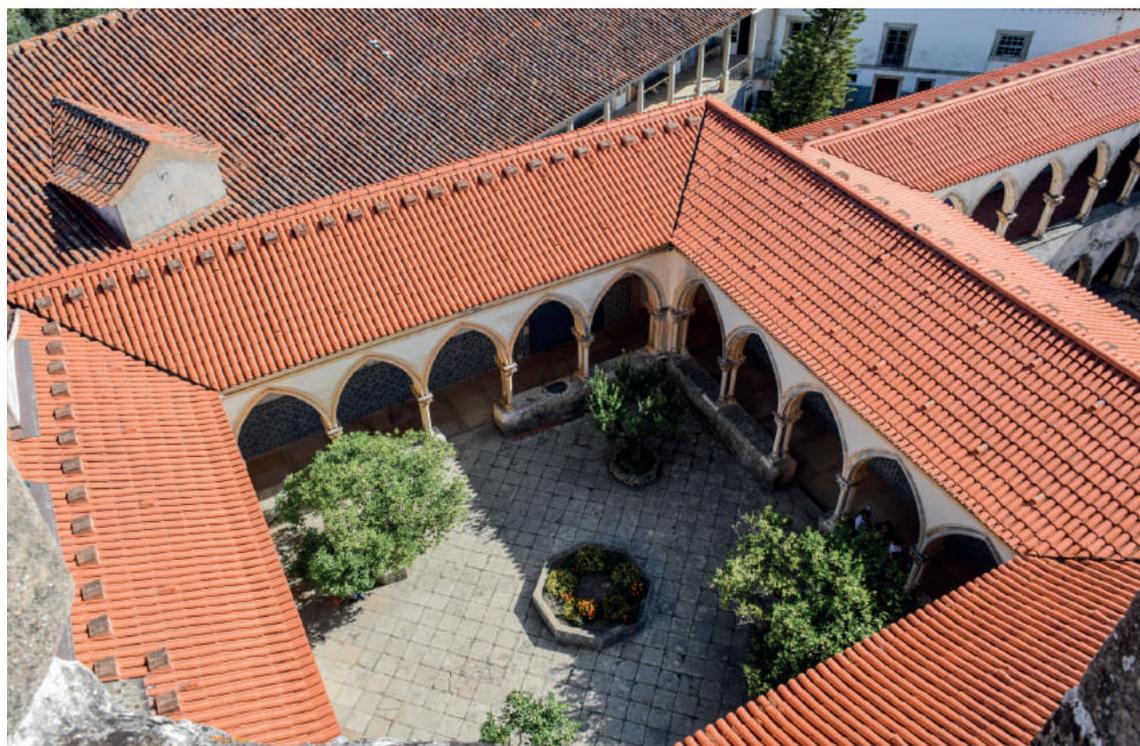


FIGURA 19 Claustros Henriquinos
O claustro em primeiro plano é o Claustro do Cemitério e, adjacente a este do lado direito, é o Claustro da Lavagem. É ainda visível o edifício da Enfermaria e Botica acima destes, construção posterior.

Dos reinados que se seguiram ao de D. João I, apenas D. Manuel I avançou com novas intervenções, dando início a uma série de construções que viriam a dar o esplendor que este complexo hoje apresenta. D. Manuel I, filho de D. Fernando e de D. Beatriz, sobe ao trono em 1495⁵¹ e desde logo inicia-se um período de grande prosperidade para o reino, com o apogeu dos Descobrimentos e uma afirmação da identidade Nacional, no país e no mundo, com maior expressão na arquitetura. É nesta circunstância que se afirma o estilo manuelino, ou gótico português tardio⁵², marcado pelo uso de iconografia própria carregada de simbologia, que será utilizado nas inúmeras campanhas levadas a cabo por este Rei.

Tomar foi um dos locais ao qual D. Manuel dedicou a sua atenção. Motivado, entre outras razões, pela falta de espaço na Igreja, com um deambulatório e coro insuficientes para os fiéis, e uma Sala do Capítulo imprópria para os fins desejados, inicia a expansão da igreja românica. É assim projetado um volume retangular para poente da Charola, que transpõe a muralha e se implanta sobre o Arrabalde de S. Martinho, vencendo um desnível de cerca de 9 metros (Figura 20 a 23).

A construção desta nave foi iniciada pelo Mestre Diogo de Arruda⁵³ em 1510, que lança o desenho da mesma e projeta toda a sua imagem exterior (Figura 21). Posteriormente, entra na obra em 1513, o arquiteto biscaíno João de Castilho⁵⁴, que finaliza o abobadamento e o Portal sul da nave, em 1515. O novo volume repartido em três tramos modelares⁵⁵, deixa dois deles para o coro alto e para a Sala do Capítulo e um, ligeiramente mais pequeno, de ligação com a Charola, a partir do qual se entra para a igreja e se faziam os acessos aos restantes edifícios auxiliares.⁵⁶ Para o efeito, é aberto um robusto arco ogival, que liga a nave à igreja primitiva, abdicando para este efeito de duas das dezasseis faces exteriores da Charola.⁵⁷ Assim, D. Manuel consegue não só arranjar uma solução arquitectónica que conjuga ambas as construções numa única e singular, criando um novo modelo misto, mas também continuar com a autenticidade e singularidade do modelo de igreja já existente. A nova entrada a sul, faz-se praticamente de nível com o terraço que antecipa a Charola, que por sua vez está a meio piso entre o coro alto, em cima, e a Sala do Capítulo, em baixo, da qual se abre a Janela do Capítulo, da autoria de Ayres do Quintal.⁵⁸ A iluminação é garantida por duas aberturas em cada face, norte e sul, e por um óculo circular no topo ocidental.⁵⁹

⁵¹ Com a morte do Rei D. João II, e sem nenhum herdeiro legítimo, é deixado a D. Manuel I (seu cunhado, casado com a sua irmã D. Leonor), a sucessão do trono.

⁵² Ao mesmo tempo, torna-se evidente que o modo de composição é na sua totalidade de estilo gótico tardio e que constitui, por assim dizer, o grande enquadramento dentro do qual o ornamento renascentista se propaga sempre mais. Falta, porém, componentes estruturais verdadeiramente renascentistas, como colunas, pilastras, entablamentos (...)" HAUPT, A. (1968). *ibid.* p.24.

⁵³ Arquitecto português associado à edificação do Convento de Cristo, no qual exerceu o cargo de mestre entre 1510 e 1513. A sua mais antiga obra, documentada, é o Paço Novo do Castelo de Évora Monte.

⁵⁴ Natural de Biscaia, este arquitecto foi uma incontornável personalidade pelas obras que realizou na transição do gótico para o pleno renascimento, sendo considerado um dos maiores arquitectos em Portugal e na Europa do século XVI.

⁵⁵ Considerar que "Originalmente, a modelação da abóbada da sacristia, constituída por dois tramos, correspondia aos dois tramos de maior dimensão da abóbada do coro mas com a intervenção de Filipe Terzi no final de quinhentos, que promove a alteração do limite sul do coro com o propósito de estabelecer uma ligação com o claustro principal e a portaria real ao nível da cota da Charola, foi destruída a correspondência métrica deste espaço, isto é, a concordância entre os dois tramos de maior dimensão da abóbada do coro e da sacristia." BENTO, M. T. (2014). *ibid.* p. 180.

⁵⁶ Os acessos, tal como parte da configuração desta nave e dos edifícios envolventes, sofreram alterações que inevitavelmente mudaram o modo como se acedia ao mesmo. Maria Travassos Bento avança com a reconstrução de como poderiam ser estes espaços e a relação entre eles estabelecida. *ibid.* p. 176-184

⁵⁷ Segundo desenhos de Maria Travassos Bento, esta abertura deu-se nos mesmos dois tramos onde existira o coro alto edificado pelo Infante D. Henrique, parcialmente abertos pela altura desta edificação. Cf. *ibid.* p. 130-131

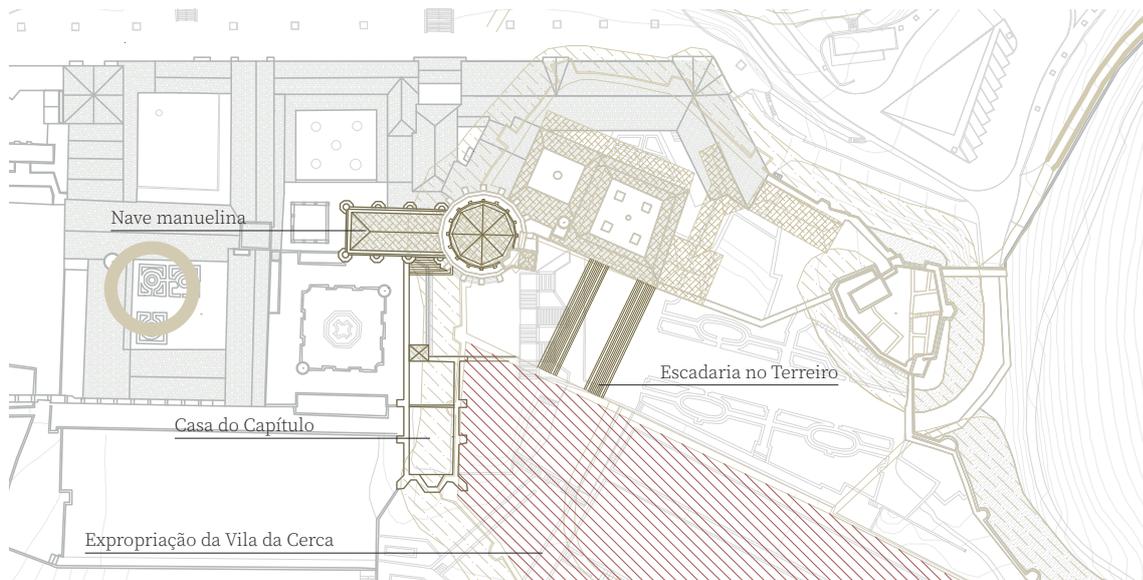


FIGURA 20 Obras de D. Manuel I

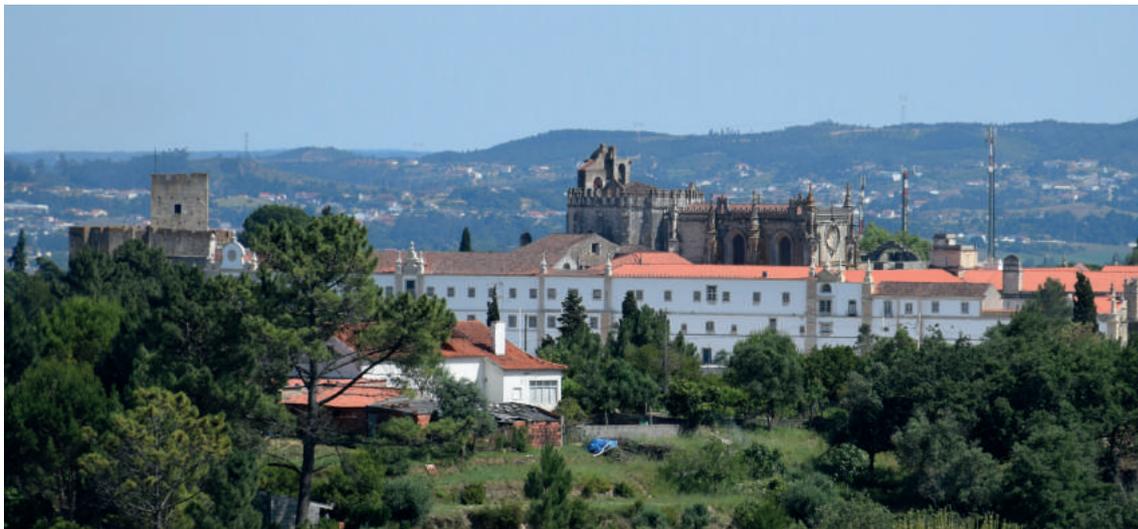


FIGURA 21 Vista do Convento de Cristo na paisagem
Destaque para a Charola Templária com a nave Manuelina, acrescento no reinado de D. Manuel I



FIGURA 22 Junção da Charola com a nave manuelina



FIGURA 23 Vista da nave Manuelina
Vista da nave para a paisagem, agora impossível a partir da Janela do Capítulo

Anterior a isto, em 1497, D. Manuel I já procedera, entre outras, a algumas intervenções no terreiro do Castelo, nomeadamente à construção de uma escadaria dividida em patamares, que antecipava a Charola, de alguns acessos aos antigos Paços Henriquinos e ainda à abertura de vãos na muralha para ocidente, como visível na iluminura da Leitura Nova⁶⁰, e na descrição:

ANTT – TOMBO DOS BENS E RENDAS DO CONVENTO

...fez os tabuleiros na lateria e descende dessa Igreja para a Cerca, com seus degraus em um outro, com a qual obra deu muito mais graça a esta Igreja (...) outras duas [janelas grandes de grade] mandou fazer no segundo tabuleiro do mesmo teor, na parede do muro contra Poente, sobre o Arrabalde de S. Martinho...⁶¹

Este local tinha uma topografia bastante diferente daquela que atualmente apresenta devido a uma depressão existente no meio do Terreiro. Na iluminura em questão são visíveis dois acessos aos Claustros Henriquinos e um acesso à Almedina do Castelo, dos quais atualmente apenas persiste o que se encontra à cota superior. Em intervenções de embelezamento do complexo, a fim de receber as cortes de Filipe I (II de Espanha) na data de 1581, foram feitas obras de restauro do Terreiro do Castelo, com um aterro que elevou a cota original em cerca de 2 metros, entaipando as duas portas referidas acima.⁶²

Toda esta construção é rica em simbologia Manuelina, seguindo as linhas traçadas por D. Manuel I para criar uma identidade única Nacional, que se visava através de uma arquitectura rica em decoração e símbolos relacionados com os Descobrimentos e com a História da nação.⁶³ Uma outra particularidade da arquitectura Manuelina, visível neste projeto, é o jogo de escalas. Esta nova construção apresentava-se num dos pontos mais altos do morro – antes das diversas construções de claustros terem coberto o terreno adjacente – traduzindo uma presença dominante e imponente perante a encosta e a paisagem, na aproximação à cidade de Tomar.

Este jogo de escalas, que é bastante visível na concepção de todo o volume, permitia reforçar uma ideia de grandiosidade do edifício. Num primeiro nível, atendendo à escala do corpo, foram abertos vãos estratégicos, potenciando a vista a partir da nave Manuelina. Para além desta escala, procurou-se atender à paisagem através da repetição das molduras a uma grande dimensão, refor-

⁵⁸ “É de mencionar a meia figura que, com a janela da Casa do Capítulo segura nas mãos as raízes do enquadramento. A tradição diz que este sujeito forte e barbudo é o mestre da obra, Ayres do Quintal. Mas é João de Castilho que goza da fama de ser autor desta obra. (...). Nada nos impede de considerar que o tão atarefado arquitecto João de Castilho teria traçado a planta e dirigido aqui, os trabalhos, como noutros muitos locais, enquanto dava o seu melhor em Belém, precisando assim para Tomar de bons mestres de obras. E daí se deduz que Ayres de Quintal pode ter sido o escultor e mestre canteiro que, depois da obra estar terminada em bruto, depois de ter seguido os usos do portal de entrada e de outras partes de Belém, se teria, passo a passo, emancipado, contudo ainda e sempre influenciado pelas impressões e estudo das construções indianas, influências que aqui se não podem negar.” HAUPT, A. (1968). *ibid.* p.180

⁵⁹ A nave Manuelina, bem como a Casa do Capítulo, sofreu algumas intervenções após a construção do complexo Conventual, de modo a interligar este corpo com o restante Convento. Sobre a sua forma primitiva, ver BENTO, M. T. (2014). *Convento de Cristo – 1420/1521 – Mais do que um século.*

⁶⁰ Iluminura da portada do Livro IV da Estremadura da *Leitura Nova*, datando de 1509.

⁶¹ ANTT – Tombo dos Bens do Convento apud ROSA, A. (1966). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos*, Volume II, p.89.

⁶² “1581, março – D. Filipe I (II de Espanha) (21-05-1527 – 13-09-1598) vem a Portugal, sendo coroado rei nas Cortes de Tomar; entre as obras de embelezamento para receção do rei, é possível ter-se procedido à restauração do terreiro do pátio central, com um aterro que levantou a cota original em cerca de 2 m, e ao entaipamento da porta que ligava a almedina ao pátio;”. Consultado a 18/12/17 no Sistema de Informação para o Património Arquitectónico em <http://www.monumentos.gov.pt/>.

⁶³ A propósito deste tema, ver PEREIRA, Paulo (2008). *De Aurea Aetate – O Coro do Convento de Cristo em Tomar e a Simbólica Manuelina*, que dedica parte da obra à análise simbólica dos elementos decorativos e estruturais da nave Manuelina.



FIGURA 24 Fachada poente da nave Manuelina e Janela do Capítulo

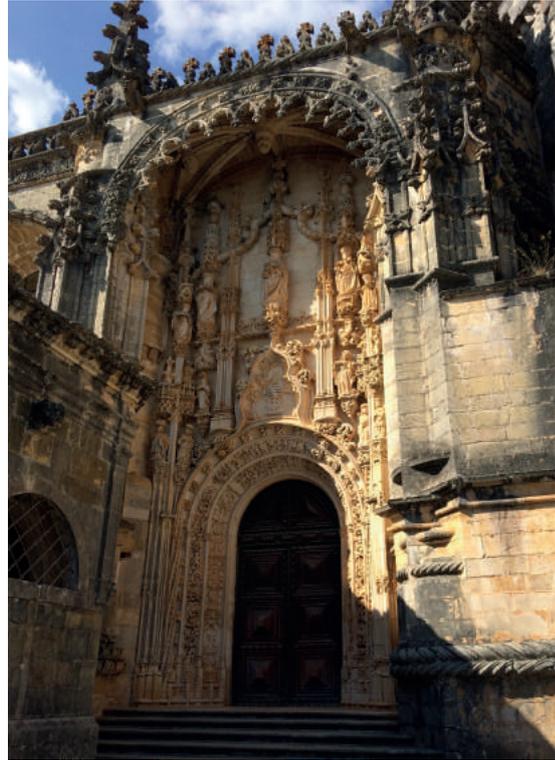


FIGURA 25 Portal da nave Manuelina na fachada sul



FIGURA 26 Casa do Capítulo
Obra inacabada de D. Manuel I, visto a partir da cobertura da Charola

quando a força e monumentalidade quando vistos de longe. Para o efeito, é de destacar a fachada ocidental, composta por um pano de parede ladeado por dois volumosos botaréus, pelo óculo no plano superior – que ilumina o coro – e pela Janela do Capítulo da autoria de Diogo de Arruda – que ilumina a Sala do Capítulo, da qual se apropriou do nome⁶⁴ (Figura 24). Ademais, o Portal sul da autoria de João de Castilho (Figura 25), é também um exemplo do jogo entre escalas, partindo do desenho do vão de entrada para o desenho elaborado de uma fachada que é possível de se identificar na paisagem. Apesar de diferentes autores e deste jogo entre diferentes escalas, tal obra transparece ainda o respeito por uma linguagem comum e coerente com o desenho de toda a nave.

Em 1521, ainda no reinado de D. Manuel I, é iniciada a construção da nova Casa do Capítulo, talvez devido à anterior Sala ficar aquém das suas expectativas.⁶⁵ Implantada junto do limite muralhado sobre os expressivos alambores, ainda hoje visíveis sob esta, situa-se a sul do terraço de acesso à igreja Manuelina, perpendicular a esta. Da autoria de João de Castilho, a obra é composta por dois pisos, destinando o piso inferior aos clérigos e o superior ao capítulo dos cavaleiros. O seu processo de construção foi muito longo e acabou por nunca ser concluído, como nos comprovam documentos da época, nos quais os freires em 1752 ainda pediram verbas para a sua conclusão.⁶⁶ Apesar de ainda ter sido utilizada para alguns fins, o seu abandono e descrença na finalização da mesma acabou por levar à ruína de todo o edifício (Figura 26).

Com a subida de D. João III ao trono em 1521, dá-se o começo de uma nova reforma religiosa na Ordem de Cristo⁶⁷ acompanhada por Frei António de Lisboa,⁶⁸ a fim de levar os freires a viverem segundo a Instituição da Ordem, que segundo o qual não estava a ser cumprido.⁶⁹ É assim iniciado um extenso projeto que visou a construção de um complexo conventual constituído por diversos claustros, a par do qual regressou o seu autor João de Castilho em 1533. De imediato, foi iniciada uma exaustiva compra de vários terrenos envolventes do Convento de Cristo – documentados e relatados em inúmeros escritos que de muito nos serviram como referência para situar locais e perceber como seriam à data – a fim de construir o novo Convento e a Cerca Conventual (Figura 27).

Posto isto, esta construção, disposta em forma de cruz, acrescenta ao complexo seis novos claustros. O primeiro, a destacar, é o claustro de Sta. Bárbara, na retaguarda da nave Manuelina que, para além de articular e assegurar a comunicação entre os restantes claustros e espaços do Con-

⁶⁴ Cf. PEREIRA, P. (2008). De Aurea Aetate – O Coro do Convento de Cristo em Tomar e a Simbólica Manuelina.

⁶⁵ Cf. HAUPT, A. (1968). *A arquitectura do Renascimento em Portugal: do tempo de D. Manuel o Venturoso, até ao fim do domínio espanhol*.

⁶⁶ “Hua casa de mayor medida que se acha quaze galgada suas paredes dos lados e topos, que he dos Capitulos gerais dos cavaleiros; se faz precizo acabarce para seu uzo, como tão bem para o poder ter hua que se acha por bacho dela própria, e bem situada para casa de profundis, estando esta já fichada de abobeda, e não aver outra que milhor o possa remediar, pois a não tem, e se servem, para este menisterio, das cochias do claustro, o que tudo virá a emportar quatro ate sinco contos de reis.” SOUSA, J. M. (1943). *Obras no Convento in Anais da União de Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*. Volume II. p.239-240.

⁶⁷ A Ordem de Cristo passara a ser uma ordem de clausura, com novos estatutos e regras adaptadas às novas exigências: “Depuseram-se armas e deixou de se ouvir o tropel dos cavalos, o tinar das armas e a alegre partida em defesa da Pátria; agora só eram permitidos a ladainha e o murmúrio das orações, ecoando nas soberbas arcarias.” HAUPT, A. (1968). *ibid.* p.183.

⁶⁸ Ordenado por D. João III, Frei António Moniz, referenciado maioritariamente como Frei António de Lisboa, foi uma importante personalidade na reforma da Ordem de Cristo e nas empreitadas levadas a cabo por João de Castilho na construção do Convento de Cristo. “D. João III, na Reforma da Ordem usou do conselho, indústria e ordenança do Padre Frei António de Lisboa, da Ordem de S. Jerónimo, Provincial dela a esse tempo; homem de nobre sangue e de mais nobres costumes de vida; promovido no espiritual e no temporal solícito, e em um e outro prudente e circunspecto, e não o meteu na execução da Obra da Reforma do Convento de Santa Cruz, para o guardar para a deste Convento [de Tomar], para que era demais dificultoso negócio e não se podia para ele pessoa tão apta...” ANTT – Tombo dos Bens e Rendas do Convento apud ROSA, A. (1966). *ibid.* p.209.

⁶⁹ “D. João III, por morte de D. Manuel veio a Tomar tomar posse da Administração da Ordem e fazer Capítulo em 1521, no qual ano residiu dentro da Cerca dele, nos seus Paços Reais 2 meses, e nesse tempo informou e moveu ao mandar reformar, para ver o modo de viver dos freires que não era conforme à Instituição da Ordem nem à honestidade da Religião;...” ANTT – Tombo dos Bens e Rendas do Convento apud ROSA, A. (1966). *ibid.* p. 180

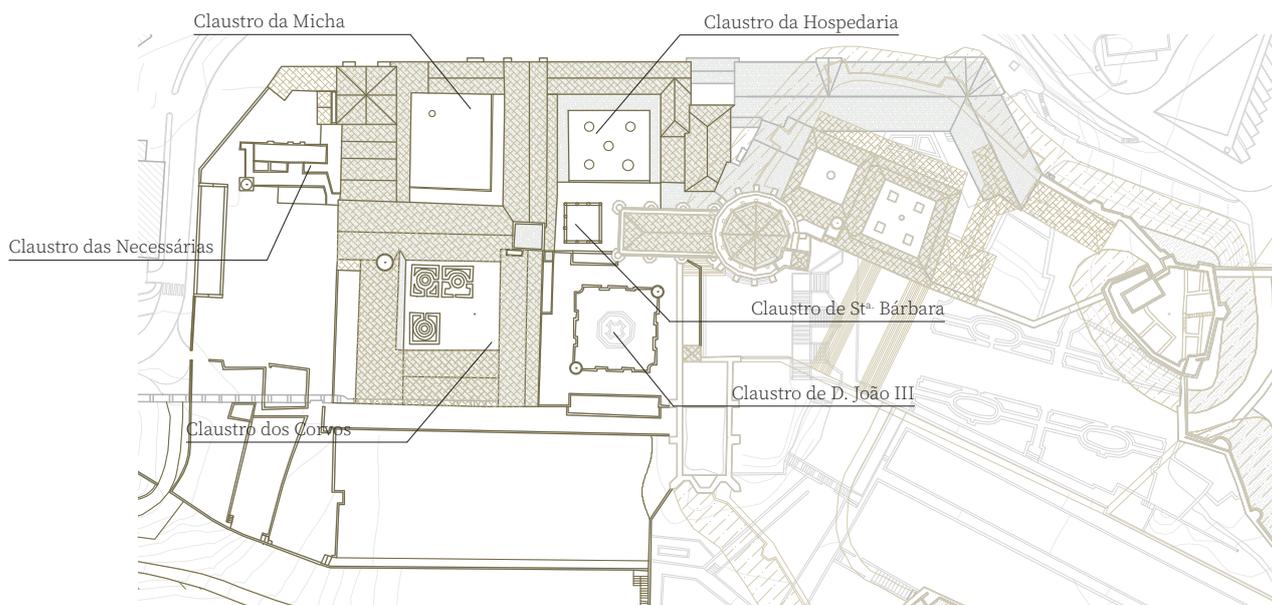


FIGURA 27 Obras de D. João III



FIGURA 28 Vista aérea do Convento de Cristo
 Destaque para o complexo Conventual traçado por João de Castilho,
 onde são claramente distintos quatro grandes claustros e outras obras adjacentes.

vento, permite a continuidade da leitura da fachada poente da nave, pela cota a que se implanta. De imediato, a norte de Sta. Bárbara surge o Claustro da Hospedaria e a sul o Claustro Principal – com um desenho diferente do atual, tendo sido posteriormente intervencionado. Nos quadrantes mais a poente surgem o Claustro da Micha, a norte, e o Claustro dos Corvos, a sul. Ainda no lado poente do Claustro da Micha, está localizado o Noviciado, obra tardia de João de Castilho já num gosto renascentista, e o último claustro, mais pequeno, conhecido como Claustro das Necessárias. Para além do Convento, o limite cercado do espaço conventual foi alargado para os Sete Montes e Sete Vales, a sul do Convento, surgindo um novo espaço para lazer, retiro e exploração agrícola dos frades do Convento – este espaço será desenvolvido e analisado no capítulo que se segue.

Todos os restantes serviços conventuais articulam-se nos pisos inferiores destes claustros e no piso superior encontram-se as fileiras das celas, que se desenvolvem em três longos braços, separando os diferentes claustros. O projeto do Convento foi traçado na totalidade e foi, maioritariamente, construído entre 1533 e 1551. No entanto, nos restantes séculos ainda se procederam, já com a autoria de outros mestres, a outras construções, em parte sobre as intervenções realizadas no plano inicial (Figura 28).

Após a morte de João de Castilho em 1553, Diogo de Torralva⁷⁰ foi nomeado seu sucessor, tendo iniciado o redesenho do Claustro Principal, ainda no reinado de D. João III. Torralva iniciou o projeto e a construção do mesmo em 1558.⁷¹ O seu redesenho levou à substituição total do antigo claustro, excetuando as cotas de implantação, com a utilização de uma expressão num gosto clássico, inspirado pelas correntes renascentistas contemporâneas à época, mais sentidas no estrangeiro. Em 1564 foi atribuído o cargo de mestre das obras a Francisco Lopes⁷², talvez por invalidez de Diogo de Torralva que morre em 1566. Apesar disto, a obra foi interrompida em 1565, ainda com grande parte do piso superior por acabar.

A construção deste claustro voltou a ser retomada em 1584 com a chegada de Filipe Terzi⁷³, já na dinastia Filipina, no reinado de D. Filipe I de Portugal, ficando este claustro conhecido como o Claustro Filipino. Filipe Terzi manteve praticamente intacto o anterior projeto, tendo apenas terminado a cimalha e a elegante balaustrada clássica, e alterado pequenos pormenores relacionados com o pavimento das galerias, – com o acrescento de escadarias que ligavam o refeitório ao dormitório, a poente, e o claustro ao coro da nave Manuelina, a nascente – e com o acrescento de pequenos elementos de simbologia espanhola.⁷⁴ Apesar da conclusão do claustro ter sido da responsabilidade de Terzi, Diogo de Torralva teve um importante papel na conceção deste novo claustro, culminando num desenho *muito mais complexo que qualquer desenho italiano do mesmo século*.⁷⁵ Segundo o autor

⁷⁰ Escultor e arquitecto, foi o responsável pela introdução de um renascimento no seu expoente, já com um estilo chão em formação, no Claustro Principal do Convento de Cristo. Apesar do seu ano de nascimento e local serem ainda desconhecidos, terá nascido em finais do séc. XV ou inícios do séc. XVI e faleceu em 1566.

⁷¹ Pode ter sido pelo claustro estar fora de gosto, ou por estar inacabado, considerando-se perigoso: “em 1557 verificou-se que o claustro de João de Castilho, «destapado e perigoso», deveria ser imediatamente demolido e substituído.” KUBLER, G. (2005). *A arquitectura portuguesa chã: entre as especiarias e os diamantes: 1521-1706*. p.40

⁷² “Diogo de Torralva morreu antes de Setembro de 1566 e, provavelmente, a doença impedira-o de trabalhar já a partir de 1564, altura em que o aparelhador Francisco Lopes foi nomeado mestre das obras em Tomar. Em todo o caso, a obra foi interrompida em 1565, quando grande parte da galeria superior estava ainda por construir.” KUBLER, G. (2005). *ibid.* p. 41

⁷³ Arquitecto e engenheiro militar italiano, nasceu em 1520 e faleceu em 1597, tendo assumido funções em Portugal no Convento de Cristo, no Mosteiro de S. Vicente de Fora, no Torreão do Paço da Ribeira, entre outras obras.

⁷⁴ “Devem-se ainda a Terzi alguns obeliscos, cruzeiros e cotas de aras espanholas. Dos três lanços de escadas propostos por Terzi, apenas dois foram construídos, o que liga o refeitório ao dormitório a poente, e o que se eleva à entrada do coro, a nascente.” KUBLER, G. (2005). *ibid.* p. 44

⁷⁵ Cf. KUBLER, G. (2005). *A arquitectura portuguesa chã: entre as especiarias e os diamantes: 1521-1706*.

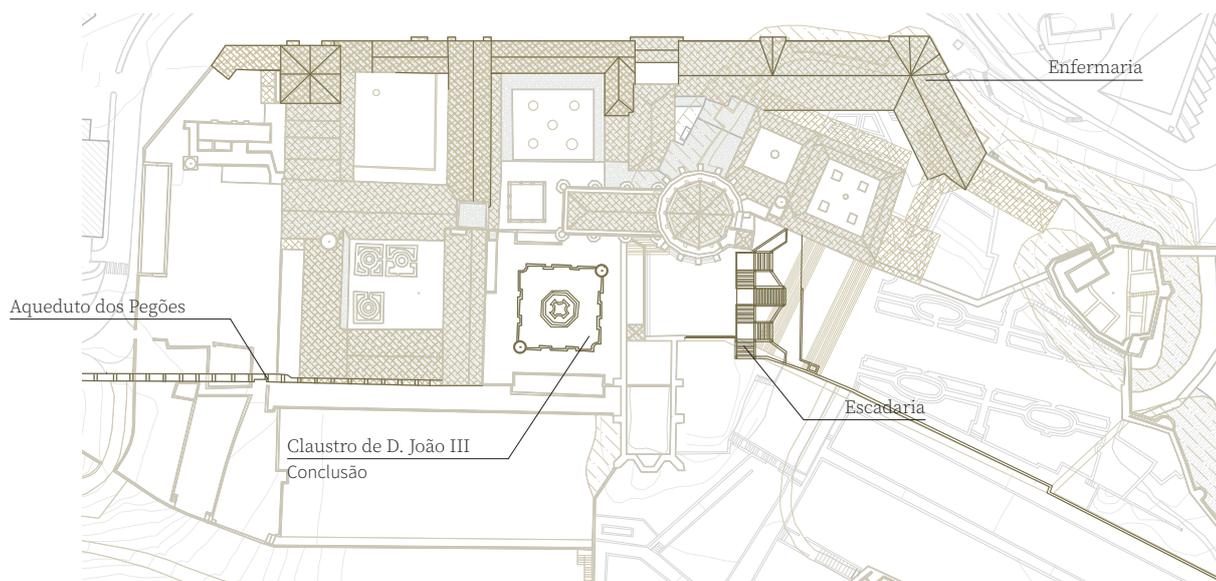


FIGURA 29 Obras Filipinas (Imagem acima)

FIGURA 30 Vista da Charola do Claustro de D. João III

FIGURA 31 Edifício da Enfermaria e Botica, construído durante o reinado Filipino



George Kubler no seu livro “A Arquitectura Portuguesa Chã”, esta complexidade deveu-se às diferentes inspirações de Torralva, visíveis por comparação em diferentes obras de arquitectos como Palladio, Serlio e Bramante⁷⁶. Para além do mais, são ainda visíveis antecedentes manuelinos, no desenho da articulação diagonal entre os lados do claustro, igualmente presentes no Claustro do Mosteiro de Sta. Maria de Belém dos Jerónimos, em Lisboa, projetado inicialmente por Boytaca em 1516 e, posteriormente, por João de Castilho, onde as fachadas se projetam perante o claustro central, mantendo uma continuidade no desenho e no ritmo das arcadas⁷⁷ (Figura 30).

A par desta grande obra, no decorrer do século XVII outras intervenções se sucederam no Convento de Cristo, tais como a Sacristia Nova situada no Claustro do Cemitério; a ampliação da Enfermaria da Ordem, na zona norte do Convento; a construção da nova escadaria no Terreiro do Castelo, em 1622; e ainda o grandioso Aqueduto dos Pegões (Figura 29 a 31). Este último, da autoria de Filipe Terzi, fora iniciado em 1595 por Filipe I e terminado por Filipe II de Portugal, com a sua chegada à Cerca Conventual, em 1614, e ao Convento em 1617 através da articulação com a fachada sul do Claustro Principal e com a fonte que se encontra no centro deste claustro em 1619 – da autoria do mestre Fernando de Torres que terminou o trabalho iniciado por Filipe Terzi⁷⁸. A ampliação da Enfermaria da Ordem e a construção da Botica, vieram conferir ao flanco norte a sua monumentalidade atual. Este edifício, que concluiu o edificado conventual, destacado pelo seu gosto maneirista no qual consta a famosa Portaria Filipina, veio destruir o pano norte da muralha do Castelo e a sua articulação com a Charola Templária, não deixando quaisquer pistas da sua forma (Figura 31).

Apesar da saída de Filipe III de Portugal com a Guerra da Restauração a 1 de dezembro de 1640, as obras iniciadas no Convento prosseguiram até serem completamente terminadas pelas mãos de outros Mestres em 1690.⁷⁹ No decorrer do séc. XVIII não houveram intervenções a apontar.

⁷⁶ “Se o tema “palladiano” em Tomar provém de Pesaro e da Basílica de Vicenza (desenhada em 1546 e modelada em 1549), os intervalos protuberantes de duplas colunas, com os seus portais, óculos e frestas, talvez tenham tido origem na *Architectura* de Serlio e, por fim, nos alçados do pátio do Belvedere, da autoria de Bramante, no Vaticano.” *ibid.* p.46

⁷⁷ Sobre este tema, ver o autor KUBLER, G. (2005). *ibid.* p. 39-50.

⁷⁸ “O plano original da bonita e airosa fonte no pátio encontra-se ainda actualmente no Arquivo de Lisboa e é assinado com o nome de Fernando de Torres. Presumo que será de princípios do séc. XVII e Torres o seu autor é sem dúvida português, da escola dos Álvares.” HAUPT, A. (1968), *A arquitectura do Renascimento em Portugal: do tempo de D. Manuel o Venturoso, até ao fim do domínio espanhol.* p. 190

⁷⁹ Após o Mestre Francisco Lopes, tiveram ainda o Mestre Diogo Marques, Pêro Vaz Pereira e Jerónimo Rodrigues, tendo sido o último com o cargo de Mestre do Convento. Posteriormente surge o cargo de Mestre das Ordens Militares, ocupado por João Antunes. Informação consultada em 18/12/17 no Sistema de Informação para o Património Arquitectónico em <http://www.monumentos.gov.pt/>.

2.3. O Convento após a extinção das Ordens Religiosas (1834 – atual)

Da decadência e degradação do Convento à sua recuperação

Nos séculos que se sucederam, o Convento de Cristo iniciou uma época de decadência, sofrendo de um sistemático abandono e desmazelo, com a perda de inúmeros bens que dele foram roubados e com o estado ruinoso a que chegou. Após as invasões francesas em 1811, que invadiram, destruíram e roubaram inúmeros bens de valor monetário e historicista do Convento, com a extinção das Ordens Religiosas⁸⁰ em 1834, muitos dos bens da Ordem foram vendidos em hasta pública pelo governo. Parte do edifício do Claustro dos Corvos, a Cerca Conventual e o recinto da Vila antiga do Castelo, foram adquiridos por António Bernardo Costa Cabral⁸¹ em 1837, que na sua família permaneceram várias gerações até voltarem a ser adquiridos pelo Estado em 1939. As restantes partes do conjunto conventual, permaneceram com a Coroa. Durante este período foram feitas algumas intervenções por parte da família de Costa Cabral, maioritariamente visíveis nos aterros na zona da Almedina, nas hortas erguidas nessa zona e no Terreiro do Castelo e ainda em algumas zonas interiores do Convento, a fim de o adaptar às funções residenciais da família.

Em 1852, D. Fernando, então residente do Convento juntamente com D. Maria II, manda derubar o piso superior do Claustro de Sta. Bárbara e da Hospedaria, para melhor visibilidade da fachada oeste da nave Manuelina. Em 1871, o edifício da Enfermaria e da Botica foi destinado ao Hospital Militar, que por lá se manteve até 1993 e em 1917 todo o conjunto é ocupado pelo Ministério da Guerra, excetuando a Igreja. Além disto, no primeiro quartel do século XX, instalaram-se no Claustro da Hospedaria e da Micha, a Guarda Nacional Republicana e o Seminário da Sociedade Portuguesa das Missões Ultramarinas, respetivamente. A DGEMN – Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais⁸² – era tutelar de parte do complexo monumental, no qual foi realizando obras de restauro e de recuperação entre os anos de 1933 a 1990. O conjunto conventual ficou, a partir de então, com diferentes propósitos e usos que, para além destes, se juntaram fins culturais e educativos, levados a cabo pela União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo.⁸³

Este período de 165 anos de múltiplas tutelas e utilizações variadas, viu o princípio do seu fim nos anos 80, com a passagem do Convento para a tutela da Secretaria de Estado da Cultura, a partir da qual se começou a congregar todas as partes do complexo sobre um único tutelar em 1992, ficando na totalidade sobre a alçada do IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico⁸⁴ – no início do novo milénio. Ainda entre 1998 e 2006, este órgão desenvolve inúmeros estudos, projetos

⁸⁰ A extinção das ordens religiosas em Portugal deu-se no seguimento da Revolução Liberal e da consolidação do Liberalismo, no fim da Guerra Civil Portuguesa, com a assinatura do Decreto por Pedro IV de Portugal em 1834.

⁸¹ Foi Ministro do Reino e mais tarde designado como Conde de Tomar, título nobiliário conferido por D. Maria II.

⁸² A Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais era o Serviço Central do Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território, tendo sido posteriormente integrado em parte na IHRU – Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana – e no IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico – atualmente conhecido como Direcção-Geral do Património Cultural.

⁸³ Fundada em 1918, por Garcês Teixeira, Vieira Guimarães, José Brak-Lami e Arruda Pereira, tinha como propósito defender e divulgar o património do Convento de Cristo. As atividades desta associação incidiam sobre a documentação e recolha de informação sobre o monumento, publicadas posteriormente sobre a forma de publicações periódicas, – Os Anais da UAMOC – e com o desenvolvimento de atividades e recolhas de bens do Convento, perdidos ou roubados nos séculos anteriores.

⁸⁴ O Instituto Português do Património Arquitectónico foi criado em 1992 com o propósito de proteger e regular os monumentos a nível Nacional. Posteriormente fundiu-se com o Instituto Português de Arqueologia, dando origem ao Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico que, por sua vez, se fundiu com o Instituto dos Museus e da Conservação, gerando em 2011 a Direcção Geral do Património Cultural (DGPC), atualmente tutelar dos monumentos e museus a nível Nacional.

e obras com a finalidade de reabilitar e restaurar o imóvel, incidindo maioritariamente nas zonas exteriores dos jardins e hortas do complexo.

Atualmente, à semelhança de todos os monumentos e museus a nível Nacional, o Convento de Cristo encontra-se sobre a tutela da Direção-Geral do Património Cultural, a partir da qual é feita toda a gestão do complexo e dos seus serviços. O espaço monumental vive agora do dinamismo cultural, direcionado para uma vertente pedagógica e turística. Para além de estar aberto para visitas diárias, o Convento acolhe exposições, conferências e eventos, maioritariamente relacionadas com Arquitectura, Arte e História e com a dinâmica regional.

Com isto, culminamos quase dez séculos da História de um monumento. Foram as constantes campanhas de obras e a passagem de diversos Reis e Mestres que deram a beleza a este complexo, equacionando em si diferentes modos de fazer e pensar a Arquitectura ao longo dos séculos. É também esta complexidade que nos impossibilita de contar nesta breve síntese todos os episódios e pormenores da evolução do Convento de Cristo. Para além disto, é importante reforçar que todo o território de Tomar, a própria cidade e a envolvente direta deste monumento foram igualmente ganhando vida a par desta construção, sobre os quais nos debruçamos no próximo capítulo.



FIGURA 32 Terreiro do Convento utilizado para fins agrícolas



FIGURA 33 Arranjo dos jardins da Cerca do Convento

2.4. O processo de classificação patrimonial do monumento

Do seu reconhecimento Nacional a Património Mundial

Em 1901 são traçados com rigor os mecanismos legais com fim de salvaguarda e valorização patrimonial, determinando as bases para classificação dos Monumentos Nacionais e a sua publicação no Diário do Governo.⁸⁵ Com isto, nas seguintes décadas inicia-se a inventariação e devida classificação de monumentos por todo o país.

O Convento de Cristo foi decretado Monumento Nacional por decreto publicado a 17 de janeiro de 1907, sobre a designação de Convento de Cristo e a 23 de junho de 1910⁸⁶, sobre a designação de Mosteiro de Cristo. Mais tarde, em 1946, é-lhe concedida proteção com a definição de Zona Especial de Proteção e da Zona “non aedificandi”⁸⁷, englobando o Castelo de Tomar e o Aqueduto dos Pegões. Estas zonas, definidas com um perímetro mínimo de 50 metros a partir dos limites do monumento, não permitem que sejam realizadas quaisquer obras e intervenções sem prévio parecer favorável da administração do património cultural, com o intuito de minimizar os impactos construtivos e paisagísticos e salvaguardar os solos arqueológicos (Figura 34).

Nova classificação é atribuída ao monumento em 1983, com a sua entrada para a lista de Património Mundial da UNESCO e sequente classificação de Património da Humanidade. Esta classificação foi realizada segundo critérios previamente estabelecidos⁸⁸, que atualmente se mantêm, e que incidiram sobre dois em particular:

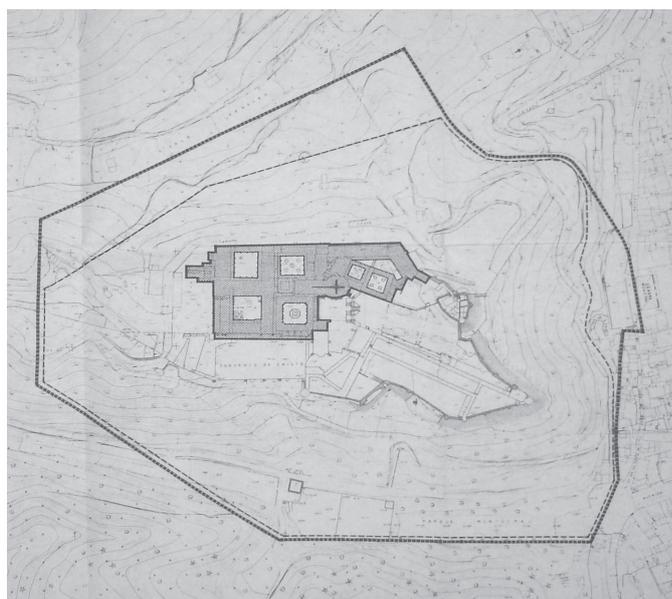


FIGURA 34 Delimitação das Zonas de Proteção e "Non aedificandi" do Convento de Cristo

Critério (i) – to represent a masterpiece of human creative genius (representativa de uma obra-prima de criatividade humana)

Critério (vi) – to directly or tangibly associated with events or living traditions, with ideas, or with beliefs, with artistic and literary works of outstanding universal significance. (direta ou indiretamente associado a acontecimentos ou tradições, ideias, crenças ou obras artísticas e literárias com um significado universal)

Para além deste complexo monástico ser um dos maiores da Europa

⁸⁵ *Património Cultural da Nação – Bens Culturais Móveis Classificados, Inventariados e Arrolados*. Consultado em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-movel/classificacao-do-patrimonio-movel/>, a 16 de abril de 2018.

⁸⁶ Decreto de 16-06-1910, DG, n.º 136, de 23-06-1910, disponível em http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/decsmaria/Decreto23_06_1910.pdf.

⁸⁷ ZEP, zona Especial de Proteção, e ZNA, zona “non aedificandi”, atualmente são atribuídas automaticamente aos monumentos classificados, sendo atribuídas zonas ZGP e ZEPP, zona geral de proteção de 50 metros e zona especial de proteção provisória, respectivamente, aqueles monumentos que se encontram em vias de classificação. Para informação mais detalhada consultar <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/>.

⁸⁸ Para mais informação sobre os critérios e sobre o processo de classificação, consultar <http://whc.unesco.org/en/criteria/>.

e de representar um vasto repertório de arquitectura e arte europeia, representado nos diversos estilos ao longo dos séculos, estes dois critérios tiveram em conta alguns elementos em particular, como a Igreja Templária e a Janela do Capítulo. A Charola representa um exemplar raro de Igreja Rotunda e é símbolo máximo das cruzadas Templárias, que se estendiam do mundo oriental ao mundo ocidental, e da defesa da fé católica no mundo medieval. No seu prolongamento, através da nave Manuelina, a Janela do Capítulo representa através da originalidade e simbologia uma arquitectura única que sintetiza um período da história e da arte Nacional, europeia e oriental.⁸⁹

⁸⁹ Para aceder a toda a documentação existente sobre o monumento enquanto Património da Humanidade, ver o site internacional da UNESCO: <http://whc.unesco.org/en/list/265>, consultado a 15 de março de 2018.

Capítulo 3

**A ENVOLVENTE
DO CONVENTO DE CRISTO**

Com a análise em retrospectiva desenvolvida no primeiro capítulo, e com o estudo intramuros desde o surgimento do Castelo Templário até ao Convento de Cristo, chegamos agora ao principal foco desta dissertação.

A envolvente do Convento de Cristo foi desde muito cedo transformada e utilizada em prol deste complexo e das necessidades do território e da urbe que delimita. Ao longo dos anos foram muitos os propósitos e fins para que serviu, ganhando mais importância a cada nova intervenção que nela se operou. Apesar dos inúmeros autores, como vimos anteriormente, que se dedicaram ao estudo do Castelo Templário, do Convento de Cristo, da cidade de Tomar, de alguns espaços da sua envolvente, em particular, e deste território, em geral, estes estudos acabam por ser muito focalizados, não permitindo uma leitura direta e clara do desenvolvimento desta parcela do território.

É, por isso, nossa intenção que este estudo seja uma investigação e exposição de todas as intervenções e transformações que neste espaço decorreram, espelhando o trabalho já realizado por diversos autores, bem como o nosso trabalho de investigação desenvolvido perante novas dúvidas e impasses.

Ao nosso dispor possuímos uma vasta bibliografia de publicações e documentos históricos e arquivistas, que em muito ajudaram à compreensão da construção do lugar no tempo. Como complemento fundamental, surge a imagem enquanto gravuras e registos fotográficos das diferentes épocas e ainda a análise topográfica do terreno, das cicatrizes que nele foram deixadas e da sua toponímia. O desenho aparece como importante ferramenta neste processo e na reconstituição deste lugar e acompanhará todo o desenrolar deste capítulo. A sua finalidade não será a reconstituição fiel do lugar ao longo do tempo – até porque não seria possível fazê-lo com a informação e rigor necessário – mas antes apontar as transformações decorrentes de cada época naquilo que hoje experienciamos do lugar. Na falta de dados e informações entramos, consciente e inevitavelmente, no campo da especulação, espelhado num pensamento sistemático e bastante apoiado pela intuição, sempre com a finalidade de levantar questões e procurar responder com o máximo de rigor possível.

Ainda no início do estudo, deparámo-nos com a difícil tarefa de delimitar o que seria a envolvente do Convento de Cristo. A grandiosidade deste espaço e a importância que tem perante a leitura do complexo monumental que recebe não nos permitiram encerrar através de uma linha, a área sobre a qual nos debruçaríamos. Assim, o estudo que abaixo se apresenta incidirá sobre os três montes⁹⁰ – o monte de N. Sra. da Piedade, o monte do Convento de Cristo e o monte de Sta. Bárbara. Esta escolha relaciona-se com aqueles que, na nossa opinião, melhor compõem a unidade de paisagem pretendida para enquadrar e delimitar a cidade e o Convento e que têm maior importância histórica, patrimonial e paisagista. Serão ainda referidos alguns locais para além destes três montes, que nos ajudam a enquadrar este local e a perceber algumas das suas transformações.

Para que pudéssemos perceber a imponência e importância do morro onde se insere o Castelo Templário e o Convento de Cristo e da sua relação com a envolvente direta e, neste caso, mais longínqua, pareceu-nos pertinente observar a aproximação a este local através de vários pontos na região de Tomar e perceber como é que é visto. Este estudo foi fulcral no processo de entendimento e descoberta do lugar, encontrando-se disponível em anexo.

⁹⁰ Apesar da incerteza da localização dos três montes sobre os quais o Mestre Gualdim Pais lançou as sortes para a construção do Castelo Templário, – segundo o que se poderá depreender a partir da Inquirição de D. Dinis – e, em contrapartida, tendo o autor José Inácio Costa Rosa (Cf. COSTA ROSA, J. I. (1981a). *Nascimento e Evolução Urbana de Tomar até ao Infante D. Henrique*. Em: *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. p. 39-40) afirmado como sendo os montes do atual Convento de Cristo, de Santa Bárbara e do Piolhinho, não foi nossa intenção focar esta leitura do território sobre estes três míticos montes, nem fez parte deste estudo procurar perceber quais poderiam ser os mesmos, dada a imprecisão histórica de tal afirmação e a irrelevância sobre o olhar que pretendemos dar nesta abordagem.

Este capítulo é repartido em oito subcapítulos, com base numa ideia de *construção do lugar no espaço e no tempo*, divididos cronologicamente segundo reinados e episódios da História Nacional que se refletiram na construção deste território. Os textos e hipóteses colocadas são o reflexo de uma ideia desenvolvida segundo o nosso trabalho de investigação, com base nas fontes acima mencionadas e no nosso conhecimento empírico do lugar.

Ainda como nota introdutória é importante referir que os diversos locais em estudo foram variando a sua designação ao longo tempo, tornando-se por vezes impossível saber qual a toponímia utilizada em certo século, ou quando é que foi dada a mudança de tal designação. Por isto, e apesar da nossa atenção e cuidado em procurar utilizar as designações mais apropriadas para certa época, nem sempre é garantida que a alusão a certos topónimos esteja associada a um período temporal, mas antes a uma fácil associação deste local por parte do leitor.

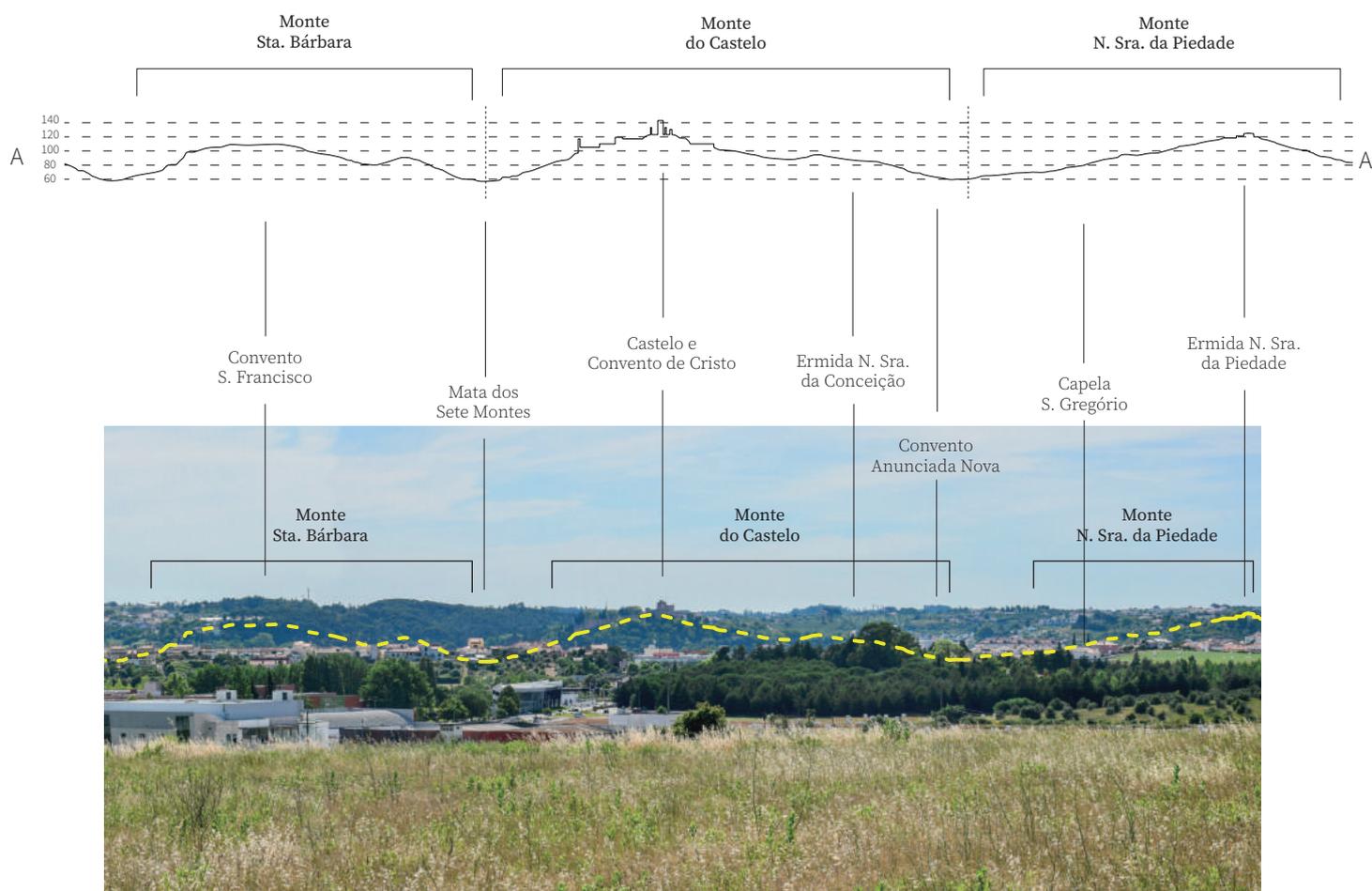


FIGURA 35 Identificação dos locais de estudo
Fotomontagem com corte associado dos três montes em estudo e dos respectivos locais e monumentos relevantes.



Legenda:

- | | | |
|--------------------------------|----------------------------------|----------------------------|
| 1 Ermida de N. Sra. da Piedade | 4 Ermida de N. Sra. da Conceição | 7 Aqueduto dos Pegões |
| 2 Capela de S. Gregório | 5 Castelo e Convento de Cristo | 8 Convento de S. Francisco |
| 3 Convento da Anunciada Nova | 6 Mata Nacional dos Sete Montes | |



ESCALA 1:7500



Desenho 04/20
Zona de estudo
Toponímia dos elementos de estudo

André Freitas, 2018.
A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. FAUP.

3.1. **Dos primórdios à fundação da nacionalidade (até ao séc. XII)**

Os primeiros vestígios de presença humana na região

Do que concluímos do capítulo 1, a região de Tomar foi bastante povoada desde os primórdios da humanidade. Apesar da maioria dos sinais encontrados terem proveniência no período da formação de Portugal – à data da chegada da Ordem do Templo ao território – é-nos assegurada a presença de muitos povos nesta região. Contudo, não obstante às inúmeras estações arqueológicas assinaladas e analisadas no concelho, não nos é possível traçar por completo o panorama de ocupações neste lugar e, conseqüentemente, afirmar com segurança a pré-existência de fortificações ou outro tipo de ocupações nos morros envolventes da cidade Tomar, nomeadamente nos três morros em estudo. Porventura, e ademais das extraordinárias características geográficas e topográficas, temos liberdade para pensar no assunto ao tomarmos como exemplo situações próximas de ocupações em zonas montanhosas na região, e ao construirmos um possível cenário através de “pequenos fragmentos” e indícios que encontramos em diversos autores e investigadores do tema.

Remontando à idade Pré-Histórica, não são muitos os indícios de presença humana que nos chegam destes locais. Apenas no monte de N. Sra. da Piedade, foi encontrado um machado de basalto, juntamente com outros pequenos instrumentos, sendo insuficiente para afirmar a fixação do Homem naquele local nem para pressupor pré-existências de alguma edificação naquele morro.⁹¹ A par deste, nos restantes dois morros nada se sabe de tão primitiva época, talvez por terem sido mais intervencionados ao longo do tempo, tornando-se difícil preservar tais vestígios.

Nova notícia remontando a ocupações chega-nos tão logo quanto a presença romana na cidade de Sellium. Esta antiga cidade era uma importante zona de passagem e charneira na ligação não só norte e sul, como do interior e o litoral. Apesar da sua localização apontar para a margem esquerda do rio Nabão e de não serem evidentes quaisquer estruturas na margem direita, é crível a existência de vias provenientes deste lado, até pela necessidade comprovada de ligar ambas as margens com a ponte em Tomar, construção atribuída aos romanos. Destas vias ficaram bastantes vestígios na região de Tomar, como miliários⁹², pontes romanas e troços desta rede viária.⁹³ Contudo, é manifesto a discórdia entre arqueólogos e historiadores remetendo para a localização exata destas vias. Relativamente à região de Tomar, é claro que era um local de passagem da via romana que ligava Olissipo a Bracara Augusta, e que era precisamente na cidade onde se fazia a travessia do rio Nabão, seguindo o percurso em direção a *Aeminio* (Coimbra). Contudo, é a parte do troço que decorre entre Tomar e Santarém que apresenta maior dubiedade. É num artigo presente no Boletim Cultural de Tomar que é feita uma síntese sobre as opiniões de alguns autores relativamente ao assunto:

⁹¹ “Das edades prehistoricas não se encontrou até hoje vestigio algum da existência do homem n’esta localidade que possa ter dado origem a uma povoação qualquer. Um machado de basalto, que há anos foi encontrado próximo da capella da Senhora da Piedade, em um sitio chamado Armazem da Polvora, outro de cobre que foi achado na fenda de uma rocha, junto à Fonte Quente, quando se construiu a estrada do Prado e ainda outros de pedra lascada e polida, que teem apparecido em diferentes pontos e aos quaes a gente do campo chama raios, cahidos das nuvens, não são indícios certos de que o homem da idade de pedra ou da de cobre presistisse por estes logares...” SOUSA, J. M. (1903). *Notícia descritiva e histórica da cidade de Thomar*. p. 189

⁹² Marcos miliários são elementos de pedra, geralmente cilíndricos, que demarcavam os percursos e forneciam informações sobre distâncias percorridas ou a percorrer aos centros urbanos.

⁹³ Apesar da rede viária estar atribuída ao Romanos, que a desenvolveu e otimizou, muitas das vias tiveram a sua origem em períodos anteriores a este povoamento, limitando-se a estabelecer percursos em vias utilizadas pelos aglomerados populacionais anteriores. Por isto é impreciso datar temporalmente o surgimento de certas vias e estruturas. Cf. MATTOSO, José [et al.] (1993). *História de Portugal: Antes de Portugal*. Volume I. p. 255-257

CARLOS BATATA E FILOMENA GASPAR

No troço a que nos referimos [entre Santarém e Tomar], Vieira Guimarães pensava que a via vinha de Santarém, passando por Atalaia, Asseiceira e Tomar, portanto, pela zona oriental da civitas de Sellium. Outros autores aproximam-se mais do seu verdadeiro traçado ao fazê-lo passar a ocidente: para Mário Sá, a via passava por Ribeira de Santarém, Parceiros de Igreja, Lapas (Torres Novas), Mata, Beselga, etc., afastando-se do traçado por nós proposto; Vasco Mantas, propõe a passagem da via pelas imediações de Torres Novas em direcção a Tomar, o que vem a coincidir com os vestígios por nós identificados, quando verificávamos uma estrada medieval, identificada por Mêndia de Castro como tal e que ela tinha localizado entre Torres Novas e Gateiras, dirigindo-se a Árgea, Lamarosa e Tomar. Como veremos de seguida, não se tratava de uma estrada medieval, mas sim de uma via romana, que tem muitas possibilidades de se tratar de um troço inédito da via militar Olisipo – Bracara, referida no Itinerario de Antonino.⁹⁴

Como é perceptível, a discussão incide sobre o troço situar-se à cota alta – percorrendo o cimo dos montes a poente de Tomar e descendo de encontro ao Nabão nas periferias da cidade – ou à cota baixa – acompanhando o percurso do rio Nabão na sua margem direita até Tomar. Acreditamos, a par de Mêndia de Castro e de Manuel Conde⁹⁵ – mais específicos na conceção do percurso romano – que a via romana em questão localizar-se-ia na cota alta, vinda de Cem Soldos e entrando em Tomar através do Monte do Castelo, onde iniciava a sua descida. De facto, não será de estranhar a utilização das vias à cota alta, por mais do que uma razão. Em primeiro consideremos que a localização de vias, como podemos confrontar com o Desenho 06, acompanham as linhas de fecho dos montes, locais onde é assegurada a constante acessibilidade da via pela ausência de acumulação da água. Para além disso, especialmente nesta zona de entrada em Tomar, o rio Nabão ainda não se encontrava assoreado, comprometendo a utilização das vias devido ao seu leito muito instável – como nos é atestado constantemente em relatos. Assim, é normal que anterior a uma ocupação Templária e nova reorganização urbana e territorial, a via que se utilizasse fosse à cota alta. Contudo, tal condição não invalida a existência de outras vias, romanas ou mais tardias, como é o caso da que se situa à cota baixa, posteriormente conhecida como Estrada Pública.

Já em Tomar, o eixo da atual Rua Serpa Pinto, anteriormente Corredoura, com a ponte velha e a sua referência em documentos do século XII⁹⁶ e anteriores⁹⁷, manifestam a importância desta via que, chegando ao sopé do monte do Castelo, iniciava a sua subida até à sua cumeeira pelo caminho da Riba Fria, onde prosseguia caminho em direcção a *Colissipo* (Leiria), para oeste, ou *Olissipo* (Lisboa), para sul.⁹⁸ Contudo, deparámo-nos com a indecisão sobre qual seria a via utilizada, entre a

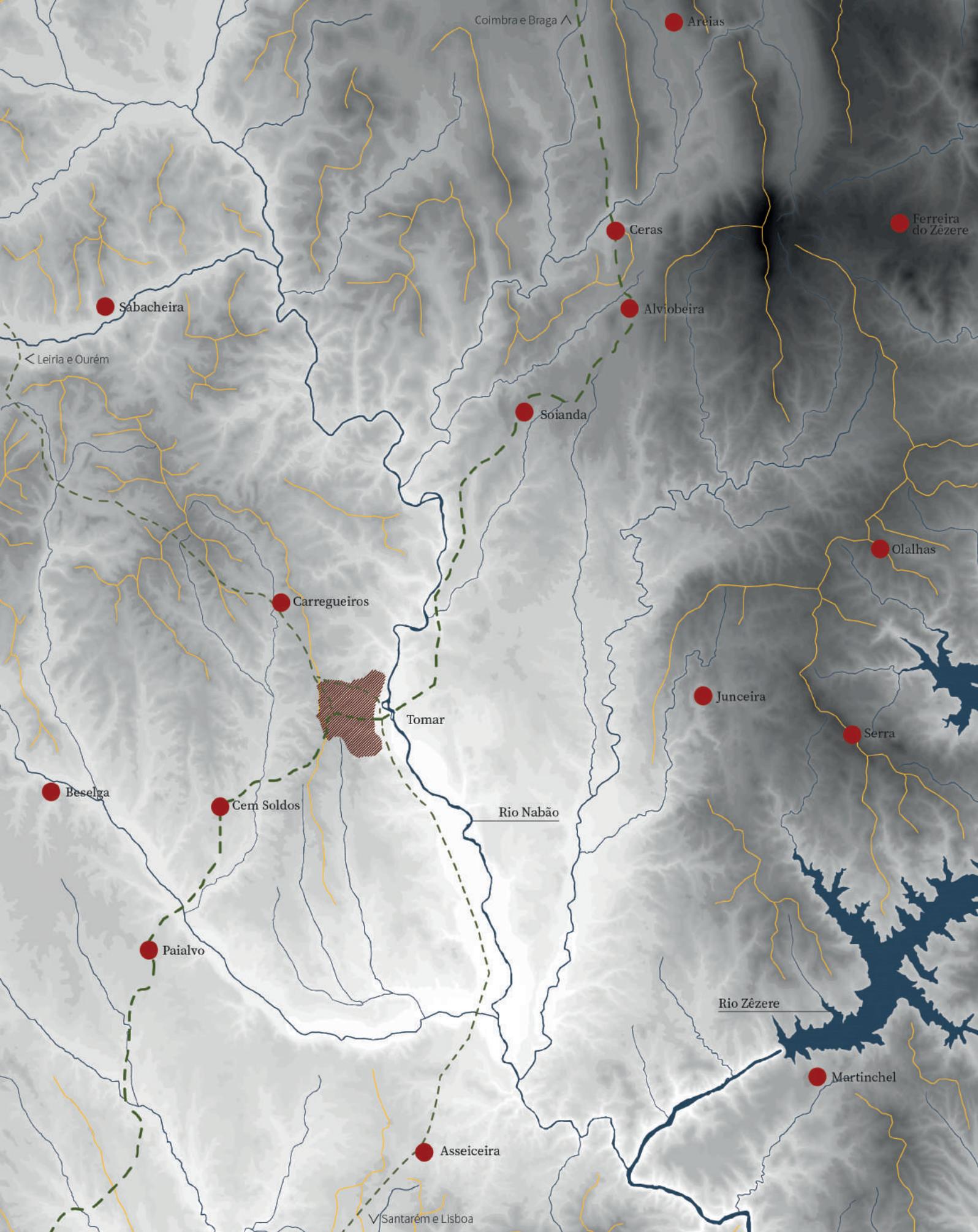
⁹⁴ Cf. BATATA, Carlos [et. al.] (1992b). *Um troço de estrada Romana inédito*. Em: *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Nº 16. p.78-86

⁹⁵ Cf. CONDE, Manuel Sílvio Alves (2000). *Uma Paisagem Humanizada: O Médio Tejo nos finais da Idade Média*. Volume I. p.333-344 e MÊNDIA DE CASTRO, Maria (1973). Subsídios para a Carta Arqueológica do Concelho de Tomar. p. 72-94

⁹⁶ “Encontram-se vários documentos do século XII que assinalam já a existência desta via. Em 1178 é registada uma casa fora de muros, na rua da Corredoura, a qual venderam Pedro Cativo com seus filhos, a D. Martinho Formárico.” ANTT – Livro do Mestrado de Cristo, chanc. D. Manuel apud MELA, Romualdo (1985). *Ruas de Tomar e sua toponímia* in *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Volume 8-9. p. 46

⁹⁷ “A ponte da vila ligava as duas margens do Rio Grande de Tomar, entre a Corredoura e S. Iria. Integrada na via Lisboa/Gaia, por ela transitavam, geralmente, quantos demandavam das terras do Centro ou do Norte do reino.” CONDE, Manuel Sílvio Alves (1988). *Tomar Medieval: O espaço e os Homens (séculos XIV-XV)*. p. 83.

⁹⁸ “Na região de Tomar são referenciados 6 miliários, 4 na cidade e 2 na periferia, o miliário de Sta. Catarina e o miliário de St. Estevão em Delongo, atestando a continuação da via rumo a Santarém, onde aliás se achou um miliário a Probo, na Alcáçova.” Excerto retirado do website: <http://viasromanas.pt/>, consultado no dia 03 de Junho de 2018.



Legenda:

- Linhas de festo
- Linhas de água
- Localidades
- Zona em estudo
- Via Romana Olissipo-Bracara
- - - Outros percursos atuais e antigos relevantes



Planta topográfica desenhada com base em
 Cartas Militares de Portugal - Série M888 - Escala 1:25 000

ESCALA 1:100 000

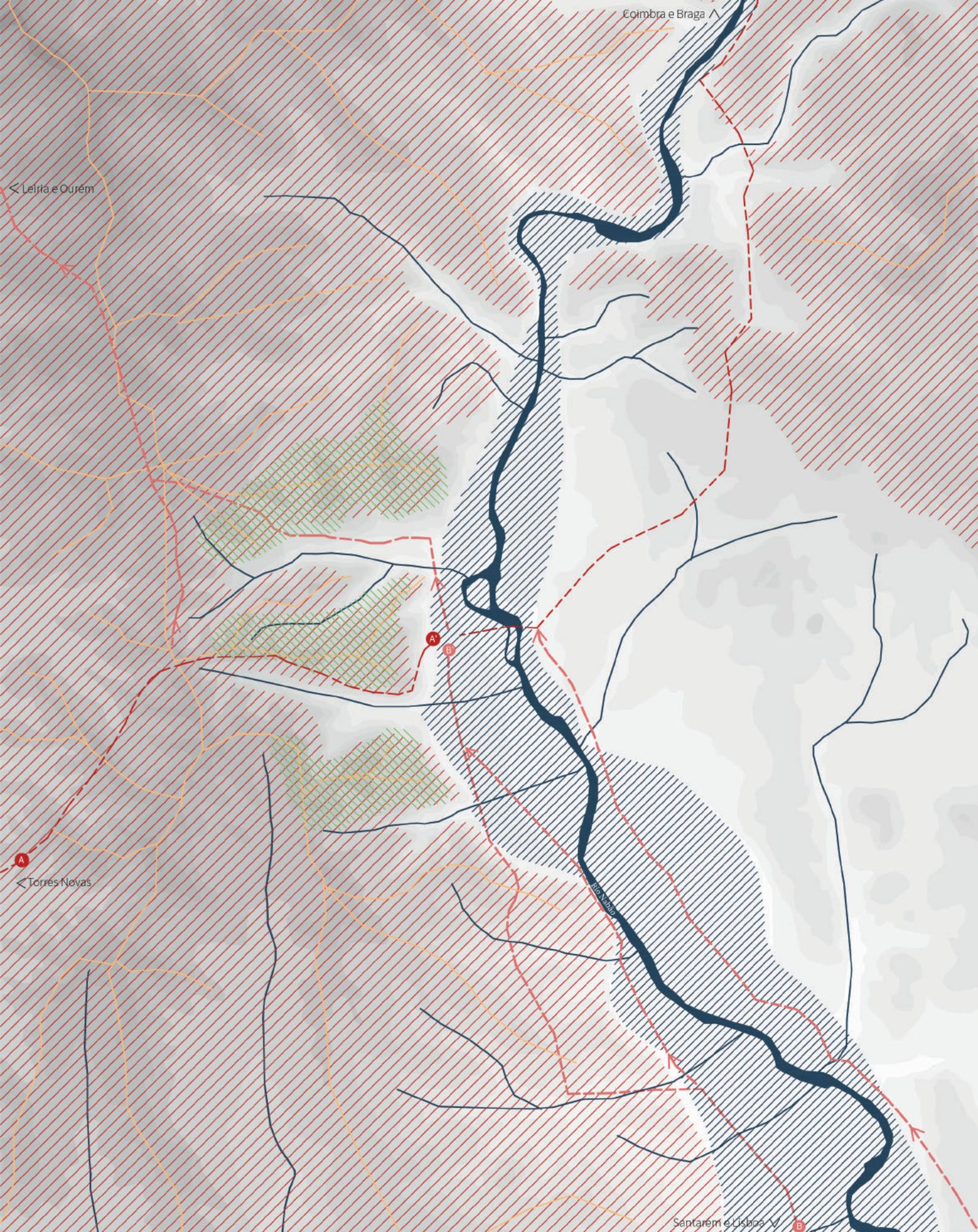


Desenho 05/20

O território envolvente de Tomar

André Freitas, 2018.

A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.
 Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP.



Legenda:

- Zona em estudo
- Vale do Nabão - Zona de possível inundação
- Zona de maior depressão topográfica

- Possível via militar romana a ocidente
- Possível via militar romana a oriente
- Outros percursos coetâneos ou posteriores à via romana militar

ESCALA 1:20 000



Desenho 06/20
 A região de Tomar
 Principais vias possivelmente utilizadas à data do séc. XII

André Freitas, 2018.
 A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.
 Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP.

Calçada de Santiago – encosta nascente do monte – e o caminho da Riba Fria – encosta sul do monte –, levando-nos a refletir sobre o assunto.

O perfil topográfico do caminho da Riba Fria é mais natural e gradual na sua descida, mas não culmina a eixo com a Rua da Corredoura – percurso utilizado antes da chegada à Ponte Velha. No entanto, antes das terraplanagens e aterros levados a cabo na construção da Vila de Baixo, entre este caminho e a rua da Corredoura o sopé do monte teria possivelmente um perfil topográfico mais suave – o que não se verifica atualmente com o muro de suporte e a colocação das casas nesta rua – permitindo um contorno natural do monte por este caminho e terminando no início da Rua da Corredoura. Para além disso, é comprovado o surgimento de arrabaldes e habitações extramuros desde cedo ao longo desta via, os quais se associavam a percursos existentes e a locais de passagem, como é o exemplo do arruado do Pé da Costa. Sabe-se ainda que o acesso exterior à Vila da Cerca seria através da Porta da Almedina⁹⁹, que daí herdou o nome, desembocando onde seria o início das futuras Rua da Graça e da Rua do Pé da Costa. Como refiro posteriormente, através dos vestígios encontrados de uma calçada moçárabe que ligaria a zona da Alcáçova à Porta da Almedina, podemos considerar a hipótese de esta se tratar de uma via anterior à construção do Castelo – e que eventualmente poderá ter influenciado parte da organização e desenho da muralha e da urbe. É ainda de destacar o papel que esta via ganha no interior da muralha como Rua Direita que liga a Porta da Almedina ao Terreiro e à Alcáçova.¹⁰⁰

Do outro lado do monte, a Calçada de Santiago surge precisamente no seguimento da rua da Corredoura e tem um perfil topográfico muito mais acentuado, desembocando na Porta de Santiago. A considerar esta via como sendo a primitiva estrada romana, teria de passar no local onde surgiu o Castelo Templário, continuando depois pelo Arrabalde de São Martinho. A par disto, discussão semelhante foi desenvolvida no capítulo 2.2., relativa à abertura da Porta do Sol, concluindo que a Calçada de Santiago teve um surgimento quase imediato à construção do Castelo, mas não anterior.

Existe ainda a calçada do Convento mais a norte deste mesmo monte que, apesar de surgir tardiamente em referências, poderá ser equacionada a sua existência anterior à presença Templária – discussão sobre a qual nos debruçaremos nos próximos subcapítulos. Com as informações detidas e apresentadas, e considerando a existência de uma única via – poderiam muito bem existir as duas – diríamos que, na nossa opinião, o caminho da Riba Fria seria o mais provável de considerar como parte da via Romana existente, já anterior à construção do Castelo Templário.

A par das vias e percursos existentes na região, dedicamo-nos agora à análise de alguns excertos nos quais são mencionados estes morros na envolvente de Tomar. Começemos por analisar um excerto, referido no capítulo anterior, proveniente da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, onde refere o *Theodemari* como hipótese plausível para a origem da toponímia de Tomar:

⁹⁹ “Era pelo vale sul que se fazia a entrada no Castelo, cuja porta ainda hoje é conhecida por “Porta da Almedina” que em árabe quer dizer “a cidade.” CONDE, Manuel Sílvia Alves (1988).ibid. p.21

¹⁰⁰ “(...) unindo duas Portas da cidade, ou uma Porta à entrada do Castelo, a rua dá sentido à cidade enquanto estrutura e, através desse desempenho, ganha a designação de Rua Direita: o arruamento de maior importância em qualquer assentamento urbano e aquele que pelo seu princípio ordenador é o mote para o arruar da restante cidade, referenciando-se-lhe as restantes ruas.” CABRAL DIAS, J. J. (2018). ibid. p.78

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, 1978

A melhor hipótese talvez seja a germânica: Tomar não será senão o genético *Theodemari*, sc. «villa» de *Theodemarus*, ou análoga propriedade rústica, pouco de surpreender abaixo de um monte escarpado, provavelmente castrejo, e em sítio fértil, abrigado e ameno, junto de uma pov. importante na época romana (*Sellium*) e na hermanica (*Selio*, *Nabantia*). Sendo assim, tal villa pode ter origem romana, e ter recebido nova denominação com a dominação suevo-visigótica.”¹⁰¹

O que acabou por despertar alguma inquietação não foi tanto a origem do nome Tomar, mas a menção a uma *propriedade rústica, pouco de surpreender abaixo de um monte escarpado, provavelmente castrejo, e em sítio fértil, abrigado e ameno*. Sem que não nos tenha sido possível localizar a verdadeira origem de tal informação, uma vez que não está fundamentada nem referenciada, a sua veracidade torna-se questionável. Mas como bem introduzimos, à falta de dados entramos conscientemente no campo da especulação.

Assim sendo, desta frase podemos retirar duas informações importantes: a primeira relacionada com a presença de uma propriedade rústica no sopé de um monte escarpado, de origem romana, junto de cidade de *Sellium*. Com esta descrição, geograficamente apenas nos é possível depreender a sua localização na margem direita do Nabão, uma vez que o perfil topográfico da outra margem corresponde à peneplanície e não há nenhuma depressão no terreno que se assemelhe a um *monte escarpado*. Sendo na outra margem, poderá muito bem situar-se no sopé de um dos quatro montes envolventes da cidade, todos eles com ribeiras que desaguam no rio Nabão. Por isso o nosso critério de escolha entre os possíveis locais seria a sua proximidade com alguma via existente, bem como com referências mais antigas que tenhamos encontrado relativamente a algum destes locais. O local que nos parece mais favorável é no sopé do monte do Castelo, no vale da Riba Fria e próximo do arrabalde do Pé da Costa, o qual estava protegido das constantes cheias do Nabão e se situava junto da via romana proveniente do cimo do monte do Castelo; a segunda informação a retirar do excerto é a descrição do monte escarpado como *provavelmente castrejo*. Tal hipótese foi igualmente colocada pela Arqueóloga Salete da Ponte, no qual confronta a utilização daquele local por diferentes povos e em diferentes épocas:

SALETE DA PONTE

É assim que as comunidades indígenas da região, em tempos proto-históricos, habitaram, na colina do Castelo, ou seja, num recinto fortificado (*oppidum*), como nos atestam alguns vestígios materiais, ainda insuficientes para a definição do tipo e intensidade de ocupação deste espaço, com con-

¹⁰¹ “A melhor hipótese talvez seja a germânica: Tomar não será senão o genético *Theodemari*, sc. «villa» de *Theodemarus*, ou análoga propriedade rústica, pouco de surpreender abaixo de um monte escarpado, provavelmente castrejo, e em sítio fértil, abrigado e ameno, junto de uma pov. importante na época romana (*Sellium*) e na hermanica (*Selio*, *Nabantia*). Sendo assim, tal villa pode ter origem romana, e ter recebido nova denominação com a dominação suevo-visigótica. (Tomar, de *Theodemari*, tem perfeito correspondente em Lomar, de *Leodema*, e os temas gót. que constituem o antropónimo são thiuda <povo>, e marcha <cavalo>. Cp. ainda *Teomil*, de *Theodemiri*, Armamar de Ermamari, etc). Um dos exemplos com que os autores têm concedido ao rio o nome Tomar (que ficou à pov. na sua margem nascida), é o da origem pretensamente arábica do nome, muito discutível, até porque os árabes não deviam ter estanciado muito tempo pela região. Alguns nomes dessa origem na toponímia local podem ser devidos à língua comum, enriquecida de apelativos dessa origem. Depois, sendo o nome Nabão irrecusavelmente antiquíssimo, acaso pré-romano (ao menos de origem), pois que parece derivado sem duvida de *Nava*, a própria região nos sec. VI-VII, vindo depois ele mesmo a dar à região o nome de *Nabantia* (que é a explicação que mais esclarece a mudança de uma designação para a outra), não se explica satisfatoriamente como é que, tendo os árabes mudado o nome do rio, o antigo não só se não perdeu como sobreviveu e se conserva ainda.” *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. (1978) Volume 31. p. 903

tornos de relevo diferenciado. Porém, o lugar ou oppidum céltico (colina do Castelo) é, entretanto, romanizado e integrado na civitas de Seilium, do Conventos Scallabitanus da Lusitânia.¹⁰²

A referência a um *oppidum céltico*, reforça a ideia de uma ocupação anterior aos Templários neste morro. Mas é importante diferenciarmos uma hipotética fortificação com a configuração que hoje apresenta o forte muralhado, não só pela dimensão, mas também pelo desenho singular e particular dos Templários. Posterior à ocupação romana que, como é característico deste povo, fez descer a população dos montes para ocupar os vales e planícies¹⁰³, volta-se a sofrer novo retrocesso e a subir para os altos montes e morros pela mão dos muçulmanos. No seguimento de escavações arqueológicas levadas a cabo nos Antigos Paços do Infante¹⁰⁴, situados entre a Alcáçova e a Charola, Salete da Ponte descobriu indícios de uma ocupação pré-Templária naquele morro, provavelmente de origem árabe, corroborando a ideia da existência de um forte ou urbe no local:

SALETE DA PONTE

Por último, a cultura material e as estruturas residuais detectadas neste espaço fortificado, mais exactamente na área ocupada pela construção dos Paços Antigos (séc. XV) e Paços Novos (séc. XVI), permitem definir alguns traços da volumetria e paisagem construtiva da cidadela muçulmana. As pré-existências, aqui identificadas permitem reconhecer nesta colina da margem direita, a madina (cidade), de Thamara ou Tamarmá (sécs. IX e XIII), situada em lugar privilegiado e estratégico de vigilância do seu território.¹⁰⁵

Esta ideia de estratégia de vigilância do território é reforçada com a presença de uma outra linha defensiva de atalaias, dispersas pelo território entre os Castelos existentes do Mondego ao Tejo, reforçando a hipótese da existência de *um centro urbano acastelado ou Mâdina*.¹⁰⁶

No entanto, há autores que discordam desta hipótese, colocando de parte a possibilidade de pré-existências anteriores aos Templários neste morro. Um dos autores é José Inácio Costa Rosa, que o justifica através do método de escolha do morro por parte dos Templários e pelos seus processos

¹⁰² Documento redigido por Salete da Ponte e consultado a partir do site do Convento de Cristo de Tomar, <http://www.conventocristo.gov.pt/>, no dia 25 de maio de 2018

¹⁰³ “Com a Chegada dos Romanos, esses povos vêem-se obrigados a deixar as povoações fortificadas, iniciando uma lenta descida em direcção aos vales aluviais, mais férteis.” Orlando Ribeiro, em PINTO, R. S. (2004). *Tomar – Na Terra dos Templários...* . p. 23

¹⁰⁴ “Efectuadas estas em 1985, foi posta à vista uma calçada de estilo moçárabe, por baixo dos arcos dos Paços. É constituída por passeios laterais feitos de pedra calcária e uma faixa de rodagem construída a tijolo, onde se notam nitidamente os rodados dos carros de bois. Nos topos Norte e Sul, encontram-se dois arcos de volta perfeita, anteriores à construção do Paço. Esta via parece vir da Porta do Sangue e subia sempre, mesmo dentro dos paços, para a zona que é hoje o ex-hospital militar. Sobre a calçada, na parte sul, foram construídos dois pavimentos de nivelção do espaço, datáveis do séc. XIII. Em 1987, 1992 e 1994, realizaram-se novas escavações naquele local. Salete da Ponte refere o aparecimento de estruturas habitacionais anteriores aos Paços do Infante, situadas a este destes, mas não refere materiais, moedas ou outros elementos que o demostrem cabalmente.” BATATA, C. (1992). *As Origens de Tomar: carta arqueológica do concelho*. p. 234-235

¹⁰⁵ Documento redigido por Salete da Ponte e consultado a partir do site do Convento de Cristo de Tomar, <http://www.conventocristo.gov.pt/>, no dia 25 de maio de 2018

¹⁰⁶ “Estas estruturas muçulmanas confirmam seguramente a existência de um centro urbano acastelado (Thamara), ou de uma Mâdina (cidade) de categoria média, integrada na época de *Gharb Al-Andalus*, nos circuitos comerciais de Coimbra, Santarém e Lisboa. A Mâdina de Tomar (Thamara ou Tamarmá), situada na colina da margem direita do rio Nabão, fronteira à antiga *Seilium* romana, depois *Selio* visigótica, assegurava um controle mais eficaz sobre a rede viária regional.” PONTE, S. (2012). *Interfaces Culturais em Tomar-Cidade*. p.30

construtivos e defensivos¹⁰⁷. Segundo o autor, se houvesse alguma fortificação primitiva teria sido reaproveitada e não se teriam *lançado sortes*¹⁰⁸ uma vez que a urgência na construção do Castelo para defesa do território levou à construção do pano de muralha em duas fases distintas. Apesar da construção do Castelo ser de raiz, hipótese da qual partilhamos, muitos materiais provenientes da antiga cidade de *Selio*, localizada junto ao Nabão foram aproveitados para a construção do mesmo.

Poderão ser questionados alguns dos argumentos pelo autor utilizados. Em primeiro é preciso considerar o desfasamento temporal entre ambos os textos, uma vez que as primeiras hipóteses fundamentadas acerca da pré-existência neste morro terem sido colocadas aquando das escavações em 1985 e a publicação do texto de Costa Rosa datar de 1981. Depois, perante a existência de achados arqueológicos, é questionável até que ponto as inquirições levadas a cabo pelo Rei D. Dinis em 1317, nas quais consta que a escolha do morro pelos Templários foi feita através do lançamento de *sortes*, terão mais validade que estas evidências – situação que não nos parece invalidar a outra. A pré-existência naquele morro poderia, e seria certo que assim o fosse, estar em ruínas ou muito degradada, à semelhança de muitas outras fortificações nesta região, como a Torre da Murta ou o Castelo de Ceras.¹⁰⁹ Para além disso, não nos é possível saber a dimensão desta pré-existência nem o seu carácter, castelo ou Mâdina, ou mesmo Torre de Vigia¹¹⁰, pelo que seria provável a necessidade de uma nova construção por parte da Ordem do Templo, com finalidades próprias e sistemas construtivos únicos. Poderão ter sido reaproveitadas antigas vias ou algumas zonas, adaptadas ao novo Castelo, como nos comprova Salete da Ponte com a descoberta da calçada que passa na Porta da Almedina e segue até aos Antigos Paços. Ainda, para a construção dos seus castelos, e dada a necessidade urgente de tais construções, os Templários reaproveitavam materiais de pré-existências nos locais onde se estabeleciam, como nos comprovam as pedras existentes na base da Torre de Menagem, provenientes da época romana e visigótica (Figura 36). Portanto, não seria de estranhar que a existência de algum tipo de ruína naquele monte fosse pesar na escolha do local para edificação do Castelo, dado o fácil recurso a materiais para a construção do mesmo.

¹⁰⁷ “E a 1 de Março de 1160 inicia-se a construção do terreiro. Não é natural que aí existisse qualquer fortaleza Árabe anterior pois a ser assim tê-la-iam os Templários aproveitado ou mesmo os seus fundamentos para sobre eles edificarem o seu castelo e nunca teriam então tirado sortes sobre qual dos cabeços serviria melhor para a sua implantação conforme nos testemunha o inquérito de 1317 mandado fazer por D. Dinis para averiguar da antiguidade da então vila de Tomar. Por outro lado, no sentido de prova da sua feição de fortaleza cristã, tem o nosso castelo muita semelhança com os construídos pelos templários naquela época na Palestina para a defesa do Santo Sepulcro quando das Cruzadas; e tal como o chamado Krak-dos-Cavaleiros (dos Hospitalários) construído perto de Tripoli apresentava duas cintas muralhadas ameaçadas e uma Porta de Almedina (mais tarde Porta do Sangue) muito semelhantes entre si. (...) E como prova de que o Castelo não existia sob a anterior dominação Árabe é ainda o facto de que pela necessidade imediata da sua construção, para suster os ataques árabes em muitas partes, como se pode observar, construíra-se apenas o muro ameaçado, pelo que à falta de adarve, os defensores teriam que armar escadas e andaimes para rechaçarem as investidas, e só posteriormente se lhe encostou segunda muralha que, essa sim, serve de adarve. Por outro lado foi a fortaleza construída com os restos da antiga povoação Luso-Romana, conforme se pode observar pelas pedras lavradas aí existentes e de que já atrás fizemos referência.” COSTA ROSA, J. I. (1981a). *Nascimento e Evolução Urbana de Tomar até ao Infante D. Henrique*. Em: *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. p. 39-40

¹⁰⁸ Relatado nas inquirições de 1317 pelo D. Dinis, Op. cit. capítulo 1., p. 28.

¹⁰⁹ “Entrou Gualdim Pais no dito Castelo de Ceras, mas ele reconheceu a insuficiência do lugar para nele se fortalecer, de alguma incursão repentina dos maometanos (...) Conservaram unicamente (mas distante de Ceras uma légua), umas arruinadas 4 paredes, que mostram ter sido dum Castrejo... Ao tal Castrejo nomeavam por tradição o *Castelo do Ladrão Gaião*.” ROSA, A. (1940). *ibid.* p.28

¹¹⁰ “É crível que as torres de Santa Maria dos Olivais, de Dangalhão, da Atalaia e de Dornes poderiam estar relacionadas com um certo sistema defensivo, em que a colina onde se situa o Castelo Templário se assumiria como o nó estratégico de vigia e de defesa através da presença de tropas aí destacadas.” PONTE, S. (1993). *Achegas sobre a estrutura urbana de Sellium (Tomar)*. In Separata del Volumen II de las *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología*. p. 449 apud CABRAL DIAS, J. J. (2018). *ibid.* p.51

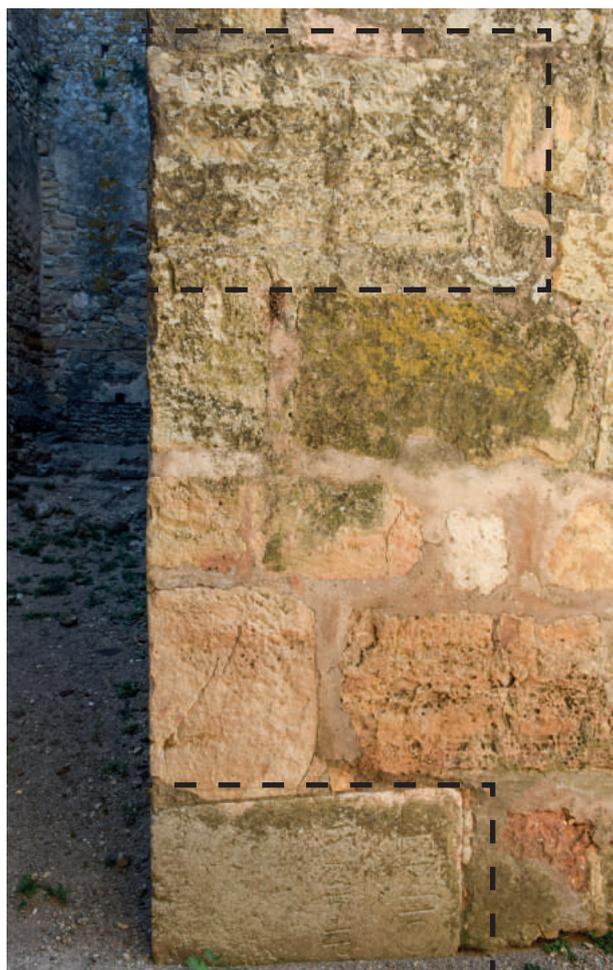


FIGURA 36 Torre de Menagem
Identificação das pedras visigótica (acima)
e romana (abaixo).

Para além das referências anteriores, nada mais se sabe sobre os três montes envolventes em época anterior aos Templários. No entanto, há ainda uma alusão relativa ao monte do Piolhinho, a sul do de Sta. Bárbara, de um período muito mais tardio relativamente ao anteriormente descrito, através da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira:

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA

Há memórias expressivas destes factos calamitosos [referente à dominação muçulmana] já para uma época mais tardia (os séc. XI-XII), mostrando bem a dureza dos recontros anteriores e sua frequência: a batalha de Água das Maias, nos meados do séc. XI, referida junto de Coimbra pelas memórias medievais, mas que deve convir, mais ao sul (até por Coimbra ser já cristã, definitivamente), à região de Tomar, onde há um ribeiro deste nome, tributário do Nabão; e o bélico «infortúnio» sofrido em 1135, já sob o governo de D. Afonso Henriques, pelos cristãos não longe do assento da actual cidade, se não nele mesmo. ¹¹¹

¹¹¹ Grande enciclopédia portuguesa e brasileira. (1978) Vol.31. p.904

Apesar da batalha estar alocada, por alguns autores, a uma localidade próxima de Coimbra, denominada precisamente de Água das Maias, o autor equaciona a possibilidade de tal batalha se ter desencadeado na encosta do Monte do Piolhinho, denominada de Encosta da Água das Maias, o que acaba por estar em conformidade com a situação que esta região passava aquando da disputa territorial entre as forças de D. Afonso Henriques e os Mouros. Tal justificação é igualmente defendida pelo autor que acrescenta não fazer sentido esta batalha ter-se deparado em Coimbra, uma vez que aquela região já apresentava maior estabilidade à sua data.

Na continuação da descrição comprovamos também a presença de cristãos na região de Tomar, ou próximo, em tempos anteriores aos Templários, mencionados na *Chronica Ghotorum* sobre o “*infonúnio sofrido pelos cristãos de Thomar*” em 1135. De facto, devemos considerar a existência de pequenos aglomerados populacionais dispersos na região, tendo em conta o rápido desenvolvimento da vila de Tomar após a chegada dos Templários e o avançado estado do cultivo dos terrenos e herdades na região.¹¹²

Apesar disso, a descrição feita da região à data da doação à Ordem do Templo, não parece ir de encontro a essa realidade:

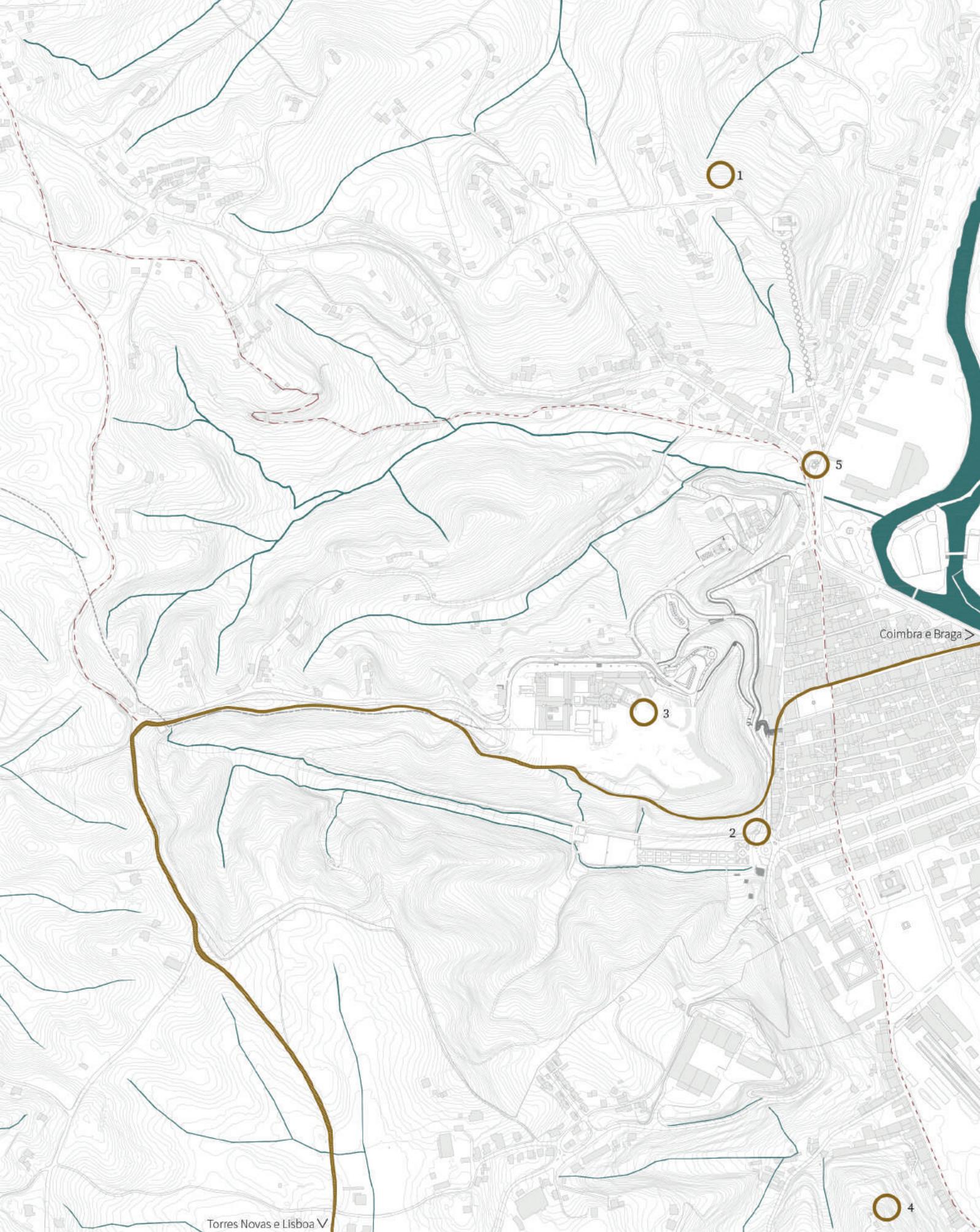
ANNT – TOMBO DOS BENS E DIREITOS DA MESA MESTRAL (1542)

Ao tempo em que esta terra foi dada à Ordem do Templo, estava despovoada e deserta e não havia nela mais do que o Castelo de Ceras do qual não há senão alguma parte dos alicerces (1542) e o lugar onde é ora esta Vila e seu Castelo estava vaga e mata brava, e parece que parte dela era apaúlada com as cheias do rio, por ser esta parte mais baixa do que a de Além do Rio, e o Rio não ter a esse tempo a madre assim funda como ora tem, feita por indústria, se lançava pelos mais baixa do que de Além do Rio, e o Rio não ter a esse tempo a madre houvesse edifícios. Na parte de Além da Ponte, se achavam ainda ao tempo da dita Doação sinais em muita parte de edifícios caídos, especialmente do famoso Mosteiro dos Monjes da Ordem de S. Bento, em cujo próprio lugar os religiosos da dita Ordem do Templo reedificaram a mesma Igreja para sua Bailia, casa e Convento principal da mesma Ordem.¹¹³

Concluimos com a imagem de uma região desprezada e decadente, cuja anterior vida romana e visigótica apenas nos deixara memória nos escassos vestígios materiais e acima de tudo nas cicatrizes impressas na topografia da região, que subtilmente ditaram o posterior desenvolvimento urbano e redesenho da nova cidade de Tomar.

¹¹² “É provável, contudo, a existência de povoação dispersa, que a bem ou a mal tivesse vindo construir o primeiro núcleo de habitantes, a que em breve se juntariam outros (daqueles a quem chamámos a despora moçárabe). (...). O termo povoou-se também rapidamente, como se pode ver por alguns dos bens adquiridos pelos Templários ainda no Século XII, isto é, entre 1160 e 1200, agente que possivelmente já tinha essas terras antes da Doação de Ceras (moçárabes), pois herdades e, sobretudo, olivais, não se fazem e se doam em tão curto prazo de tempo.” ROSA, Amorim (1965). *História de Tomar*. Volume I. p. 47.

¹¹³ Dr. Pedro Álvaro – Tombo dos Bens e Direitos da Mesa Mestral (1542) apud ROSA, A. (1940). *ibid.* p. 24



Legenda:

- 1 Machado de basalto da idade Pré-Histórica
- 2 Possível localização da uma quinta *Theodemari*
- 3 Vestígios de uma calçada, provavelmente muçulmana ou anterior
- 4 Possível local da batalha da Água das Maias
- 5 Possível capela, referenciada em 1159

- Via militar romana
- - - Outras vias



ESCALA 1:7500

Desenho 07/20
 Dos primórdios à fundação da nacionalidade
antes 1160

André Freitas, 2018.
A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.
 Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP.

3.2. Da Ordem do Templo à Ordem de Cristo (séc. XII a XIV)

A fundação de Tomar e as primeiras grandes alterações na paisagem

Tomando como ponto de partida a descrição que nos é dada da região de Tomar pelo tempo da chegada dos Templários, conseguimos afirmar que, apesar da hipotética existência de ruínas ou antigas construções nos morros de Tomar e nas suas planícies, como questionámos acima, foi com a chegada da Ordem do Templo que o território verificou a primeira grande transformação na sua paisagem, com a construção do Castelo no cimo do monte.



Acerca das razões que levaram os Templários a escolher tal morro para edificar o Castelo pouco se sabe. Segundo as inquirições de D. Dinis, foi a partir do lançamento de *sortes por três vezes* entre os três montes – o do Castelo, de Sta. Bárbara e do Piolhinho – que foi escolhido o local para a sua edificação. Contudo, o local apresenta condições topográficas únicas que certamente não foram deixadas de lado ao *sortear* o local. Como podemos ver na planta topográfica, contrariamente ao que acontece nos montes adjacentes – nos quais não se sente tão destacado avanço dos montes sobre os vales – este monte possui um perfil peninsular, criando uma extensão sobre a planície do Nabão la-

FIGURA 37
Morro do Castelo, visto a partir da Várzea Grande em 1952

A pequena dimensão da oliveira permite que o Castelo se destaque no monte, assemelhando-se à possível leitura que se teria à data da sua construção.

deada de dois vales bem definidos. Assim, para além de ser o mais alto e de declive mais acentuado, estrategicamente é o mais bem situado, uma vez que se encontra ladeado de dois vales – norte e sul –, de uma planície – a nascente – e de um estreito canal que liga este morro à restante cadeia montanhosa do qual irrompe.

Também a maneira como o Castelo vê a paisagem e como é visto a grande distância, foram fatores decisivos na escolha do local. A partir do estudo por nós realizado (Anexo II, p.233) é evidente o destaque que este morro ganha na paisagem, até a distâncias superiores a 10 km. De igual modo, o controlo territorial que se tem a partir da Torre de Menagem e da Charola Templária é de tal maneira abrangente que permite uma comunicação eficaz com outros Castelos Templários e pontos estratégicos de controlo do território, como o Castelo de Ourém e de Almourol.

Inicia-se a construção do castelo e da sua cidadela a 1 de Março de 1160.¹¹⁴ Surge assim o primeiro núcleo urbano, inicialmente intramuros dadas as ainda disputas do território por partes dos mouros, como nos chega do cerco de 1190 ao Castelo de Tomar¹¹⁵, que viria a dar origem à cidade de Tomar como hoje é conhecida. A par da construção do Castelo foram ainda tomadas medidas estratégicas de defesa deste complexo, através da retirada da vegetação circundante do Castelo.

¹¹⁴ Conforme nos indica o letreiro em pedra gravada junto dos lanços que sobem para a Charola. Op. cit. p.35

¹¹⁵ Na continuação do letreiro acima indicado, surge a referência ao Cerco de 1190: “Era de 1228 (1190, era de Cristo). Aos 13 dias de Julho veio El-Rei de Marrocos trazendo 400 mil cavaleiros e 500 mil peões e cercou este castelo por seis dias, e destruiu quanto achou fora de muros; e ao Castelo e ao dito mestre com seus soldados livrou Deus de suas mãos. O mesmo Rei voltou para a sua Pátria com inumerável perda de Homens e animais.”



FIGURA 38 Vista da Cidade de Tomar a partir da Alcáçova



FIGURA 39 Vista da Charola na direção norte



FIGURA 40 Vista da torre de Menagem na direção sudeste



FIGURA 41 Vista da Charola na direção oeste

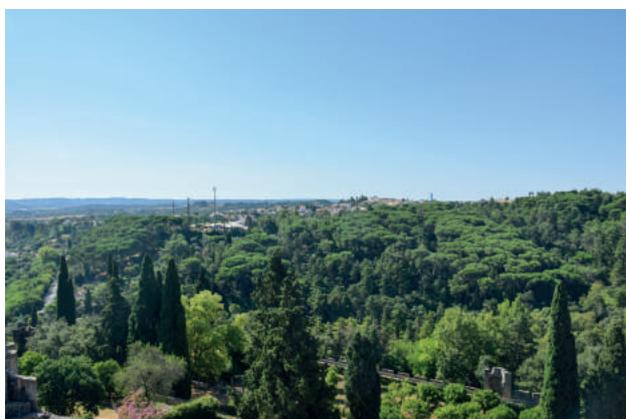
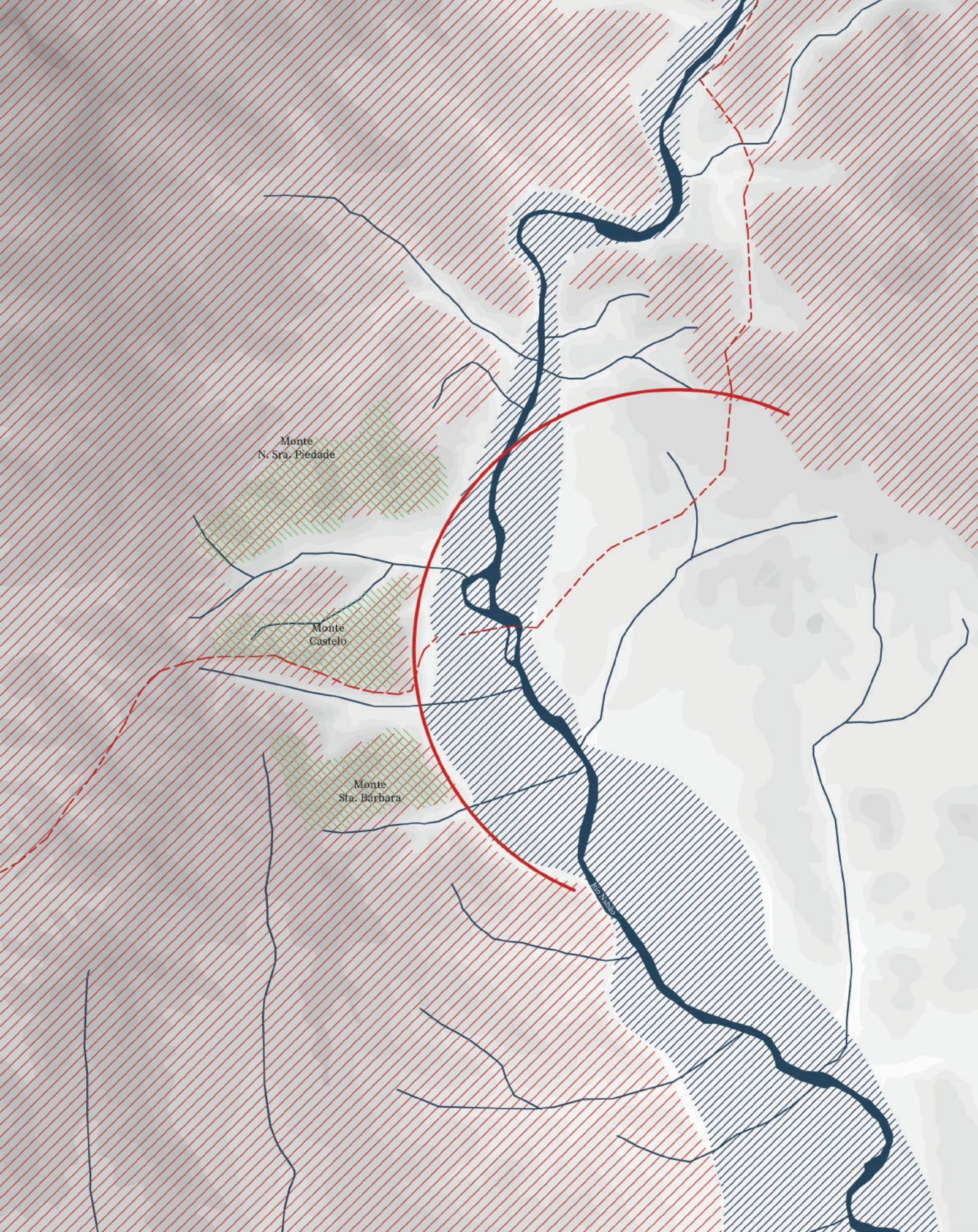


FIGURA 42 Vista da Torre de Menagem na direção sul



Legenda:

- Zona em estudo
- Zona de maior depressão topográfica
- Vale do Nabão - Zona de possível inundação
- Via Romana Olissipo-Bracara
- Linhas de água
- Zona de grande visibilidade e controlo do território



ESCALA 1:20 000

Desenho 08/20
A região de Tomar

André Freitas, 2018.
A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP.



Legenda:

- Linhas de festo
- Linhas de água
- Representação abstrata dos montes



Planta topográfica desenhada com base em Cartas Militares de Portugal - Série M888 - Escala 1:25 000



ESCALA 1:7500

Desenho 09/20
Zona de estudo
Topografia, linhas de festo e linhas de água

André Freitas, 2018.
A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP.

Surge assim uma imagem do monte “*despido do seu coberto vegetal coroado por uma cintura muralhada*”¹¹⁶ que nos aproxima de uma memória existente deste morro até ao século passado (Figura 37).

Desta altura são poucas as notícias que nos chegam com informação visual extramuros, excluindo as doações ocorridas com referência a herdades e habitações existentes. A saída de população de intramuros e a sua fixação no exterior foi praticamente simultâneo à construção do castelo, dado o elevado número de população existente no interior da muralha. As primeiras casas a serem edificadas situavam-se, por norma, junto da muralha – como comprovam documentos do ano de 1200¹¹⁷ – ou nas vias de ligação à mesma, quer por uma questão de segurança, quer por fins comerciais. Surge assim o primeiro arrabalde¹¹⁸, de S. Martinho, situado a poente da Charola Templária e junto da muralha.¹¹⁹ Pouco se sabe sobre a sua fisionomia ou dimensão exata, mas acredita-se ter sido um dos primeiros a surgir. Ainda no seguimento do parágrafo anterior, a localização deste arrabalde vem corroborar a hipótese colocada sobre o caminho da Riba Fria, como via romana existente. A importância desta via colocava o arrabalde num local privilegiado para a sua atividade económica e comercial – excluindo a possibilidade de atividades de foro agrícola, dada a topografia do local onde se encontra. Pelo desconhecimento da existência de uma outra porta de acesso à muralha,¹²⁰ acreditamos que seria a partir do caminho da Riba Fria que este arrabalde se ligava ao interior da Almedina. Seria estranho considerar o seu principal acesso a partir da Porta do Sol, provavelmente destinada a certos grupos que não o povo – como os Freires, Cavaleiros da Ordem, ou membros da alta nobreza –, o que não exclui a possibilidade de ligação do arrabalde a esta Porta pela encosta a norte da muralha. É interessante confrontar esta hipótese com a colocada por José Cabral Dias, que a contrapõe ao escrever:

JOSÉ CABRAL DIAS

(...) que os arrabaldes se implantem de acordo com as necessidades da actividade, ou seja, na proximidade das vias de trânsito, dos campos e dos rios ou da costa. Em Tomar, a localização no morro [do Arrabalde de S. Martinho] – privilegiando-o – deverá dever-se a uma inversão das prioridades, num período ainda bastante instável, que, quando ultrapassado – posteriormente, em época de pacificação territorial e quando processada a expansão física para a Vila de Baixo – e quando ultrapassado esse período instável, afirmávamos, terá aberto lugar a que, gradualmente, este arrabalde haja perdido relevância.¹²¹

Com base no mesmo arrabalde, José Júlio acredita ter-se desenvolvido à margem da regra dos arrabaldes, sem nenhuma via relevante a passar por ele e com o acesso ao Castelo através da Porta do Sol, pelo flanco norte. Acreditamos que esta oposição nos discursos se deva à consideração de

¹¹⁶ BARBOSA, A. J. (2003). *Sete Montes de Tomar. Recuperação da Cerca do Convento de Cristo*. p.21.

¹¹⁷ “Era de MCCXXXVIIJ (1200) D. Justo doou à Ordem de Templo 7 casas que tinha junto ao Castelo de Tomar, pegadas à muralha.” ANTT – Livro dos Mestrados – Chanc. de D. Manuel apud ROSA, A. (1940). *ibid.* pg.65

¹¹⁸ Arrabalde é um lugar ou localidade que fica nas proximidades de uma povoação.

¹¹⁹ “(...) os habitantes da Cerca, ainda cedo se terá relevado insuficiente para albergar a cada vez mais alargada população. Em consequência disso, e seguindo os típicos processos de evolução urbana, surge um primeiro arrabalde – o arrabalde de S. Martinho –, colocando-se à secção poente do recinto muralhado.” CABRAL DIAS, J. J. (2018). *ibid.* p.72

¹²⁰ A par da Porta da Almedina, de Santiago e do Sol, Lacerda Machado, com a recriação da muralha do Castelo no seu livro *O Castelo dos Templários: Origem da Cidade de Tomar* (1936), coloca a hipótese da existência da Porta da Traição, que ligaria a zona Nobre, junto à Charola, ao exterior, para junto do local onde seria o arrabalde. No entanto, não nos foi possível encontrar referência a tal porta, pelo que não a consideraremos nesta análise.

¹²¹ Cf. CABRAL DIAS, J. J. (2018). *A Evolução Urbana de Tomar: De Sellium a Carlos Ramos*. p.84

diferentes vias de acesso a Tomar, tendo este autor por base uma via que acreditamos ter ganho protagonismo posteriormente – a Estrada Pública à cota baixa. A rede de circulação viária fora o resultado de alterações e mudanças em função do que, em cada momento e por cada povo, fora achado mais pertinente, oscilando estes percursos entre vias que foram abandonadas e mais tarde retomadas ou substituídas por novas estradas, fruto de estratégias de ocupação do território.

Devemos, porém, ter em consideração o período temporal no qual se desenvolveu este arrabalde e o posterior ajuntamento do Pé da Costa e da Ribeira¹²², já no sopé nascente do monte e junto do rio, respetivamente – a partir dos quais se virá a desenvolver a Vila de Baixo –, que em nada deve ser ao acaso a relação entre estes dois percursos viários. Contemporâneo ao arrabalde de S. Martinho foram feitas doações no restante termo de Tomar, incluindo na zona da Vila de Baixo, levando ao aparecimento dos primeiros arruamentos e pistas do que viria a ser esta urbe. Acompanhando o percurso existente da Riba Fria e Corredoura, surge o ajuntamento do Pé da Costa, criado a salvo das inundações e ainda muito agarrado ao sopé do monte, protegido pelo Castelo.¹²³ Considerado por alguns autores como um estabelecimento à margem dos restantes¹²⁴, no seguimento do ponto defendido acima sobre a importância do caminho da Riba Fria enquanto via principal acreditamos tratar-se precisamente do contrário, tendo surgido este aglomerado no seguimento desta via que contornava o monte, ganhando forma segundo a topografia do mesmo.

As primeiras ruas e linhas da Vila de Baixo começam a definir-se ainda antes da invasão de mouros em 1190¹²⁵. Em 1174 é feita referência ao Chão do Pombal, local onde foi feita a leitura do segundo foral de Tomar, e em 1178, surge a primeira referência à Rua de S. João, considerando assim a existência de habitações e da capela que lhe atribuiu o nome.¹²⁶ A descida da população para as planícies da margem direita do Nabão terá sido, possivelmente, uma justificação para a alteração na circulação destas vias, começando a dar-se maior prioridade à *Estrada Pública* e posterior *Estrada Velha*, desvalorizando a via que pelo Arrabalde de S. Martinho passava. Como nos chega através de Amorim Rosa, em a *História de Tomar*, esta via acompanhava o leito do rio Nabão e posteriormente do rio Tejo, ao contrário da outra que passava por Torres Novas e Paialvo e, devido ao instável leito do Rio que inundava a passagem aí existente, era apenas acessível no Verão.¹²⁷

¹²² “A Vila de Baixo teve origem, recorde-se, a partir de dois polos espacialmente separados: um localizado no sopé do Monte do Castelo; o outro implantado junto do rio – o Pé de Costa e a Ribeira respectivamente.” CABRAL DIAS, J. J. (2018). *ibid.* p.86

¹²³ Não podemos considerar este ajuntamento como um aglomerado à margem do restante desenvolvimento urbano – assim considerado por alguns autores – uma vez que acreditamos surgir no seguimento do caminho da Riba Fria, espelhando o desenho da topografia do monte.

¹²⁴ “Pese embora a génese da Vila de Baixo no Pé da Costa, nada permite concluir que – enquanto arrabalde-rua – este se tivesse implantado ao longo de qualquer via preexistente (...) Por este facto defendemos – afigurando-se como hipótese mais credível – que o Pé de Costa se tenha estabelecido à margem e em “observação” – a partir de local a salvo de cheias – fora, portanto da via de trânsito que passava na planície.” CABRAL DIAS, J. J. (2018). *ibid.* p.88

¹²⁵ “No dizer de Pedr’Álvares, e apesar dos estragos causados pelas hostes de Yacub Almansor, em 1204 o Castelo e a Vila podiam dar-se por concluídos, embora o Bairro da Várzea Pequena estivesse então apenas delineado. ROSA, A. (1965). *História de Tomar*. Volume I. p. 47

¹²⁶ “Em 1178, D. Tomaz legou à Ordem do Templo a sua herdade das Vessadas, e casas na Rua de S. João.” ROSA, A. (1965). *História de Tomar*. Volume I. p. 47. Para mais informações sobre o desenvolvimento da Vila de Baixo cf. CABRAL DIAS, J. J. (2018). *ibid.* p.86-105

¹²⁷ “Tinha assim, junto ao Rio, uma cota muito inferior à que hoje tem, e estava por isso sujeita às inundações do Nabão, tornando-se intransitável durante o inverno.” ROSA, Amorim (1965). *ibid.* p. 161

Com o fim da Reconquista Cristã em meados do século XIII e conseqüente sentimento de paz, este núcleo ganha força.¹²⁸ Num documento relativo a 1314¹²⁹, chega-nos referência de moradores em alguns dos arruamentos da Vila de Baixo, sendo assim possível perceber o panorama à data. Desse documento comprovamos a existência de casas numa calçada, possivelmente de Santiago, e ainda próximas da porta do Castelo, a qual consideramos ser a da Almedina.

A par das vias e referências à existência de casas fora das muralhas e arrabaldes, pouco mais detemos de informação relativa a este período. Edifícios religiosos são apenas referidos os pré-existentes na margem esquerda do rio, pela ocupação visigótica – capela de Sta. Iria e S. Pedro Fins – e ainda a Igreja de Sta. Maria de Tomar, erguida sobre o anterior Convento Beneditino, como bailia da Ordem do Templo. No lado direito do rio, sabe-se da existência de Sta. Maria do Castelo, situada no interior da muralha e paroquial da Vila de Tomar¹³⁰, e de outras capelas na cota baixa, que surgiram com o desenvolvimento dos arrabaldes e arruamentos, como é o caso da capela de São João, no local onde agora se ergue a Igreja destinada ao mesmo santo. Mas para o propósito, apenas nos interessa referir uma eventual capela situada junto de um dos montes envolventes da cidade, possibilidade que advém da seguinte descrição:

ANTT – TOMBO DA IGREJA DE SANTA MARIA

A mão direita de S. Gregório Bispo Nazianzeno que o povo considera seu padroeiro, diz-se que foi para aqui trazida pelo Mestre Gualdim Pais. Estava numa coluna de pedra em que assentava o altar-mor, antes das obras de D. João III.¹³¹

Esta intrigante descrição, proveniente de 1159, leva-nos a considerar a existência de uma capela, dada a referência a um altar-mor. Não nos é descrito qual o seu nome ou forma, mas considerando a atual capela de S. Gregório, situada no sopé do monte da N. Sra. da Piedade e da qual nos chegam escassos dados relativos à sua construção e origem, podemos supor tratar-se da mesma. Ademais do nome desta capela ter vindo da relíquia aí colocada, é de denotar a sua forma e dimensão muito idêntica à da Ermida de Sta. Catarina de Monsaraz, referida acima, do séc. XII e de origem Templária. Apesar da referência a obras posteriores por parte de D. João III, nas quais foi construída a atual capela no séc. XVI, podemos considerar ter sido edificada sobre uma anterior pré-existência,

¹²⁸ “Em Tomar, como nos exemplos citados [Ourém e Monsaraz], a “perda de sentido” do núcleo alcandorado, determinada com a pacificação subsequente ao fim da Reconquista, privilegia o abandono dos núcleos urbanos originais – criados com fins exclusivamente bélico-defensivos – em favor de outros de localização mais favorável às actividades produtivas e funcionais.” CABRAL DIAS, J. J. (2018). *ibid.* p.76

¹²⁹ Cf. ANTT – L.º dos Mestrados de Cristo – Chanc. de D. Manuel apud ROSA, A. (1940). *ibid.* pg.176

¹³⁰ “A Paroquial de Santa Maria do Castelo foi feita em 1226 (1188).” ANTT – Convento de Tomar – M.º34 apud ROSA, A. (1940). *ibid.* p.54. Atualmente não existem praticamente vestígios desta igreja no local. No entanto, é possível determinar a sua localização através de um levantamento desenhado do 3º piso do convento do final do século XIX. Cf. BENTO, M. T. (2014). *Convento de Cristo – 1420/1521 – Mais do que um século.* p. 85-95

¹³¹ ANTT – Tombo da Igreja de Santa Maria. apud ROSA, A. (1940). *ibid.* p.29.



FIGURA 43 Capela de S. Gregório.

eventualmente com a mesma forma e dimensão. Com isto, e à semelhança do autor José Couto Ferreira¹³², consideramos como única a capela de D. Gualdim Pais e a atual (Figura 43).

Sobre o monte de Sta. Bárbara, apenas possuímos uma referência à sua encosta norte – parte dos *Sete Montes e Sete Vales*, futura Cerca Conventual e atual Mata dos Sete Montes – em 1327, no reinado de D. Dinis e no seguimento da passagem dos bens da Ordem do Templo para a nova Ordem de Cristo. Nesta, o 3º Mestre da Ordem, D. Martim Gonçalves Leitão passa ao Comendador do Paúl, os Olivais de *Sete Montes e Sete Vales*.¹³³

Um outro tema que surge inevitavelmente ligado à paisagem é a produção agrícola vigente à época. Através de algumas descrições, mais frequentes a partir do século XIV e XV¹³⁴, conseguimos desenhar um panorama local onde a oliveira é imagem predominante na paisagem.¹³⁵ Exemplo disso é a descrição acima mencionada do olival dos *Sete Montes e Sete Vales* em 1327 e ainda referências anteriores do termo de Tomar, do ano de 1178.¹³⁶ A cultura da oliveira em Portugal já provém do tempo dos romanos, tendo ganho maior desenvolvimento no período da Reconquista.

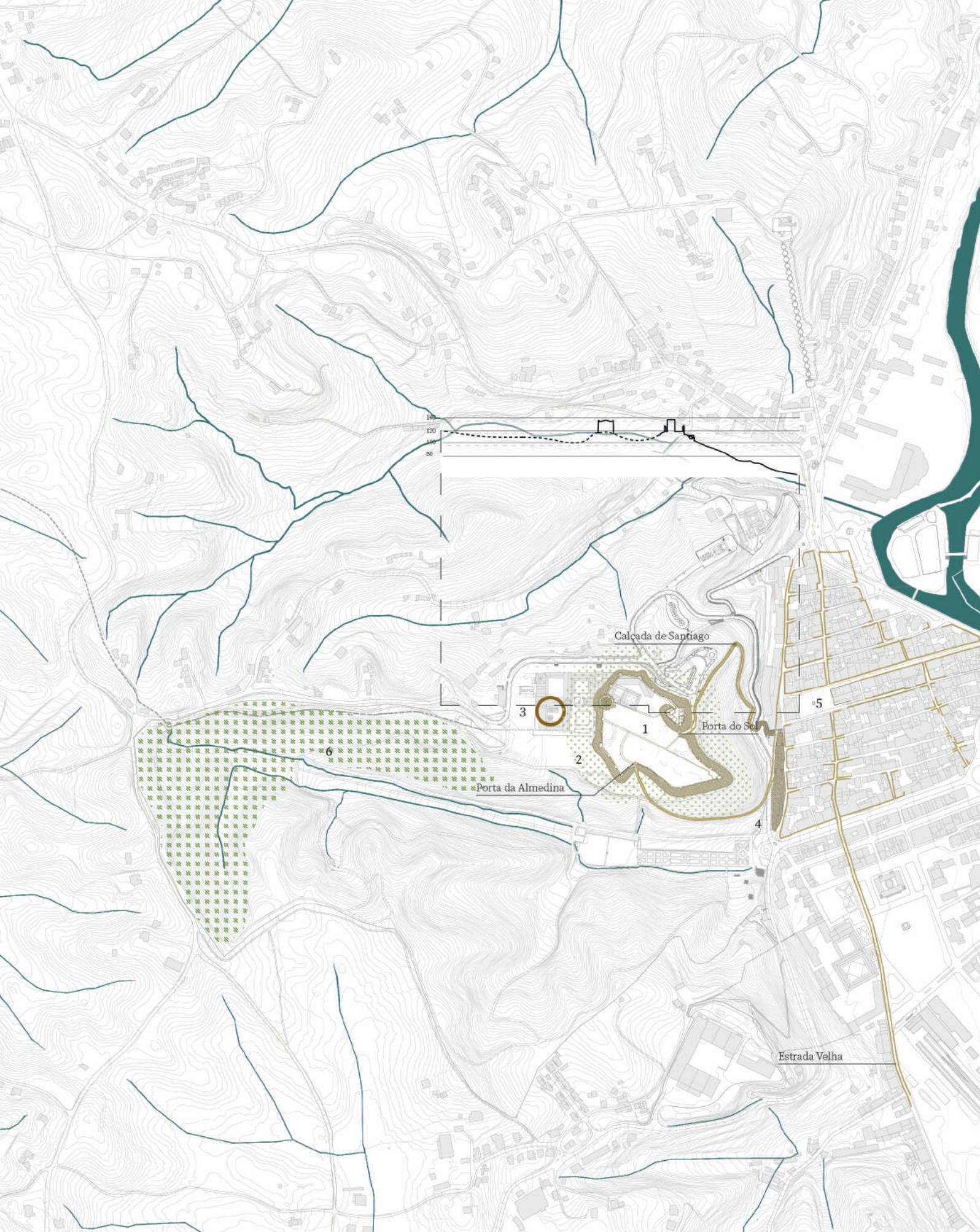
¹³² “Ainda na Vila mandou construir a capela de S. Gregório onde o singelo pórtico manuelino de ombreiras de corda e molduras com rosetas decorativas atesta a época deste rei que tanto amava Tomar. É natural que tivesse existido aí uma capela anterior do tempo de D. Gualdim Pais que de regresso da cruzada ao Santo Sepulcro trouxe para Tomar um braço de S. Gregório Nazianzeno e o pequeno templo serviria para abrigar tal relíquia. O templo apresenta, como a Charola Templária o parentesco da sua secção poligonal, extremamente cara aos construtores Templários, rematada por cúpula esférica, própria das construções do Oriente.” FERREIRA, J. J. C. (1991). *Tomar – Perspectivas*. p.81

¹³³ “(...) Os olivais de Maria Vasques, os de *Sete Montes e Sete Vales*, o *olival das Cardas*, a vinha e o olival do Cerzedo.” ANTT, “Rol dos bens que passaram à Ordem de Cristo – Vicariato de Tomar”, Livro II das Escrituras. apud ROSA, A. (1940). *ibid.* p.228.

¹³⁴ “Tem sido assinalada por diversos autores a dificuldade de encontrar na documentação o rasto das terras de exploração directa, que, muitas vezes, se conhecem apenas a partir de referências indirectas. (...) Na verdade, os registos mais detalhados de que dispomos são do final do século XV ou do início do século XVI...” CONDE, M. S. A. (2000). *Uma Paisagem Humanizada: O Médio Tejo nos finais da Idade Média*. Volume I. p. 171

¹³⁵ “Junto a Tomar, vila cujo patrono era Santa Maria do Olival, os povoamentos de oliveiras eram omnipresentes. Encontravam-se junto ao próprio perímetro da Cerca e nas imediações da mesma, ou disputando com as hortas e pomares os solos férteis da Várzea Pequena e espaços vizinhos. Desdobravam-se, depois, em todas as direcções, de ambos os lados do rio.” CONDE, M. S. A. (2000). *ibid.* p. 204

¹³⁶ Nesse mesmo ano [1178], em Maio, D. Martinho Formarigo, Comendador de Pombal, comprou no termo de Tomar um olival chamado Olival do Pombal” ANTT – Livro II das Escrituras apud ROSA, A. (1965). *ibid.* p.47



Legenda:

- 1 Castelo Templário | Início da construção em 1160
- 2 Vegetação retirada em volta da muralha
- 3 Arrabalde de S. Martinho
- 4 Arrabalde do Pé da Costa
- 5 Vila de Baixo | Ainda no séc. XII começam a ficar definidos os primeiros arruamentos
- 6 Sete Montes e Sete Vales | Referência ao olival em 1327

ESCALA 1:7500



Desenho 10/20
Da Ordem do Templo à Ordem de Cristo
1160 a 1385

André Freitas, 2018.
A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP.

3.3. De D. João I ao Infante D. Henrique em Tomar (séc. XIV a XV)

Do surgimento do Convento de Cristo ao desenvolvimento da Vila de Baixo

Logo no início do Reinado de D. João I, chega-nos a notícia da edificação da capela de N. Sra. do Monte – assim denominada antes de Ermida de N. Sra. da Piedade – em 1387, através do Tombo das Igrejas:

ANTT – TOMBO DAS IGREJAS

“A Igreja da Capela de N. Sra. do Monte, como então se chamava, que fica num outeiro¹³⁷ que está directamente da banda norte desta Vila, de que dista 3 tiros de besta [aprox. 100 metros], pouco mais ou menos, foi fundada, edificada e dotada por Martim Vás Vilela...”¹³⁸

Até então, podemos supor que nada mais existiria neste monte, a norte do Convento, senão olivais e outeiros, dando-se a partir desta construção uma importante alteração na paisagem envolvente da Vila de Tomar. Anterior à atual escadaria que une este local à cota baixa, apenas construída no século XIX, o seu acesso era feito a partir de uma íngreme calçada.¹³⁹

De corpo único e com altar-mor saliente e abobadado, a capela possui três portais, o principal a poente e os restantes dois a norte e sul, onde possui igualmente duas pequenas capelas. A capela sofreu alterações no século XVI e XVII, mas pela descrição de Pedro Álvares¹⁴⁰ em meados desse século, e desconhecendo intervenções entre esta data e a construção da mesma, pode-se dizer que a capela aparenta ainda hoje parte da sua forma original (Figura 44). Da sua envolvente e do restante monte, são por diversas vezes referidos olivais que a esta capela pertenciam. Caso disto é o Tombo dos Bens desta capela, de 1474, no qual é possível situar alguns caminhos e o olival neste monte, entre o Vale Pereiro, a capela de S. Gregório e o então acesso àquela capela¹⁴¹ (Figura 45).

O morro do Castelo pouca alteração sofreu neste período. Iniciada a descida da população para a cota baixa ainda em finais do século XII, como vimos no capítulo anterior, a Vila de Baixo começa a ganhar forma, com o surgimento de constantes arruamentos e a afirmação da fisionomia desta nova urbe já durante as presenças anteriores ao Infante D. Henrique como administrador da Ordem de Cristo, consolidando-se nesta altura (Figura 46). Das habitações que foram surgindo nos séculos anteriores e que serão posteriormente mencionadas no século XVI, podemos considerar que muitas tenham sido construídas no decorrer deste século, nas Calçadas de Santiago, do Convento e no caminho da Riba Fria, enquanto vias de principal ligação entre ambas as urbes. Para além disto,

¹³⁷ Pequena elevação de terra, monte ou colina. Cf. MACHADO, J. P. [et al.] (1991). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Volume IV. p. 471

¹³⁸ “A Igreja da capela de Nossa Senhora do Monte, como então se chamava, que fica num outeiro que está directamente da banda norte desta Vila, de que dista 3 tiros de besta [aprox. 100 metros], pouco mais ou menos, foi fundada, edificada e dotada por Martim Vás Vilela, Alcaide do Castelo de Óbidos, vassalo, guerreiro e grande amigo de D. João I, que, querendo-lhe fazer graça e mercê, pelo muito serviço que dele recebera, isentou de direitos 15 casais que este Senhor tinha dotado à dita capela, nas Vilas de Tomar e de Torres Novas e seus termos. A Carta de D. João é datada do Porto, aos 17 de Novembro de 1387.” ANTT – Tombo das Igrejas apud ROSA, A. (1965). *ibid.* p. 75

¹³⁹ “(...) e construção da escadaria de acesso, com 292 degraus, substituindo uma íngreme calçada (...)” Informação retirada do SIPA no website: <http://www.monumentos.pt/>, consultado em 5 de abril de 2018.

¹⁴⁰ Cf. ROSA, A. (1965). *ibid.* p. 75

¹⁴¹ “O olival e terra de pão e cerrada que foi vinha, que está de arredor de Santa Maria da Monte que pertence à dita Ermida e parte com o caminho que vai para a dita Igreja e com terra de João Preto, da Várzea Pequena. O caminho cerca a Igreja de poente a sul. Foi feito em 1474 por D. Frei Pero de Abreu, Vigário de Tomar. No mesmo Ano, se aforou o olival do Entroncadoiro [situado na zona Além Rio, entre a estrada de Coimbra e o caminho público que vai para as Avessadas], deixado pelos 2 criados.” ANTT – Tombo dos Bens de Nossa Senhora do Monte apud ROSA, A. (1965). *ibid.* p. 42



FIGURA 44 Ermida de N. Sra. da Piedade
Antigamente denominada de N. Sra. do Monte, esta capela foi intervencionada posteriormente, tendo sido acrescentado ao volume original todas as dependências envoltas da nave principal.

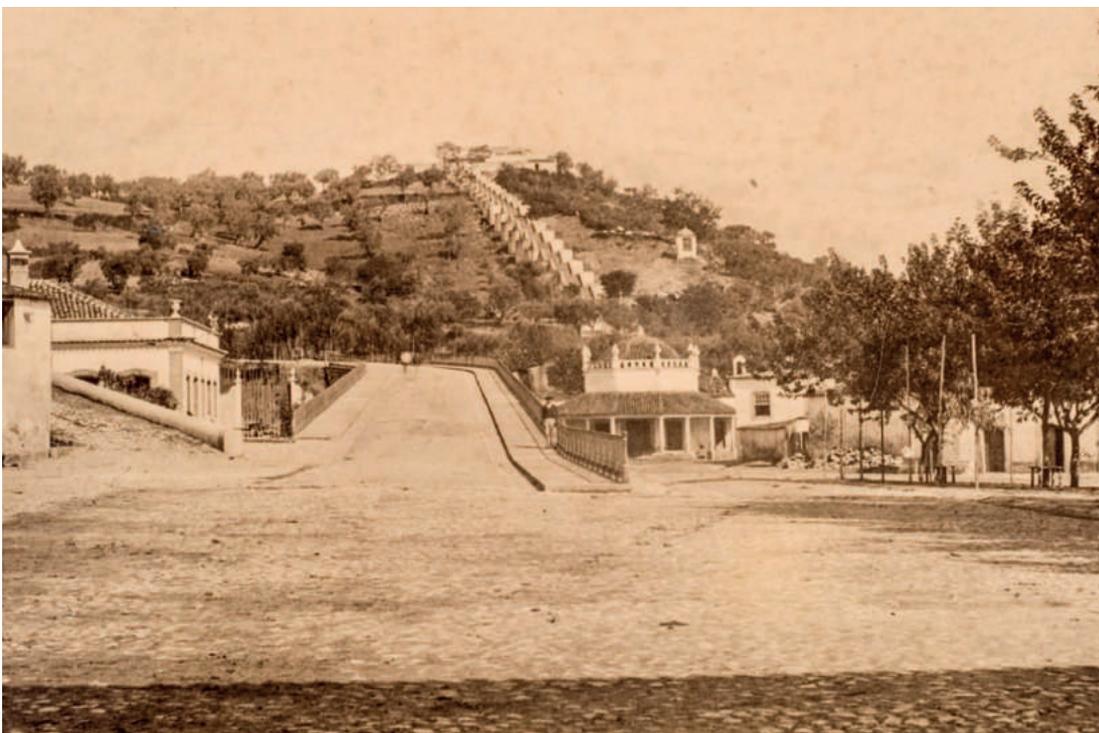


FIGURA 45 Monte de N. Sra. da Piedade
Imagem de finais do séc. XIX, onde ainda são visíveis olivais em torno da Capela, e um monte limpo de edificações.

as transformações consideráveis ocorreram no interior da muralha, com a construção dos Paços do Infante e dos claustros, entre outras obras, como já exposto anteriormente.

Através de uma descrição de Tomar no verão de 1438, aquando da morte do Rei D. Duarte, é mencionada pela primeira vez a Calçada do Convento, que parte de junto da Várzea Pequena e encontra o Convento à direita da Porta do Sol, e ainda a Calçada de S. Gregório, substituída posteriormente pela Estrada de Leiria. Desta descrição ficamos com uma ideia do percurso que seria utilizado para a ligação ao Mosteiro da Batalha, que seguia a direção de Leiria, bem como do estado abrupto e acidentado destas calçadas.¹⁴²

Do lado sul deste monte, no Vale da *Riba Fria*, surge pela primeira vez a alusão a este nome, num registo da Ordem de 1439, e uma variante na designação dos *Sete Montes e Sete Vales*, como anteriormente nos chegara em 1327, para *Sete Vales e Sete Fontes*:

ARCHIVIO SEGRETO VATICANO. REGESTUM LATERANENSE. CÓD. 367

“O Papa Eugénio IV ordena ao Abade de Alcobaça que indague sobre a liceidade e conveniência do emprazamento dos imóveis ditos Sete Vales e Sete Fontes (Septem Valles et Septem Fontes (sic)) no Vale da Riba Fria, da Comenda do Paul, Tomar...”¹⁴³

Ainda anterior a esta referência, em 1407, encontramos uma alusão a um local denominado de Vale do Forcado que nos despertou algum interesse. Isto porque, é adquirido que o monte de Sta. Bárbara, a sul desde vale, fora anteriormente conhecido como Monte da Forca, por lá existir a forca de Tomar, num documento de 1540, referido à frente. Desconhecemos a data a partir da qual assim se conhece este monte. No entanto, tomando como exemplo tal prática em Portugal na Idade Média, podemos considerar a sua existência em tal data. Ainda, a frase em questão descreve um olival no Vale do Forcado que *pega com o Olival de Sta. Maria do Castelo*¹⁴⁴, o qual deduzimos ser próximo do monte do Castelo. Neste sentido, questionámos se poderia ser um vale a sul do monte de Sta. Bárbara num dos vales que deriva para sul do lugar dos Sete Montes. No entanto, não possuímos indícios suficientes que nos permitem afirmar tratar-se de um mesmo local. Ademais, para além do vale em questão já se denominar lugar dos *Sete Montes e Sete Vales*, a semelhança fonética entre as palavras forca e forcado, que inicialmente nos despertaram semelhanças, não possuem qualquer relação toponímica na sua origem.

Contudo, acreditamos que o monte de Sta. Bárbara por esta data já seja detentor da forca de Tomar, prática que traz consigo algumas considerações relevantes que podemos retirar. A sua localização no cimo do monte era fruto da vontade de demonstrar respeito e medo perante a lei, a fim de tornar bem visível este ato penal. Para que tal assim o fosse, atentamos a considerar que este monte já era então despido de vegetação, pelo menos em certa parte. Além disso, à semelhança dos outros montes em estudo, é através de descrições que comprovamos a existência de olivais neste local, já na data de 1392:

¹⁴² “(...) El-Rei foi metido numa tumba [1438] e, ao cair da noite, pelas abruptas calçadas do Convento e de S. Gregório seguia, em triste cortejo, caminho ao Mosteiro da Batalha.” ROSA, A. (1964). Tomar no Verão de 1438 in Anais da União de Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo. Volume IV. p.100

¹⁴³ Archivio Segreto Vaticano. Regestum Lateranense. Cód. 367 apud ROSA, A. (1940). *ibid.* p. 425-426

¹⁴⁴ “Em 2 de Agosto de 1407, Afonso Vaz deixou um Olival ao Vale do Forcado que pega com o Olival de Santa Maria do Castelo” ANTT – Tombo de Santa Maria do Olival apud ROSA, A. (1940). *ibid.* p. 296

ANTT – TOMBO DE SANTA MARIA DO OLIVAL

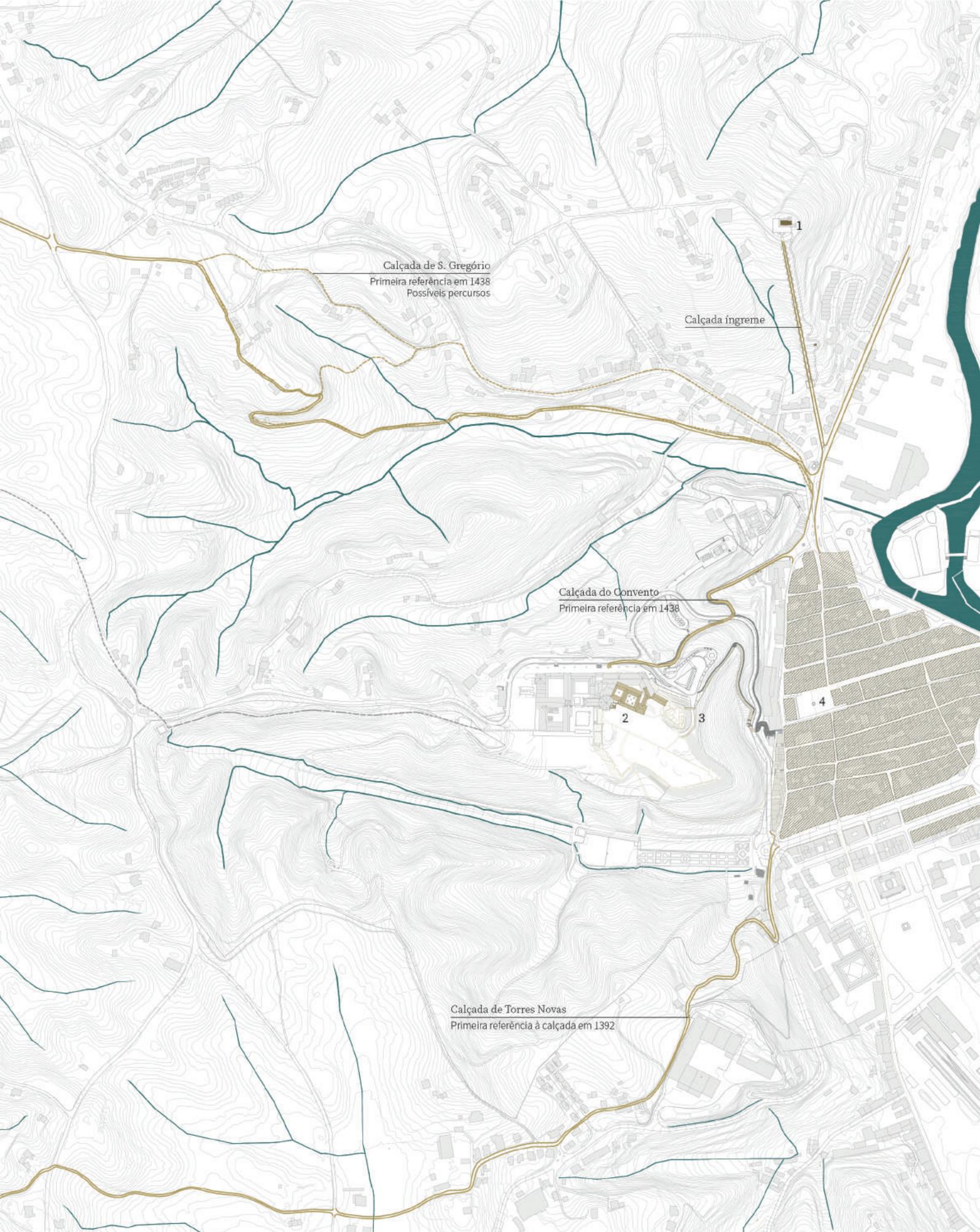
Em 1 de julho de 1430 (1392), Maria Francisca legou à Confraria dos Clérigos de Tomar, a casa na Rua de Gil Vicente, metade do olival ao cimo da Calçada que vai para Torres Novas e 6 olivais que estavam no Ribeiro dos Gafos, por detrás de Sta. Maria.¹⁴⁵

Na descrição, apesar de não ser claro, é mencionado o monte de Sta. Bárbara através da referência à Calçada de Torres Novas que subia o mesmo junto do muro da Cerca Conventual – construção posterior à elaboração da mesma – num local por nós proposto nos desenhos elaborados. Esta calçada, mais à frente será designada de Calçada de N. Sra. dos Anjos, nome que herda da capela posteriormente construída no cimo da mesma. Apesar de tratar-se do mesmo local, defendemos que a forca e o olival aqui mencionado não se encontram no mesmo local do monte – sendo a forca situada na sua face nascente e o olival na sua face poente – por razões que serão expostas nos subcapítulos seguintes.



FIGURA 46 Vila de Baixo
Vista a partir da Alcáçova. Destaque para a Rua da Corredoura, eixo principal que se estende até à ponte romana

¹⁴⁵ ANTT – Tombo de Santa Maria do Olival apud ROSA, A. (1940). *ibid.* p. 282



Calçada de S. Gregório
Primeira referência em 1438
Possíveis percursos

Calçada íngreme

Calçada do Convento
Primeira referência em 1438

Calçada de Torres Novas
Primeira referência à calçada em 1392

Legenda:

- 1 Capela de N. Sra. do Monte | Primeira referência em 1387
- 2 Obras Henriquinas no Convento | Primeira metade do séc. XV
- 3 Porta de Santiago | Primeira metade do séc. XV
- 4 Vila de Baixo | Pelo séc. XIV já se encontrava praticamente consolidada e definida



ESCALA 1:7500

Desenho 11/20

De D. João I ao Infante D. Henrique em Tomar
1385 a 1495

André Freitas, 2018.

A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP.

3.4. Reinado de D. Manuel I (finais séc. XV ao 1º quartel do séc. XVI)

O início da expansão extramuros do Convento

Nos últimos anos do século XV, com a ascensão de D. Manuel I ao poder, deram-se desde logo medidas fraturantes na Vila de Tomar, a começar por intervenções intramuros. Como vimos no segundo capítulo, foram realizadas importantes intervenções de melhoramento dos aposentos reais. Através do Tombo dos Bens do Convento, datam de 1497 alterações na configuração do Terreiro de acesso à Igreja Templária, nas quais é novamente mencionado o Arrabalde de S. Martinho¹⁴⁶, confirmando a sua localização a poente desta. Desta campanha de obras, destacamos o surgimento da escadaria no Terreiro da Vila, e da abertura de vãos com vista para o Arrabalde, os que comprovamos pela primeira gravura que nos chega, datando de 1509¹⁴⁷ (Figura 47).



FIGURA 47 Iluminura do Convento de Cristo, de 1509.

Ainda nesta gravura, do pouco que nos é possível perceber além muralhas – e tendo em conta a imprecisão do desenho e a sua recriação pitoresca da realidade – conseguimos detetar, através do enquadramento da imagem, a topografia característica da zona: do lado esquerdo do Anjo parte dos Sete Montes e Sete Vales; e do lado direito o monte que se eleva a poente do Arrabalde de S. Marti-

¹⁴⁶ Op. Cit. "...; fez os tabuleiros na lateira e descende desta Igreja para a Cerca, com seus degraus em um outro, com a qual obra deu muito mais graça a esta Igreja (...) outras duas [janelas grandes de grades] mandou fazer no segundo tabuleiro do mesmo teor, na parede do muro contra Poente, sobre o Arrabalde de S. Martinho ..." ANTT – Tombo dos Bens do Convento apud ROSA, A. (1965). *História de Tomar*. Volume II. p. 89

¹⁴⁷ Iluminura da portada do Livro IV da Estremadura da *Leitura Nova*, datando de 1509.



FIGURA 48 Vista do Convento a partir da Pedreira
Localidade da Pedreira a cerca de 4 Km a norte do Convento de Cristo.



FIGURA 49 Vista a partir da Rua do Casal Magano
Predominância da Oliveira na região, visível em muitos terrenos baldios

nho. É de destacar a diferença entre a vegetação que apresentam ambos os montes, gesto que deverá ser intencional, sendo um dos montes bastante coberto de vegetação, da esquerda, e o outro praticamente despido, da direita. De igual modo, a gravura dá-nos bastantes indícios da vida intramuros e da densidade habitacional existente na Almedina e na Alcáçova, tema analisado com maior detalhe por José Júlio Cabral Dias e Maria Travassos Bento.¹⁴⁸

Dois anos depois destas intervenções, em 1499, mandou o Rei expropriar todos os moradores leigos da Cerca, numa vontade de clausurar este Convento e proceder a uma segunda Reforma da Ordem de Cristo, até então Ordem Religiosa/Militar aberta. Foram assim compradas *todas as casas e quintais e chãos que estavam dentro da Cerca desta Vila*,¹⁴⁹ e mandou fazer casas do mesmo valor no Arrabalde de S. Martinho. Os acessos ao Castelo foram igualmente condicionados, pelo entaipamento da Porta da Almedina e fecho da Porta do Sol.¹⁵⁰ O caminho da Riba Fria perde assim um dos seus principais propósitos, de conectar a Vila de Baixo à Vila de Cima – que deixara de existir a partir deste momento – e a Calçada de Santiago e a do Convento ganham relevância afirmada como acessos privilegiados ao Convento.

Em 1510, dá-se nova transformação importante na paisagem a poente deste morro: a construção da Nave Manuelina que rompe pela primeira vez o pano de muralha e se projeta para o seu exterior sobre o Arrabalde de S. Martinho. Este edifício dá novo destaque ao complexo pela grandiosidade da sua escala, sendo visível a grande distância do local (ver Anexo II, p.233, e Figura 48). No tempo da sua construção, toda esta fachada possuía uma grande importância na receção oeste do Convento, não só pela sua exuberância, mas pela dimensão, pretendida a fim de ser chamativa a grande distância. Apesar de não o ser possível fazer atualmente, podemos imaginar o alcance visual do território a partir desta janela, delineado pela cumeeira do monte onde pertence a via que Torres Novas e Leiria ligava, ainda utilizada na altura.

No restante decorrer deste reinado, apesar das grandes intervenções intramuros e na Vila de Baixo, não nos é permitido especular muito acerca da envolvente do Castelo. Do seu lado norte, é mencionado pela primeira vez, em 1499, o Vale Pereiro, numa doação *de umas casas e quintal e umas oliveiras, que estão no Vale dos Pereiros e as Almuinhas*.¹⁵¹ Há novamente a notícia dos olivais no Monte da Piedade, acima deste, referido aquando das suas doações, em 1521¹⁵² e mais tarde em 1524¹⁵³ e 1546¹⁵⁴, já no reinado de D. João III, que são testemunhas da mancha arbórea daquele monte. No decorrer deste século torna-se constante a referência a doações e propriedades de cerradas e olivais

¹⁴⁸ Cf. CABRAL DIAS, J. J. (2018). *A Evolução Urbana de Tomar: De Sellium a Carlos Ramos*. e BENTO, M. T. (2014). *Convento de Cristo – 1420/1521 – Mais do que um século*.

¹⁴⁹ “Em 1499 mandou o Rei D. Manuel comprar todas as casa e quintais e chãos que estavam dentro da Cerca desta Vila, em que entravam algumas que já eram da Ordem anexas e algumas Comendas, e mandou que da dita Cerca se saíssem todos os moradores leigos, e deu-as ao D.Prior, bem como as chaves de Cerca, para daí em diante se fecharem da mão do D.Prior e ser clausura do dito Convento ...” ROSA, Amorim (1965). *ibid.* p. 102. E ainda “As casas dos moradores da Cerca da Vila, que hão de ir viver fora, lhe mandar fazer outras em S.Martinho, que sejam daquela mesma valia.”

¹⁵⁰ “Dizer a Rui de Gois, Recebedor do Mestrado, que vos entregue a chave da Porta do Sol, e de Almedina para vos fechardes, e terdes como vos temos mandado. Lisboa, 9 de Março de 1499. A Porta da Almedina (do Sangue) a mandou cerrar a pedra e cal.” ANTT – Tombo dos Bens do Convento apud ROSA, Amorim (1965). *ibid.* p. 102

¹⁵¹ ANTT – Tombo de Santa Maria do Olival apud *ibid.* p. 105.

¹⁵² “Em 9 de Fevereiro de 1521, Maria Lopes, filha de Brás Pires, deixou aos clérigos de Santa Maria do Olival 1 olival que tinha em Santa Maria do Monte. ANTT – Tombo de Santa Maria do Olival apud ROSA, Amorim (1965). *ibid.* p.180.

¹⁵³ “Cerrada de Olival na ladeira de Nossa Senhora do Monte, da banda da Vila; parte a leste com o caminho da Vila para a Igreja de Nossa Senhora do Monte.” ANTT – Tombo de Santa Maria do Olival apud ROSA, Amorim (1965). *ibid.* p. 201.

¹⁵⁴ “Uma Cerrada de Olival com a sua terra e um cerrado pequeno de horta dentro dela, que está através de Santa Maria do Monte, contra poente, onde chamam Atalaia, (casais da) e entesta com o Ribeiro; foro de 11 de Outubro de 1546. ANTT – Tombo de Santa Maria do Olival apud ROSA, Amorim (1965). *ibid.* p. 295.



FIGURA 50 Bairro de N. Sra. dos Anjos e FAI
Local próximo do possível local onde se encontrava a capela.



FIGURA 51 Início da Estrada de Paialvo
Local onde começaria a Calçada de Torres Novas, mais tarde conhecida como Calçada de N. Sra. dos Anjos.

em todos os montes e terras envolventes à Vila de Tomar. À semelhança deste monte, também em Sta. Bárbara¹⁵⁵ e no Piolhinho¹⁵⁶, montes a sul do Castelo, a oliveira tem uma importância no desenho da paisagem, cuja existência confirmamos através de documentos e dos vestígios desta árvore que ainda hoje se encontra entre as matas, habitações e terrenos baldios na zona de Tomar (Figura 49).

Ainda no monte de Sta. Bárbara, surgem a partir deste século as referências a uma capela de que hoje já não há vestígios: capela de N. Sra. dos Anjos. Não encontramos alusão à data da sua construção, mas acreditamos datar-se do século XV, após a doação de um olival à Ordem de Cristo em 1392¹⁵⁷, da qual era proprietária. É referida pela primeira vez num documento em 1510 sobre a criação da Misericórdia de Tomar, da qual passa a fazer parte.¹⁵⁸ A sua localização é desconhecida e deverá ser considerada, a fim de não desencadear confusões, a existência de uma outra capela neste monte – a qual dedicaremos atenção no sub-capítulo que se segue –, posterior a esta, e que, através de descrições mais detalhadas, nos possibilita localizar com maior precisão. Um excerto da *Notícia descritiva e histórica da cidade de Thomar* é bastante elucidativo relativamente à sua localização e arquitectura:

JOÃO MARIA DE SOUSA

“Das estradas districtaes, a de Payalvo, Leiria, Pintado e Barquinha: a primeira começa na rua da Graça, vae á estação dos caminhos de ferro e d’ahi a Torres Novas seguindo depois por Pernes até Santarém. Esta estrada inutilizou a antiga Calçada da Senhora dos Anjos, que partia do mesmo ponto esúbia costeando o muro da cerca do Convento e cujo nome lhe provinha de uma antiga capella da mesma invocação, que existia ao cimo d’aquella ingreme ladeira, esta capella que pertencia aos Freires de Christo, tinha alpendres de boa architectura assentes sobre columnas de pedra, casas para se recolherem os romeiros e para residência do ermitão, hoje já d’ella nem restam vestigios.¹⁵⁹”

Defendemos que a sua localização seja do lado noroeste do monte de Sta. Bárbara, uma vez que é descrita como sendo situada no cimo da calçada íngreme, que termina precisamente no local onde hoje se ergue a FAI – Feira Agrícola e Industrial, construída no séc. XX (Figura 50).

Para além disto, é nessa zona que atualmente se encontram diversos olivais, e que é identificada como N. Sra. da Graça nos mapas antigos e atuais. No excerto há ainda indícios sobre a sua arquitetura, que apesar de pouco detalhado, nos pode contextualizar temporalmente sobre a data da sua construção ou intervenção – considerando, à semelhança de outras capelas na zona como S.

¹⁵⁵ Ano de 1520: “O Dom Prior tinha anexa à sua dignidade a Comenda do Sonegado, composta por: (...) 5. A Cerrada do Olival de Santa Maria dos Anjos.” ANTT – Tombo dos Bens e Rendas do Convento. apud. ROSA, Amorim (1966). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos*. Volume II. p. 172

¹⁵⁶ Ano de 1510: “...; entre outras coisas que vendeu e lhe foram vendidas em paga, fora um Cerrada de Olival e terras de pão que está no termo da dita Vila de Tomar onde chamam o Piolhinho; ...” ANTT – Livro 13 da Estremadura – Chancelaria de D. Manuel; E ainda “ Maio de 1542. Um olival ao Piolhinho que era de Antão de Figueiredo do Ribeiro do Cerzedo” ANTT – L.º de Registo e Doações das Ordens do Templo e de Cristo deste 1190; apud ROSA, Amorim (1966). *ibid.* p. 138 e 276, respetivamente.

¹⁵⁷ ANTT – Tombo de Santa Maria do Olival apud ROSA, A. (1940). *ibid.* p. 282. Op. cit. sub-capítulo 3.3. *De D. João I ao Infante D. Henrique em Tomar (Século XIV a XV)*, p. 95.

¹⁵⁸ “Ao tempo que foi instituída a Confraria da Misericórdia nesta Vila de Tomar, no Ano de 1510, POR EL-REI DOM MANUEL, seu bisavô que está em glória, lhe anexou três Confrarias: a da Senhora dos Anjos, a da Santa Cruz e a da Gafaria; e por ser cousa pouca e estar na mór *estrada do Reino* [Rua Pública da cidade, que passava atravessava a Vila da Várzea Grande à Várzea Pequena], lhe anexou também o Hospital de Nossa Senhora da Graça [designação que deu origem ao nome da Rua da Graça]” Arquivo da Santa Casa da Misericórdia – Liv.º 71 dos Privilégios da Irmandade apud ROSA, Amorim (1966). *ibid.* p.351-357.

¹⁵⁹ SOUSA, João Maria de (1903). *Notícia descritiva e histórica da cidade de Thomar*. p. 15

Gregório (ver Figura 43, p. 90) e N. Sra. da Piedade (ver Figura 44, p. 94), o alpendre como sendo uma das obras no reinado de D. João III.

A menção à calçada de N. Sra. dos Anjos, que ligaria a Vila ao monte, não nos é novidade, uma vez que defendemos ser a mesma Calçada que a anteriormente mencionada Calçada de Torres Novas, que a partir de então deixa de assim ser referida, dando lugar a esta nova designação. Partindo do cimo da Rua da Graça, onde hoje parte a Estrada de Paialvo, esta calçada subia o monte numa íngreme ladeira, contornando as posteriores cercas do Convento de Cristo e do Convento de S. Francisco – intervenções posteriores (Figura 51). Continuando este percurso no cimo do monte, acreditamos que esta via por lá continuasse em direção a Torres Novas – através de uma descrição do mesmo século, simultânea à criação da Cerca Conventual, descrita no próximo sub-capítulo –, por um carreiro de que hoje ainda há vestígio como estrada secundária de acesso a habitações (Figura 52).



FIGURA 52 Percurso no Monte de Sta. Bárbara
Possível vestígio da Calçada ou zona próxima onde passaria a mesma.



Legenda:

- 1 Vale do Pereiro | Referência a oliveiras em 1499
- 2 Vila de Cima | Expropriação dos muradores e entalpaamento da porta em 1499
- 3 Obras Manuelinas
- 4 Possíveis locais da Capela de N. Sra. dos Anjos | Referência em 1510
- 5 Monte do Piolhinho | Referência a oliveiras em 1510
- 6 Monte de Sta. Bárbara | Referência a oliveiras em 1520
- 7 Monte de N. Sra. da Piedade | Referência a oliveiras em 1521

ESCALA 1:7500



Desenho 12/20
Reinado de D. Manuel I
1495 a 1521

André Freitas, 2018.
A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP.

3.5. Reinado de D. João III (1º quartel do séc. XVI ao 2º)

O Convento de Cristo como agente transformador da paisagem

O Reinado de D. João III estreou-se logo com uma das maiores reformas que a Ordem do Templo assistiu. Reafirmando o trabalho iniciado pelo seu antecessor, a Ordem passa a ser de total clausura seguindo-se uma enorme campanha de obras para a construção do Convento de Cristo e da criação da Cerca Conventual no local dos Sete Monte e Sete Vales, a fim de satisfazer estes novos estatutos e exigências da Ordem.¹⁶⁰

Se o Castelo foi construído tendo em conta a topografia existente – originando panos de muralha com a irregularidade que apresentam – e a Vila de Baixo num local praticamente plano, a construção do Convento levou a uma alteração substancial da topografia do terreno deste monte. Apesar da sensibilidade de João de Castilho na adaptação dos claustros à topografia do terreno, através da sua colocação a diferentes cotas, terá havido a necessidade de terraplenar grande parte do local e de criar muros de suporte, sendo considerada por nós como a maior alteração na paisagem à data. A par da conceção espacial e arquitectónica do complexo e da articulação interna dos seus espaços, o Convento conta ainda com uma imensa vastidão de território que se pode considerar como uma continuação dos seus espaços interiores. E o enquadramento da paisagem a partir dos seus vãos e o particular cuidado no desenho de alguns deles – o melhor exemplo é a idealização de toda a fachada poente da nave manuelina – prova que tal não foi alheio aquando da sua construção. Surgiram novos espaços com funções adequadas às regras impostas aos frades da Ordem, em locais anteriormente pertencentes à envolvente do Convento e que passaram a integrar o complexo. O desenvolvimento destes locais decorreu de um grande processo de compra de propriedades, descrito num documento de 1529:

ANTT – TOMBO DOS BENS E RENDAS DO CONVENTO

Comprou todo o *Lugar de S. Martinho* e assi todas as casas que nele tinha João de Castilho, Mestre das Obras do Convento, com todas as cerradas¹⁶¹, terras¹⁶² e chãos¹⁶³ que o dito João de Castilho tinha ao redor, e assi pessoas que o todo se include ora no cerco das obras novas e no da *Riba Fria*, com muitas outras heranças que dentro do cerco da *Riba Fria* foram havidos por Frei António. E houve o dito Frei António para o dito Convento todas as propriedades de olivais e terras de pão, cerradas, matos, montes e vales que se incluem no *Cerco da Riba Fria* que está a conjunto da banda Sul à Cerca do dito Convento, o qual está todo cercado de parede de pedra e cal com altura de 1 1/2 braças [aprox. 3,3 metros], e começa da banda Norte do dito Convento (cerca) e vai correndo por esta banda do Norte ao longo da estrada que vai para *Ourém* e para *Torres Novas* até *Cruz de S. Martinho*, onde se aparta o caminho de *Torres Novas* do de *Ourém*, e daí volve contra o Sul partindo logo com o dito *caminho que vai para Torres Novas*, e vai seguindo até vir dar na *Calçada* que vai da *Vila para Sta. Maria dos Anjos* e para *Torres Novas*, e daí desce ao longo da dita calçada e desce ao *Ribeiro* que vem da *Riba Fria* e passa além por trás das casas dos moradores da Vila, que são as *Olarias*, que vai cerrar com o cerco ao redor e fica dentro dela a propriedade de *Sete Montes e Vales*, que já dantes era da Ordem e pertencia à *Comenda de Cem Soldos*. Para isto fez muitas trocas de propriedades da Ordem com os seus donos, para assi ficar tudo pegado.¹⁶⁴

¹⁶⁰ Cf. sub-capítulo 2.2. *Convento de Cristo (1420 – 1834)*, p. 45-55.

¹⁶¹ Cerrada designa cerrado grande, que tanto se atribui a um local encerrado, vedado ou fechado, como a um local agricultado, arborizado, com horto, jardins ou quintal murado. Cf. MACHADO, J. P. [et al.] (1991). Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Volume II, p. 70



FIGURA 53 Cerca Conventual
Vista a partir Rua do Casal do Magano.



FIGURA 54 Cerca Conventual
Vista a partir Rua do Casal do Magano.

Esta descrição tem extrema importância na recriação de alguns percursos e caminhos utilizados na altura, como a calçada de N. Sra. dos Anjos, hoje inexistente, e não tanto na definição da Cerca Conventual, uma vez que esta se manteve intacta até aos dias de hoje e os seus limites são ainda muralhados e visíveis. Além da destruição de todo o Arrabalde de S. Martinho pelo Convento, a construção desta cerca murada nos Sete Montes e Sete Vales levou a que o acesso poente à Vila deixara de poder ser realizado pelo caminho da Riba Fria e de outros que por lá passavam, reafirmando com certeza a via que passa a norte do Convento e que desemboca na Calçada do Convento e de Santiago. Para além destes, os caminhos antigamente utilizados nas cumeeiras dos montes que ficaram dentro dos limites cercados tiveram necessariamente de ser replicados, ou no interior ou no exterior da cerca, como é atualmente visível a partir de imagens aéreas. Esta cerca, a primeira conhecida na zona em estudo, apresentava uma altura aproximada de 3,3 metros (aprox. 15 palmos), medida que ia variando ligeiramente e que deveria ser bastante impactante na paisagem. Uma outra particularidade aqui descrita é a referência ao cercado como de *parede de pedra e cal*, que nos leva a questionar se a cerca seria caiada a toda a sua extensão, dado que atualmente não acontece, sendo a cerca de pedra na sua maioria (Figuras 53 e 54).

Este novo local, denominado de Cerca Conventual pretendia ser não só um local de retiro e lazer para os freires da Ordem, mas também um local para produção agrícola e sustento do Convento. Assim, a organização deste local repartia-se entre espaços de mata de carvalhal, nas encostas sul, os olivais e as vinhas, nas encostas norte, e as hortas, nas zonas chãs dos valados.¹⁶⁵

Estes locais eram alimentados por um sistema de ribeiros e fontes projetados aquando da construção da Cerca. Era alimentada por duas fontes naturais existentes – uma proveniente do interior da cerca do Castelo que passava debaixo da Porta da Almedina (Figura 55); a outra no flanco sudoeste, que provinha de uma pequena gruta situada junto da Charolinha (Figura 56). Para além destas, eram ainda articulados outros cursos de água, como o da cisterna do Claustro dos Corvos que, após abastecer a Horta dos Frades, seguia para a Cerca Conventual, e o da Cadeira d'El Rei, proveniente do posterior Aqueduto dos Pegões. Todos eles eram congregados nos tanques dispostos ao longo da Cerca, inicialmente nos dois existentes junto à Horta (Figuras 58 e 59) e no da Charolinha, e depois também no Tanque da Cadeira d'El Rei.

Para além da sua função de irrigação agrícola, estes percursos de água serviam também para refrescar zonas de retiro, como é o caso da Charolinha (Figura 57). Esta construção é um pequeno templo circular rodeado por um tanque, abastecido pela nascente adjacente, sendo um dispositivo de lazer destinado ao repouso e retiro dos frades. Apesar de não ser claro o autor desta obra, o seu gosto renascentista que remete para algumas das obras joaninas do Convento pode indicar como seu autor João de Castilho ou Diogo de Torralva.

De igual modo foram pensados percursos e caminhos da mata, respeitantes a diferentes propósitos. É ainda evidente nos percursos atuais a existência de dois anéis: um na periferia e outro no interior da Cerca. O percurso maior, desenvolve-se na sua maioria, ao longo do muro da cerca, na cumeeira dos montes, para depois passar junto do Convento e Castelo, infletindo no extremo norte da cerca em direção à sua entrada, ao cimo da Rua da Graça. O percurso menor, parte desse mesmo

¹⁶² Domínio, fazenda, herdade ou propriedade. Cf. MACHADO, J. P. [et al.] (1991). *ibid.* Volume VI. p. 288

¹⁶³ Pequena terra ou propriedade arborizada e regadia. Cf. MACHADO, J. P. [et al.] (1991). *ibid.* Volume II. p.82

¹⁶⁴ ANTT – Tombo dos Bens e Rendas do Convento apud ROSA, Amorim (1966). *ibid.* p.215.

¹⁶⁵ Cf. BARBOSA, Álvaro José (2003). *Sete Montes de Tomar. Recuperação da Cerca do Convento de Cristo.*



FIGURA 55 Nascente da Gruta
Encontra-se acima dos dois tanques no vale,
seguindo a sua água para os mesmos



FIGURA 56 Nascente junto da Charolinha
A sua água vai para o tanque da charolinha,
seguindo depois para os tanques no vale



FIGURA 57 Charolinha
Local de retiro na Cerca Conventual, atual Mata dos Sete Montes



FIGURA 58 Tanque grande



FIGURA 59 Tanque pequeno



FIGURA 60 Ermida de N. Sra. da Conceição
Vista a partir Estrada de Leiria. Comparação de cotas entre o Castelo, à direita,
a Ermida, no centro, e o Convento da Anunciada, à esquerda.



FIGURA 61 Ermida de N. Sra. da Conceição
Vista a partir Estrada de Leiria.

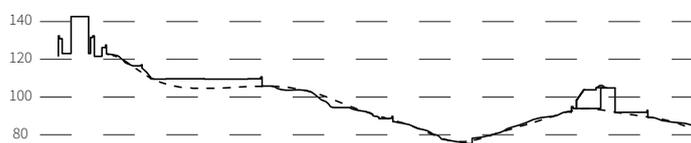


FIGURA 62 Corte entre a Torre de Menagem
e a Ermida
Escala 1:4000

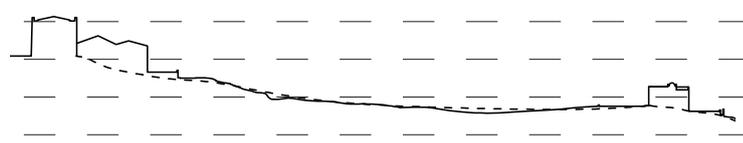


FIGURA 63 Corte entre a Charola Templária
e a Ermida
Escala 1:4000

ponto, desenvolvendo-se à cota baixa junto do chã da valada e das hortas, passando pelos pontos de água – os dois tanques junto das hortas e na Charolinha.

Com todos estes elementos pensados e coetâneos de um único projeto, com um propósito claro e um cuidado na intervenção e desenho deste espaço, pode-se considerar a conceção desta Cerca como um primeiro projeto paisagístico para a envolvente do Convento de Cristo.

Ainda neste mesmo monte, na encosta virada para a Vila que acompanha a subida da Calçada do Convento, ergue-se a Ermida de N. Sra. da Conceição. Esta capela, construída entre 1535 e 1573, cuja autoria é atribuída ao arquiteto João de Castilho como a sua última obra, foi reflexo do pleno renascimento em Portugal.¹⁶⁶ Dado o falecimento deste arquitecto, o edifício foi terminado por Diogo de Torralva e por Filippo Terzi, à semelhança do Claustro de D. João III do Convento de Cristo. Apesar do propósito desta capela ser desconhecido, é apontada por alguns autores como sendo destinada ao túmulo do Rei D. João III. Contudo, a obra não foi concluída até à data do seu falecimento.¹⁶⁷

Assim, construída numa extensão do monte do Castelo que se prolonga até junto da Várzea Pequena e apesar de se situar a uma cota inferior à do Castelo – 94 metros de altitude, cerca de 25 metros inferior relativamente à Torre de Menagem – esta capela apresenta na paisagem uma localização privilegiada através da disputa de cotas, dialogando consigo no cenário que se volta para a Vila de Baixo, competindo em presença (Figura 60 a 63). A somar a isto, a sua ligeira rotação volumétrica, que a coloca a eixo com a linha de fecho do monte, dá-lhe maior visibilidade lateral, evidenciando a sua presença aquando vista da cidade. De planta longitudinal, em cruz latina e três naves, esta forma é apenas perceptível no seu interior, sendo do exterior um volume único e compacto, distinguindo-se apenas o transepto de cruzeiro abobadado e a capela-mor. Este último está inserido numa volumetria de torreão que se distingue do restante corpo longitudinal pelo seu remate murado e militar – semelhante às ameias de uma muralha – e pelo seu diferente aparelho de pedra quando comparado com o do restante edifício, assemelhando-se à Torre de Menagem.

Esta configuração de uma arquitectura singular leva a que esta capela aparente uma maior dimensão na paisagem por parecer erguer-se do solo, ganhando altura através da torre. Tal sensação foi posteriormente atenuada pelas intervenções decorrentes dos séculos XIX e XX na envolvente da Ermida, através da construção de um embasamento que mudou o modo como esta se apresenta no monte, sobre as quais nos iremos debruçar em capítulos posteriores (Figura 61). Contudo, é indubitável a importância que esta Ermida tem no desenho da linha de horizonte da cidade e na construção da sua paisagem, tendo sido o primeiro elemento edificado construído na envolvente próxima do Castelo.

¹⁶⁶ PIRES COELHO, M. C. (1987). *A Igreja da Conceição e o Claustro de D. João III do Convento de Cristo de Tomar*. A autora faz uma análise arquitectónica do edifício, uma exposição das suas fontes e referências e expõe hipóteses relativas à sua autoria e propósito. De entre estas destacamos o excerto da Ordem de Cristo, Conventos Diversos, por ela citado: “Fez mais a ermida da Conceição que se vê da Hospedaria e Enfermaria deste convento, obra para se ver e notar em tão pouco espaço e tão perfeita que os arquitectos não têm que notar se não o não estar acabado por lhe faltar o tempo, que este é ladrão de imperfeições e desgostos como também das perfeições e gostos mas na vida uma e outra cousa acaba.” ANTT – Ordem de Cristo, Conventos Diversos apud ibid.

¹⁶⁷ “Sua decisão induz-se pela negativa: excluir-se do panteão de Belém significava o desígnio, senão já tomado medidas concretas, no sentido de erigir outro para si. Pois bem: *tudo indica que foi precisamente com esse fim que se fundou em Tomar a capela de Nossa Senhora da Conceição*. (...) Situada no exterior da cerca conventual (e lembremo-nos de que pela reforma de 1529 a ordem passara a ser de rigorosa clausura, o que tornava pelo menos pouco funcional a construção de uma capela para uso da comunidade em tais circunstâncias...), a meio-caminho entre a área religiosa e o espaço civil da vila, ela é ao mesmo tempo pequena acrópole...” Cf. MOREIRA, R. (1981). *A ermida de Nossa Senhora da Conceição, Mausoleu de D. João III?*. Em: Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar. Nº 1. p.93-100.

Ainda no decorrer da construção desta Ermida, umas das muitas aquisições de Frei António Moniz de Lisboa foi um terreno a nordeste desta, em 1546. Denominado de Horta do Valente – por ser propriedade de um Senhor chamado António Valente¹⁶⁸ – este local prolongava-se até ao vale e foi posteriormente adquirido em parte pelos Frades Capuchinhos do Convento da Anunciada Velha, para lá erguerem seu novo Convento:

TOMBO DOS BENS E RENDAS DO CONVENTO

“Dom António de Lisboa comprou a Horta do Valente, por meio da qual passa o Ribeiro da Eira, que do Sul entesta com o Rossio da Várzea Pequena, e de norte e leste com o caminho e estrada pública que vão para Leiria e Ourém, e para as heranças da Pedreira [estrada do Prado], e do poente entesta com a cerrada da Ordem. Tem várias moradias. Ali mandou Frei António fazer duas azenhas de moer pão, que já acabaram, por moer pouco tempo e poucos anos por não moer senão nos meses muito invernosos. Pegava com a Várzea Pequena. Aforadas a António e Margarida Gonçalves em 9 de Julho de 1546.”¹⁶⁹

Nesta descrição conseguimos perceber a grandiosidade de tal terreno e os seus limites, bem como a presença de habitações e de duas azenhas, mandadas construir por Frei António – poderão ser os dois edifícios situados junto do Convento da Anunciada Nova, atualmente em ruínas? Dá também indicações de uma ribeira que por esta horta passa, o Ribeiro da Eira, agora denominado como Ribeiro de S. Gregório. Indica ainda que a norte e nascente é ladeado com o caminho para a Pedreira, através da Estrada do Prado, e pela Estrada Pública que vai para Leiria e Ourém. Será esta a calçada de S. Gregório, existente nas imediações?

Esta calçada foi mencionada pela primeira vez em 1438, referenciada acima como *caminho ao Mosteiro da Batalha*¹⁷⁰ e em 1559, poucos anos depois da descrição anterior, consta ladear a cerca do Convento da Anunciada Nova, edificada ainda neste século neste mesmo terreno. Apesar das constantes alusões à sua localização e direção, torna-se difícil afirmar com certeza a sua localização exata. Sabemos que esta calçada seguia caminho em direção a Leiria e Ourém e ainda que foi substituída pela Estrada de Leiria – construção posterior da qual nos chega esta descrição:

ROMUALDO MELA

Substituiu a antiga estrada real que partia junto da Capela de S. Gregório e era, até certa distância, pavimentada de grossas pedras mal talhadas, seguindo encostada ao muro da cerca do Convento de Santo António dos Capuchos (Anunciada). A calçada de S. Gregório ou dos capuchos construída pelo povo e de difícil subida, recebeu importantes melhoramentos com obras de aterro, no final do século passado. (...) ¹⁷¹

¹⁶⁸ Existe uma sepultura na capela de São Gregório, com o nome inserido de um homem chamado Valente e da sua mulher. Partilhando da opinião de Amorim Rosa (1965) acreditamos ser o mesmo António Valente que deu o nome à *Horta do Valente*: “Nele há uma sepultura, com os seguintes dizeres: “S.^a DAT^o VAL.TE E DE SVA MOLHER E SEVS HERDR IÑSTITUIDOR DESTA CÔFRA 1159”. Deve tratar-se, talvez, do homem que deu o nome à Horta do Valente – hoje Quinta da Anunciada – e que foi, pelos modos, o instituidor da Confraria de S. Gregório e talvez desse terreno da sua Horta para erigir a capela.” ROSA, A. (1965). *ibid.* p.113

¹⁶⁹ Cf. ANTT – Tombo dos Bens e Rendas do Convento apud ROSA, A. (1966). *ibid.* p.295

¹⁷⁰ ROSA, A. (1964). *Tomar no Verão de 1438* in Anais da União de Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo. Volume IV. p.100. op. cit. sub-capítulo 3.3. *De D. João I ao Infante D. Henrique em Tomar (séc. XIV a XV)*. p. 95.

¹⁷¹ Cf. MELA, R. (1982). *Ruas de Tomar e sua toponímia* in *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Volume 4. p.143.

Nada nos diz que esta substituição tenha sido física ou apenas funcional, tendo perdido a calçada a função primitiva que tinha para a nova Estrada de Leiria. No entanto, sempre foi referida como partindo junto da capela de S. Gregório, da qual herdou o nome. Tendo por base estas informações poderíamos considerar três possíveis hipóteses. A primeira seria a mais óbvia, considerando a via no mesmo local que a Estrada de Leiria — pelo menos até certo ponto, visto a zona entre as Barreiras e Carregueiros ser impossível de transitar na altura devido à topografia; a segunda hipótese poderia ser a calçada íngreme que levava à Igreja de N. Sra. do Monte, a partir da qual o restante percurso se faria na cumeeira do monte; por último, consideremos uma via que seguia pelo Vale Pereiro subindo gradualmente até encontrar o restante troço de estrada no cimo do monte — mencionada mais à frente e cujo início é atualmente inexistente dado o aterro feito atrás da capela de S. Gregório para suporte da Estrada de Leiria.

Contudo, uma referência de 1822 acaba por confundir e, inevitavelmente, excluir algumas possibilidades. Na mesma, é sugerido que a calçada acompanha em parte a cerca do Convento da Anunciada e que se encontra numa cota inferior a este:

AMORIM ROSA

Em 20 de Março [1822] dizem os Almotacés Dr. José Xavier da Silveira e Feliciano Tomé da Silva que achando-se esta Calçada em princípio de ruína, vê-se ser impossível o conserto por causa da água que corre da Cerca dos Religiosos de Santo António (Anunciada) proveniente duma lameira que eles têm na terra superior ao caminho. E porque este se não pode enxugar apesar das diligências praticadas pelos ditos religiosos, são necessárias medidas só próprias das atribuições do Senado Camarário tomadas em acto de vistoria.¹⁷²

Com tal afirmação, e considerando o nosso entendimento correto, teremos novamente de ponderar três possíveis vias. Atentando que a cerca se manteve intacta na sua dimensão e que os seus limites são os atuais — daquilo que é possível depreender ainda —, a calçada teria de passar obrigatoriamente junto ao monte do Convento, podendo passar do seu lado norte, no atual local onde agora se faz o acesso à Quinta, ou do seu lado nascente sul, não restando outra hipótese senão considerar a Calçada de S. Gregório e a do Convento como uma única via — o que não nos parece ser a resolução mais acertada. Outra possibilidade será a de considerar uma anterior cerca, de maiores dimensões e que fora alterada aquando da abertura da Estrada de Leiria. Esta hipótese pode ser justificada com a descrição da Horta do Valente, que engloba uma área superior à da cerca do Convento, se equacionarmos a doação total desta horta para a construção do mesmo e não apenas de uma parte. Para além do mais, é perceptível numa planta de Tomar que data de 1928 uma linha a cercar o Convento da Anunciada Nova, precisamente pelo local que defendemos ser a cerca primitiva (Figuras 64 e 65). Assim, a via poderia passar no local por nós proposto, ligeiramente abaixo da Estrada de Leiria, uma vez que se encontraria ladeada pela cerca e a uma cota semelhante.

De todas estas hipóteses, a última é a que mais consistência tem no seu desenho em relação às referências que a apoiam. No entanto, nenhuma das possibilidades está completamente clara no desenho que apresenta em toda a sua extensão, não nos sendo possível corroborar e defender afinadamente.

¹⁷² ROSA, A. (1970). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos*. Volume VI. p. 278

É igualmente deste século, quase no fim do reinado de D. Manuel I e inícios de D. João III, que são erguidas e reconstruídas algumas capelas de Tomar, caracterizadas principalmente por elementos manuelinos e por formas híbridas que congregam o Manuelino e o Renascimento, indicando a possibilidade da sua realização já no reinado Joanino. Uma das possíveis intervenções, mencionada acima, foi na capela de N. Sra. dos Anjos, cuja notícia nos chega através de descrições de um alpendre, bem como da inscrição existente à entrada da mesma, que data de 1546¹⁷³, possível ano desta intervenção. Também a Igreja de Sta. Maria do Monte, mais conhecida como Ermida de N. Sra. da Piedade, sofreu alterações no ano de 1555, pela parte de Frei António de Lisboa, as quais lhe poderão ter acrescentado o alpendre¹⁷⁴ (ver Figura 44, p. 94). Também a capela de S. Gregório foi intervencionada em 1535. Apesar da falta de informação relativa à data da sua construção, por alguns autores indicada como sendo neste período, a única referência é à cedência de fundos para a *emadeirar*¹⁷⁵, podendo ser uma alusão clara à construção do seu alpendre (ver Figura 43, p. 90). Outros exemplos fora da nossa zona de estudo são a capela de São Lourenço, cuja construção se iniciou ainda no reinado de D. Manuel I¹⁷⁶ e o alpendre de Sta. Maria do Castelo, atualmente inexistente.¹⁷⁷



FIGURA 64 Possível continuação da Calçada de S. Gregório
Caminho existente no seguimento do muro.

¹⁷³ “Inscrição no solo, à entrada da capela: 1546.” ROSA, A. (1966). *ibid.* p.269.

¹⁷⁴ “1555 – alterações estruturais por D. Frei António de Lisboa;...” Informação retirada do SIPA no website: <http://www.monumentos.pt/>, consultado em 5 de abril de 2018.

¹⁷⁵ “Recebeu em 1535, 600 réis para a emadeirar (nada mais se sabe).” ANTT – Ordem de Cristo – Convento de Cristo – Livro 118 apud ROSA, A. (1966). *ibid.* p.260.

¹⁷⁶ “Mandou erigir [1518], patrioticamente, neste local que foi encontro de D. João I e do Santo Condestável, uma capelinha, em bom estilo manuelino, com seu alpendre, e tendo como orago S. Lourenço, cujo atroz Martírio se comemora no dia deste patriótico encontro: 10 de Agosto;...” ROSA, A.(1965). *ibid.* p.114

¹⁷⁷ “Nesta pequena capela é utilizado um elemento arquitectónico que será amplamente utilizado nas campanhas manuelinas – o alpendre – que se destinava, principalmente, à protecção dos peregrinos. São dessa época os alpendres acoplados à igreja de São Gregório e à desaparecida igreja de Santa Maria do Castelo.” BENTO, M. T. (2014). *ibid.* p. 70.



FIGURA 65 Planta da cidade de Tomar de 1928
É visível um muro que contorna a Estrada de Leiria, que acreditamos ser o muro da cerca.
Ainda na planta, no monte de Sta. Bárbara são visíveis os arranques dos muros da cerca do Convento de S. Francisco , que será abordado mais à frente.

Ao Monte da Forca, hoje denominado de Monte de Sta. Bárbara, é feita a primeira referência em 1540, com a toponímia de *Outeiro da Forca*¹⁷⁸ – apesar de defendermos a sua existência em tempos anteriores à sua primeira alusão como tal (Figura 66). Ainda no reinado de D. Manuel I, com a descrição dos pertences da Comenda do Sonegado em 1520, é mencionada a *Cerrada do Olival de Sta. Maria dos Anjos*, neste mesmo monte.¹⁷⁹

No que diz respeito às vias de acesso à Vila de Tomar, é neste século que se dão as primeiras obras nas proximidades dos montes envolventes ao Convento, a fim de melhorar os seus acessos. Na entrada sul da cidade, anteriormente condicionada pelas cheias do rio Nabão que inundavam a via em certas alturas do ano, exigindo um desvio pelo cimo do monte do Piolhinho, no Reinado de D. Sebastião foi erguido um muro de suporte, junto do rio, com o intuito de proteger a via das suas cheias. A fim de atestar tal obra foi erguido o padrão de D. Sebastião que lá se encontra, por detrás da capela de S. Lourenço.¹⁸⁰ Podemos considerar que a partir de tal feito, deixou de se realizar o desvio pelo monte do Piolhinho, tornando-se esta a principal via e Estrada Real – atualmente designada como Avenida do Condestável Divino Álvares Pereira.

Como foi também mencionado acima, com a construção do Convento de Cristo e da Cerca Conventual, o caminho da Riba Fria tornou-se inutilizado para acessibilidade à cidade, dando destaque à Calçada de Santiago e do Convento que no fim deste século facultava igualmente acesso à nova Ermida de N. Sra. da Conceição, através de um carreiro que dele deriva e cujos vestígios são visíveis através de fotografias e registos.

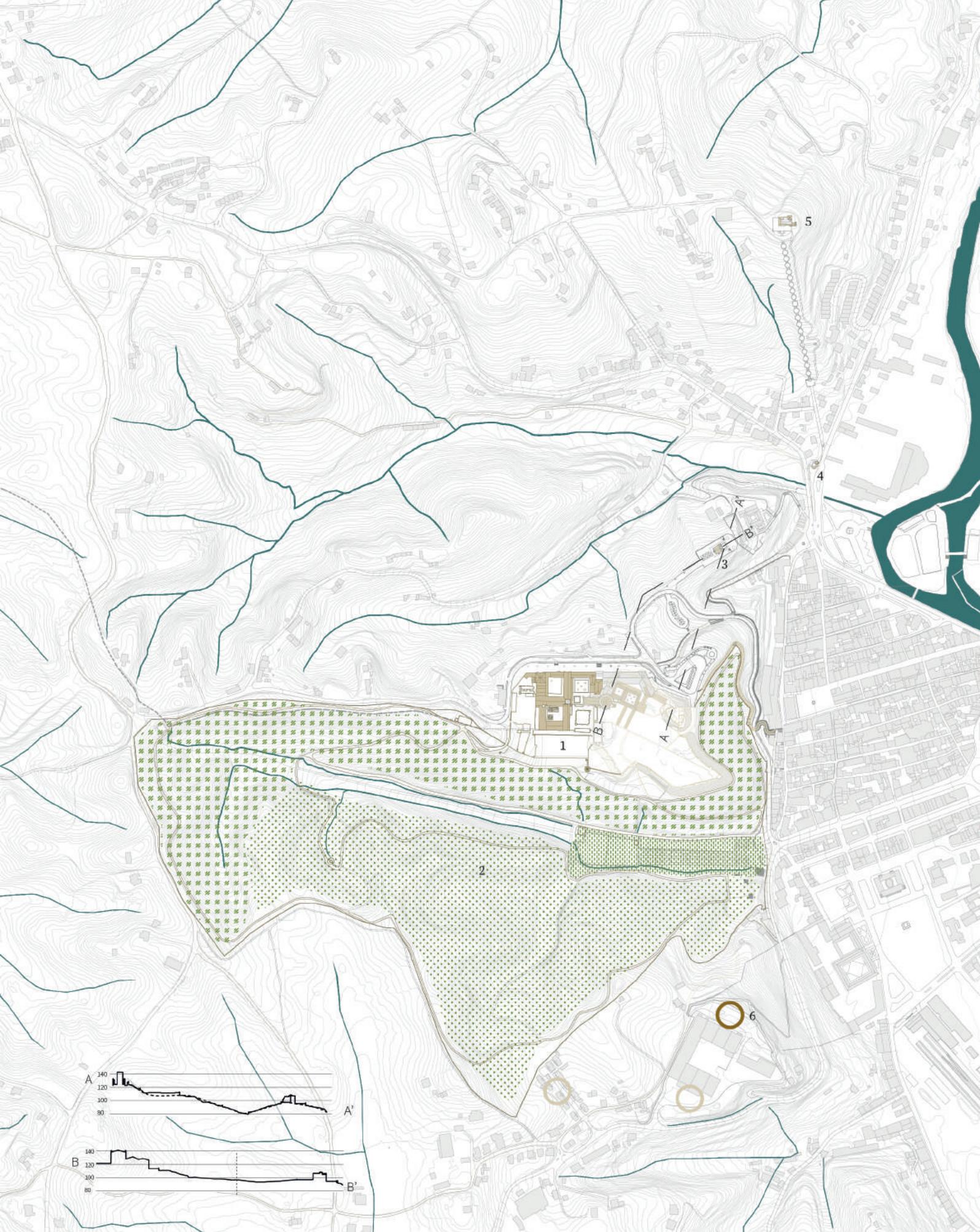


FIGURA 66 Monte de Sta. Bárbara
Visto a partir da Igreja de Sta. Maria dos Olivais. Possível local da Forca de Tomar, onde hoje se encontra o pinhal de Sta. Bárbara.

¹⁷⁸ “Segundo documentos da época (1540), a forca de Tomar ficava no Outeiro da Forca, hoje chamado de Santa Bárbara, mesmo no local onde ainda existem vestígios da capela de Santa Bárbara.” ROSA, Amorim (1982). *ibid.* p.151

¹⁷⁹ “O Dom Prior tinha anexa à sua dignidade a Comenda do Sonegado, composta por: (...) 5. A Cerrada do Olival de Santa Maria dos Anjos. (...) 9. Um mato ao Vale do Forcado.” ANTT – Tombo dos Bens e Rendas do Convento. *apud* ROSA, Amorim (1966). *ibid.* p. 172

¹⁸⁰ “A velha estrada de Santarém a Penela, conhecida pelo nome de *estrada santarena* ou *estrada coimbrã*, chegava ao sítio onde hoje é S. Lourenço e aí começava a costear o Monte do Piolhinho, baixando ao nível da Ponte das Ferrarias e, encurvando-se para o poente junto à capela de S. Gião, continuava sempre torneando o Monte pelo caminho chamado Estrada das Carreiras (hoje Avenida Fonseca Simões). Tinha assim, junto ao Rio, uma cota muito inferior à que hoje tem, e estava por isso sujeita às inundações do Nabão, tornando-se intransitável durante o inverno. (...) Era portanto de absoluta necessidade que se remediasse o inconveniente causado pelas cheias, o que só se podia evitar fazendo o que se fez: uma forte muralha na margem do Rio, elevada a altura tal que as maiores enchentes a não pudessem atingir;...” ROSA, A. (1965). *ibid.* p. 161



Legenda:

- 1 Expansão do Convento | Obras iniciadas na década de 30
- 2 Cerca Conventual | Cerca murada associada ao Convento de Cristo
- 3 Ermida de N. Sra. da Conceição | Construção da capela a partir de 1535
- 4 Capela de S. Gregório | Construção da atual capela em 1535
- 5 Ermida de N. Sra. da Piedade | Acrescento do alpendre e dos espaços envolventes
- 6 Outeiro da Forca | Possível localização. Referência em 1540

-  Hortas
-  Mata
-  Olival



ESCALA 1:7500

Desenho 13/20
Reinado de D. João III
1521 a 1581

André Freitas, 2018.

A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP.

3.6. Junção das coroas de Portugal e Espanha (1580 a 1640)

Do Convento de Cristo ao surgimento de novos Conventos

A chegada dos Filipes a Tomar fez-se logo sentir com as obras realizadas no Convento de Cristo. A primeira foi o Aqueduto dos Pegões que visava trazer água para a Cerca Conventual.

A sua construção foi iniciada por D. Filipe I em 1593. Num percurso de cerca de seis quilómetros de canalização de pedra, este aqueduto congregava a água de 4 nascentes e atravessa vários vales de diferentes profundidades, ficando conhecido por um dos seus troços mais belos, no Vale da Ribeira de Carregueiros, onde se erguem 58 arcos de volta inteira sobrepostos a 16 arcos ogivais apoiados em pilares de grande dimensão proporcionados para tal, sendo a sua altura máxima de 30 metros de altura (Figura 67). A sua construção terminou já no reinado de D. Filipe II, em 1613, junto da Cadeira de El-Rei (Figura 68), num tanque construído para fins de irrigação agrícola.¹⁸¹ Do lado exterior do muro da cerca, na Cruz de S. Martinho, encontra-se uma inscrição que traduz precisamente este feito.¹⁸² Este tanque foi um complemento ao abastecimento de água na Cerca e um acrescento à rede hidráulica deste organismo. Mais tarde, reconhecendo a necessidade de abastecer os depósitos de água do Convento, foi prolongado o aqueduto em 320 metros, desta vez no interior da Cerca Conventual, terminando com 21 grandes arcos, ornamentados de pináculos, que se enquadraram no desenho da fachada sul do Claustro dos Corvos e do Claustro de D. João III. A sua



FIGURA 67 Aqueduto dos Pegões

¹⁸¹ Na “Casa das Águas” está a seguinte inscrição: «O INVICTÍSSIMO E MUI CATÓLICO REI D. FILIPE I DO NOME, DE PIA MEMÓRIA, COM REAL LIBERDADE, MANDOU FAZER ESTE AQUEDUTO NO ANO DE 1593. COM A MESMA, O AUGUSTÍSSIMO E CRISTIANÍSSIMO REI D. FILIPE, SEU FILHO, SEGUNDO DE NOME, A FEZ ACABAR. 1613» Frei Luís Cardoso – Dicionário Sacro-Profano apud ROSA, Amorim (1967). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos*. Volume III. p.119

¹⁸² Traduzido por Vieira Guimarães como: “O extenso aqueduto e altíssimo mole, que há pouco, rasteira, se ergue por favor dos Reis, cortando os montes, transpondo vales, não obstante, à força de trabalho e de dinheiro em longo percurso aqui conduzida, ou antes, conduziram os dois Filipes: o que não fizeram os braços de tantos Reis. 1614.” Cf. ROSA, Amorim (1982). *ibid.* p.15



FIGURA 68 Tanque da Cadeira de El-Rei.



FIGURA 69 Portaria do Convento

conclusão datou de 1619 com a construção da fonte central neste último claustro, da autoria de Fernando Torres, bem como de outros lavabos inseridos no Dormitório e nos Confessionários, datando de 1617 e de 1623, respetivamente. No total esta obra fez 180 arcos, levando 26 anos a construir.

Ainda com a presença de D. Filipe I (II de Espanha), procederam-se a novas obras no Convento, desta vez do lado norte. A intervenção realizada na fachada do Convento foi o gesto final para que todo o conjunto ficasse terminado até aos dias de hoje, pelo menos nos seus limites exteriores. A construção da Enfermaria, da Botica, e ainda da Portaria Nova (Figura 69), vieram demolir a restante parte da muralha entre a Alcáçova e a Charola e dar a rigidez ao desenho deste alçado, num gesto claro e imponente.

Desta obra salientamos um excerto de Vieira Guimarães na sua obra *A Ordem de Cristo* que elucida a situação extramuros do flanco norte:

VIEIRA GUIMARÃES

A fachada do norte estava por completar e não tinha ligação condigna com a parte da monumental construção de D. João III, sendo defeituosa a comunicação com o exterior, nesta parte, e talvez mesmo não a houvesse, salvo se se servissem pela imprópria portada da *Micha*. (...) Mandou D. Filipe I, ao arquitecto Filipe Terzi que buscasse e achasse sítio para nova entrada para o convento e o mesmo ordenou a Nicolau de Frias, por não ser decente no lugar onde estava. (...) Encontrou então o D. Prior um lugar bom para o efeito [já no reinado de D. Filipe II], que êle assim descreveu: – «havia n'este logar muitas e grandes dificuldades, porque tendo grande matto e mui espesso silvado, mandei se esmoutasse, o que feito, apareceu um forte muro e mui largo, uma rocha e um penhasco de uma forte pissarra, em cujo logar que seria e é de largo de mais de onze para doze palmos [aprox. 2,5 metros], e assim tinha sobre elle uma torre mui alta e forte e ameaçada, á qual se subia por uma escada de pedra e dava-se em uma casa capaz para gasaljo de vigias, e quando a derrubei servia de carcere. (...). Começa-se a obra, mandando esmoutar o matto e silvêdo, derrubar o monte de pissarra, o forte muro, a alta torre, e desencantou-se o logar da portaria velha, pondo-se como está...¹⁸³

A alusão a um *grande mato e um silvado muito espesso*, suficiente para não deixar exposto o troço lá existente da muralha, com o cubelo de vigia, levou-nos a equacionar a não existência de qualquer via no lado norte do Convento. No entanto seria muito pouco provável que, com a construção da Cerca Conventual e com as referências já existentes à Calçada do Convento, não tivesse sido já aberto um troço de passagem deste lado, a fim de ligar as vias que passam junto da Cadeira d'El Rei a Tomar. Mas, por outra perspectiva, esta ligação – anteriormente feita pelo caminho da Riba Fria – podia ser realizada a partir da atual Rua do Casal do Láparo, que surge pouco depois da Cadeira d'El Rei e culminava junto da capela de S. Gregório, perceptível a partir de imagens aéreas do século anterior – atualmente a última parte do troço não existe devido às obras da Estrada de Leiria, onde termina esta rua. Para além disso, a topografia do terreno imediatamente atrás do Convento é bastante irregular, tendo sido claramente realizados aterros para abertura desta via.

De igual modo, na sua envolvente houveram outras intervenções a destacar. Neste mesmo morro, no local anteriormente mencionado como Horta do Valente, num cabeço abaixo da Ermida de N. Sra. da Conceição, inicia-se o processo para a construção de um novo Convento de frades.¹⁸⁴ A

¹⁸³ GUIMARÃES, Vieira (1936). *A Ordem de Cristo*. 2ª Edição. p. 337-338

¹⁸⁴ Excerto já analisado acima. Op. cit. sub-capítulo 3.5. *Reinado de D. João III (1º quartel do séc. XVI ao 2º)*. p. 107-119

sua morada primitiva foi na Quinta da Anunciada Velha, do mesmo nome, situada entre a localidade de Cem Soldos e Carregueiros, a cerca de quatro quilómetros de Tomar. A sua fundação remonta ao ano de 1527, com a doação da parte do terreno de D. Isabel Teixeira ao Rei D. João III para que nele se fizesse um convento de religiosos da ordem mendicante dos Capuchos.¹⁸⁵ Ao longo dos anos, o Convento foi ficando danificado, impróprio e dispendioso para os frades, pelo que propuseram uma troca deste terreno pelo local que:

CRÓNICA DA PROVÍNCIA DA SOLEDADE – FREI FRANCISCO DE SANTIAGO

Tinham ali os Freires de Christo uma capella dedicada á concepção de Maria Santissima e uma certa área de terreno, que, parece, se estendia até ao valle que lhe corre ao nore, por que d'elle fazia parte uma horta, denominada do Valente.¹⁸⁶

Começaram as negociações em 1627 e a assinatura do acordo de troca dos terrenos da Anunciada Velha pela Horta do Valente fez-se em 1629.¹⁸⁷ Apesar de em 1633 e 1634 terem sido concedidas as autorizações do Rei e do Prior para a mudança do Convento, a sua construção foi apenas iniciada em 1645, devido à Guerra da Restauração e a outras demoras que decorreram destes anos.

De igual modo, no primeiro quartel deste século foi também construído o Convento de S. Francisco, no sopé do monte de Sta. Bárbara, em frente à Várzea Grande.¹⁸⁸ Inicialmente com bastantes dificuldades e contratemplos¹⁸⁹, relacionado com a existência de uma outra Ordem Mendicante na Vila, a dos Capuchos no Convento da Anunciada Nova, iniciou-se a construção do Convento em 1625.¹⁹⁰

Estes dois conventos, da Anunciada Nova e de S. Francisco, só foram terminados após a saída dos Filipes de Portugal, pelo que continuaremos a sua análise no próximo sub-capítulo.

Fica ainda a notícia sobre o monte de N. Sra. da Piedade, onde é realizado novo restauro da capela, pelo ano de 1613, que nos chega através de uma lápide existente no local.¹⁹¹ No restante século nada mais se sabe sobre este monte.

¹⁸⁵ “Em fins do anno de 1528 principiaram as obras nas casas da Quinta [Anunciada Velha], acomodando as a um convento, com claustros, dormitorios e mais officinas, cujas despesas foram feitas com as esmolas, que muitas pessoas devotas deram para este fim. E como a capella da Quinta, que ficou sendo igreja do convento, era dedicada á Annuniação do anjo, tomou o convento o nome de Annuciada.” SOUSA, J. M. (1903). *Notícia descritiva e histórica da cidade de Thomar*. p. 166

¹⁸⁶ “Como o Convento da Anunciada Velha, a Cem Soldos, se encontrava em ruínas, em 22 de Novembro de 1627 os Freires de Cristo propuseram aos Capuchinos, trocar-lho pela Horta do Valente.” Crónica da Província da Soledade – Frei Francisco de Santiago apud ROSA, A. (1967). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos*. Volume III. p. 166

¹⁸⁷ “Em 19 de Março de 1629 (...) assinou-se a escritura de escambo da Anunciada Velha pela Horta do Valente.” e ainda “Em 3 de Março de 1634, El-Rei D. Filipe III publicou um Alvará autorizando os Frades Capuchinhos a mudarem do Convento da Anunciada Velha, a Cem Soldos, para a Anunciada Nova, na Horta do Valente.” ROSA, A. (1967). *ibid.* p. 168 e 173 respetivamente.

¹⁸⁸ A história deste Convento está descrita em História Seráfica dos Frades Menores da Província de Portugal, de Frei Manuel da Esperança e Frei Fernando da soledade, que fora depois retratada por Vieira Guimarães em *A Ordem de Cristo* de 1936 e pelo Coronel Garcês Teixeira num dos seus artigos da *Revista Arqueologia* de 1932, publicado no volume III dos Anais do UAMOC.

¹⁸⁹ “1. “A ordem dos Franciscanos era mendicante e já cá havia outra, a dos Capuchos; não convinha a estes que tão perto se estabelecessem aquelles, que por serem também mendicantes, lhes iam tirar parte das esmolas com que os fieis os socorriam (...);” 2. “Objectou-se a isto que a camara não podia, n’aquelle logar, fazer concessões de terreno sem licença régia (...);” 3. “...tinha-se marcado a largura, mas não se havia determinado o comprimento; na demarcação d’estes limites a camara, talvez instigada pelos freires, não queria entrar em acordo com os Franciscanos (...)” Cf. SOUSA, J. M. (1903). *Notícia descritiva e histórica da cidade de Thomar*. p. 173

¹⁹⁰ Cf. GARCEZ TEIXEIRA, F. A. (1932). *A construção do convento de S. Francisco*. In Anais da união dos amigos dos monumentos da Ordem de Cristo. o. 37-38. Esclarece o erro na data de início da construção do convento, sendo o correto ano em 1625 e não 1628 como está gravado numa pedra na fachada da Igreja.

¹⁹¹ “Em 1613, Bernardo Martins Ochoa, Juíz Eleito de Tomar, restaurou a capela de Nossa Senhora da Piedade.” Lápide existente na capela. Cf. ROSA, A. (1967). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos*. Volume III. p.119



Legenda:

- Aqueduto dos Pegões
Primeiro troço, concluído em 1613
- Aqueduto dos Pegões
Segundo troço, concluído em 1619

- 1 Tanque da Cadeira d'El Rei | Tanque de distribuição da água pela Cerca Conventual
- 2 Obras Filipinas
- 3 Convento de S. Francisco | Início da construção da Igreja em 1625
- 4 Convento da Anunciada Nova | Início da construção em 1645



ESCALA 1:7500

Desenho 14/20

Junção das coroas de Portugal e Espanha
1581 a 1640

André Freitas, 2018.

A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP.

3.7. Da Restauração ao fim da Monarquia (séc. XVII a XX)

Da construção ao esquecimento de uma memória

Finda a Guerra da Restauração e estabelecida a independência, inicia-se a Dinastia de Bragança com o reinado de D. João IV em finais de 1640 e prossegue-se a construção do Convento da Anunciada Nova em Tomar (Figura 70 a 72).

Ficou finalizado em meados do século, juntamente com a sua cerca que é relatada em descrições da época, mas da qual hoje é apenas visível parte dela.¹⁹² Pelas descrições do local, podemos considerar a cerca com bastante dimensão. Partindo de junto do Convento da Anunciada, é ainda visível um troço dela, que separa o mesmo da Ermida e desce a encosta para poente, contornando parte da calçada do Castelo (Figuras 71 e 72). No seu encontro com a Várzea e antes de passar o Ribeiro do Vale Pereiro, seria o seu portão, conjecturando o antigo percurso de subida para o Convento – antes da alteração do local do portão, devido à construção da Estrada de Leiria no século XX.

Considerando a calçada de S. Gregório num local próximo a onde hoje está a Estrada de Leiria, e descrições nas quais relatam que esta cerca contornava o tal caminho, imaginamos um troço da cerca, hoje inexistente, que passava a ribeira e acompanhava o perfil da calçada, onde hoje se encontram edifícios. Do seu lado poente, torna-se mais difícil de perceber os seus limites e por onde se encontraria com o troço a sul, mas tendo em conta alguns percursos nas imediações da Quinta, que agora estão inutilizados e quase fechados, propomos a forma da cerca à data da sua construção.

Com a edificação deste Convento, deram-se por terminadas as obras mais significativas do lado norte do morro do Castelo – excluindo a abertura de arruamentos nos séculos XIX e XX.



FIGURA 70 Convento da Anunciada Nova
Vista da Cerrada dos Cães e da Ermida de N. Sra. da Piedade, respectivamente.

¹⁹² “Depois a guerra da restauração e outras delongas fizeram com que as obras do novo convento só tivessem principio em 1645. De uma e outra parte do convento fizeram aquelles religiosos algumas compras e houve também quem lhe fizesse doação de terras para acrescentarem á cerca.” SOUSA, J. M. (1903). *ibid.* p. 167



FIGURA 71 Convento da Anunciada Nova
Na fotografia de 1890 onde é bastante evidente a cerca que separa este Convento da Ermida de N. Sra. da Conceição.



FIGURA 72 Convento da Anunciada Nova
Fotografia atual do local, onde ainda é visível um vestígio da sua cerca do seu lado direito.

Contemporâneo ao Convento da Anunciada surge a Igreja de S. Francisco que, apesar de iniciada em 1625, foi apenas concluída em 1660, segundo inscrição na torre da mesma (Figuras 73 e 74). Só mais tarde, em 1700 é que se iniciou a construção do primeiro dos dois Claustros a sul deste Convento.¹⁹³ Esta grande demora na construção do mesmo, perfazendo quase meio século de construção, é regular em ordens mendicantes, uma vez que é da esmola que são obtidos os fundos para a construção dos seus edifícios. Terminado, o complexo possuía assim uma Igreja e dois Claustros situados a sul desta, no seguimento da Estrada Real que atravessava a Várzea Grande.

A igreja maneirista denuncia o modelo nacional de arquitectura chã. Seguindo os modelos das Igrejas jesuítas de São Roque em Lisboa e do Espírito Santo de Évora, esta igreja é de planta longitudinal e nave única adossada de capelas colaterais intercomunicantes e com abóboda de berço. O interior é iluminado pela fachada a nascente, através de um óculo e com as aberturas por cima das capelas, viradas a norte e sul. A fachada principal é composta por três panos, divididos entre o portal principal e duas janelas, três janelas e um óculo e o frontão contracurvado com um outro óculo. É ainda incorporada na fachada a torre sineira do lado direito.

Para trás deste complexo existia ainda a Cerca Conventual que se desenvolvia ao longo da encosta do Monte de Sta. Bárbara. É através da *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco* que nos chega notícia desta cerca, bem como da existência de uma capela no topo do monte:

C.I. HISTÓRIA SERÁFICA DA ORDEM DOS FRADES MENORES DE S. FRANCISCO

Pelo que pareceu preciso comprarem-se algumas casas, e herdades com a sua cerrada de olival, que chamavam a do Talheiro, em que consiste a maior parte da cerca, a qual vai subindo até o alto do monte que fica detrás do Convento, recolhendo em sua paragem onde as pessoas de fora podiam devassar com a vista o interior dele. Estava no alto deste monte o lugar da forca destinado para castigo de criminosos, e servia de grande embaraço ao intento dos nossos Padres que por esse respeito se viam precisados a recolher o muro da clausura, perdendo esta parte do terreno que já pertencia à casa, e ficando as oficinas dela por esse motivo descobertas, e patentes a quem as quisesse ver o próprio sitio. Porém, os que actualmente governam a vila mostrando que em tudo desejavam dar gosto aos nossos religiosos, mudaram logo o patíbulo para outra parte, deixando-lhe liberdade para cercar o alto do monte. No próprio lugar erigimos sua Ermida e nela colocamos a imagem de Cristo Crucificado, deixando a sua vista perante a todos. (...). Hoje se intitula Capela de Sta. Barbara. (...); a qual [uma carvalheira misteriosa que nasceu junto da Capela] ainda existia no ano de 1699, em que fomos a este Convento e a vimos com muto vagar e reparo.¹⁹⁴

¹⁹³ Em 1717 ainda continuavam as obras segundo descrição de Gian-Lorenzo Buonafede Vanti, na sua passagem por Tomar, e que fora recebido pelos Frades no Convento de s. Francisco. Cf. VELOSO, Carlos (1988). *Tomar setecentista na obra de viajantes estrangeiros: história – arte – indústria*. p. 17

¹⁹⁴ SOLEDADE, F. (1721) *História seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na província de Portugal*. Parte V, Livro III, capítulo XXX, p.537-541. Consultado a partir do catálogo online da Biblioteca Nacional de Portugal no website: <http://purl.pt/20706/4/>, a 4 de junho de 2018.



FIGURA 73 Convento e Igreja de S. Francisco
Fotografia da segunda metade do séc. XIX.



FIGURA 74 Convento e Igreja de S. Francisco
Fotografia atual do Convento, com a fachada muito mais obstruída pela vegetação

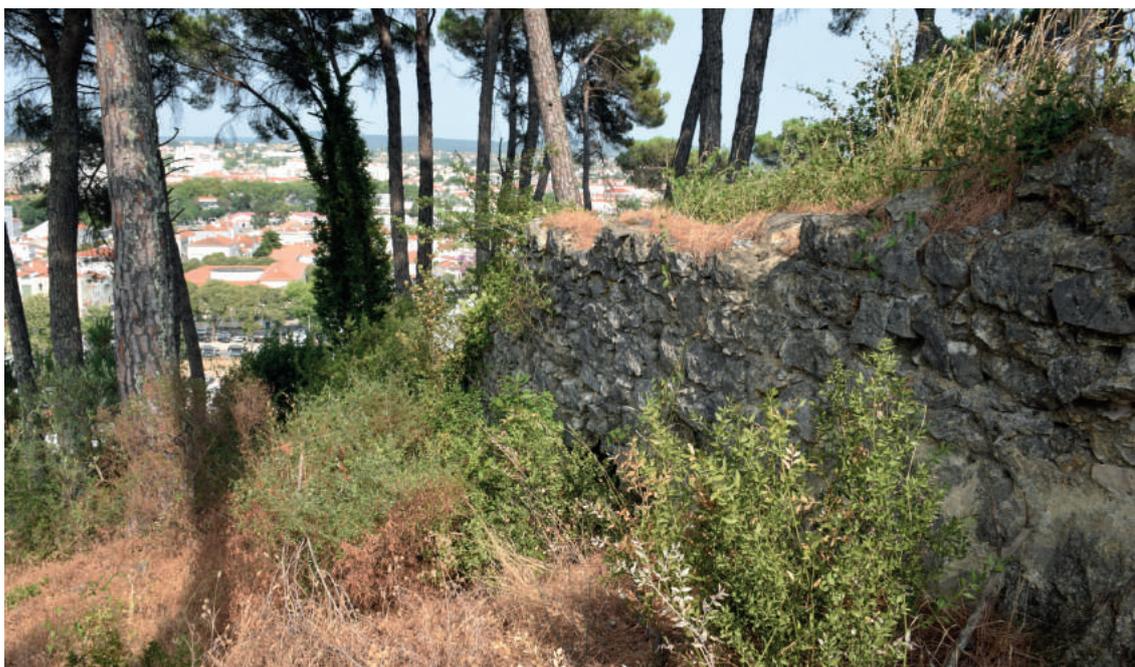


FIGURA 75 Vestígios da cerca do Convento de S. Francisco
Vestígio no cimo do monte de Sta. Bárbara.

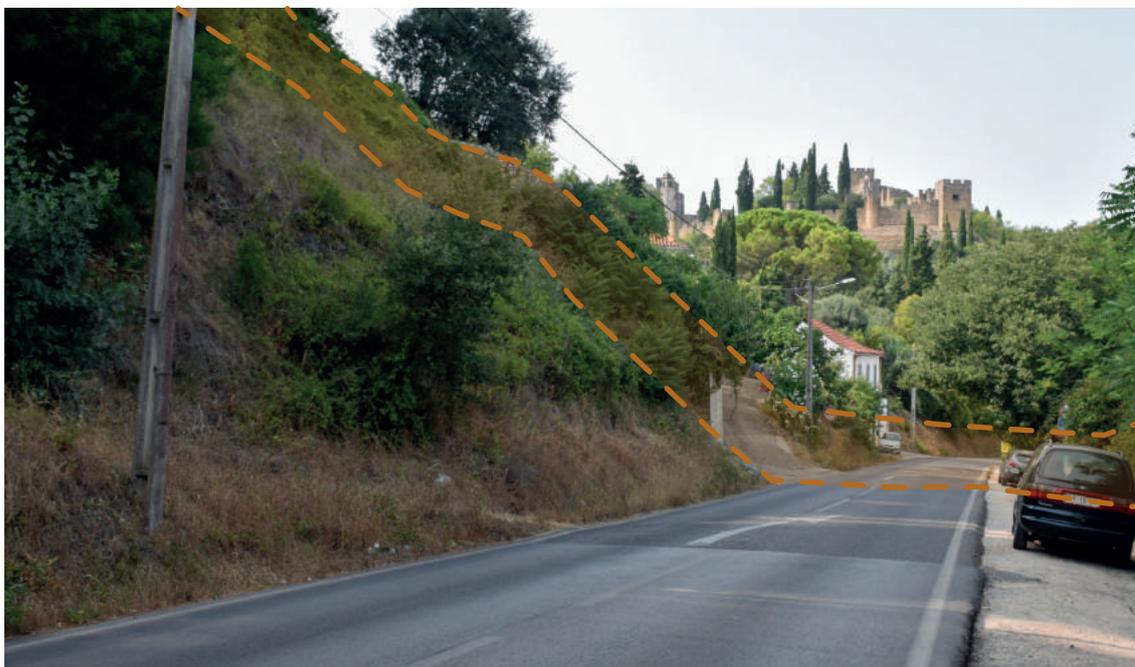


FIGURA 76 Vestígios da cerca do Convento de S. Francisco
Troço da cerca que foi cortado devido à abertura da Estrada de Paialvo. A tracejado, possível recriação da cerca.

Esta meticolosa descrição do local permite-nos localizar no espaço a existência de uma cerca, cujos vestígios são pouco visíveis (Figuras 75 e 76), que se desenvolvia até ao cimo do monte de Sta. Bárbara. Nesse mesmo local, é referida a existência de uma forca, anteriormente mencionada, que intitulava aquele lugar de monte da Forca. O excerto permite-nos de igual modo localizar temporalmente a altura na qual fora retirada esta forca e construída uma capela – para além da capela de N. Sra. dos Anjos localizada no mesmo monte, possivelmente mais a nascente – que se intitulou de Sta. Bárbara, nome cujo monte herdou.

Apesar da data de construção desta capela estar indicada de 1699, por Amorim Rosa¹⁹⁵, a partir da interpretação deste mesmo excerto, tal não pode estar correto. Como nos indica o excerto, aquando da visitação dos Frades ao local, em 1699, já existia a tal capela, bem como a “*carvalheira misteriosa*”, o que invalida a possibilidade da sua construção em tão tardio momento. Para além disso, através de uma gravura de Pier Maria Baldi, aquando da sua visitação a Tomar em 1668, já é visível o Convento de S. Francisco, bem como uma capela no alto do Monte que, pela sua localização, apenas se pode tratar desta mesma capela (Figura 77).

Esta gravura é bastante importante para a compreensão da Vila de Tomar e da sua envolvente no século XVII. Nos montes envolventes à vila, já é evidente o Convento da Anunciada, bem como a Ermida de N. Sra. da Conceição e da Piedade, anteriores a esta. Há também indícios da vegetação nestes montes. Apesar do pouco pormenor e rigor no seu desenho, é perceptível uma intenção de diferenciar os tipos de vegetação entre mais densa ou rasteira. Parece-nos que seria errado considerar que os morros não possuíam qualquer tipo de vegetação a esta data, uma vez que a região era abundante em oliveiras e vinhas. Apesar disto, não parece haver qualquer alusão à oliveira, característica do ritmo que introduz na paisagem, levando a acreditar na sua intencional omissão e substituição por morros descobertos. São ainda visíveis algumas das vias existentes – considerando a existência de algumas que não estão representadas, por não terem tanto impacto na leitura dos montes – como a Calçada de Santiago que rasga o monte do Castelo e de um outro caminho junto do Convento da Anunciada Nova. É igualmente anómala a omissão das cercas na gravura. Tanto o Convento de S. Francisco, de Cristo e da Anunciada possuem cercas bastante expressivas nos montes, mas que o autor optou por não representar. Uma outra incoerência nesta gravura é ainda mais insólita: a construção dos dois Claustros apenas se iniciou em 1700 e apesar de constarem na gravura, esta data de 1668. É possível que os claustros possam ter começado a ser construídos pela fachada nascente dos claustros, a fim de definir os limites do Convento e de permitir habitação para os frades, ou que os edifícios visíveis na gravura sejam volumes únicos, a partir dos quais surgiram os claustros. No entanto será de considerar que alguma das datas não esteja bem situada, apesar de confrontarmos ambas com diferentes autores e referências. Na gravura fica ainda bastante destacado a disputa de cotas entre os três montes e a presença das capelas nos mesmos. Há um destaque intencional da Ermida de N. Sra. da Conceição relativamente às restantes capelas, enaltecendo o seu ênfase na paisagem. Por sua vez, a capela de N. Sra. da Piedade parece desvanecer no desenho, sendo-lhe atribuída uma escala quase igual à da Capela de Santa Bárbara. Apesar desta se situar a uma cota bastante elevada, a sua localização mais distante leva a que não tenha tanto destaque na paisagem.

¹⁹⁵ “Em 1699 foi construída no alto do Monte de Nossa Senhora dos Anjos, no local onde antigamente estava a forca, uma Ermida, com Jesus Cristo Crucificado, que depois se chamou «*capela de Santa Bárbara*». ROSA, A.(1967). *ibid.* p. 384

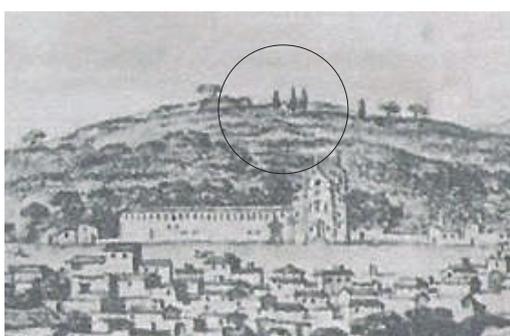
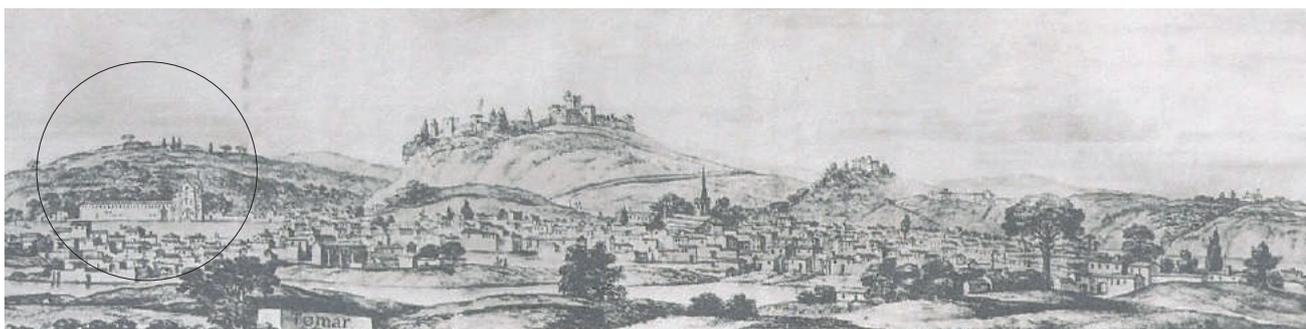


FIGURA 77
Gravura de 1668-69 com vista de Tomar. É visível o Convento de S. Francisco, bem como vestígios de uma capela no cimo do monte, que acreditamos ser a capela de Sta. Bárbara. É ainda perceptível a Ermida de N. Sra. da Conceição e da Piedade e o Convento da Anunciada Nova.

A construção do Convento de S. Francisco alterou significativamente o monte de Sta. Bárbara, o qual atualmente, aos olhos dos que desconhecem a História, não mais se acha do que de um monte vazio e à margem da vida cidadina.

No século XVIII, não houve nenhuma referência a grandes transformações nos morros envolventes à Vila de Tomar, à exceção da Cerca Conventual, que perdera este seu carácter para ser substituído por Quinta. É assim referida como Quinta dos Sete Montes num documento de 1767, pelo qual é arrendada a um morador em Tomar.¹⁹⁶ Já no século seguinte, com a extinção das Ordens Religio-

sas em Portugal, este bem passa para a Coroa, sendo vendido em hasta pública em 1837, a António Bernardo Costa Cabral – mencionado anteriormente pela sua aquisição, na mesma altura, de parte do Convento de Cristo, da Horta dos Frades e da cerca da antiga Vila de Cima.¹⁹⁷

É datado de 1889, uma gravura proveniente da Revista “O Ocidente”¹⁹⁸, da Cerca do Convento com vista para sul do Castelo e Convento de Cristo (Figura 78). Nesta gravura é visível um percurso na Cerca que se desenvolve em direção à Torre da Condessa, passando pela Porta da Almedina. Há ainda um ribeiro que por baixo de uma ponte passa, dos quais atualmente não há vestígios. Apesar de incerto, o local onde foi feito o retrato parece situar-se pouco abaixo da Porta da Almedina, local onde convergem ambos os ribeiros provenientes do Convento e descem em direção ao tanque, cruzando o caminho da Riba Fria. Devemos questionar se dada gravura não poderá ter sido fantasiada segundo uma ideia de Cerca Conventual e espaço místico de retiro, dada a dificuldade em recriar este mesmo local, comparando-a com fotografias tiradas poucos anos depois. Apesar das alterações topográficas e da flora levadas a cabo no século seguinte, que muito desvirtualizaram o aspeto do lugar, a memória que nos chega deste local através de fotografias tiradas poucos anos depois – e antes de tais intervenções – retratam-no com olivais e uma vegetação bastante diferente da descrita. Para além disso, é muito díspar a topografia do terreno, muito mais acentuada de momento do que é manifesto nesta gravura. Uma outra particularidade, que retrata com maior veracidade, é o estado de decadência e abandono com que se apresenta a muralha do Castelo, em particular. Podemos comprovar de igual modo a partir de fotografias tiradas na segunda metade do século XIX (ver Figura 88, p. 148). A partir destas imagens podemos ainda verificar uma paisagem muito despida,

¹⁹⁶ “Em o mesmo dia, o Convento de Cristo arrendou a Quinta dos Sete Montes a Manuel Lopes, por 150 alqueires de azeite.” ANTT – Ordem de Cristo – Convento de Tomar – M.º 63 apud ROSA, A. (1968). *ibid.* p. 366

¹⁹⁷ Cf. BARBOSA, A. J. (2003). *Sete Montes de Tomar. Recuperação da Cerca do Convento de Cristo*. p. 35 e ver sub-capítulo 2.3. *O Convento de Cristo após a extinção das Ordens Religiosas (1834 – atual)*, p. 56-57.

¹⁹⁸ Imagem retirada da Revista “O Ocidente”, Lisboa, 1889, p.228-229. Facultada pelo Arquitecto Álvaro José Barbosa

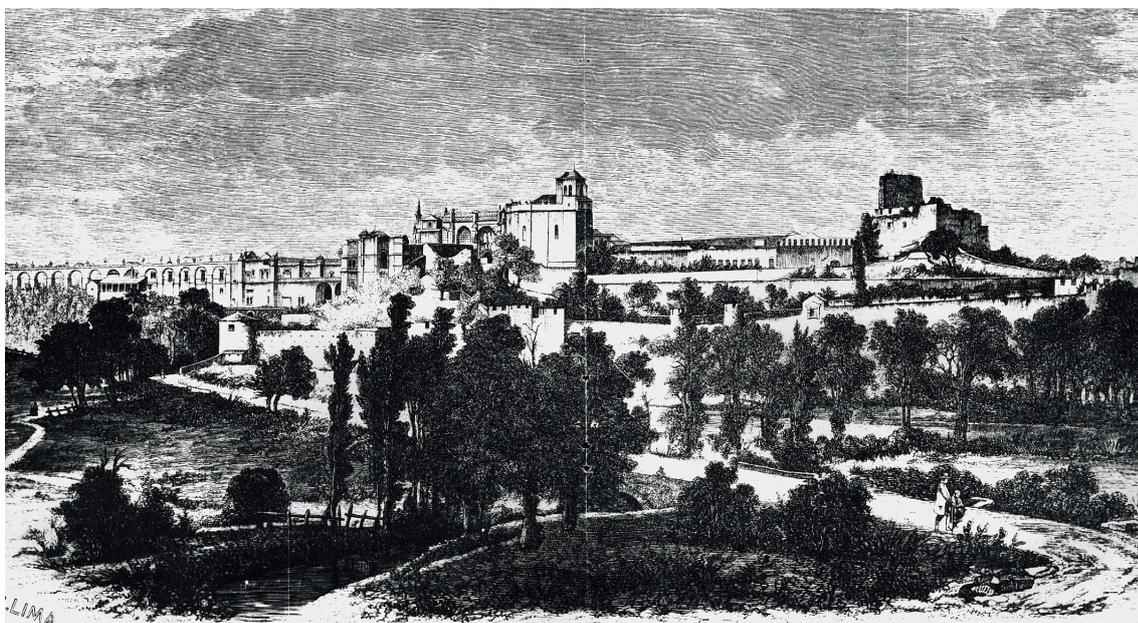


FIGURA 78 Gravura de 1889 da Cerca Conventual
Para além do Castelo e Convento, em segundo plano, é manifesto a existência de um ribeiro e uma ponte por onde passa o eventual caminho da Riba Fria.

com poucas edificações na envolvente e a oliveira com um papel fulcral na marcação do ritmo e do desenho nos montes (Figura 79).

A par desta gravura, existem outras no seguimento de visitas a Portugal, nas quais Tomar consta no roteiro. Mas, é maioritariamente a partir dos textos e das suas descrições que reforçamos o panorama da paisagem Tomarense no século XVIII. Em todos eles, é descrito um percurso de aproximação a Tomar, por diferentes locais, e é interessante perceber que todos acabam por apresentar relato idêntico na sua descrição da região. A oliveira é o elemento mais mencionado, corroborando a ideia de uma paisagem dominada por esta árvore: *A povoação, rodeada de olivais, numa planície junto a um pequeno rio, oferece boas condições...*¹⁹⁹ [1719]; *Está no sopé destas extensas montanhas, na margem do Nabão, cercado por densos olivais...*²⁰⁰ [1741]; *S. Thomar numa bela e vasta planície cercada por olivais...*²⁰¹ [1779]; *A planície onde assenta a cidade está quase inteiramente coberta de olivais que, de longe, lhe dão um*

¹⁹⁹ “ (...) Dirigi-me a Atalaia, a légua e meia da Golegã, cercada por olivais, que passei ao largo por nada lhe achar de especial; feitas três léguas cheguei a Tomar, recebido com caridade pelos padres da minha ordem. Passada uma colina, chega-se a uma enorme praça oval – a Várzea grande certamente –, de onde se vê a povoação e, do lado esquerdo, o Convento dos Franciscanos, todo branco, excelente, com a igreja não desproporcionada e um claustro de óptima arquitectura, quando ficar terminado, já que estão a construí-lo com grande diligência. A povoação, rodeada de olivais, numa planície junto a um pequeno rio, oferece boas condições, com ruas direitas e bem divididas, bastante populosa, e afável. Dominado o lugar e construído numa colina vê-se um grande Mosteiro da Ordem de Cristo (...)” C.I. VANTI, Gian-Lorenzo Buonafede (1719). *Viagem Ocidental a Santiago da Galiza, Nossa Senhora da Barca e Finisterra, pelo Mar Mediterrâneo, Oceano, Algarve, Portugal, Espanha e França*. Bolonha. p. 138-141. Em: VELOSO, C. (1988). *Tomar setecentista na obra de viajantes estrangeiros: história – arte – indústria*. p. 38.

²⁰⁰ “Na estrada principal de Coimbra a Lisboa, são doze léguas de caminho, pelas montanhas; uma vez atravessadas, descemos a uma bela planura muito extensa, onde se situa um belo Burgo denominado Tomar. Está no sopé destas extensas montanhas, na margem do Nabão, cercado por densos olivais (...) Dominado o Burgo, vê-se um castelo no alto da montanha (...)” C.I. ALVAREZ de COLMENAR, Juan (1741). *Anais de Espanha e de Portugal*. Amesterdão. Tomo VI. p. 222-224. Em: VELOSO, C. (1988). *ibid.* p. 37.

²⁰¹ “S. Thomar numa bela e vasta planície cercada por olivais, próximo das ruínas de Nabância, de que está separada pelo Nabão (...) o da Ordem de Cristo – refere-se ao mosteiro de Tomar – eleva-se no alto e uma montanha (...)” C.I. Bushing (1779). *Geografia de Bushing*. Lausana. Tomo IV. p.27. Em: VELOSO, C. (1988). *ibid.* p. 38.



FIGURA 79 Fotografia aérea de Tomar da década de 30 do séc. XX
A oliveira com um papel evidente no desenho da paisagem Tomarense.

*aspecto uniforme...*²⁰² [1797-99]; *...as oliveiras, as minhas preferidas, desenvolvendo-se bem, e de troncos tão fantásticos...*²⁰³ [1801]. Para além disto, são ainda feitas muitas alusões ao Castelo e ao Convento situados no alto da montanha ou numa colina, e a outras construções existentes em Tomar à data das visitas, como o Convento de S. Francisco.

Entrámos no século XIX com as invasões francesas a Portugal, cuja marca da sua passagem por Tomar ficou bem visível nos estragos deixados. Após isto, deram-se logo importantes intervenções pela reconstrução de calçadas e a abertura de novas vias nos montes de Sta. Bárbara e de N. Sra. da Piedade, com grande impacto na sua imagem.

²⁰² “Uma paisagem idêntica prolonga-se até Tomar; aqui e ali vêem-se sobreiros (...). A cidade (vila) de Tomar está situada numa planície, junto à ribeira do Nabão; está inteiramente rodeada de colinas, parcialmente formadas de grés e pedra calcária. A planície onde assenta a cidade está quase inteiramente coberta de oliveiras que, de longe, lhe dão um aspecto uniforme; mas de perto, os jardins das margens do rio dão-lhe um aspecto mais agradável. No entanto, a região é, na generalidade, árida e seca. A cidade pertenceu outrora aos Templários (...). Do lado sul, junto ao rio, há uma praça bela e vasta – a várzea grande –, rodeada por um muro; esta praça foi construída por ordem do passado rei D. Sebastião, segundo inscrição gravada numa coluna. No alto das colinas que rodeia esta praça, encontra-se um edifício notável, a sede da Ordem de Cristo (...).” C.I. LINK, Heinrich (1805). *Viagem em Portugal de 1797 a 1799*. Paris. Tomo II. p. 95-98. Em: VELOSO, C. (1988). *ibid.* p. 41.

²⁰³ “[1801] Finalmente começámos a subir. Oh! o cenário magnífico – montanhas atrás de montanhas desvanecendo-se no céu azul – em baixo férteis culturas – as oliveiras, as minhas preferidas, desenvolvendo-se bem, e de troncos tão fantásticos – longe, muito longe, Santarém no alto da colina – e perto desta, a igreja dos Templários e o Castelo de Tomar, e o seu aqueduto de arco duplo – através de cujas aberturas vemos os ciprestes, as oliveiras e outras espécies de árvores – e a Olaia, toda de púrpura brilhantes.” C.I. SOUTHEY, Robert (1960). *Diário de uma Estadia em Portugal*. Oxford. p. 29. Em: VELOSO, C. (1988). *ibid.* p. 44.



FIGURA 80
Estrada de Leiria
Fotografia das últimas décadas do séc. XIX, vista junto da Várzea Pequena



FIGURA 81
Estrada de Leiria
Fotografia atual,, vista junto da Várzea Pequena



FIGURA 82
Fonte de S. Gregório
Situada no muro de suporte da Estrada de Leiria, esta fonte dá continuidade ao ribeiro de S. Gregório que por aqui passava.

Em 1822, é notícia o estado de ruína que apresenta a Calçada de S. Gregório, *impossível de conserto*, devido às águas que correm da Cerca do Convento da Anunciada.²⁰⁴ Após a realização de um pedido às Cortes, em 1858, por parte das Câmaras de Tomar, Ourém e Leiria, para a criação de uma estrada que ligasse estas cidades²⁰⁵, é elaborado o plano da reparação da Estrada Real, e avançam as obras para a sua construção, ficando finalizado este troço em 1874 e o restante até Carregueiros em 1886 – onde se intersesta esta rua com a proveniente de poente do Convento, antigamente utilizada (Figura 80 a 82).

Assim, este novo troço substituiu a antiga estrada real, que partia junto da capela de S. Gregório e cuja designação era de Calçada de S. Gregório ou dos Capuchos, dado acompanhar o cercado destes. Esta nova obra veio cortar o Vale do Pereiro e quebrar o decurso natural do Ribeiro da Eira até ao Rio Nabão. Para o efeito, aquando desta construção, foi construído nesse muro uma nova fonte que ficou nomeada como fonte de S. Gregório, que traz de volta a água da Ribeira à cidade²⁰⁶ (Figura 82). Este novo troço passou a designar-se de Estrada de Leiria, transpondo o anterior nome da Rua da Graça.²⁰⁷

Além desta alteração no lado sul, também a encosta nascente, direcionada para a vila, recebeu uma grande escadaria que liga a capela à cota baixa. Esta obra que veio substituir a antiga calçada íngreme, terminou em 1862, e deu uma nova imagem a este monte com a criação de uma escadaria de 292 degraus, ladeados por uma linha de árvores²⁰⁸ (Figura 83).

O morro a sul do Convento não foi deixado de parte nesta campanha de obras. O melhoramento das Vias Públicas do Reino, levou de igual modo à construção de um troço entre Paialvo e Tomar, que atravessa o monte de Sta. Bárbara. Para tal a Câmara adquire parte da cerca do extinto Convento de S. Francisco, a qual se encontra mais elevada no monte.²⁰⁹ No seguimento das obras, foi destruída a calçada da Senhora dos Anjos, bem como a sua capela²¹⁰, em Junho de 1865, que se tornou intransitável devido ao desaterro da Estrada de Paialvo, e cuja pedra foi utilizada para arranjos da Rua da Graça até à Rua Direita.²¹¹ Assim, em 1877 ficou concluído parte desse troço, proveniente de Tomar a Paialvo num total de 604 metros.²¹² Apesar de não ser especificado onde terminaria o troço – local onde seria

²⁰⁴ ROSA, A. (1970). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos*. Volume VI. p. 278. Op. cit. p.115

²⁰⁵ “Em 28 de Janeiro de 1858 a Câmara da presidência de Rodrigo Pereira Mendes, indicou ao Governo Civil, como uma das maiores necessidades de Tomar, a construção de uma estrada que ligue esta cidade com Leiria, passando por Vila Nova de Ourém. Em 5 de Março, reunidos em Vila Nova de Ourém, esta Câmara e as de Tomar e Leiria resolveram fazer uma representação comum às Cortes, pedindo a construção da estrada.” ROSA, A. (1982). *ibid.* p.95

²⁰⁶ Data de 1873, presente na fonte de S. Gregório e ainda “(...) expondo que sendo necessário remover a Fonte que se acha na Várzea Pequena, para o lado de dentro dos muros que ali se estão construindo (...)” ROSA, A. (1971). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos*. Volume VII. p. 58.

²⁰⁷ “A calçada de S. Gregório recebeu o nome de rua de Leiria no ano de 1931, transplantado da rua da Graça, em homenagem à cidade do Lis.” MELA, R. (1981-1985). *Ruas de Tomar e sua toponímia* in *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Nº2. p.79-80

²⁰⁸ “Concluiu-se em 1862 o escadório da Ermida de Nossa Senhora da Piedade, a antiga Nossa Senhora do Monte, tão querida dos tomarenses mesmo para aqueles que não são devotos, e que havia principiado a ser construída em 1846 com os seus 292 degraus, ladeando-a procedeu-se à plantação de árvores que muito vieram embelezar o monte votivo e que uma urbanização descaracterizada e desenraizada da terra-mater veio a desfear com algumas construções que galgaram a encosta com a desaprovação da maioria dos Tomarenses.” FERREIRA, J. J. C. [et al.] (1991). *Tomar – Perspectivas*. p.105.

²⁰⁹ “Na Sessão de 11 de Novembro [1870] (...) a Câmara respondeu que se encontrava na posse de parte da Cerca do Extinto Convento de S. Francisco, colocada à direita da estrada desta cidade a Paialvo, nos termos da Lei de 24 de Julho de 1856.” ROSA, A. (1971). *ibid.* p. 20.

²¹⁰ “(...) foram demolidas as capelas da Senhora dos Anjos, (...) a capela de S. Pedro Fins de origem visigótica e a capela de s. Brás situada ao cimo da Rua Larga, junto ao palácio dos Vales e que foi sacrificada também com a finalidade do alargamento da Rua que seguia para Santo André.” FERREIRA, J. J. C. [et al.] (1991). *ibid.* p. 103

²¹¹ Cf. ROSA, A. (1971). *ibid.* p. 98.

²¹² “Nesse mesmo mês [1877] ficou concluído um lanço de estrada de Paialvo a Tomar, na extensão de 604 metros.” ROSA, A. (1971). *ibid.* p. 117

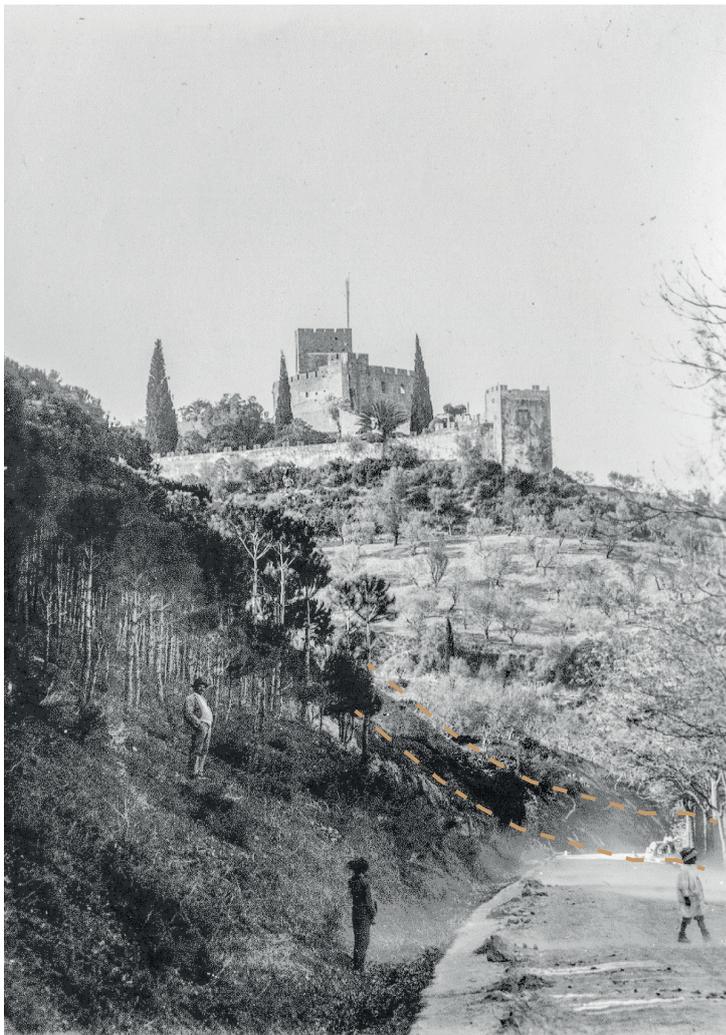


FIGURA 83 Escadaria de N. Sra. da Piedade (Acima, direita) Fotografia do início da escadaria das últimas décadas do séc. XIX.

FIGURA 84 Estrada de Paialvo (Acima, esquerda) Vista de cima do monte de Sta. Bárbara, ainda sem o pinhal. É visível a cerca do Convento de S. Francisco de ambos os lados da estrada.

FIGURA 85 Estrada de Paialvo (Baixo, esquerda) Fotografia do início do séc. XX. É visível o monte do Castelo, apenas coberto de oliveiras. Em primeiro plano é perceptível o pinhal de Sta. Bárbara, pouco tempo após ser plantado.

a ligação com a anterior via que se ligava com a Calçada da Senhora dos Anjos – podemos pressupor através da referência aos 604 metros de troço, bem como a descrições e vestígios de algumas vias ainda existentes no cimo do monte, qual seria o antigo percurso desta calçada, agora substituída pelo troço que costeia o monte de Sta. Bárbara, fura a cerca do então extinto Convento de S. Francisco e encontra de novo a calçada um pouco acima do início da Rua da Graça²¹³ (Figuras 84 e 85).

Também o Convento de S. Francisco sofreu importantes transformações. Apenas dois séculos após a sua construção, o Convento é entregue ao Ministério da Guerra e a Igreja à Ordem Terceira de S. Francisco, em 1822. Como mencionado acima, poucos anos depois são extintas as Ordens Religiosas em Portugal, ficando este entregue ao Batalhão de Caçadores nº 7, que aí estabeleceu o Hospital Militar. Em 1856, este espaço é concedido à CMT, que o aproveita para Quartel Militar, que aí permanece até finais do século seguinte.

Ainda na última década do século, dá-se a plantação do Pinhal de Sta. Bárbara, ainda hoje existente no local, que pretendia “*casar com o verdejar da Quinta dos Sete Montes.*”²¹⁴ Da capela de Sta. Bárbara não há notícia desde então. Com as suas ruínas ainda visíveis no primeiro quartel do século passado, possivelmente terá tido o mesmo fim que N. Sra. dos Anjos, com o reaproveitamento das suas pedras para a construção das novas estradas²¹⁵ (Figura 85).

No morro do Castelo, é ainda de notar o restauro interior da Ermida de N. Sra. da Conceição em 1848, bem como a reparação da calçada em 1871²¹⁶, e da construção de um ramal de acesso à mesma em 1888²¹⁷, proveniente do pedido para o arranjo do caminho.

É também por esta altura que se começa a falar da necessidade de construir uma Estrada de acesso ao Convento de Cristo. Para além de uma anterior referência em 1872 a um estudo da *directriz da estrada que deve ligar a Cidade com o Extinto Convento de Cristo*²¹⁸, é só num pedido da Câmara de 1877 que fica clara a manifesta intenção:

AMORIM ROSA

... partindo do cimo da Rua da Graça, desta Cidade, a entroncar com a outra estrada de Paialvo, comunicasse aquela Rua com o Edifício do Convento de Cristo, por se achar ali estabelecido o Hospital Militar do Regimento de Infantaria n.º11, sendo também a residência da maior parte das famílias dos oficiais do Regimento, e por ser um ponto muito concorrido de pessoas estranhas a esta localidade, tanto nacionais como estrangeiras.²¹⁹

²¹³ “Deste local [Rua da Graça] saía a calçada da Senhora dos Anjos (...) que subia costeando o muro da Cerca do Convento e que a actual estrada de Paialvo veio encontrar.” MELA, R. (1981-1985). *Ruas de Tomar e sua toponímia* in *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Nº2. p.79-80

²¹⁴ Cf. ROSA, A. (1982). *ibid.* p.108

²¹⁵ “A Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, no caminho que vai para Torres novas. Foi demolida em 1842. A imagem encontra-se na Igreja de S. Francisco. (...) A capela de Santa Bárbara, no alto do monte do mesmo nome (antigo Monte da Forca), na cerca do Convento de S. Francisco. As suas ruínas ainda eram bem visíveis no primeiro quartel deste século.” ROSA, A. (1965). *ibid.* p. 143.

²¹⁶ “[1871] ...pedindo a autorização para fazer algumas reparações na Calçada do Caminho para a Senhora da Conceição, desta Cidade, a fim de ser estabelecido, provisoriamente, por aquele sítio, o trânsito dos pobres entre Tomar e Vale dos Ovos.” ROSA, A. (1971). *ibid.* p.31.

²¹⁷ “[1888] Na mesma Sessão a Câmara aprovou o projecto da Junta de Freguesia de Santa Maria, de fazer um ramal do caminho para a Senhora da Conceição.” ROSA, A. (1971). *ibid.* p.276.

²¹⁸ ROSA, A. (1972). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos*. Volume VIII. p. 47

²¹⁹ ROSA, A. (1972). *ibid.* p. 119



FIGURA 86 Avenida Dr. Vieira Guimarães
Início da avenida junto do arrabalde do Pé da Costa, do lado direito.



FIGURA 87 Avenida Dr. Vieira Guimarães
Vista para a cidade, a partir da Avenida.

Neste seguimento, os pedidos continuaram até ao início do próximo século, no qual se iniciou o processo desta avenida. O arranque das obras foi em 1908 com a construção de uma muralha de suporte dos terrenos da Encosta do Castelo, na Rua do Pé da Costa de Cima (Figura 86), tendo sido concluída esta importante obra de ligação da cidade ao Castelo e Convento em 1919. Foi-lhe atribuída o nome de Avenida Dr. Vieira Guimarães, autor que não nos é estranho e que muito fez pela cidade de Tomar (Figura 87).

Com a finalização desta Avenida, ficam assim concluídas as três grandes vias abertas nos montes envolventes a Tomar no decorrer destes dois séculos: Estrada Leiria no monte de N. Sra. da Piedade, Avenida Dr. Vieira Guimarães no monte do Castelo e a Estrada de Paialvo no monte de Sta. Bárbara. Estas obras alteraram bastante a perceção destes montes e da envolvente do Convento de Cristo, por neles se esculpirem e introduzirem no seu desenho natural, um gesto bruto e superficial. Não queremos com isto, considerá-los a todos de igual modo violentos na paisagem, porque não se trata apenas disso. Poderia defender que a Estrada de Leiria seja a que considero mais impositiva na sua ação, não tanto pelo percurso que leva no monte, mas pelo gesto no seu arranque junto da Várzea ao criar um muro de suporte à via que quebra o decurso natural do vale.²²⁰ Por outro lado, a Estrada de Paialvo que atualmente não é perceptível na paisagem, dada a grande densidade de vegetação que a cobre na encosta do monte, mas que levou à destruição da memória de uma calçada e da sua capela quase tão antigas como a própria cidade — cujo problema atual, a meu ver, é apenas o desprezo e falta de arranjo. E a Estrada do Convento que, apesar de parecer mais exposta e evidente na paisagem, a massa arbórea disfarça-a no monte, sendo uma obra necessária e importante para assegurar o acesso ao Convento.

²²⁰ De igual modo é defendido por José Jorge Couto Ferreira que expõe em *Tomar – Perspectivas*: “por esta altura constrói-se a estrada de Leiria passando pelas Barreiras Altas cujo desaterro serviu para o aterro acima da Fonte e capela de S. Gregório; foi pena que o Ministério das Obras Públicas não tivesse tido em conta a opinião da Câmara de Tomar que pretendia que o traçado seguisse a antiga calçada de S. Gregório, oferecendo outra perspectiva de entrada da cidade, frente ao jardim da Várzea Pequena, e evitando o desinteressante percurso pelas Barreiras Altas com o prejuízo do custoso desaterro das mesmas Barreiras;” FERREIRA, J. J. C. [et al.] (1991). *Tomar – Perspectivas*. p. 105.



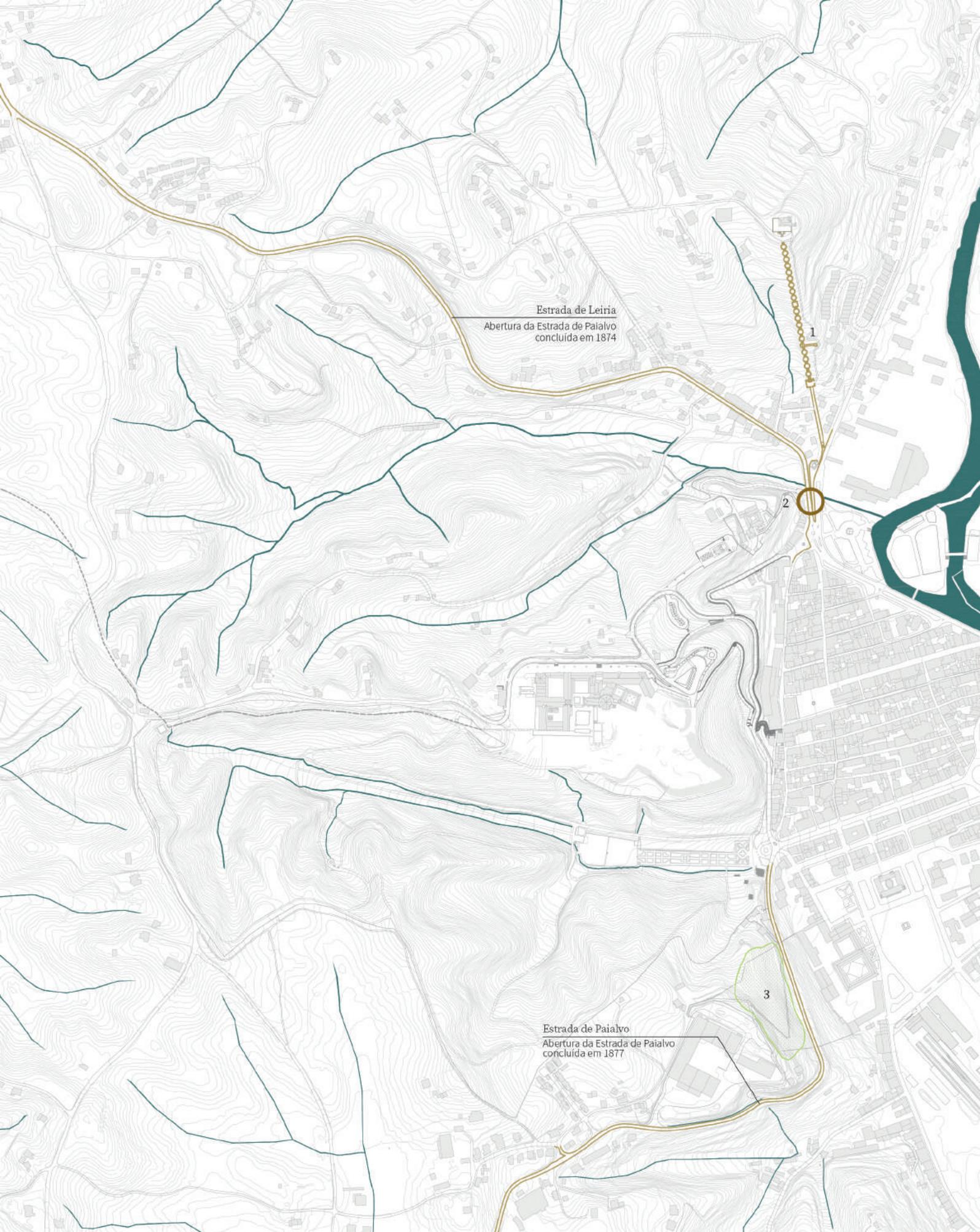
Legenda:

- 1 Convento da Anunciada Nova | Cerca aparenta ser maior do que atualmente
- 2 Convento de S. Francisco | Cerca e claustros construídos a partir de 1700
- 3 Capela de Sta. Bárbara | Possível local da capela, onde seria a antiga Forca de Tomar

N
ESCALA 1:7500

Desenho 15/20
Da Restauração às invasões Francesas
1640 a 1807

André Freitas, 2018.
A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP.



Estraça de Leiria
Abertura da Estraça de Paialvo
concluída em 1874

Estraça de Paialvo
Abertura da Estraça de Paialvo
concluída em 1877

Legenda:

- 1 Escadaria de N. Sra. da Piedade | Terminada em 1862
- 2 Fonte de S. Gregório | Construída em 1873
- 3 Pinhal de Sta. Bárbara | Plantação do pinhal na última década do séc. XIX



ESCALA 1:7500

Desenho 16/20
Das invasões Francesas ao fim da Monarquia
1807 a 1910

André Freitas, 2018.
A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP.

3.8. Da implantação da República à atualidade (séc. XX e XXI)

Das sucessivas intervenções ao reconhecimento da História e do Património

No decorrer deste último século, fruto de um significativo avanço científico e tecnológico, deu-se um exponencial crescimento urbano e populacional em todo o país. Consequentemente, foram realizadas inúmeras obras na cidade de Tomar, principalmente na zona Além Ribeira, para a qual se desenvolveu a cidade de Tomar com o Plano de Carlos Ramos.²²¹

Logo no início deste século começam a surgir organizações e grupos associativos de pessoas, das mais distintas áreas disciplinares, que detinham um carinho especial pela cidade de Tomar, pela sua História e pelo seu património. Dedicamos os próximos parágrafos a uma breve síntese sobre estas organizações, importante para contextualizar a intensa ação cultural que desencadearam e que foi reflexo em Tomar no decorrer deste século.

Em 1918 surge a União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, com o objetivo de proteger e divulgar o património desta Ordem. Desta associação surgiram os Anais do UAMOC, importante coletânea de atas e, acima de tudo, artigos sobre Arte, História e Pré-História, redigidos pelos membros, ou não, da União e cujos nomes não nos são alheios, como Vieira Guimarães, Garcês Teixeira, Lacerda Machado e Amorim Rosa, entre outros. Estes documentos assumem uma grande referência neste trabalho, a par de outras publicações como os Anais de Tomar, pelo seu complexo teor e pela qualidade e quantidade de recolha documental existente. Em 1919, este grupo é considerado pelo Ministro da Instrução Pública como correspondente em Tomar da Comissão dos Monumentos de Arte e Arqueologia.²²²

Pouco mais tarde, foi nomeada uma Comissão de Iniciativa e Turismo, da qual fazia parte o Coronel Francisco Pereira de Lacerda Machado, autor de uma das obras de referência deste trabalho. Na década de 30, é elaborado um projeto para um edifício de gaveto entre a Rua da Graça e o Pé da Costa de Baixo, para sede própria desta comissão, tendo a particularidade de ser construído com elementos arquitetónicos de alto valor artístico e arqueológico que se encontravam dispersos ou esquecidos na região. Atualmente, o edifício está classificado e ainda hoje funciona como Posto de Turismo de Tomar.²²³

Mais tarde em 1977, surge o Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar, CEPPT, com o objetivo de despertar e promover o interesse pelo património cultural e natural. Esta organização, ainda ativa, centra a sua atividade no património edificado, arqueologia, espeleologia e ambiente. Na sequência dos seus estudos, foram publicados alguns trabalhos, nomeadamente a *Carta Arqueológica do Concelho de Tomar* e *As Origens de Tomar* pelo antigo associado Carlos Batata, igualmente tidos em conta no nosso trabalho.²²⁴

Estes foram apenas os grupos com maior relevância, de entre outros que se formaram, e que contribuíram direta e indiretamente para o cuidado com o património Tomarense, para a sua divulgação e conservação e para um exaustivo registo documental.

Na continuação do que foi exposto no sub-capítulo 2.4. *Processo de classificação patrimonial do monumento*, para além do Convento de Cristo, diversos edifícios Tomarenses foram classificadas no de-

²²¹ Cf. CABRAL DIAS, J. J. (2018). *A Evolução Urbana de Tomar: De Sellium a Carlos Ramos*. p. 313-336

²²² *O Cinquentenário da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*. (1968) *Anais da União de Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*. Tomar Volume V.

²²³ Cf. ROSA, A. (1982). *História de Tomar*. Volume II. p. 115-116.

²²⁴ Consultado no website do CEPPT em <http://www.ceppt.org/>, a 6 de agosto de 2018.

correr do século. A Ermida de N. Sra. da Conceição e o Aqueduto dos Pegões foram os primeiros a ser classificados como Monumento Nacional em 1910, no mesmo decreto, tendo-lhes sido posteriormente atribuída uma Zona Especial de Proteção e “Non aedificandi” em 1947. O Aqueduto dos Pegões sofreu ainda de três alterações na sua Zona Especial de Proteção, entre 1977 e 1979. S. Gregório foi o seguinte a ser classificado, em 1948, seguindo-se a Igreja de S. Francisco em 1959, ambos como Imóvel de Interesse Público, não dispondo de nenhuma Zona Especial de Proteção. A Ermida de N. Sra. da Piedade e o Convento da Anunciada não dispõem de nenhuma classificação ou proteção no momento.²²⁵

A par destas classificações, nos anos 30 a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais dá início à reparação e restauro de alguns monumentos em Tomar, nos quais destacamos a Muralha do Castelo (Figura 88) – cujo estado avançado de degradação é visível em fotografias da altura – e a Ermida de N. Sra. da Conceição.

Nesta última foram realizadas obras de arranjo da sua envolvente próxima. Em 1933-34, para além dos arranjos interiores, envolvendo a abóboda central e o telhado, no seu exterior foram tapadas as fundações do edifício e construído um muro de suporte do lado sul, levando ao ajuste das escadas da porta lateral. Esta intervenção já é perceptível em fotografias de 1950 (Figura 90). Ao longo desta década surgiram vários projetos para a envolvente da Ermida, que nunca chegaram a ser concretizados (Figura 89).

Em 1965-66, a capela sofre novas obras de arranjo, desta vez mais drásticas do que as anteriores. Segundo um projeto de 1960, da DGEMN, foram construídos os restantes muros de suporte a toda a volta e o piso envolvente da capela é pavimentado. Nesta sequência, as escadas da porta lateral foram novamente alteradas, ficando como hoje se apresentam, e foi desentulhada a zona nascente da capela a uma cota inferior, para a qual se fizeram duas escadas simétricas de acesso. Neste patamar surge uma porta de ligação ao interior para uma escada que leva para a cota da capela e à sua cobertura. Celso Ramos, na sua dissertação de Mestrado, defende a existência desta porta numa data anterior a tal intervenção, defendendo ter estado entaipada.²²⁶ Em contrapartida, Maria da Conceição Coelho acredita ter sido um acrescento posterior à construção da capela, baseando-se num desenho antigo da mesma, do qual não há sinal.²²⁷ Se considerarmos a fotografia tirada anteriormente a esta intervenção, em 1950 (Figura 90) deparamo-nos com a ausência da porta, mas com a presença das duas janelas laterais, o que nos leva a questionar se poderia ter existido um compartimento inferior à capela com alguma função senão a sua ligação ao exterior. Contudo, a hipótese para nós mais plausível é a existência da porta à data da construção da capela — possivelmente para



FIGURA 88
Muralha do Castelo
Vista junto da Porta de Santiago, no barbacã de acesso ao terreiro do Castelo.

²²⁵ Consultado em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/>, a 19 de julho de 2018.

²²⁶ “O interior da capela, com as escadas em caracola a descerem até à base do piso inferior, parece desmentir esta hipótese de construção muito posterior. Se fosse uma construção muito posterior afigurar-se-ia mais plausível a porta não ter estado entaipada do que o ter estado até aos anos 60.” RAMOS, C. (2013). *Ermida de Nossa Senhora da Conceição de Tomar*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, orientado pela Professora Doutora Marta Oliveira. p. 29

²²⁷ “Pequena porta entre duas frestas horizontais – as três de traçado muito posterior à construção renascentista — abre-se na base da ousia.” PIRES COELHO, M. C. (1987). *A Igreja da Conceição, e o Claustro de D. João III do Convento de Cristo de Tomar*. p. 212

permitir o acesso do exterior diretamente ao cimo da torre sem que houvesse necessidade de passar pelo interior da capela. Subscrevendo o que Celso Ramos defende, esta abertura foi entaipada e posteriormente aberta nas intervenções de 1965. Nos anos 70 foi reconstruído o muro lateral sul, por deslizamentos de terras ocorridos. Para concluir, em 2002 realizaram-se novas obras de restauro, das quais se destaca a colocação de calçada nas áreas exteriores da capela ainda em terra batida.

Estas intervenções, principalmente a criação de muros de suporte e devidos aterros, alteraram significativamente a perceção que se tinha desta Ermida. A sua própria forma atípica com o remate da ousia em forma de torreão, dava a sensação de um volume elegante que irrompia do monte. No entanto, tal sensação perdera-se com a criação de uma plataforma que retira altura e dimensão à Ermida, quando enquadrada na paisagem. A partir do contraste entre duas fotografias, tiradas em 1890 e 2018, é perceptível tal diferença.

Para além da zona da Ermida, no morro do Castelo deram-se outras importantes transformações. Com a conclusão da Estrada do Convento em 1919, este local torna-se acessível, mas ainda sem infraestruturas dotadas para receber visitantes. Foi nesse sentido que surgiu o *Projeto de arranjo urbanís-*

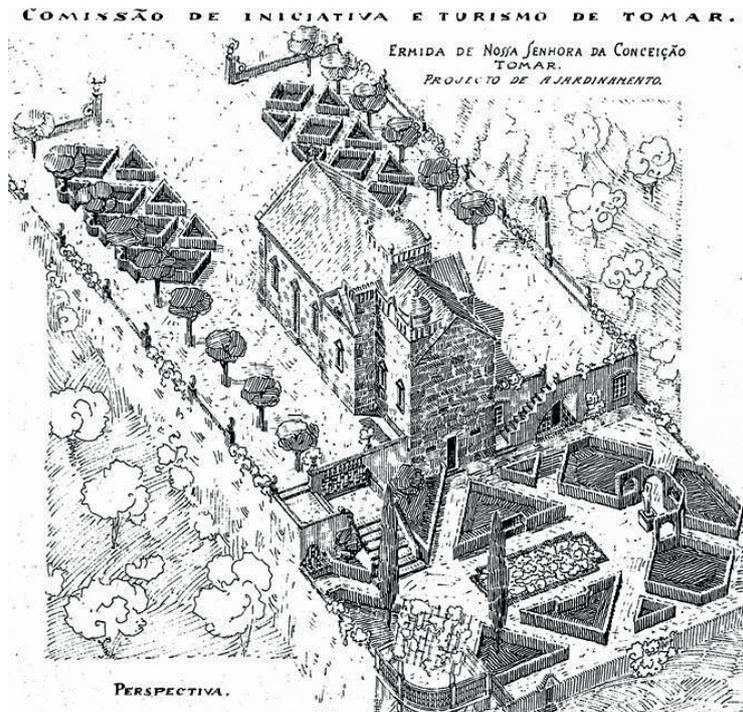


FIGURA 89
Projetos para arranjo da envolvente da Ermida de N. Sra. da Conceição

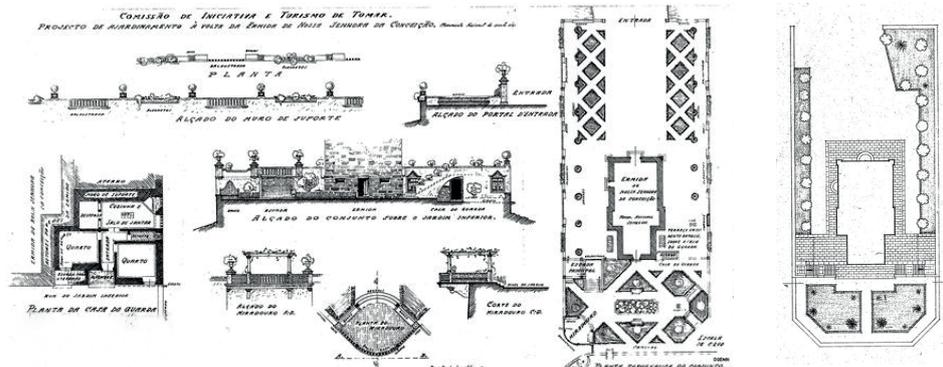




FIGURA 90 Ermida de N. Sra. da Conceição
Fotografia de 1950. Os aterros envolventes da Ermida ainda não estavam completos.
É evidente a cerca do Convento da Anunciada Nova que separa estes dois locais.



FIGURA 91 Ermida de N. Sra. da Conceição
Fotografia atual.
É evidente a diferença na vegetação que obstrui o Castelo e a Ermida.



FIGURA 92 Convento de Cristo
Fotografia de 1950, a partir da escadaria de N. Sra. da Piedade. É visível o Convento e Castelo, a Ermida de N. Sra. da Conceição e um pouco do Convento da Anunciada. O flanco norte do morro do castelo com poucas edificações e vegetação rasteira, permite uma leitura clara do edifício.



FIGURA 93 Convento de Cristo
Fotografia atual, a partir da escadaria de N. Sra. da Piedade
É notável o aumento de edificações no morro do Castelo e a diferença na vegetação, contribuindo para o ruído da paisagem envolvente ao Convento.

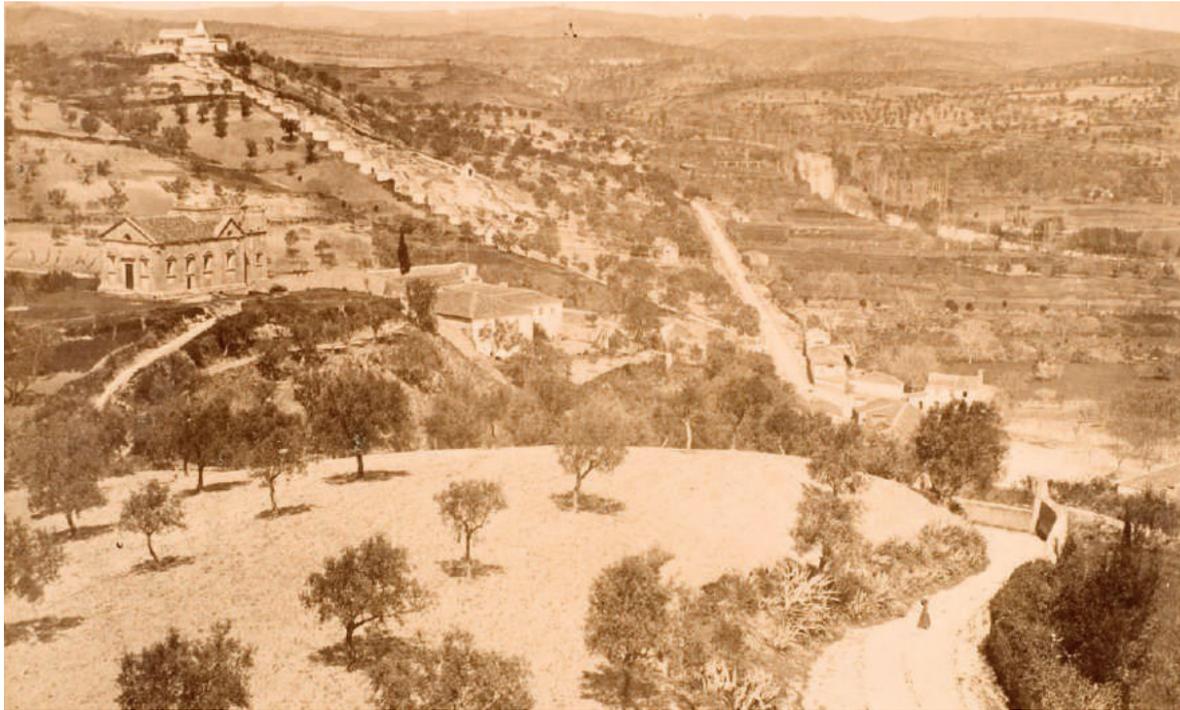


FIGURA 94 Cerrada dos Cães
Fotografia de 1890, com a Cerrada dos Cães em primeiro plano. É também perceptível um ramal de acesso à Ermida de N. Sra. da Conceição, percurso atualmente inexistente.



FIGURA 95 Cerrada dos Cães
Fotografia atual, após as intervenções existentes.

tico da Cerrada dos Cães em 1955, com o qual surgiu um terreiro de entrada junto da Porta de Santiago, capacitado para estacionamento automóvel, e um miradouro para a cidade. Esta obra deformou a topografia envolvente ao Castelo, conseqüente das terraplanagens e aterros necessários (Figuras 94 e 95).

Posteriormente, com a sua degradação e o crescente afluente turístico ao monumento, houve a necessidade de potenciar o local, tendo-se iniciado um novo *Projeto de Requalificação Urbana e Valorização da Envolvente ao Convento de Cristo*, em 2011. Desta vez, as intervenções foram além da Cerrada dos Cães, tendo sido reabilitada toda a Avenida Dr. Vieira Guimarães e o flanco norte do Convento. Na Cerrada, foi construída uma cafetaria com instalações sanitárias e foi criado um novo patamar de estacionamento a nordeste, a uma cota inferior. No flanco norte foram criadas duas plataformas junto da fachada — uma de acesso pedonal e outra de acesso automóvel e estacionamento para autocarros — havendo, para isso, a necessidade de construir um muro de suporte de elevada dimensão. Este muro descaracterizou completamente esta zona do Convento, destruindo a topografia natural e a leitura clara desta fachada. Ambos os projetos, de 1955 e de 2011, serão alvos de uma análise mais detalhada no capítulo que se segue.

Há ainda uma referência a intervenções anteriores na Cerrada dos Cães, que nos chega a partir de um excerto de Álvaro Barbosa, no qual afirma a existência de casas no flanco norte/nascente que foram demolidas no início do século.²²⁸ Apesar de hoje perdurarem algumas habitações dispersas, ligeiramente a norte da Cerrada dos Cães — já presentes em fotografias deste século — este aglomerado habitacional nunca deverá ter tido um grande peso na paisagem deste monte, uma vez que nunca foi visível em imagens ou mencionado em descrições. No entanto acreditamos terem existido mais edifícios ao longo da Calçada do Convento, precisamente no flanco norte/nascente que foram demolidas, e dos quais restam algumas ruínas claramente visíveis. Numa fotografia do século XIX,

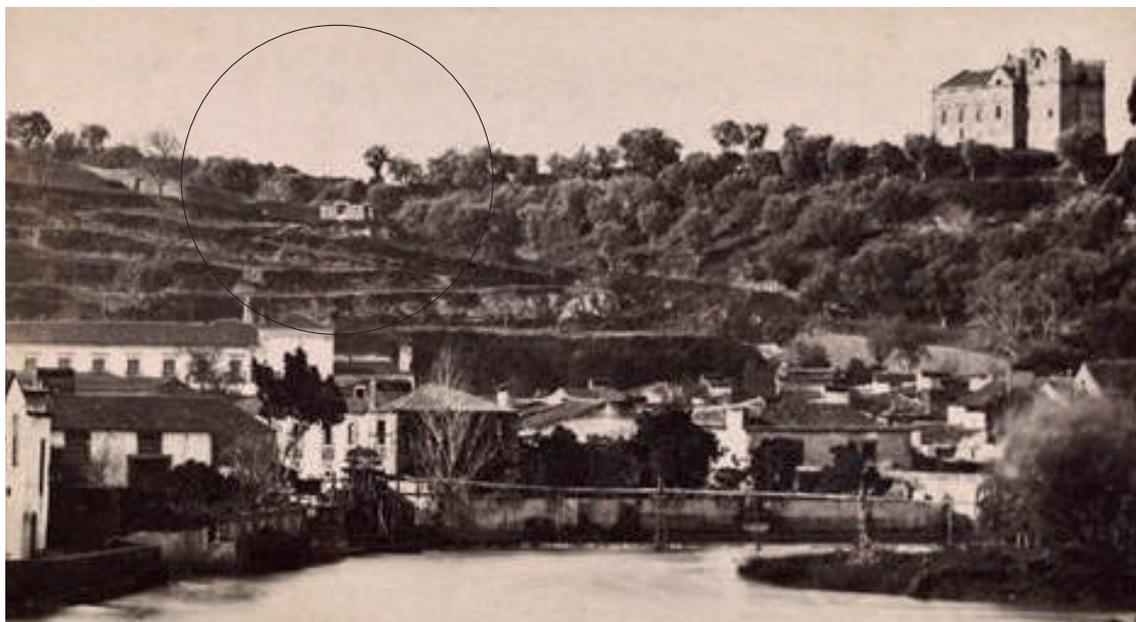


FIGURA 96 Muro visível no morro do Castelo
Fotografia de 1850. É perceptível o que parece ser um muro ou vestígios de edifícios.

²²⁸ “... foram lançadas casas extramuros no flanco Norte/Nascente do monte do Castelo; ainda aí permaneceram até meados do século XX, quando numa medida de saneamento, a vereação de Tomar as mandou arrasar.” BARBOSA, Álvaro José (2003). *Sete Montes de Tomar. Recuperação da Cerca do Convento de Cristo*. p. 21

é perceptível o que nos parece ser um muro com algumas aberturas que se situa entre a Ermida de N. Sra. da Conceição e o Castelo, e que deduzimos serem parte as ruínas que hoje se encontram no local. (Figura 96 a 98)

A Cerrada dos Cães é um local importantíssimo na relação de proximidade que possui com o Castelo de Tomar, quer a nível físico, quer funcional. Este local apenas fora mencionado pela primeira vez neste século, no decorrer das primeiras obras no local — pelo menos que nos são conhecidas. Foi, possivelmente, também por esta altura que o local ficou conhecido como tal, talvez por ter sido frequentemente ocupado por cães — se tivermos em conta as notícias constantes de cães vadios que circulavam na cidade.²²⁹

O espaço dos Sete Montes e Sete Vales foi profundamente alterado no decorrer deste século (Figuras 99 e 100). Depois da sua mudança na designação de Cerca Conventual para Quinta dos Sete Montes e da sua venda em hasta pública, foi novamente adquirida pelo Estado em 1936. Confiada a sua exploração agrícola durante dois anos à XIIª Brigada de Campanha de Produção Agrícola, os seus trabalhos não foram os mais respeitosos perante o terreno existente, levando a sucessivas intervenções que desfiguraram o seu relevo natural. Para o efeito da exploração de pomares no local, a Brigada desarborizou e transformou o local em socalcos, com a construção de muros de suporte do lado sul da muralha do Castelo, que provocaram a derrocada do alambor onde assenta a muralha. Possivelmente, data desta altura as transformações que levaram o local a perder a aparência apresentada na gravura de 1895, com o abate de várias árvores, com a alteração da topografia e com a destruição da ponte por onde passava o ribeiro proveniente da nascente junto da Porta da Almedina.²³⁰ Estas ações vieram a público nos jornais locais²³¹ e levaram a DGEMN a elaborar um relatório do qual impediu a ação da Brigada Agrícola no local. Assim, é de considerar que a classificação atribuída ao local de Imóvel de Interesse Público, em 1938, e de Zona “Non aedificandi”²³², em 1946, esteja na origem deste processo, a fim de valorizar o espaço e protegê-lo contra certos atos semelhantes.

Findo isto e estando agora a Quinta na posse do Estado, a Câmara de Tomar pretendeu investir no desenvolvimento deste espaço para fins turísticos e de lazer e solicitou a sua transformação num Parque Municipal, segundo o exemplo das Matas do Buçaco e de Sintra. Assim, foi entregue aos Serviços Florestais de Sintra que protagonizaram a transformação deste espaço no local que hoje conhecemos. Apesar do esforço para a preservação do património local, houve uma atitude de indiferença perante o contexto, levando à transformação completa da flora de um local com características variadas — entre mata, horta e olival. Ninguém melhor que Álvaro Barbosa para descrever este gesto:

²²⁹ Fica um exemplo das muitas notícias no decorrer da primeira metade deste século, do Jornal “O Alarme” de Julho de 1915: “Cães: Novamente veem pelas ruas da cidade grande numero de cães vadios que põem em risco as canelas dos descuidados transeuntes. Para o caso pedimos a atenção da autoridade competente.”. Visto no website Memória Digital de Tomar: <http://www.mdthomar.ipt.pt/>, consultado a 6 de agosto de 2018.

²³⁰ Cf. BARBOSA, Álvaro José (2003). *ibid.* p. 39-64

²³¹ Consultar excertos dos jornais no website Memória Digital de Tomar: <http://www.mdthomar.ipt.pt/>

²³² Consultado em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/>, a 19 de julho de 2018.



FIGURA 97 E 98
Vestígios de construções
Fotografias atuais com evidências de antigas construções junto da Calçada do Convento, na localização identificada na Figura 96.



FIGURA 99 Morro do Castelo, visto de Sta. Bárbara de 1936



FIGURA 100 Morro do Castelo, visto de Sta. Bárbara.



FIGURA 101
Parque de merendas na
Mata dos Sete Montes



FIGURA 102
Novos caminhos
abertos e percursos de
manutenção criados

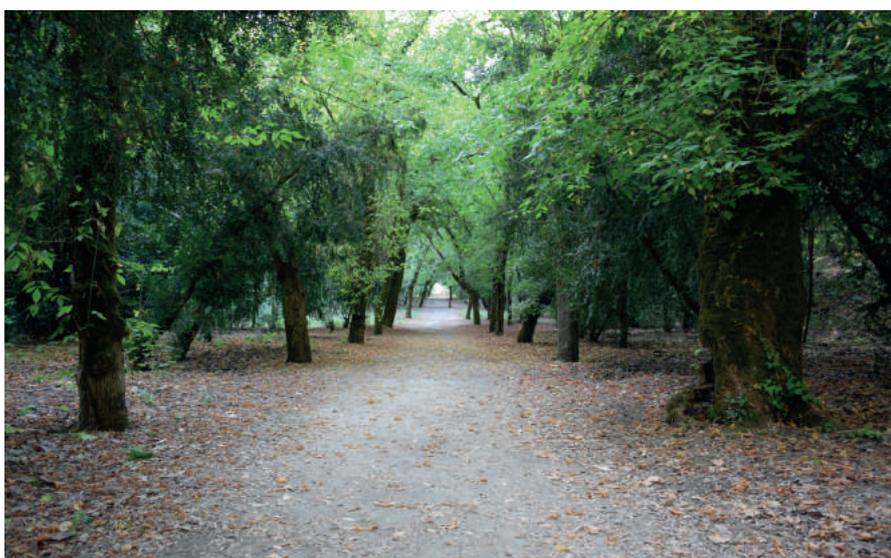


FIGURA 103
Alameda dos Freixos, no
chã da valada

ÁLVARO BARBOSA

Quem hoje passeia, pelos novos caminhos delineados pelos Serviços Florestais de Sintra, vê o olival histórico que desde o século XIV rodeava a sede da Ordem de Cristo, abandonado por entre a mata de coníferas, a maioria das quais, ainda tem a ver com a vegetação autóctone; vê as bolsas de carvalho assombradas por “elegantes” pinheiros, cujo crescimento rápido, em algumas dezenas de anos, tornou mesquinho o porte dos carvalhos, tão celebrados na Lusitânia Transformada.²³³

Estas obras decorreram entre as décadas de 30 e 40. Foram abertos novos caminhos, criados jardins, parques de merendas e infantis, e foi reflorestada com diversas árvores e espécies novas (Figura 101 a 103). Ainda em 1940 são demolidas as casas no cimo da Rua da Graça, como é visível nas imagens (Figura 104 a 107), deixando o muro da cerca a descoberto. Posteriormente, em 1949 são realizadas as obras na entrada e colocados os portões na entrada da mesma, tornando-o num espaço público, aberto à cidade (Figuras 112 e 113). Assim, após a Cerca Conventual e a Quinta dos Sete Montes, surge a designação de Mata Nacional dos Sete Montes em 1986 com a sua integração no Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, mais tarde sucedida pelo Instituto da Conservação da Natureza. Na Figura 104, onde são visíveis os edifícios no cimo da Rua da Graça antes da sua demolição, é igualmente explícito a Torre de D. Catarina e parte da muralha sul. Apesar da qualidade da fotografia de finais do séc. XIX, é patente uma diferença na textura da torre e da muralha, aparentando estar caiada. Tal acaso é também perceptível na Figura 85 (p. 138), datando todas de 1890. Isto leva-nos a crer que, à semelhança da Cerca Conventual, partes da muralha seriam caiadas, apresentando uma imagem menos rústica relativamente à que hoje se idealiza, e com um impacto muito superior na paisagem – evidente se tomarmos como exemplo a fachada norte do Convento, bastante visível a grandes distâncias.

Atualmente a Mata Nacional dos Sete Montes encontra-se sobre a tutela do ICNF — Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas²³⁴ — numa gestão tripartida entre este, a Câmara Municipal de Tomar e o Convento de Cristo. É interessante ver que desde a publicação do trabalho do Arquitecto Álvaro Barbosa sobre este local, em 2003, deram-se avanços neste espaço, alguns de encontro às recomendações deixadas por ele. Em 2010, foi realizada uma candidatura a fundos comunitários — devidamente desenvolvido no próximo capítulo — que permitiu a realização de obras de melhoramento da mata, das quais se salienta a criação de um Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental na Casa do Guarda. Ainda no fim desse ano o flanco noroeste, entre a Cadeira d’El Rei o Convento, sofre uma perda arbórea de grande dimensão, causada pela passagem de um tornado. Desde então esta parte da mata ainda não recuperou, sendo a diferença de florestação clara quando comparadas duas imagens aéreas do antes e depois. (Figura 112 a 114)

Com cerca de quatro séculos, o Aqueduto dos Pegões sofre de necessidades de reparação e reabilitação em bastantes troços do seu percurso. No decorrer do século foram recorrentes as correspondências entre a CMT e a DGEMN sobre a necessidade de restauro e ainda sobre a ZEP, cujos limites foram alterados duas vezes, como mencionado acima. Entre 1930 e 1980, o Aqueduto foi diversas vezes intervencionado e reparado em certas partes, mas sem a realização de obras estruturais. Estas apenas se realizaram no novo milénio, com a aprovação do projeto no fim do ano de

²³³ BARBOSA, Álvaro José (2003). *ibid.* p. 33.

²³⁴ É um organismo de administração indireta do Estado Português, com o objetivo de conservar e valorizar os recursos florestais de Portugal. Resultou da fusão, em 2012, da Autoridade Florestal Nacional com o Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade, e Fundo Florestal Permanente.



FIGURA 104 Antigos edifícios no cimo da Rua da Graça
Fotografia de finais do séc. XIX.



FIGURA 105 Demolição dos edifícios no cimo da Rua da Graça
Fotografias dos finais da primeira metade do séc. XX.

FIGURA 106 Demolição dos edifícios no cimo da Rua da Graça
É visível o pinhal de Sta. Bárbara já com alguma dimensão.

FIGURA 107 Demolição dos edifícios no cimo da Rua da Graça
Antiga entrada para a Cerca Conventual, no culminar de uma via abaixo do caminho da Riba Fria.

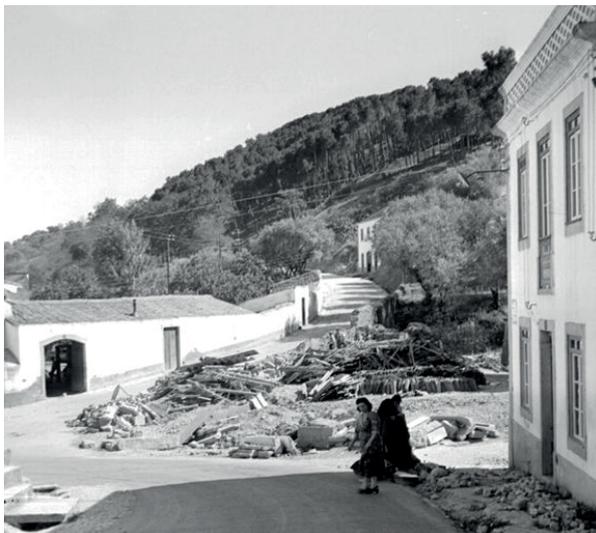




FIGURA 108 Nova entrada da Mata. No centro ergue-se a estátua do Infante D. Henrique



FIGURA 109 Jardim Formal, criado no local das antigas hortas



FIGURA 110
 Fotografia aérea de 1958
 De salientar a predominância da oliveira em toda a paisagem e o monte de Sta. Bárbara, sem a construção da FAI, permitindo perceber os percursos existentes e algumas construções, posteriormente demolidas.



FIGURA 111
 Fotografia aérea de 1992
 A FAI é construída, juntamente com novos edifícios associados à Estrada de Paialvo.



FIGURA 112
Fotografia aérea de 2009
A Mata Nacional dos Sete Montes já apresenta uma vegetação praticamente uniforme e consolidada desde a fotografia aérea anterior.



FIGURA 113
Fotografia aérea de 2011
A zona noroeste da mata sofre uma perda de vegetação devido ao tornado de 2010.

2016 pela Câmara Municipal de Tomar. No ano seguinte são então realizadas obras de consolidação estrutural do aqueduto, no seu troço mais emblemático junto aos Brasões.²³⁵

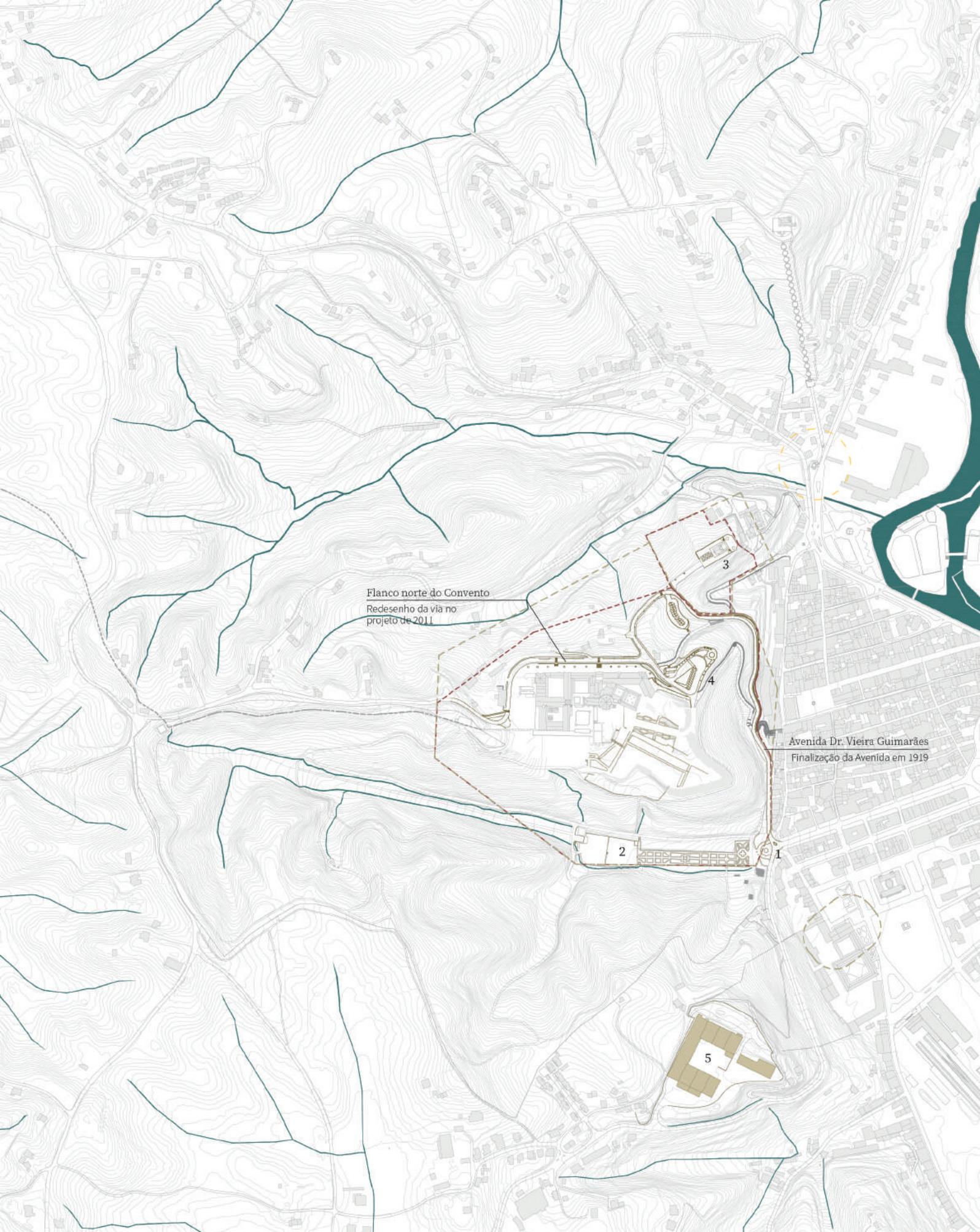
Na envolvente mais distante do Castelo também se deram novas obras, que transformaram definitivamente estes montes. A norte, no monte de N. Sra. da Piedade foi construído em 1986 um loteamento de habitações, na sua encosta levante. Esta construção foi realizada à cota de 75 metros, ligeiramente abaixo da meia cota entre o sopé do monte e a capela. Apesar da obra não ser tão impactante como seria de esperar — auxiliado também pela vegetação densa naquela encosta do monte — este é um exemplo da necessidade da criação de uma zona de proteção do monumento, a fim de não permitir que futuras construções desvirtualizem o lugar e lhe retirem a devida presença no monte.

No monte de Sta. Bárbara, o pinhal plantado na última década deste século XIX já é bem visível numa fotografia aérea tirada em 1958. Entre a década de 70 e 80, a sua encosta sul verificou um grande crescimento, com a crescente construção de habitações e com a construção da FAI — Feira Agrícola e Industrial e atualmente o estaleiro municipal—, visível na fotografia aérea de 1992 (Figura 111). A par disto, e da posterior colocação de mesas de cimento na encosta nascente, nada mais se realizou, levando ao abandono do monte e ao seu estado de desmazelo atual.



FIGURA 114 Mata dos Sete Montes ,vista do tramo da cerca sudoeste
É visível a clara diferença de vegetação entre o lado norte (à esquerda) e o lado sul (à direita)

²³⁵ Informação consultada no website dos Monumentos da DGPC, em <http://www.monumentos.pt/>, a 19 de julho de 2018.



Legenda:

- 1 Nova Entrada da Mata | Construção em 1949
- 2 Mata dos Sete Montes | Diversas transformações no decorrer do século
- 3 Cerrada dos Cães | Projeto de 1955 e Projeto de 2011
- 4 Ermida N. Sra. da Conceição | Arranjo da envolvente em 1960
- 5 FAI - Feira Agrícola e Industrial | Construção nos anos 80

- ZGP - Zona Geral de Proteção
- ZNA - Zona "non aedificandi"
- ZEP - Zona Especial de Proteção

ESCALA 1:7500



Desenho 17/20
Da implantação da República à atualidade
Desde 1910

André Freitas, 2018.
A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. FAUP.

Capítulo 4

**REGENERAÇÃO DA ENVOLVENTE
DO CÔNVENTO DE CRISTO**

Com as bases históricas necessárias e com o reconhecimento do lugar, da sua evolução e da sua condição atual, devemos agora avançar para a análise das carências e perspectiva daquilo que o local pode melhorar e evoluir. Pretendemos olhar para as intervenções mais recentes que ocorreram nos diferentes locais e lançar linhas de ação daquilo que poderá vir a ser feito.

Uma grande referência para este estudo é a do Arquiteto Álvaro José Barbosa²³⁶, na sua obra sobre *Os Sete Montes de Tomar*, idêntico na sua maneira de observar as carências do local e de elaborar propostas. Com o intuito de promover a recuperação da Cerca é realizado um estudo e análise sobre o local, incomparável a nenhum outro anteriormente feito sobre o tema, com referências históricas e um levantamento dos elementos da paisagem que foram sofrendo mutações ao longo do tempo, culminando com um conjunto de linhas de ação e diretrizes para a recuperação e regeneração do lugar dos Sete Montes. Apesar do foco no seu estudo ser apenas a da Mata Nacional dos Sete Montes, é gratificante ver que algumas das suas propostas para a regeneração do local, elaboradas em 1995, foram atendidas sendo notável algum caminho percorrido num esforço conjunto entre a ICNF e a CMT.

Assim, tendo em conta a leitura de um território mais amplo e de um distanciamento de vinte e três anos desde a última vez que algum autor dedicou um olhar similar a esta temática, surgem de seguida algumas propostas de atuação e regeneração do espaço, na esperança de que possam também estas ser analisadas e consideradas em futuras intervenções.

²³⁶ Já referenciado anteriormente neste trabalho, Álvaro José Barbosa foi licenciado em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa e Mestre em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico pela Universidade de Évora em 1995. Foi conservador no Convento de Cristo em 1985 e diretor deste monumento de 1990 a 1999. De entre as suas publicações relativas ao Castelo Templário e Convento de Cristo, é no seu livro “Os Sete Montes de Tomar”, de 1995, reprodução a partir da sua dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico pela Universidade de Évora, que é desenvolvida uma leitura sobre a Cerca Conventual, na encosta Sul do Castelo de Tomar. Cf. BARBOSA, A. J. (2003). *Sete Montes de Tomar. Recuperação da Cerca do Convento de Cristo*.

4.1. Planos de intervenção e requalificação para a sua envolvente próxima nos séculos XX e XXI

4.1.1. Planos Municipais e Programas para a revitalização de Tomar

Antes de nos focarmos nos planos existentes para a envolvente direta, foi importante averiguar quais os planos existentes para a cidade de Tomar, quais contemplam a zona de estudo e de que modo. Assim, segue-se uma breve síntese da evolução dos Planos e Programas de revitalização para a cidade de Tomar.

1994 – Plano Diretor Municipal de Tomar

O Plano Diretor Municipal²³⁷ de Tomar foi aprovado pela Assembleia Municipal de Tomar em 27 de maio de 1994, e ratificado pelo governo em 21 de julho de 1994, através da Resolução do Conselho de Ministros N.º 100/94 de 8 de outubro de 1994. Desde então já sofreu oito alterações e continua a ser o plano em vigor, encontrando-se neste momento em processo de revisão.

Inserido no PDM de Tomar existem Unidades Operativas de Planeamento e Gestão (UOPG), que correspondem a unidades territoriais que podem integrar mais do que uma classe de espaço e que, pelas suas características próprias, se individualizam da restante área do plano. As únicas referências aos monumentos de Tomar e a medidas de prevenção são relativas às condicionantes que decorrem do regime de proteção do património classificado, delineados pela DGPC, referidos em capítulos anteriores.

1998 – Plano de Pormenor para o Centro Histórico

O Plano de Pormenor para o Centro Histórico, ou Projeto Global de Conservação e Recuperação do Centro Histórico de Tomar (PGCRCHT), como ficou denominado, ou também conhecido por *Plano de Salvaguarda*, foi publicado em 1998. Este plano estabelece um conjunto de normas, incorporadas numa estratégia para o Centro Histórico com regulamentação importante para esta zona da cidade. Inseridos neste plano encontram-se imóveis a classificar segundo o seu valor histórico e patrimonial, sendo todos eles assinalados, com a devida classificação e área de proteção.

Até então não voltou a haver nova revisão e novo Plano de Salvaguarda, encontrando-se desatualizado e distante dos novos desafios e exigências da cidade atual.²³⁸ Apesar deste Plano para o Centro Histórico de Tomar ser por vezes referido como Plano de Salvaguarda, tal não se enquadra nestes parâmetros, mas sim enquanto Plano de Pormenor.

2001 – Programa POLIS

Programa inserido no Plano de Intervenção Polis em Tomar, que incidiu maioritariamente no melhoramento de complexos e no arranjo urbanístico ao longo do rio Nabão.

²³⁷ O PDM é o instrumento de gestão territorial que estabelece as regras para utilização, ocupação e transformação do solo em todo o território do concelho. Define um modelo de estrutura espacial do território municipal e constitui uma síntese estratégica do desenvolvimento e ordenamento local, integrando também as opções de âmbito nacional e regional.

²³⁸ É de salientar que o Plano de Salvaguarda é um instrumento de ordenamento do território que foi pioneiro em Portugal na Câmara Municipal de Lisboa, para a Baixa Pombalina, e que, neste caso, sendo uma parceria com a DGPC, este plano permite que deixe de ser necessário a emissão de um parecer prévio favorável por parte deste órgão, favorecendo investidores e agilizando processos de reabilitação urbana, sem comprometer a preservação do património.

2009 – PIVUT (*Programa Integrado de Valorização Urbana de Tomar*)

O *Programa Integrado de Valorização Urbana de Tomar* incidiu maioritariamente sobre o Centro Histórico, frente ribeirinha, envolvente do Convento de Cristo e Mata dos Sete Montes. É neste programa que se insere o Projeto de Requalificação do Terreiro D. Gualdim Pais – Cerrada dos Cães – que aprofundaremos de seguida.

2010 – *Rede de Mosteiros Património da Humanidade*

Complementar ao programa anterior da PIVUT, surge a Rede de Mosteiros Património da Humanidade. Este programa incluía territorialmente Tomar, Alcobaça, Batalha e Lisboa e pretendia valorizar o Património Cultural da região Centro e tornar mais competitivo o turismo deste sector do País. Foi neste seguimento que se deram as obras na Ala norte do Convento de Cristo, bem como o arranjo da Avenida Vieira Guimaráes.

2014 – ARU (*Área de Reabilitação Urbana*)

Definição da zona do ARU – Área de Reabilitação Urbana – como reconhecimento da importância da reabilitação urbana, não apenas nos centros históricos, através do fomento ao investimento e da promoção de políticas mais orientadas para este fim.

2015 – PUGT (*Projeto Urbano Global de Tomar*)

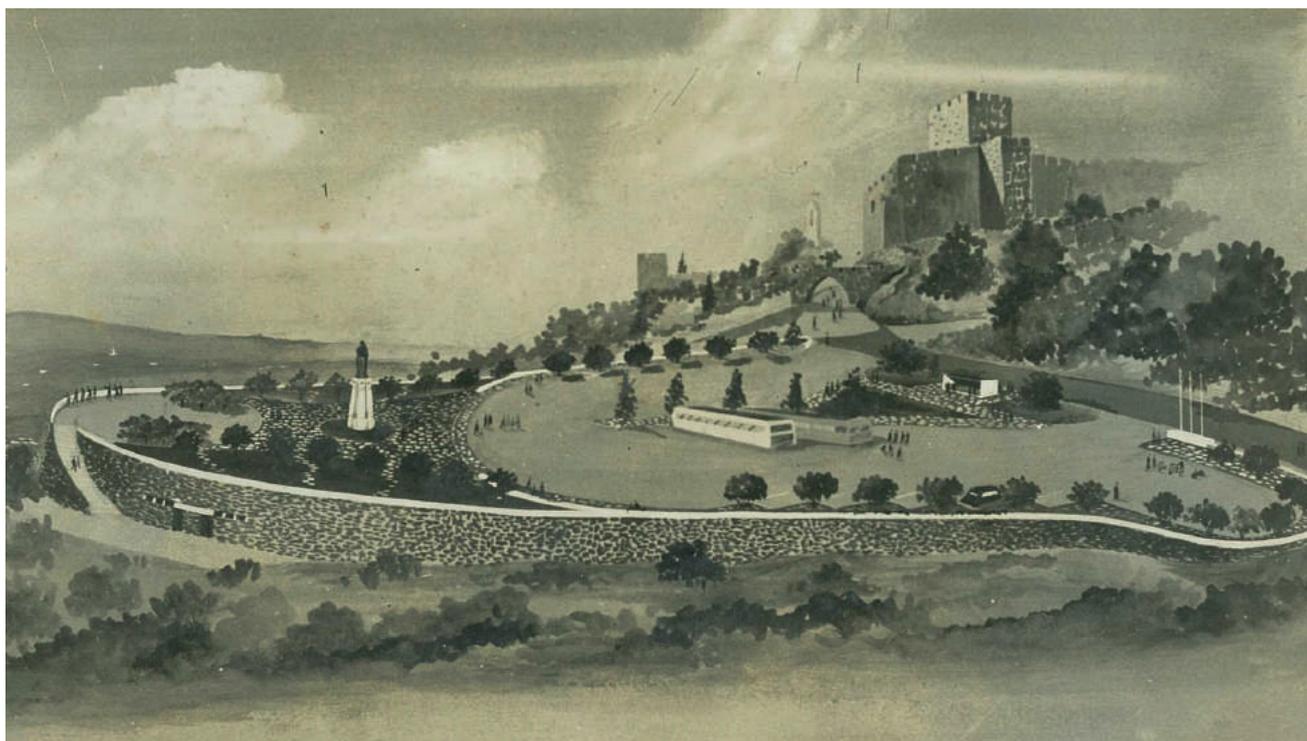
Projeto desencadeado no seguimento de uma reflexão sobre as orientações políticas da cidade a desenvolver num horizonte de duas décadas. Nesse seguimento surgiu, complementar a este, o PEDU – *Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano* – com a sua candidatura a fundos de financiamento, e que se encontra atualmente em execução.

Este projeto volta a ter impacto na zona de estudo e na sua envolvente, por um conjunto de propostas que desenvolve em torno destes monumentos e locais: criação do percurso de ciclovias até ao Convento de Cristo; reabilitação do Convento de S. Francisco e dinamização do seu Claustro com a criação do Museu do Brinquedo e melhoramento do Museu dos Fósforos, entre outras propostas; requalificação da Várzea Grande e a sua envolvente, projeto de execução a ser desenvolvido no momento; requalificação da Mata dos Sete Montes, através da manutenção do espaço arbóreo e das edificações e trilhos existentes; requalificação das entradas de Tomar, nas quais está inserida a entrada pela Estrada de Paialvo, no Monte de S. Bárbara. Associados a estas operações contempladas no Projeto ORU, surgem também a reabilitação e reforço estrutural de uma parte do troço do Aqueduto dos Pegões, concluído no fim do ano passado.²³⁹

2017 – ORU (*Operação de Reabilitação Urbana*)

Foi na base das orientações estratégicas do PUGT, e conseqüentemente do PEDU, que surgiu o ORU, em 2017. Resultou de uma atualização e de uma nova reflexão sobre o que fora planeado em 2015 e no desenvolvimento da sua operacionalização, designando-se de *Projeto ORU*.

²³⁹ Ver sub-capítulo 3.8. *Da implantação da República à atualidade (séc. XX e XXI)*, p. 147.



4.1.2. Projeto de arranjo urbanístico da Cerrada dos Cães – 1955

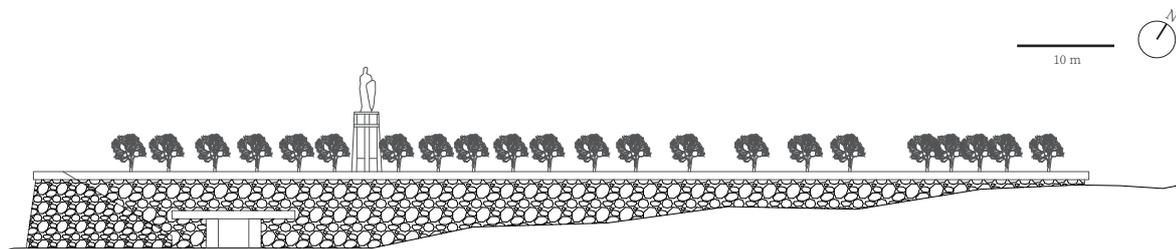
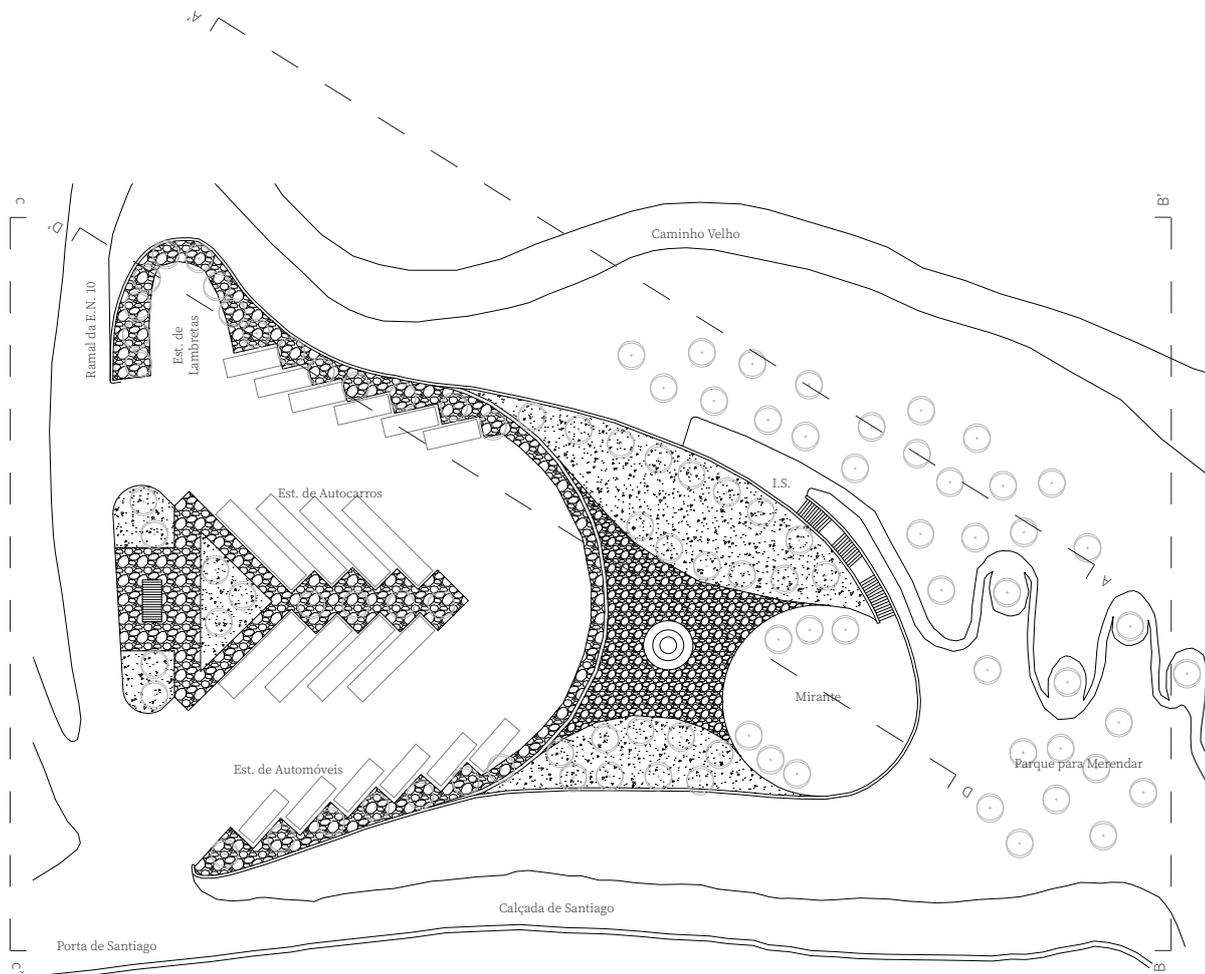
FIGURA 115
Cerrada dos Cães, 1955
Esboço da Cerrada dos Cães, segundo o seu projeto de 1955.

Até ao século XX, a envolvente próxima do Castelo e Convento de Cristo nunca sofreu intervenções urbanísticas com o intuito de dotar o local com infraestruturas de apoio ao turismo e aos seus serviços. Anteriormente, apenas servida pelas Calçadas de Santiago e do Convento, o surgimento do automóvel e do seu uso exponencial, trouxeram a necessidade de prover este lugar de um acesso digno e capaz de responder a este novo desafio. Assim, a construção da Avenida Dr. Vieira Guimarães em 1919 foi o primeiro passo dado neste sentido, mais tarde complementada pelo Plano de Arranjo Urbanístico da Cerrada dos Cães em 1955 (Figura 115).

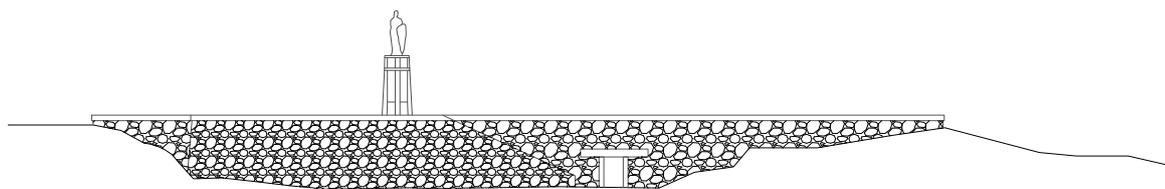
Este projeto, assinado pelo Arquitecto João Pedro da Mota Lima²⁴⁰ e do Engenheiro João Carlos Cruz de Chaluf, em agosto de 1955 (Anexo IV, p.253), desenvolveu-se na encosta nascente, junto da Alcáçova e da Porta de Santiago, delimitado a norte pela Calçada do Convento, a nascente pela encosta que mais abaixo encontra a Avenida Dr. Vieira Guimarães, a sul pela Calçada de Santiago e a poente pelos alambores da Alcáçova. O projeto pretendia prover este espaço prioritariamente com parque de estacionamento e miradouro, complementado com um parque de merendas em várias plataformas, arborização do local, zonas verdes e instalações sanitárias (Figura 116).

No seguimento deste plano, foram levados a cabo aterros e grandes obras que desfiguraram a topografia deste flanco, sendo bastante visível através da comparação das imagens deste local, tiradas antes, durante e depois da intervenção (Figura 117).

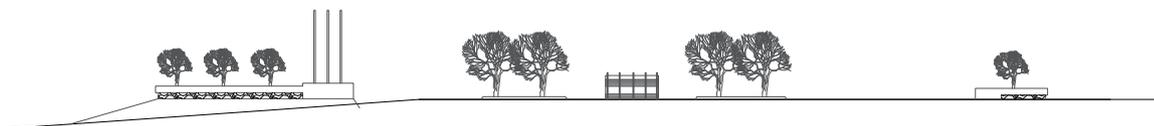
²⁴⁰ João Pedro de Figueiredo da Mota Lima nasceu em 1929 e faleceu em 2012. Foi arquitecto e célebre figura na cidade de Tomar, pelo seu envolvimento e dedicação enquanto cidadão e arquitecto na comunidade.



Perfil AA'



Perfil BB'



Perfil CC'



Perfil DD'

FIGURA 116
 Projeto de arranjo urbanístico para a Cerrada dos Cães. Desenhos realizados com base no projeto de 1955. Em cima, planta do local, com definição de zona de miradouro, estacionamento e parque de merendas. Em baixo, cortes e alçados do local.

FIGURA 117
Cerrada dos Cães, 1960
Evento a decorrer na Cerrada dos Cães, onde ainda é visível a obra em execução, destacando para a terraplanagem realizada.



Concluído em 1965²⁴¹, este plano não foi totalmente executado. Estava prevista a deslocação da Estátua de D. Gualdim Pais da Praça da República para este local, como é visível nos desenhos e na memória descritiva²⁴², onde é justificado pela desproporção e falta de escala que esta estátua impõe à Praça que atualmente a recebe, inserindo-se muito melhor na Cerrada dos Cães, segundo aspetos arquitectónicos e históricos. Tal não aconteceu, permanecendo a estátua no seu primitivo local.

Também a construção do parque de merendas em várias plataformas – visíveis na planta – ficou por construir, continuando a restante encosta com a topografia original. O lugar ficou assim com um parque de estacionamento e um miradouro, e com um novo coberto vegetal, ladeado por Olaias e, no centro, com pinheiros mansos a fim de proporcionar sombra sobre o estacionamento.

Este plano foi bastante importante para o apoio às atividades do Convento, dado o impulso da sua dinâmica cultural e turística. Apesar de incompleto, acredito ter sido uma mais valia para o monumento, não restando dúvidas sobre a importância da construção do estacionamento no local, dado que anteriormente se dispunha todo em frente à fachada norte do Convento.

Atrevo-me a afirmar que a implantação deste terreiro na encosta foi realizada com um desenho cuidado e atendendo ao lugar. A sua forma orgânica segue o desenho das calçadas que o delimitam e termina a nascente com um muro de suporte que se projeta sobre a cidade de Tomar, formando um miradouro. A sua escala é certa na proporção entre a monumentalidade do Castelo e a escala humana, sendo um local de dimensão ideal para a atividade que pretendia à data da sua execução. Também a escolha dos materiais teve em consideração o enquadramento na paisagem existente, procurando não destoar nem se destacar.

²⁴¹ “1965 – conclusão do arranjo urbanístico do Cerrado dos Cães, com execução de parque de estacionamento e instalações sanitárias, pelo empreiteiro Anselmo Costa”, em www.monumentos.pt/ consultado a 9 julho de 2018.

²⁴² “Entre o mirante e a plataforma de estacionamento haverá um largo ladeado por zonas verdes, onde será colocada a estatua de D. Gualdim Pais actualmente existente na Praça da República. Esta mudança impõe-se por várias razões, entre as quais se destacam as de ordem estética. No seu actual lugar, quanto a nós, tira toda a proporção à praça, devido às dimensões.” Memória Descritiva, Plano de Arranjo Urbanístico da Cerrada dos Cães, 1995. Anexo IV, p. 253

Após esta intervenção, a vegetação deste flanco alterou-se, nomeadamente no seguimento da Avenida e na Cerrada dos Cães. A par com o que se verificou na Cerca Conventual, houve um aumento da densidade da vegetação, com a colocação de novas espécies de porte maior do que a oliveira. Como é possível verificarmos através de fotografias da época, o local acabou por ficar num meio termo e sem nenhuma lógica paisagística, com oliveiras nos “vazios” de intervenção e com outras espécies nos locais intervencionados. Por um lado, será de reprovar este gesto, uma vez que alterou substancialmente a imagem deste morro na paisagem Tomarense. No entanto, devemos considerar outros pontos nos quais o contributo foi positivo. Primeiro, a colocação de vegetação mais alta e densa levou a que esta nova intervenção na Cerrada dos Cães não tivesse impacto na imagem do Castelo, o que se verificaria se tal terreno fosse apenas composto por oliveiras que deixariam a descoberto os muros de suporte criados para nivelar o terreno. Para além disso, acompanhando a tendência de muitos terrenos na zona e o crescente desinteresse no cultivo da oliveira – com o abandono dos terrenos e conseqüente desordenamento – será de ponderar que esta ação tenha antecipado o panorama atual. Coetâneo a este, está a acontecer na Cerca Conventual um gesto semelhante, com a reflorestação do Jardim e Mata Municipal que no fundo se vieram a complementar, permanecendo uniforme a imagem deste morro.

Contudo, esta nova ação de reflorestação poderia ter sido mais atenta na escolha das espécies, nomeadamente no seu porte. São exemplo disso, os pinheiros mansos colocados na Cerrada dos Cães que, apesar da sombra que proporcionavam – tornando o local agradável e propícios a merendas e piqueniques – a sua grande altura obstruía demasiado o alçado do Castelo quando visto deste local e, principalmente, da cidade.



FIGURA 118 Vista aérea do Convento de Cristo
Para além da Cerrada dos Cães, é ainda visível a fachado norte do Convento, ainda com a antiga via terraplanada.

4.1.3. Projeto de Valorização e Requalificação da Mata Nacional dos Sete Montes – 2008

Este projeto surge no seguimento do Programa Operacional Regional do Centro, Mais Centro, aprovado em 2008. Com o intuito de valorizar o espaço da Mata Nacional dos Sete Montes, foi projetada a requalificação de alguns dos seus espaços de lazer e a dinamização de percursos na Mata. Foi ainda realizada a reabilitação da Casa do Guarda, situada à entrada da Mata, que foi transformada em Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental da Fauna e Flora da Mata e do Rio Nabão, em parceria com a CMT.

Uma particularidade deste projeto, pelo Arquitecto Álvaro Barbosa defendida e subscrita por mim neste trabalho, foi a vontade de ligar o Centro Histórico da cidade de Tomar ao Castelo Templário a partir da Mata. Esta ligação vem dar uma uniformidade e união ao conjunto e levar os visitantes a conhecerem novos percursos e novas formas de aproximação ao Castelo, a partir do antigo Caminho da Riba Fria, que ligava com a Porta da Almedina. Uma vez que esta se encontra entaipada, o acesso seria feito pela Torre da Condessa, a poente desta. Infelizmente tal não aconteceu, dado o projeto envolver três entidades, CMT, ICNF e Direção do Convento de Cristo, e o sucesso do mesmo depender de uma boa articulação entre estes três organismos.



FIGURA 119 Painel informativo na entrada da Mata dos Sete Montes
Painéis desenvolvidos no decorrer do projeto de valorização,
com a criação de novas infraestruturas e percursos pela mata



FIGURA 120 Parque infantil, substituído após o projeto de valorização



FIGURA 121 Placas informativas colocadas ao longo da Mata



FIGURA 122 Placas sinaléticas a indicar os diferentes percursos ao longo da Mata

4.1.4. Projeto de Requalificação Urbana e Valorização da Envolvente ao Convento de Cristo – 2011

Com o passar de meio século após a primeira intervenção na Cerrada dos Cães, este local carecia de obras de requalificação e da intervenção no restante troço do Castelo no seu lado norte. Assim, inserido nos programas de revitalização mencionados acima, surge um novo plano denominado de Projeto de arranjo urbanístico da envolvente do Convento de Cristo. É claro na designação que, contrariamente ao anterior projeto, este tem como base uma área superior à Cerrada dos Cães, partindo desde o início da Avenida Dr. Vieira Guimarães, até às traseiras do Pátio dos Carrascos (Figura 126 e 127).

O projeto visava acima de tudo resolver algumas questões logísticas relacionadas com a circulação automóvel e estacionamento.²⁴³ Um excelente *input* que este projeto trouxe relativamente ao anterior foi a requalificação da Avenida Dr. Vieira Guimarães, bem como a frente norte do Convento, com a criação de estacionamento e plataformas de acesso pedonal (Figura 125)

Na Cerrada dos Cães, foi renovado o pavimento e alterado o estacionamento no local. Foi ainda construído um volume no seu lado norte, que congrega uma cafetaria com esplanada e as instalações sanitárias no piso inferior com acesso a partir da Calçada do Convento. Foram ainda retirados os pinheiros mansos e plantadas novas árvores no mesmo local (Figura 123).

Abaixo da Cerrada dos Cães, entre a Calçada do Convento e a Ermida de N. Sra. da Conceição, foi criada uma nova zona de estacionamento de forma irregular, segundo as características topográficas do local, utilizando a Calçada do Convento como acesso à Cerrada dos Cães (Figura 124).

Na frente norte do Convento foi construída uma plataforma de acesso pedonal, que distancia a estrada e estabiliza a cota a toda a sua extensão. Esta intervenção resultou na criação de dois altos muros de suporte – o muro de suporte junto da fachada, que parte dos alambores junto do gaveto Filipino da Enfermaria e termina de nível com o pavimento junto do Noviciado; o outro muro, de suporte da estrada e abaixo deste último, tem uma expressão muito mais visível na paisagem, com cerca de 7 metros de altura junto do casario na encosta.

Este projeto veio beneficiar o local com novas funcionalidades e com uma imagem renovada, mas que, contudo, ficou um pouco aquém daquelas que poderiam ter sido as linhas de ação.

A construção de uma Cafeteria na Cerrada dos Cães veio dar uma nova vida a este local ao oferecer um espaço agradável para os visitantes e moradores da cidade recorrerem, além das visitas ao monumento. Apesar do aumento de estacionamento automóvel e de autocarros, alocado à fachada norte do Convento, o parque mostrou-se insuficiente para certas épocas e eventos. Tendo por base as estatísticas divulgadas pela DGPC²⁴⁴, o Convento de Cristo é o quarto monumento nacional mais visitado, com cerca de 354 763 visitantes, contabilizados no ano de 2017. Atualmente, o local fornece estacionamento para cinquenta e três automóveis e seis autocarros.

Também o problema de falta de zonas verdes praticáveis perdura. Continua a não existir parque de merendas com mesas, apesar do espaço verde disponível à volta da Cerrada dos Cães, bem

²⁴³ “(...) a intervenção pretende resolver algumas das questões de ordem logística que a elevada afluência ao Convento de Cristo gera, nomeadamente a circulação automóvel e o estacionamento de transportes coletivos e individuais. Para além destas preocupações a proposta deverá centra-se na valorização do espaço, procurando torná-lo mais funcional, tendo em conta a sua visita e o usufruto deste local ímpar.” Projeto de Requalificação Urbana e Valorização da Envolvente ao Convento de Cristo (2011). Memória Descritiva. A.M.T. p. 1. Anexo V, p. 255

²⁴⁴ Ver estatísticas das entradas no Convento de Cristo no Anexo III, p. 251.
Cf. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/dgpc/estatisticas-dgpc/>, consultado a 14 de julho de 2018.



FIGURA 123
 Vista da Cerrada dos Cães
 Do lado esquerdo é visível a Cafetaria, intervenção deste último projeto Cerrada dos Cães, após intervenção de 2011



FIGURA 124
 Parque de estacionamento
 Nova zona de estacionamento, aberto abaixo da cerrada dos cães, cujo muro é visível na imagem.



FIGURA 125
 Fachada norte do Convento de Cristo
 Intervencionada nesta última obra, foi criada uma plataforma de acesso pedonal, distanciando a estrada da fachada do Convento.



FIGURA 126 Vista aérea da Cerrada dos Cães
É visível a Cafetaria na Cerrada dos Cães, a fachada norte do Convento com a nova plataforma de acesso, e ainda o novo estacionamento abaixo da Cerrada dos Cães.

como mobília urbana em zonas sombreadas. Parece-me muito redutora a intervenção nesta área, ainda mais pelo baixo custo e esforço requerido para dotar o espaço de tal, dadas as infraestruturas já criadas.

Respeitante à topografia, na Cerrada dos Cães esta nova intervenção pouco veio alterar. Contudo, a fachada norte ganhou uma nova imagem. A criação de uma plataforma de acesso veio dar estabilidade e leitura à fachada, mas, por outro lado, tirar-lhe escala e dimensão na paisagem. A fachada apresenta agora dois grandes muros de suporte de pedra que contrastam fortemente com a fachada caiada de branco e que, devido à sua grande altura, lhe retiram grandeza perante o morro. Este muro, ganha ainda mais destaque quando visto de baixo, a partir do Vale Pereiro ou da Estrada de Leiria. A acrescer a isto, a colocação de estacionamento de transporte coletivo junto desta via leva a que muitas vezes o Convento fique tapado pelos autocarros, não permitindo a vista para e de lá.

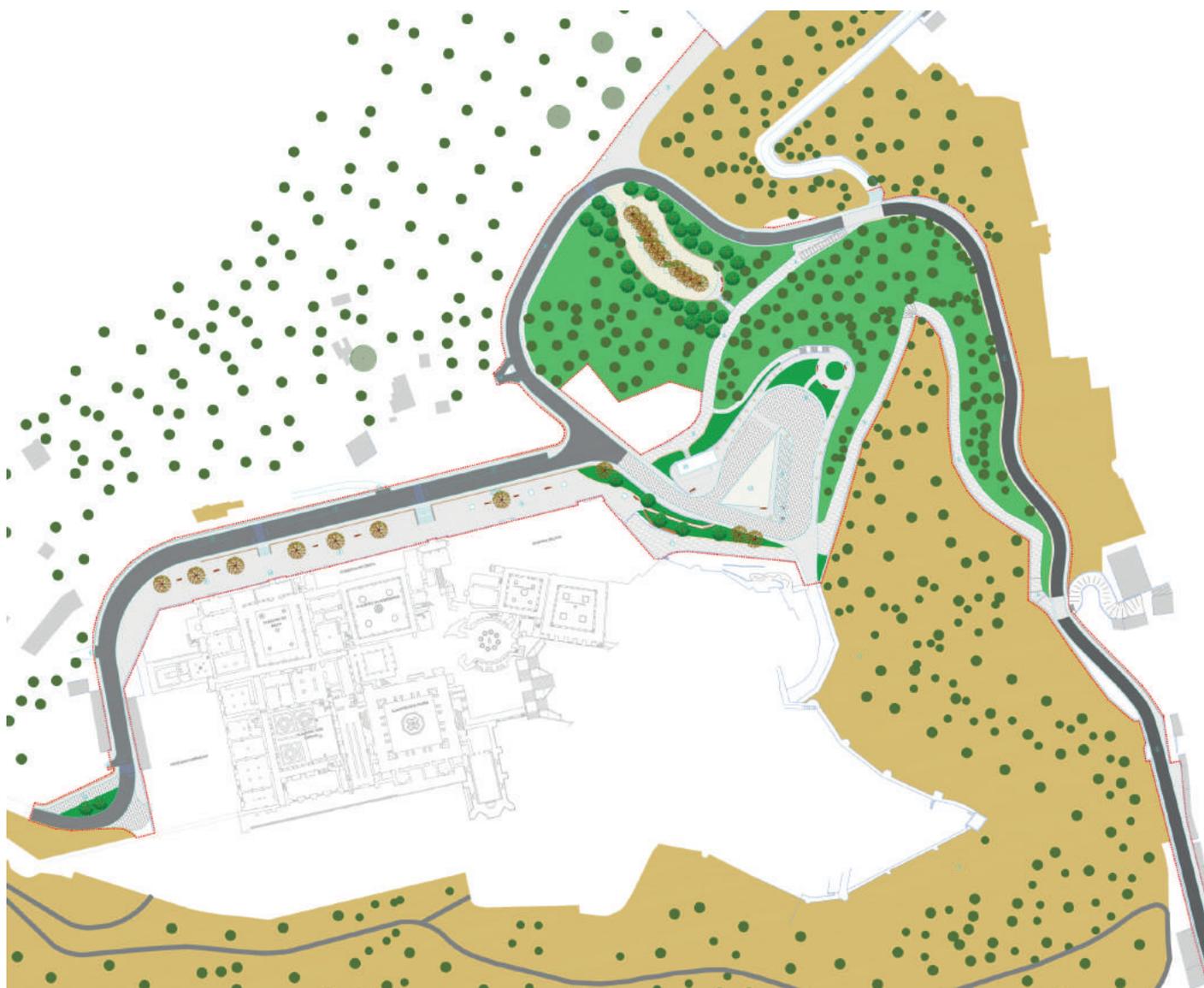
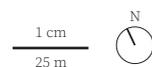


FIGURA 127 Projeto de 2011
Intervenção na Avenida Dr. Vieira Guimarães, na Cerrada dos Cães e na frente norte do Convento de Cristo.
Projeto do atelier Bernardo e Bernardes, Associados, e Arquitectura Paisagística de Ricardo Campos.



4.1.5. Outros projetos existentes no decorrer do século XX

Aquando da transformação da Quinta dos Sete Montes para Jardim Público e Mata Nacional dos Sete Montes decorreram algumas obras, nomeadamente na sua entrada. Como já foi exposto no capítulo anterior, foram demolidos os edifícios no cimo da Rua da Graça e construída uma nova entrada (Figuras 129 e 130), com a Casa do Guarda (Figura 128) e o Jardim formal. Para além destes, foram abertos novos caminhos, o local foi equipado com percursos de manutenção, parque infantil e parque de merendas.

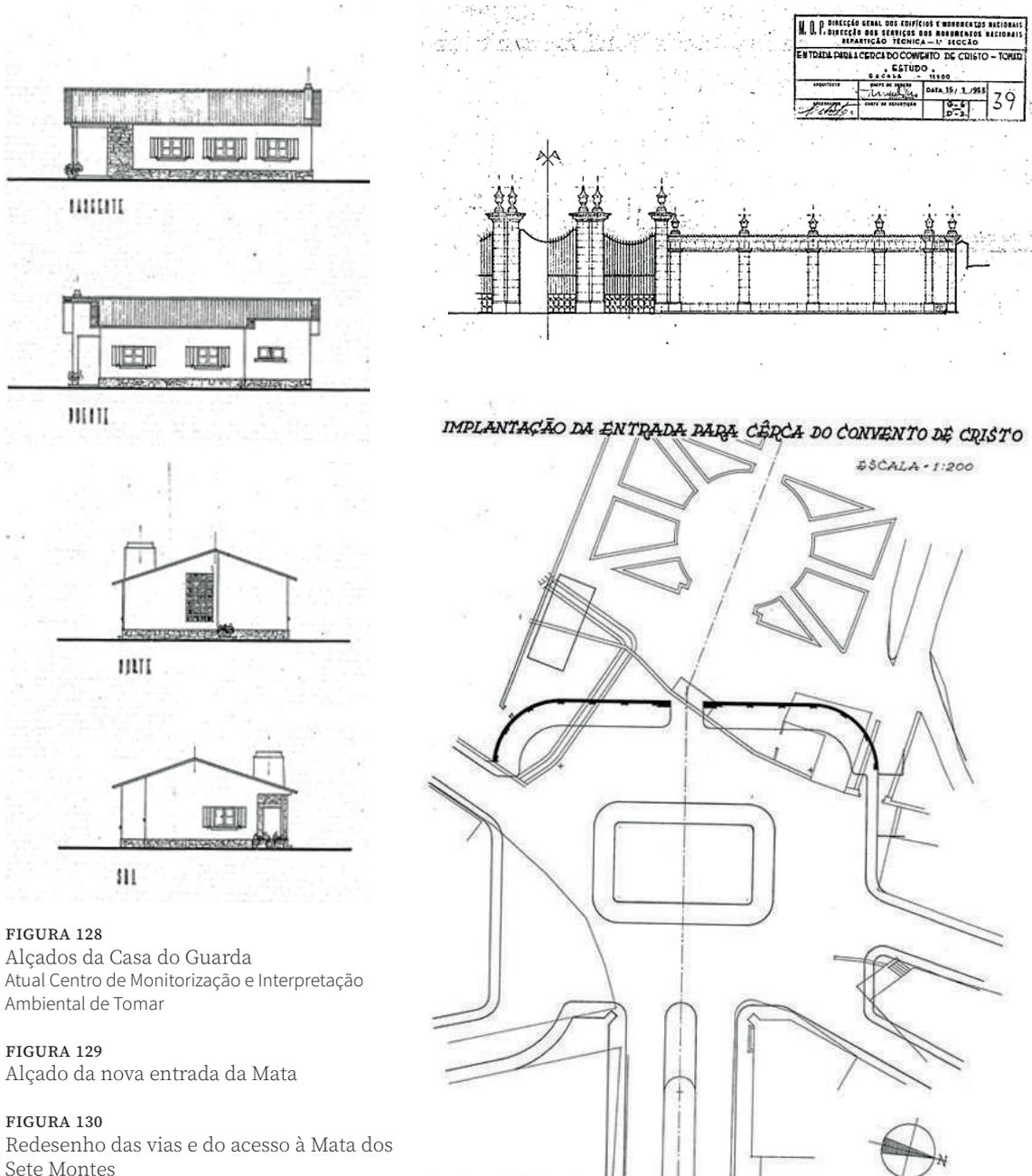


FIGURA 128
Alçados da Casa do Guarda
Atual Centro de Monitorização e Interpretação
Ambiental de Tomar

FIGURA 129
Alçado da nova entrada da Mata

FIGURA 130
Redesenho das vias e do acesso à Mata dos
Sete Montes

Para além disso, foi apenas a partir de desenhos encontrados no site dos Monumentos que nos chega a referência de um projeto de 1970 para a frente norte do Convento Cristo. Sem que nos seja possível perceber qual a autoria ou propósito do mesmo, ou se fora apenas um estudo ou um projeto que acabou por não ser executado, os desenhos apresentados têm bastante interesse. O projeto denuncia muitas semelhanças com o que foi posteriormente executado em 2012, nomeadamente pelo modo como é redesenhado o flanco norte e a criação de duas plataformas de acesso ao mesmo. Uma particularidade que este projeto possui é a extensão da sua intervenção até ao Pátio dos Carrascos, situado do lado poente do Convento. A utilização deste local para o estacionamento de autocarros – que agora serve de local de serviços, cargas e descargas e estacionamento para os funcionários do Convento – seria parte da solução para que estes não estacionassem na frente norte do Convento, que em muito denigre a imagem do monumento na paisagem.

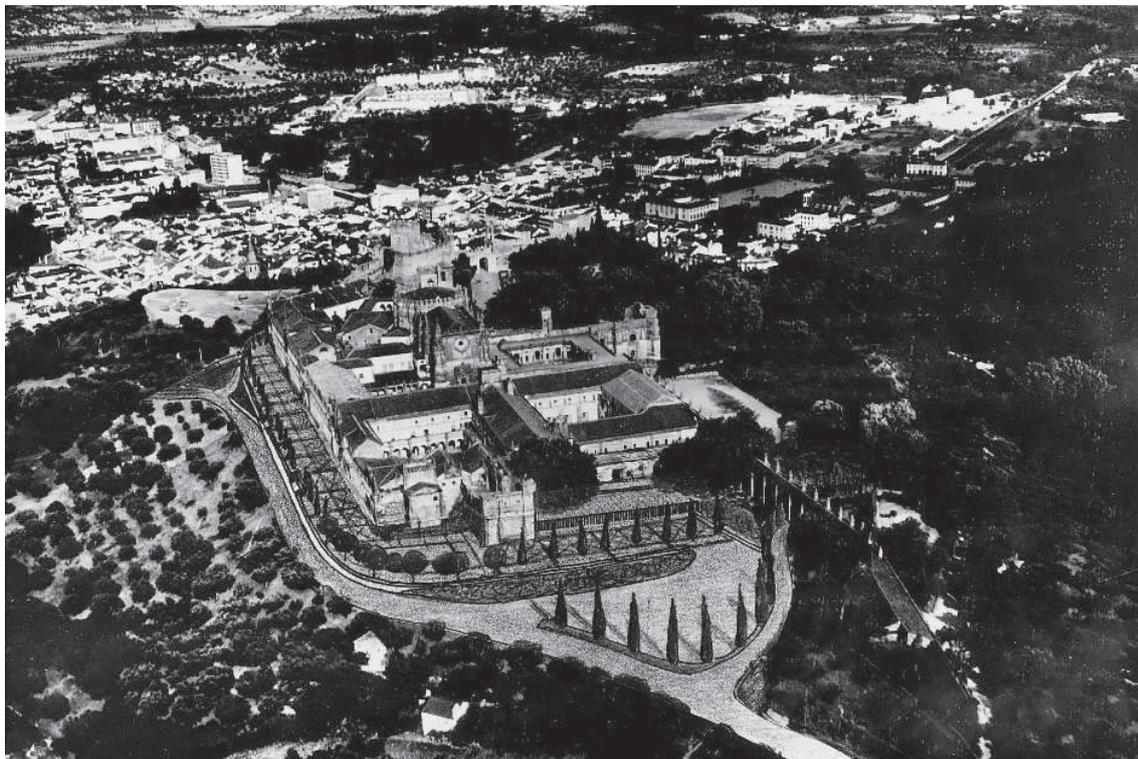


FIGURA 131 Fotomontagem com o projeto de 1970 para a frente norte e poente do Convento de Cristo

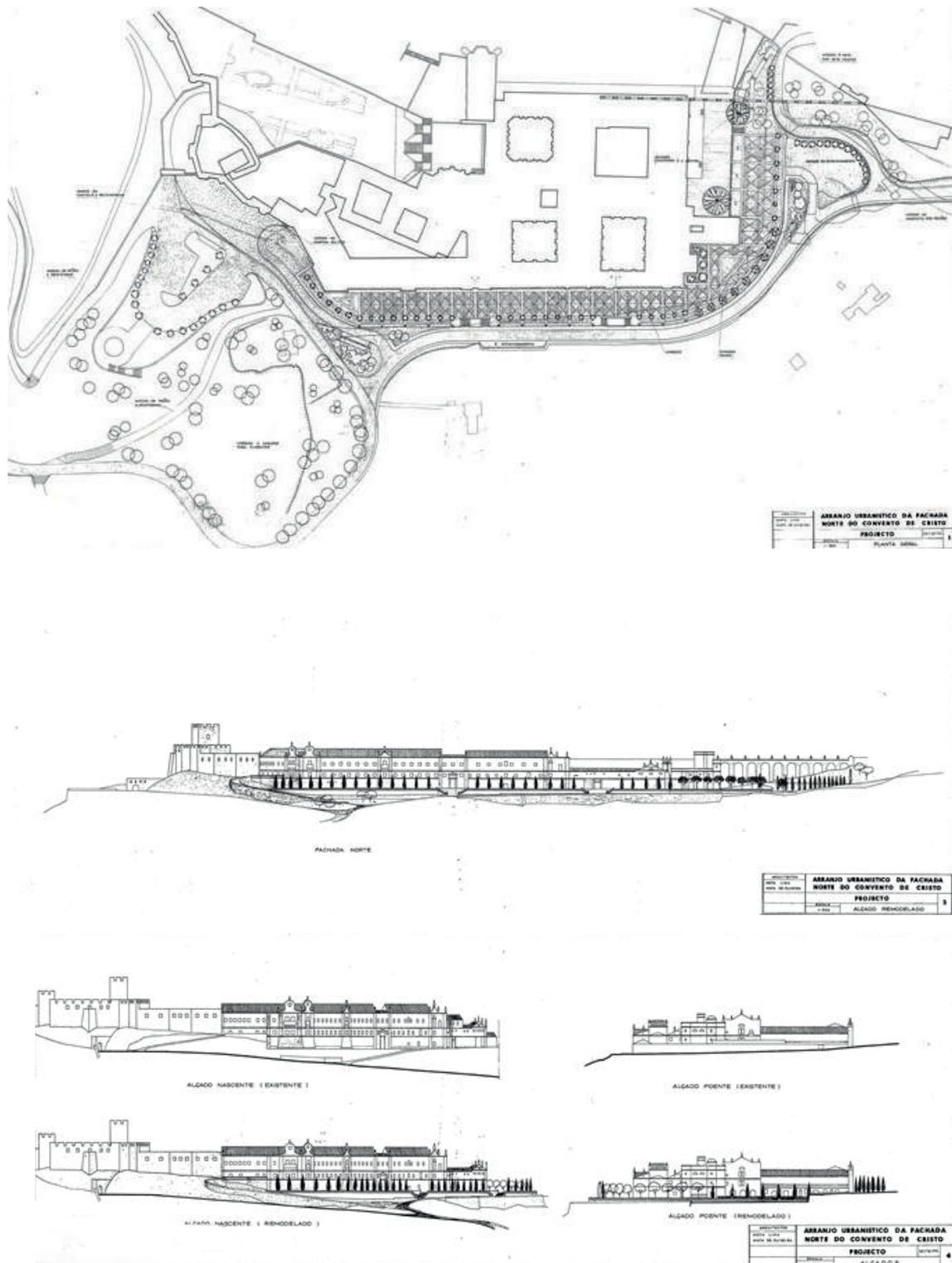


FIGURA 132 Plantas e Alçados do projeto de 1970

4.2. Reconhecimento dos problemas atuais

4.2.1. Monte de N. Sra. da Piedade

Classificação e Zona de Proteção

Situada neste morro, encontramos a Ermida de N. Sra. da Piedade e a capela de S. Gregório. Apesar da distinta tutela de ambas as capelas, sendo a de S. Gregório propriedade do Município de Tomar e a de N. Sra. da Piedade da Igreja Católica, ambas carecem da existência de uma Zona Especial de Proteção e Zona de “non aedificandi”, mesmo estando a capela de S. Gregório classificada como Imóvel de Interesse Público.

Urbanização na encosta

Como já foi exposto anteriormente, intervenções nos anos 80 na encosta nascente da N. Sra. da Piedade descaracterizaram este morro. A construção de uma urbanização acima da cota 70 levou a que o monte, coberto de vegetação e com a Ermida edificada no seu topo, perdesse protagonismo perante a invasão desta urbanização na sua leitura. A par desta construção, outras habitações posteriores, existentes nas imediações da Ermida, constituem o mesmo problema.

Desconhecimento das capelas

Atualmente as capelas de N. Sra. da Piedade e de S. Gregório encontram-se fechadas ao público, pelo menos com carência de um horário fixo. Salvo certos dias ou eventos, a população e os visitantes da cidade são privados de conhecer estes locais no seu interior, levando ao esquecimento e desconhecimento da sua História.

Vale Pereiro e a Estrada de Leiria

Com a construção da Estrada de Leiria, o Vale Pereiro foi cortado, quebrando o decurso natural do seu ribeiro. Neste momento, encontra-se parcelado e com inúmeras habitações e terrenos, completamente descaracterizado daquilo que fora anteriormente. Para além disto, o muro que se ergue junto da Várzea Pequena e suporta o fim da Estrada de Leiria, destruiu qualquer memória existente deste local, permanecendo no esquecimento o seu ribeiro, a Calçada de S. Gregório e a Cerca do Convento da Anunciada.

4.2.2. Monte do Castelo

Zona de Proteção

Como foi referido no capítulo 2. *O Castelo Templário e o Convento de Cristo*, este complexo foi considerado como Património da Humanidade pela Unesco²⁴⁵. Foi definida uma área de proteção do lugar como “Zona non aedificandi”, através de um perímetro de 50 metros para além de todo o complexo, no mínimo, englobando parte da Cerca Conventual e do Aqueduto dos Pegões. Esta medida pecou em não contemplar o espaço com as suas características, topografia e elementos arquitectónicos envolventes, deixando de fora grande parte daquilo que compõe a História e a paisagem deste lugar.

²⁴⁵ Ver sub-capítulo 2.4. *O processo de classificação patrimonial do monumento*, p. 58-59.

Habitações na encosta norte

Na encosta norte do monumento, a construção de habitações sofreu um aumento no século XX, através da exploração dos terrenos baldios e vendidos em hasta pública. Como comparámos anteriormente, através de fotografias deste vale tiradas com uma diferença de 50 anos, é visível a discrepância da vegetação e de edificações. Para além de descaracterizar e alterar topograficamente o local, é um grande risco para o monumento a proximidade a que algumas habitações chegam do mesmo. A habitação mais próxima encontra-se a 25 metros, com a seguinte a 30 metros. Seria importante a previsão de situações de risco, como incêndios por exemplo, que possam colocar em causa a segurança do monumento e a sua preservação.

Desconexão entre os vários espaços da envolvente

Este lugar, composto pelo Convento de Cristo e Castelo, Aqueduto dos Pegões, Ermida de N. Sra. da Conceição e Mata Nacional dos Sete Montes — antiga Cerca Conventual —, encontra em todos eles diferentes órgãos de gestão. Apesar destes quatro espaços estarem ligados na sua génese, História e função, tal não é espelhado atualmente, estando completamente desassociados e encerrados em si mesmos. A Mata Nacional dos Sete Montes, que não se interliga com o interior das muralhas do Castelo, é atualmente gerida pelo ICNF, em parceria com a CMT. Por sua vez, o Aqueduto dos Pegões é propriedade da CMT e o seu troço final, junto do Convento de Cristo, propriedade da DGPC, bem como o Castelo, Convento de Cristo e a Ermida. Apesar de dissociados na sua gestão, deveria haver um esforço comum em demonstrar união e ligação entre estes locais, até porque, à semelhança do que acontece com as capelas de S. Gregório e da Piedade, a N. Sra. da Conceição encontra-se encerrada ao público.

Mobiliário urbano e arranjos exteriores

Apesar das obras existentes na Cerrada dos Cães e na envolvente norte e levante do monte, o local continua a carecer de espaços verdes praticáveis e com mobiliário urbano, como um parque de merendas, e percursos de circuito com bancos e zonas de estar. Em vez disso, a atual envolvente da Cerrada encontra-se ao abandono, com vegetação bravia a cobrir as oliveiras e todo o solo.

Descaracterização do lugar e da sua topografia

As recentes intervenções do ano de 2010 a 2012, levaram à construção de grandes muros de suporte no flanco norte, que em muito descaracterizaram e alteraram a topografia do local. Seria importante ter havido um cuidado adicional nesta frente e na solução utilizada, a fim de não danificar o lugar na paisagem. Poderá ser equacionado a colocação de árvores junto do muro de suporte da estrada no flanco norte, e ainda a modelação do terreno que descai do muro a norte, a fim de atenuar a sua presença e altura.

Acesso automóvel ao Convento

O excesso automóvel à zona será cada vez mais um problema no quotidiano do Convento, segundo as estatísticas que nos mostram um aumento constante de visitantes ao local. No entanto, tal situação não é sinónimo de acréscimo de estacionamento, devendo, em vez disso, de serem pensadas outras medidas a tomar que potenciem novos modos de chegar ao local sem o sobrecarregar — exemplo de transportes públicos e específicos para o Convento.

Relação paisagística entre o coberto vegetal e o património edificado

A reflorestação da Mata Nacional dos Sete Montes – ainda a decorrer em parte, dada a desertificação ocorrida na encosta poente em 2010, devido ao tornado – e da Cerrada dos Cães e envolvente, deveriam ser repensadas não só na espécie de árvore, mas também no seu porte, tendo em consideração o património edificado existente na proximidade que não deveria ficar obstruído pelo coberto vegetal.

4.2.3. Monte de Sta. Bárbara

Estrada de Paialvo

A recuperação desta artéria é fulcral para a recuperação deste monte, necessitando de uma intervenção idêntica à que aconteceu na Avenida Dr. Vieira Guimarães. Esta via liga Tomar ao Bairro de N. Sra. dos Anjos, à urbanização da Encosta das Maias, ao Alto do Piolhinho e às Algarvias, bem como a outras localidades mais distantes, sendo bastante utilizada por automóveis e peões. Carece a falta de passeios e passadeiras e de acessos pedonais, através de escadarias por exemplo, desde o Convento de S. Francisco até ao cimo do monte, colocando em causa a segurança dos seus utilizadores.

Esta obra já é desejada pela população Tomarense há muitas décadas e considero que possa ser uma realidade próxima. No entanto, receio que esta intervenção seja redutora e não contemple toda a encosta ao restringir-se apenas à Estrada de Paialvo, perdendo aqui uma oportunidade única de recuperar este monte.

Coberto Vegetal

A vegetação neste monte foi deixada totalmente ao descuido e abandono, tendo sido pela última vez intervencionada aquando da abertura da Estrada de Paialvo e da plantação do Pinhal de Sta. Bárbara, na segunda metade do séc. XIX. Assim, hoje apresenta-se uma encosta sem qualquer cuidado e limpeza, considerado até como perigoso para o risco de incêndios ainda mais pela proximidade que tem com a Mata dos Sete Montes e com outros edifícios e habitações, como a FAI e o Convento de S. Francisco.

Cerca do Convento de S. Francisco e Capela de Sta. Bárbara

Como já fora referido, ainda hoje é possível encontrar vestígios desta cerca. Infelizmente algumas habitações surgiram agregadas a este muro, impedindo a sua visibilidade a partir da cidade. Mas o maior impedimento é, sem dúvida, a vegetação que cobre esta cerca e a danifica com trepadeiras e outras espécies evasivas.

Para além disto, não há qualquer memória ou referência neste monte à capela de Sta. Bárbara, levando a cidade a desconhecer a sua existência.

Mobiliário urbano e arranjos exteriores

Na altura da plantação do Pinhal de Sta. Bárbara foram colocadas algumas mesas de cimento e criado um ramal de acesso ao cimo do monte, ainda hoje utilizado por alguns moradores do Bairro de N. Sra. dos Anjos. No entanto, o mobiliário danificado carece de uma substituição e do arranjo deste percurso. Ademais, o estado de desmazelo e falta de sinalética, iluminação e acessibilidade leva ao desconhecimento de tal zona didática, que possui uma vista privilegiada para a cidade e para o Castelo.

4.3. Propostas de atuação e de regeneração do lugar

4.3.1. Proteção do local e reconhecimento enquanto conjunto

Reconhecimento como Património da Humanidade

A necessidade de alargar o Património da Humanidade ao restante conjunto da Mata Nacional dos Sete Montes e do Aqueduto dos Pegões, prende-se com a importância e conexão que estes espaços têm ao Convento de Cristo e Castelo.

Para além do seu passado comum, no qual estes espaços tiveram um papel imprescindível na vivência de todo o complexo, como afirmado acima, há a necessidade de estabelecer de novo esta ligação e de proporcionar a estes três conjuntos uma uniformidade no seu tratamento e exploração.

Ampliação da Zona Especial de Proteção

A Zona Especial de Proteção, instituída em 1935, limita-se a um perímetro que em nada se relaciona com o local e os seus limites físicos históricos e naturais. Tal área não teve em consideração a importância desta unidade de paisagem e da sua envolvente mais distante na imagem do complexo. Este perímetro deveria ser alargado e redesenhado consoante a topografia e a relevância da envolvente mediante a sua relação atual e passada com o Castelo e o Convento de Cristo.

A atual Zona “non aedificandi” apenas protege o Castelo e Convento de Cristo, parte da Cerca Conventual e parte do Aqueduto dos Pegões. As construções do último século em toda a sua envolvente, quer através de habitações ou outros edifícios, quer pelo alargamento e abertura de novas vias de comunicação, descaracterizaram a paisagem e levaram a que atualmente existam bastantes construções no flanco norte do convento. Apesar deste aumento na zona de proteção não poder apagar as construções mais recentes, poderá evitar novas intervenções.

Propomos os seus limites físicos como: para o seu lado norte, a delimitação deveria seguir pelo Vale do Pereiro, englobando, a nascente, a Ermida de N. Sra. da Conceição, delineando a cerca do Convento da Anunciada; no restante lado poente e sul, o perímetro deveria estender-se a toda a Mata Nacional dos Sete Montes, aproveitando os limites cercados para encerrar o perímetro. Esta deveria estar igualmente contemplada nesta área de proteção, dada a sua proximidade e relevância histórica do conjunto.

4.3.2. Renovação da vivência dos espaços

Divulgação documental e histórica dos monumentos e espaços

O desconhecimento da história e de muitos locais com elevada importância para a história da cidade é uma das maiores causas de abandono e desvalorização. Apesar da existência de painéis informativos em alguns monumentos da Cidade, estes encontram-se degradados e desatualizados. Para além disso, muitos dos locais analisados neste estudo carecem de tal sinalética, como é o caso do monte de Sta. Bárbara.

Assim, seria uma mais valia a criação de novos painéis, informativos e instrutivos, com informação histórica destes locais, a ser colocada junto dos monumentos e noutros locais estratégicos – apesar de alguns já os possuírem, carecendo apenas de substituição e atualização. Para além destes, seria de considerar como exemplo a capela de S. Lourenço, na qual foi colocado um painel de azulejos alusivo ao evento que junto dela ocorreu. De igual modo poderiam ser colocados painéis

com recriações e memórias dos locais, por exemplo, no muro da Estrada de Leiria junto da fonte de S. Gregório, ou nos percursos das Calçadas que sobem até ao Convento de Cristo.

Criação de percursos pedonais

À semelhança do que aconteceu na Mata Nacional dos Sete Montes, com a criação de percursos pedonais e a sua identificação e devida sinalética, bem como nos mapas turísticos da cidade, com percursos pelos diversos monumentos, também esta prática devia ser alargada aos montes envolventes a Tomar.

A criação de percursos desde o Monte de Sta. Bárbara, passando pelo monte do Castelo, até ao monte da N. Sra. da Piedade seria uma mais valia para os habitantes e visitantes da cidade, podendo ser utilizados para lazer e desporto. Para além disso, deveriam ser evidenciadas as cicatrizes e ruínas dos espaços existentes ao longo dos percursos, como casas, cercas, muros e troços de percursos, a fim de denunciar marcas de uma cidade que já não existe, mas que nela contem a História de Tomar e destes locais em particular. De seguida apresentam-se propostas de exemplos de percursos temáticos, relacionados com o tema da água na Mata dos Sete Montes e com miradouros ao longo dos três montes em estudo (Desenho 18 e 19).

No Convento de Cristo, já existe algum trabalho realizado nesta área, havendo atualmente alguns percursos desenvolvidos disponíveis no site do Convento de Cristo em torno de visitas temáticas, no monumento e na região. Os percursos disponíveis para grupos e com marcação prévia são repartidos em dois grupos: no Convento de Cristo e na região – O Espírito do Lugar (Ordem do Templo e de Cristo), Rota Templária do Termo de Cêras (Igreja de Sta. Maria do Olival, Castelo de Tomar, Cêras, Almourol e Dornes), Percurso da Água (Aqueduto e Cisternas do Convento, Charolinha e Tanques da Cerca Conventual), Rota do Renascimento (Convento de Cristo, Ermida N. Sra. da Conceição, Capela de Sta. Iria, Igreja S. João Batista); e apenas no Convento de Cristo – O Convento de Cristo, Obra Magna de João de Castilho no Convento de Cristo, Escultura e Pintura Quinhentista na Charola, O Manuelino no Convento de Cristo, Castelo Templário e Convento de Cristo à noite.²⁴⁶

Também a Câmara de Tomar possui no seu site e no Posto de Turismo desdobráveis com percursos diferentes pela cidade. Destacamos um dos percursos que engloba precisamente parte da zona de estudo, no qual a Mata Nacional dos Sete Montes, o Castelo e Convento de Cristo, a Ermida de N. Sra. da Conceição e a Capela de S. Gregório.²⁴⁷

Acessibilidade ao Convento de Cristo

O tema em torno da utilização automóvel e do seu acesso ao monumento é de extrema relevância para o caso. O Convento de Cristo, a par do que já foi dito anteriormente, é o quarto monumento nacional mais visitado, aumentando todos os anos o número de visitantes. A capacidade atual de estacionamento é visivelmente escassa, o que nos leva a pensar no tema.

O mais tendencioso poderia passar pela realização de novas obras para aumento do estacionamento, ou até pela criação de parques subterrâneos no morro. Contudo, para além da sua função turística e pedagógica, o Convento de Cristo tem um dever superior perante a sua História e o seu carácter, do qual a envolvente é responsável. Estas obras iriam certamente descaracterizar a sua envolvente direta — mais do que as atuais já fizeram — perdendo o seu espírito, o *Genius Loci*.

²⁴⁶ Ver visitas temáticas no site do Convento de Cristo em: http://www.conventocristo.gov.pt/pt/index.php?s=white&pid=241&identificador=ct271_pt

²⁴⁷ Ver mapas e roteiros no site da Câmara Municipal de Tomar em: <http://www.cm-tomar.pt/index.php/pt/visitar-2/mapas-roteiros>

Mas se esta não seria uma hipótese viável, teriam de ser pensadas novas soluções. Apesar de construído no cimo do morro, o Convento dispõe de uma grande proximidade da cidade de Tomar, vantagem que pode e deve ser retirada em seu partido. Para além da Avenida Dr. Vieira Guimarães, o local é apoiado pelas duas Calçadas e pelo caminho da Riba Fria, três vias completamente ligadas à essência do lugar e que ligam rapidamente a cota baixa à cota alta. A esta cota, e próximo destas vias, surge a Várzea Grande como um potencial lugar de auxílio a este monumento e a toda a cidade.

A Várzea Grande possui a capacidade e a dimensão para acolher grandes fluxos, encontrando-se atualmente num projeto de reabilitação e arranjo urbano, no qual será potenciada a fim de se tornar numa praça de receção à cidade. Nesta encontra-se a Terminal Rodoviária e a Estação Ferroviária, estando previsto no projeto a criação de estacionamento automóvel e de autocarros — apesar de ser bastante reduzido para a capacidade necessária. Dotada das infraestruturas necessárias, este espaço poderia acolher o fluxo automóvel do Convento, e da restante cidade, convidando os visitantes a realizar percursos pedonais de aproximação ao Convento de Cristo. Para além destes, deveriam ainda ser pensados transportes públicos para o morro do Convento, reforçando e criando novas linhas nos Transportes Urbanos de Tomar.

Esta proposta deveria considerar as épocas do ano com maior fluxo turístico e com melhores condições climáticas. No Verão o acesso automóvel à Cerrada dos Cães estaria cortado, reforçando a necessidade de estacionar na cota baixa e de utilizar os diversos percursos ou os transportes públicos. Contudo continuar-se-ia a permitir o acesso automóvel ao Convento para cargas e descargas de grupos ou outros fins (Desenho 20).

Reativação do percurso da água

O Aqueduto dos Pegões sofreu uma recente intervenção estrutural nos seus pilares, na zona onde possui maior altura e dupla arcaria. Apesar deste ser o troço mais conhecido, o aqueduto possui uma longa extensão, passando por diversos momentos e nascentes, alguns deles subterrâneos, que acabam por ficar esquecidos e abandonados.

São diversas as campanhas que o Grupo dos Amigos do Aqueduto do Convento de Cristo levam a cabo para a sua limpeza e manutenção. Para além da sua degradação e abandono, há riscos acrescidos com o coberto vegetal que cada vez mais o encobre, nomeadamente o risco de incêndio que representa uma grande ameaça para este legado. Exemplo disso foi o incêndio que decorreu no ano passado, 2017, na zona dos Brasões e que chegou a queimar parte do aqueduto e de uma estação de água.

Seria importante renovar o percurso de água, reativando o fluxo das nascentes pelo aqueduto até à Mata Nacional dos Sete Montes. Consequentemente, seria reativado o percurso da água que percorre a Mata, pelos diversos canais e tanques que lá existem, potenciando o local em termos pedagógicos e recreativos. A acompanhar todo o Aqueduto até à Mata, poderiam ainda ser pensados percursos pedonais, favorecendo a prática de exercício ao ar livre e em meio mais rural.

Reafirmar a tradição

A afirmação de antigas tradições e importantes eventos é a maneira de manter a memória e a história destes locais. Atualmente existem boas práticas relacionadas com este tema a serem implementadas pela Autarquia e Juntas de Freguesia. São alguns exemplos a Festa Templária de Tomar, na qual existe a recriação do Cerco de 1190 ao Castelo Templário, a Feira da Laranja Conventual, na qual as associações e entidades são convidadas a participar na venda de doçaria feita a partir das

Laranjas produzidas nos jardins do Convento, incentivando à sua produção e à dinamização das associações e dos espaços do Convento.

Práticas como estas poderiam ser alargadas à cultura da Oliveira, ainda muito presente na paisagem envolvente e que foi sendo abandonada — de igual modo proposto por Álvaro Barbosa e por nós subscrito. Para o efeito poderiam ser dados incentivos à apanha da azeitona, de modo a recuperar a vivência desta árvore e a dinamizar os lagares da zona de Tomar, eventualmente até com a reconstrução do Lagar da Mata dos Sete Montes e de outros nas proximidades.

Abertura dos monumentos ao público

A abertura dos monumentos, nomeadamente das capelas de S. Gregório, de N. Sra. da Piedade e da Conceição seria um importante passo para a instrução cultural da população da cidade para a promoção de novos locais ao turismo.

Em tempos houve um projeto que visou colocar jovens estudantes e trabalhadores em vários monumentos e museus da cidade, a vigiá-los e a apresentá-los aos visitantes. Apesar das três capelas indicadas acima não constarem destes espaços, era um ótimo incentivo ao turismo e ao envolvimento dos jovens na cultura e História da Cidade. Este projeto acabou em 2012 e desde então muitos museus e monumentos encontram-se encerrados ou com horários incertos, para além de possuírem apenas vigilantes e não guias turísticos.

Seria importante o desenvolvimento de um projeto por parte da Câmara, idêntico a este último, integrando mais espaços no seu leque de intervenção, envolvendo a comunidade neste trabalho.

Tendo em conta as questões financeiras e logísticas que tal iniciativa iria levantar, seria de igual modo benigno a abertura ao público destes locais em datas especiais para a cidade ou em dias comemorativos, como o Dia Internacional de Monumentos e Sítios, entre outros.

Carência de Espaços de lazer

Apesar das boas práticas em alguns destes locais, como é o caso da Mata Nacional dos Sete Montes, dotada de espaços recreativos e de lazer, como o Parque de Merendas, o Parque Infantil e circuitos de manutenção situados ao longo dos percursos existentes, em restantes locais abertos ao público tal não acontece. No Monte de Sta. Bárbara foram colocados mesas e bancos, talvez com o intuito de criar um Parque de Merendas. Contudo, o espaço não foi otimizado com acessos nem com as restantes infraestruturas necessárias — pontos de água e de recolha de lixo. Para além disto, apenas o Parque Infantil na Mata Nacional dos Sete Montes verificou uma requalificação, com a substituição do equipamento e o devido arranjo envolvente.

Assim, é necessário reparar e ordenar novos espaços de lazer, sobretudo através da criação de parques de merendas em zonas sobreiras, junto do Pinhal de Sta. Bárbara e na Cerrada dos Cães.

A criação de miradouros em locais estratégicos é outra medida a ter em conta com a colocação dos Parques de Merendas. O Parque existente na Mata dos Sete Montes encontra-se no vale da Riba Fria, não tendo como componente a vista e a sua projeção na paisagem. Em contrapartida, a colocação destes locais na Cerrada dos Cães e no Pinhal de Sta. Bárbara, oferece uma vista privilegiada para a cidade e para o Castelo Templário, respetivamente.

A Mata dos Sete Montes pode também ser dinamizada com espetáculos noturnos, até mesmo apoiados com a exploração de uma cafetaria sazonal e de outras atrações turísticas em certas alturas do ano. Recentemente, em alguns órgãos de comunicação social da região, saíram notícias sobre negociações decorrentes entre a CMT e ICNF, respeitantes à Mata: “Filipa Fernandes [vereadora

responsável pela Divisão de Turismo e Cultura, Acção Social e Juventude] revelou que o ICNF se mostrou receptivo à possibilidade de realização de eventos com organização camarária dentro da mata, assim como à hipótese de ter aberta a Porta da Condessa, que dá acesso da mata ao Convento de Cristo. Em cima da mesa está também a possibilidade de integrar a mata num roteiro de miradouros da cidade.”²⁴⁸

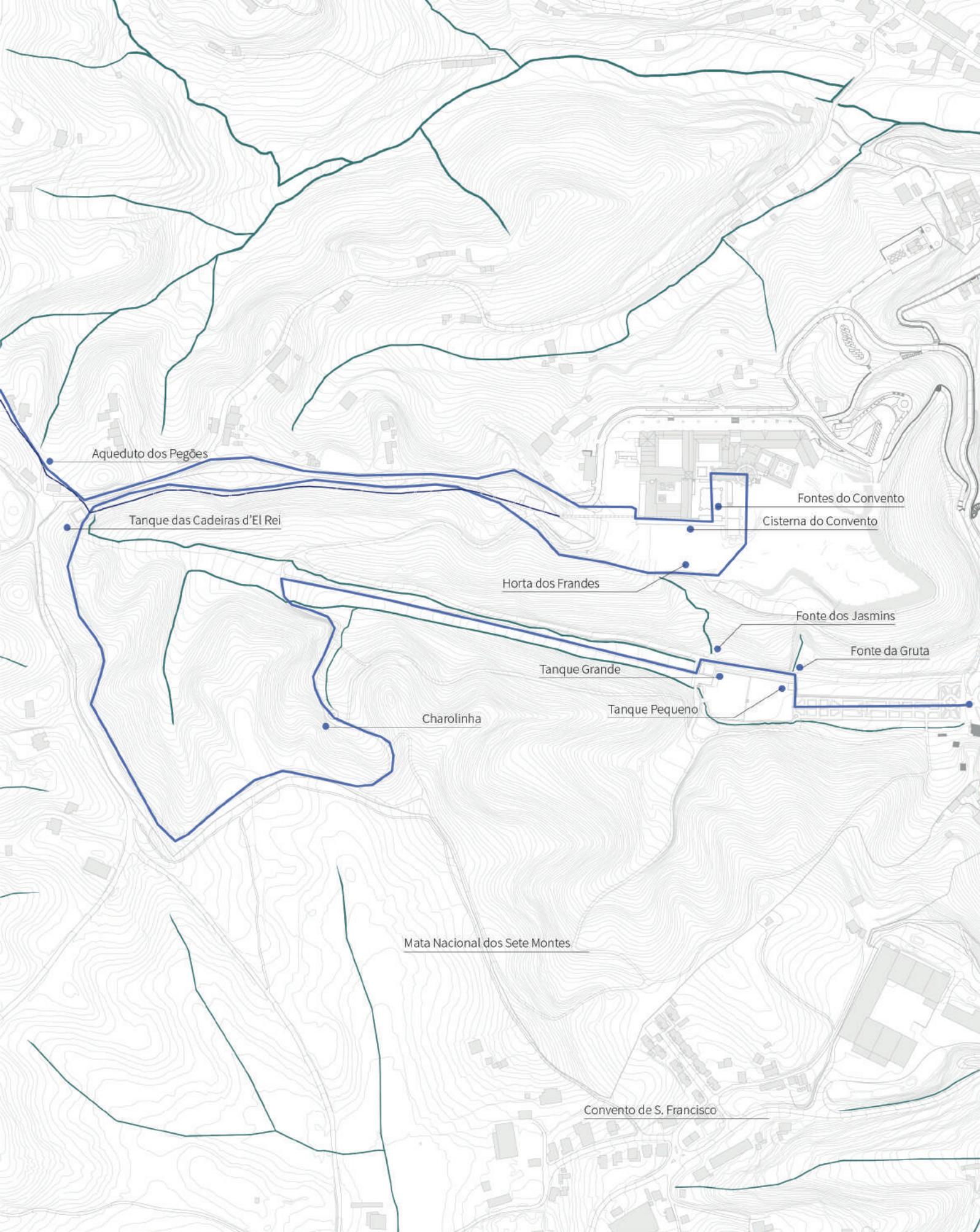
Estrada de Paialvo e Monte de Sta. Bárbara

Esta intervenção é uma necessidade urgente na reabilitação desta entrada na cidade e na dinamização deste monte. Tal intervenção deve ter em consideração a criação de passeios e passeadeiras ao longo do troço e de percursos de ciclovias – meio muito utilizado no acesso às urbanizações.

Para além disto, é igualmente indispensável o tratamento de toda a encosta nascente deste monte, virada para a cidade. Da estrada de Paialvo até ao Convento de S. Francisco, a vegetação deveria ser arranjada e, acima de tudo, reduzida, permitindo a vista para a cidade ao longo da subida. A partir da estrada até ao cimo do monte, a vegetação carece de ordenamento e cuidado, a fim de destacar o muro da antiga Cerca do Convento de S. Francisco que permanece em grande parte da sua extensão.

Ao longo do monte devia ser criado um percurso pedonal com melhores condições de acessibilidade do que o atual e com ligação desde o Convento de S. Francisco. A vegetação baldia e rasteira seria retirada, mantendo o atual pinhal que em muito enriquece o monte com sombras. A iluminação deste local deverá também ser projetada, apelando à segurança noturna dos seus utilizadores.

²⁴⁸ Notícia do site do Mirante – Semanário Regional, do dia 28 de julho de 2018. Ver em: <https://omirante.pt/sociedade/2018-07-28-Camara-de-Tomar-quer-espectaculos-culturais-na-Mata-dos-Sete-Montes>



Legenda:

-  Percurso da água
-  Locais de interesse associados ao percurso

Desenho 18/20

A envolvente do Convento de Cristo na atualidade
Proposta de percurso pedonal da água

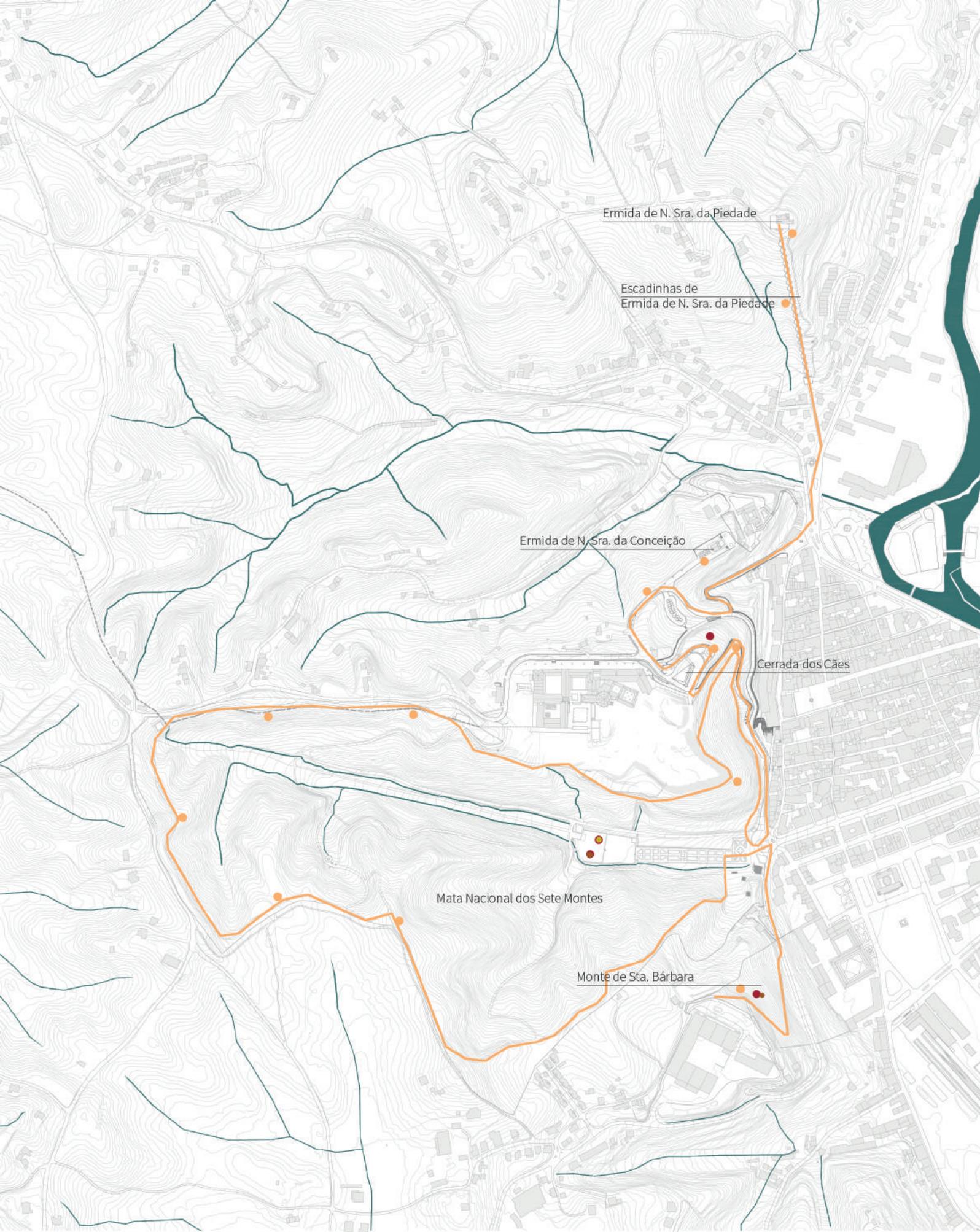
André Freitas, 2018.

A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. FAUP.

ESCALA 1:5000





Legenda:

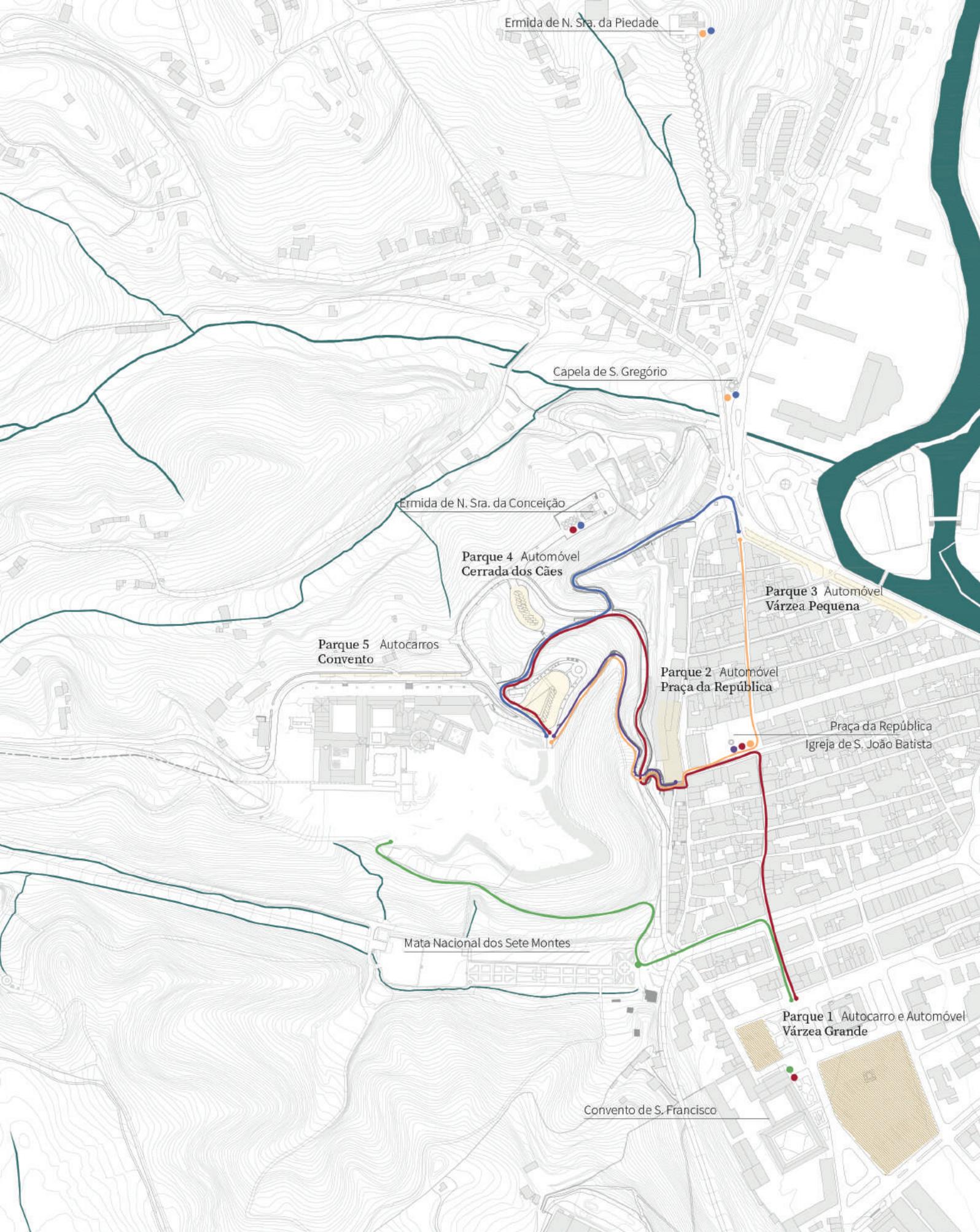
- Percurso dos miradouros
- Locais de potencial miradouro
- Parques de Merendas existentes
- Proposta de novos/requalificação do Parques de Merendas
- Parque Infantil

ESCALA 1:7 5000



Desenho 19/20
 A envolvente do Convento de Cristo na atualidade
 Proposta de percurso de miradouros nos três montes

André Freitas, 2018.
 A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.
 Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP.



Legenda:

- Percurso 1 - 10 minutos
- Percurso 2 - 15 minutos
- Percurso 3 - 5 minutos
- Percurso 4 - 15 minutos
- Percurso 5 - 10 minutos

- Estacionamento gratuito
- Estacionamento pago
- Locais de interesse associados a cada percurso

ESCALA 1:5000



Desenho 20/20
 A envolvente do Convento de Cristo na atualidade
 Propostas de percursos pedonais para o Convento de Cristo

André Freitas, 2018.
 A envolvente do Convento de Cristo em Tomar.
 Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. FAUP.

Considerações Finais

Com este trabalho, pretendemos olhar para o Convento de Cristo de uma perspetiva diferente das muitas abordagens até então realizadas. Olhar para a envolvente deste lugar mostrou-se muito mais complexo, surpreendente e imprescindível. Assim, tendo por base este estudo, destacamos algumas considerações:

Por *envolvente* não consideramos apenas o carácter físico e de proximidade que o espaço estabelece com o Convento de Cristo, mas antes o impacto que tem na sua imagem, na preservação da sua memória e na génese da sua identidade. Para que fosse possível delimitar a unidade de paisagem por nós considerada como a envolvente do Convento de Cristo foi necessário este estudo realizado através da abordagem por várias frentes.

Apesar de focado no desenvolvimento temporal dos três montes envolventes a Tomar, depreendemos como envolvente direta do Convento de Cristo o território compreendido entre os seus dois vales adjacentes — Vale Pereiro e Vale da Riba Fria. Especificando os seus limites, engloba a Mata Nacional dos Sete Montes, desenhando-se através da sua cerca e prosseguindo a poente pela cumeeira do monte do Castelo em direção ao Vale Pereiro, a norte, onde retorna no ribeiro de S. Gregório, acompanhando o sopé do monte até encontrar novamente a cerca da Mata dos Sete Montes. Esta definição de envolvente relaciona-se, acima de tudo, com a ligação histórica que este lugar tem ao Convento de Cristo e com o impacto direto que têm as suas transformações na imagem deste monumento. Contudo, e apesar da sua distância aos montes de Sta. Bárbara e de N. Sra. da Piedade, acreditamos que estes dois componham a unidade de paisagem do Convento de Cristo, havendo a necessidade de respeitar a memória destes locais e do seu património, bem como do Convento de Cristo.

Com isto, não se pretende negar a construção ou o crescimento urbano, mas despertar para um planeamento consciente e atento às marcas no território que existem para além do visível e do singular. A procura ao longo deste trabalho da perceção de uma unidade de paisagem e como se deve olhar para esta parcela de território, transparece a necessidade de pararmos de depreender o património, edificado ou não, como isolado, mas antes como inserido num lugar e num tempo, sem os quais parte do seu valor é perdido. Assim, é necessário que, principalmente os órgãos de gestão e decisão, comecem a olhar para estes locais como tal, favorecendo o seu diálogo e a sua comunicação.

As linhas de ação e propostas de regeneração do espaço por nós lançadas no Capítulo 4 representam apenas o início para o projeto, fase essa que, por estar comprometida com o tempo próprio para o desenvolvimento da Dissertação, não encontrou nela espaço para um aprofundamento devido e pretendido. Mas, por isso, não deixam de ser importantes contributos para lançar modos de pensar o espaço, que certamente se revelarão úteis num futuro próximo. Destacamos ainda a necessidade urgente de intervir no monte de Sta. Bárbara, num projeto unitário que vise todo o monte, desde o Convento de S. Francisco, no seu sopé, até à sua cumeeira, e não apenas o troço viário aí existente – Estrada de Paialvo.

Ao longo do processo de investigação e recolha bibliográfica deparámo-nos com uma extensa quantidade de referências a que recorrer – justificável pelo tema em questão. Apesar de considerarmos que o trabalho se apoiou em autores e obras de referência no tema e na área em estudo, admitimos que haja uma grande quantidade de referências que inevitavelmente, devido ao tempo e à priorização do trabalho, tenham sido deixadas de parte. Salientamos, por isso, que as conclusões

que desta dissertação advêm foram construídas segundo as nossas referências, abaixo apresentadas, representativas de um trabalho de campo, de experiência e de pesquisa, em torno da construção do lugar no tempo.

Estamos cientes de que, ao longo dos oito subcapítulos desenvolvidos em torno da envolvente do Convento de Cristo, albergando mais de mil anos de História deste lugar, ainda há partes por compreender e investigar. A escolha para estudo de uma parcela de território tão alargada impediu que fosse possível chegar a uma escala de pormenor e à investigação exaustiva de registos físicos e documentais a uma escala senão a do território.

Contudo, pretendemos olhar para o Convento de Cristo de uma perspetiva diferente e, por isso, reconhecemos neste trabalho um contributo para o estado do conhecimento deste lugar, principalmente no que toca à utilização de iconografia variada, antiga e atual, – pinturas, fotografias, desenhos e infografias – em articulação com uma base de conhecimento existente em torno do lugar e de uma vivência própria do mesmo. Para além disto, é evidente a otimização da perceção temporal das transformações no espaço, derivada do desenvolvimento de desenhos e do seu acompanhamento ao longo do texto.

O conhecimento empírico, reforçado com uma experimentação e vivência do lugar muito anterior a este estudo, foi de igual modo enriquecedor e diferenciador no desenvolvimento do mesmo. O acompanhamento ao longo dos anos das transformações deste local e a sua visita em diferentes contextos e ocasiões levaram à construção inconsciente de uma leitura, sentida num conhecimento intrínseco que se refletiu no cruzamento de referências e na consolidação de ideias sobre o espaço. Complementar a isto, a revisita atual a estes locais, com um olhar mais atento às cicatrizes e em busca de novos indícios, nas diferentes fases do processo, reforçou a construção de uma ideia em torno da sua evolução temporal e daquilo que é, aos nossos olhos, este lugar.

REFERÊNCIAS

1. De bibliografia

As referências que se apresentam de seguida foram todas aquelas que de algum modo, direto ou indireto, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. Independentemente se citadas ou não, importa salientar a sua importância na compreensão e construção de uma metodologia e de um olhar perante o tema.

Publicações

- ALVIM, João (1954). Considerações sobre um troço da estrada medieval de Santarém a Coimbra. Em: Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo. Tipografia António Gouveia. Tomar. Volume III. p. 85-91; 115-116; 122-127.
- BAIÃO, António (1918). *A vila e Concelho de Ferreira do Zêzere: Apontamentos para a sua história documentada*. Imprensa Nacional Casa da Moeda. Lisboa.
- BARBOSA, Álvaro José (2003). *Sete Montes de Tomar. Recuperação da Cerca do Convento de Cristo*. (deriva de uma dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico pela Universidade de Évora em 1995) Caleidoscópico. Lisboa.
- BARBOSA, Álvaro José (2009). *Habitar o Património: O caso do Convento de Cristo*. Departamento de Letras da Universidade Católica de Portugal. Viseu.
- BARROCA, Mário Jorge (1997). *A Ordem do Templo e a arquitectura militar Portuguesa do século XII*. Em: *Portugália*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. Volume 17-18. p.171-210
- BATATA, Carlos (1992a). *As Origens de Tomar: carta arqueológica do concelho*. Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar. Tomar
- CABRAL DIAS, José Júlio (2018). *A Evolução Urbana de Tomar: De Sellium a Carlos Ramos*. (deriva de uma dissertação de Mestrado em Planeamento e Projecto do ambiente Urbano pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto em 1999). FAUP Publicações. Porto.
- CHUECA GOITIA, Fernando (2001). *História de la arquitectura española : edad antigua y edad media*. Fundación Cultural Santa Teresa. Ávila. Volume I
- CONDE, Manuel Sílvio Alves (1988). *Tomar Medieval: O espaço e os Homens (séculos XIV-XV)*. (deriva de uma dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). Patrimonia Historica. Cascais.
- CONDE, Manuel Sílvio Alves (2000). *Uma Paisagem Humanizada: O Médio Tejo nos finais da Idade Média*. Volume I. Patrimonia Historica Editora. Cascais.
- CONDE, Manuel Sílvio Alves (2000). *Uma Paisagem Humanizada: O Médio Tejo nos finais da Idade Média*. Volume II. Patrimonia Historica Editora. Cascais.
- COSTA ROSA, José Inácio da (1981b). *Os oito claustros do Convento de Cristo*. Editora Cidade de Tomar. Tomar
- FERREIRA, M. J., DUARTE, Teresa (1992). *O urbanismo medieval da cidade de Tomar*. Em: Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar. Tomar. Nº 16. p.123-149
- FERREIRA, José Jorge Couto [et al.] (1991). *Tomar – Perspectivas*. Festa dos Tabuleiros. Tomar.
- FORTUNATO, José Barreiros (1838). *Memoria sobre os pesos e medidas de Portugal, Espanha, Inglaterra, e França, que se empregão nos trabalhos de corpo de engenheiros e da arma de artilharia*. Academia Real das Sciencias. Lisboa.

- FRANÇA, José-Augusto (1994). *Tomar*. Editorial Presença. Lisboa. Coleção Cidades e Vilas de Portugal. Volume 18.
- GARCEZ TEIXEIRA, F. A. (1932). *A construção do convento de S. Francisco*. Em: Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo. Tipografia António Gouveia. Tomar. Volume III. 1951.
- GIRÃO, A. de Amorim (1941). *Geografia de Portugal*. Portucalense Editora. Porto.
- Grande enciclopédia portuguesa e brasileira* (1978). Vol.31. 1ªed. Editorial Enciclopédia, Lda. Lisboa; Rio de Janeiro.
- GUERRA, António (1934). *Tomar Lendário*. Edição da Autora. Lisboa.
- GUIMARÃES, Vieira (1931). *O Claustro de D. João III em Thomar*. Edições Pátria. Vila Nova de Gaia.
- GUIMARÃES, Vieira (1934). *O poema de pedra de João de Castilho em Tomar*. Lisboa.
- GUIMARÃES, Vieira (1936). *A Ordem de Cristo*. 2ª Edição. Imprensa Nacional. Lisboa.
- HAUPT, Albrecht (1986). *A arquitectura do Renascimento em Portugal: do tempo de D.Manuel o Venturoso, até ao fim do domínio espanhol*. Presença. Lisboa.
- Instituto Geográfico de Portugal (2005). *Atlas de Portugal*. Lisboa.
- KUBLER, George (2005). *A arquitectura portuguesa chã: entre as especiarias e os diamantes: 1521-1706*. Veja. Lisboa. 2ªEdição.
- MACHADO, F.S. Lacerda (1936). *O Castelo dos Templários: Origem da Cidade de Tomar*. Comissão de Iniciativa e Turismo de Tomar. Tomar.
- MACHADO, José Pedro [et al.] (1991). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 10ª Edição. Volume II, IV e VI. Publicações Alfa. Lisboa.
- MAGALOTI, Lourenzo [et al.] (1993) *Viaje de cosme de médicos por España y Portugal (1668-1669)*. Madrid : Sucesores de Rivadeneyra. Madrid.
- MANTAS, Vasco Gil (1989). *Vias Romanas da Região de Tomar: Os Miliários* Em: Actas do Seminário O Espaço Rural na Lusitânia: Tomar e o seu território. Centro de Estudos de Arte e Arqueologia da Escola Superior de Tecnologia de Tomar. Tomar.
- MANTAS, Vasco Gil (1990). A rede viária do Convento Escalabitano. Separata das Atas do Simpósio sobre A rede viária na Hispania Romana. Disputación de Zaragoza. Zaragoza. p. 219-239.
- MATTOSO, José [et al.] (1993). *História de Portugal: Antes de Portugal*. Editorial Estampa. Lisboa. Volume I.
- MOREIRA, Rafael (1981). *A ermida de N. Sra. da Conceição, Mausoleu de D. João III?* Em: Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar. Tomar. Nº 1. p.93-100
- O Cinquentenário da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*. (1968) *Anais da União de Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*. Tipografia Comercial de Tomar. Tomar Volume V.
- OLIVEIRA, Nuno Villamariz (2010). *Castelos Templários em Portugal*. Ésquilo. Lisboa.
- PASSOS, José M.S. (2001). *O bilhete postal ilustrado e a história da cidade de Tomar*. Editorial Caminho. Lisboa.
- PEREIRA, Paulo (2008). *De Aurea Aetate – O Coro do Convento de Cristo em Tomar e a Simbólica Manuelina*. IPPAR. Lisboa.
- PINHO LEAL, Augusto Soares A. B. (1874) *Portugal antigo e moderno: dicionário geográfico, estatístico, chorographico, heráldico, archeologico, historico, biographico e etymologico*

- de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e grande número de aldeias.* Editora Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa. Volume 2-3.
- PINHO LEAL, Augusto Soares A. B. (1880) *Portugal antigo e moderno: dicionário geográfico, estatístico, chorographico, heráldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e grande número de aldeias.* Editora Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa. Volume 9.
- PINTO, Ricardo S. (2004). *Tomar – Na Terra dos Templários...* . Héstia Editores. Porto.
- PIRES COELHO, Maria da Conceição (1987). *A Igreja da Conceição, e o Claustro de D. João III do Convento de Cristo de Tomar.* Assembleia Distrital de Santarém. Santarém.
- PONTE, Saete da (1989a). *Sellium: Tomar Romana.* Centro de Estudos de Arte e Arqueologia da ESTT. Tomar.
- PONTE, Saete da (2012). *Interfaces Culturais em Tomar-Cidade.* TCEL. Entrocamento.
- ROSA, Amorim (1940). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos.* Câmara Municipal de Tomar. Tomar. Volume I.
- ROSA, Amorim (1966). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos.* Câmara Municipal de Tomar. Tomar. Volume II.
- ROSA, Amorim (1967). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos.* Câmara Municipal de Tomar. Tomar. Volume III.
- ROSA, Amorim (1968). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos.* Câmara Municipal de Tomar. Tomar. Volume IV.
- ROSA, Amorim (1969). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos.* Câmara Municipal de Tomar. Tomar. Volume V.
- ROSA, Amorim (1970). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos.* Câmara Municipal de Tomar. Tomar. Volume VI.
- ROSA, Amorim (1971). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos.* Câmara Municipal de Tomar. Tomar. Volume VII.
- ROSA, Amorim (1972). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos.* Câmara Municipal de Tomar. Tomar. Volume VIII.
- ROSA, Amorim (1965). *História de Tomar.* Gabinete de Estudos Tomarenses. Tomar. Volume I.
- ROSA, Amorim (1982). *História de Tomar.* Assembleia Distrital de Santarém. Tomar. Volume II.
- ROSA, Amorim (1964). *Tomar no Verão de 1438.* Em: *Anais da União de Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo.* Tipografia António Gouveira. Tomar Volume IV.
- SAA, Mário (1957). *As grandes vias da Lusitania: o itinerário de Antonio Pio.* Tipografia da Sociedade Astória. Lisboa. Volume I.
- SAA, Mário (1960). *As grandes vias da Lusitania: o itinerário de Antonio Pio.* Tipografia da Sociedade Astória. Lisboa. Volume II.
- SALMERÓN ESCOBAR, Pedro (2007). *The Alhambra Structure and landscape.* Patronato de la Alhambra y Generalife, Tinta Blanca Editor and Editorial Almuzara. Alhambra.
- SERRÃO, Vítor (2002). *História da Arte em Portugal, O Renascimento e o Maneirismo,* Presença. Lisboa.
- SOLEDADE, Fernando da (1721) *História seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na província de Portugal.* Parte V, Livro III, Capítulo XXX, p.537-546.
- SOUSA, João Maria de (1903). *Notícia descritiva e histórica da cidade de Thomar.* Typ. Silva Magalhães. Tomar.

- SOUSA, João Maria de (1943). *Obras no Convento Em: Anais da União de Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*. Tipografia António Gouveia. Tomar. Volume II. p. 237-242
- VELOSO, Carlos (1988). *Tomar setecentista na obra de viajantes estrangeiros: história – arte – indústria*. Centro de Estudos de Arte e Arqueologia. Tomar.

Trabalhos académicos

- BENTO, Maria Travassos (2014). *Convento de Cristo – 1420/1521 – Mais do que um século*. Tese de Doutoramento em História da Arte – Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra. Coimbra.
- BRAGANÇA, Pedro (2014). *Lugares de habitar entre a terra e o mar : apontamentos sobre temas do território no entre Douro e Minho*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura – Universidade do Porto. Porto.
- GODINHO, Bárbara (2013). *Arquivo Fotográfico Silva Magalhães : um novo olhar sobre Tomar do século XIX*. Dissertação de Mestrado em Práticas Culturais para o Município. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.
- MAIA ROMÃO, João (2012). *No encaço do passo do Homem medieval: as vias de comunicação do antigo termo e atual concelho de Tomar*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.
- MÊNDIA DE CASTRO, Maria (1973). *Subsídios para a Carta Arqueológica do Concelho de Tomar*. Dissertação de Licenciatura em História. Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa. Lisboa.
- MOREIRA, Rafael (1991). *A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal: a encomenda régia entre o moderno e o romano*. Tese de Doutoramento em História da Arte. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.
- NORTON, Maria Isabel (2009). *Alcaria de Mazes: reconhecimento, reflexão e intervenção*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura – Universidade do Porto. Porto.
- RAMOS, Celso (2013). *Ermida de N. Sra. da Conceição de Tomar*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura – Universidade do Porto. Porto.
- RAMOS, Sílvia (2008). *Ideias, planos e projetos urbanos: Cordoaria, Porto*. Prova Final em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura – Universidade do Porto. Porto. Volume I e II.
- RAMOS, Sílvia (2017). *Campo Alegre cidade: da sua longa metamorfose*. Tese de Doutoramento em XX. Faculdade de Arquitectura – Universidade do Porto. Porto.
- OLIVEIRA, João (2015). *Os Sistemas de Informação Geográfica como elemento de apoio à reabilitação Urbana*. Relatório de Estágio.

Periódicos

- ALARCÃO, Jorge (2006). *As Vias Romanas de Olisipo a Augusta Emérita*. in *Conimbriga*. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra. Volume 45. p. 211-251.
- ANDRADE, Amélia Aguiar (2004). *As estradas em Portugal: um património esquecido*. Em: *Revista Património Estudos*. Instituto português do património arquitectónico. Lisboa. p. 50-55
- BATATA, Carlos [et. al.] (1992b). *Um troço de estrada Romana inédito*. Em: *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar. Nº 16. p.78-86
- COSTA ROSA, José Inácio da (1981a). *Nascimento e Evolução Urbana de Tomar até ao Infante D. Henrique*. Em: *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Volume 2. Gabinete da Cultura e Educação. Tomar
- MANTAS, Vasco Gil (2014). *As estações viárias lusitanas nas fontes itinerárias da antiguidade*. Em: *Humanitas*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- MELA, Romualdo (1981-1985). *Ruas de Tomar e sua toponímia*. Em: *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Câmara Municipal de Tomar. Tomar. Nº1, p.61-80; nº2, p.75-86; nº3, p.93-101; nº4, p.141-149; nº5, p.58-65; nº6, p.127-133; nº8-9, p.43-48.
- O Occidente : revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro* (1878-1915). Lisboa.
- PINTO-CORREIA, Teresa [et. al.] (2001). *Identificação de Unidades de Paisagem: Metodologia aplicada a Portugal Continental*. Em: *Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia*. XXXVI, 72, p.195-206
- PONTE, Salete da, ZILHÃO, João (1985). *Arqueologia na Região de Tomar (da pré-história à actualidade) – Suplemento ao Boletim Cultural e Informativo da C.M.T., Nº1*. Câmara Municipal de Tomar. Tomar
- PONTE, Salete da, SILVA, Pedro Lourenço (1989b). *Abordagem Arqueo-Histórica dos Paços do Castelo dos Templários (Sondagem 1985)*. Em: *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar. Nº 11-12. p.57-76
- PONTE, Salete da (1993-94). J.L. *Vasconcelos e os percursos por Tomar antiga*. Em: *O Arqueólogo Português*. Museu Nacional da Arqueologia. Lisboa. Série IV. Volume 11/12. p.135-141.

Informação cedida por Entidade Pública

- CMT (1955). *Projeto de Arranjo Urbanístico da Cerrada dos Cães*. Tomar.
- CMT (1994). *Plano Director Municipal de Tomar*. Tomar.
- CMT (2004). *Plano de Pormenor “Projecto Global de Conservação e Recuperação do Centro Histórico de Tomar”*. Tomar.
- CMT (2011). *Projeto de Requalificação Urbana e Valorização da Envolvente do Convento de Cristo*. Tomar.
- CMT (2014). *Tomar Reabilita – Regeneração Urbana de Tomar*. Tomar.
- CMT (2016). *Revisão do Plano Director Municipal*. Tomar.
- CMT (2017). *Operação de Reabilitação Urbana de Tomar*. Tomar.
- CMT (2017). *À Descoberta dos Sete Montes* (Painéis informativos e ilustrativos do Centro de Interpretação Ambiental de Tomar). Tomar.

Documentos Online

- ALARCÃO, Jorge (2006). *As Vias Romanas de Olisipo a Augusta Emérita*. in *Conimbriga*. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra. Volume 45. p. 211-251. Consultado a partir do website: <https://goo.gl/6DdMYC>
- BARBOSA, Álvaro José (2009). *Habitar o Património: O caso do Convento de Cristo*. Departamento de Letras da Universidade Católica de Portugal. Viseu. p. 177-193. Consultado a partir do website: <https://goo.gl/MiiLjs>
- MAGALOTI, Lourenzo [et al.] (1993) *Viaje de cosme de médicos por España y Portugal (1668-1669)*. Madrid : Sucesores de Rivadeneyra. Madrid. Consultado a partir do website: <https://goo.gl/t1Fcoz>
- MANTAS, Vasco Gil (1990). A rede viária do Convento Escalabitano. Separata das Atas do Simpósio sobre A rede viária na Hispania Romana. Institución Fernando el Católico. Zaragoza. p. 219-239. Consultado a partir do website: <https://goo.gl/fuwKha>
- MANTAS, Vasco Gil (2014). *As estações viárias lusitanas nas fontes itinerárias da antiguidade*. Em: *Humanitas*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra. Consultado a partir do website: <https://goo.gl/KFmD7S>
- O Occidente : revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro* (1878-1915). Lisboa. Consultado a partir do website: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente.htm>
- PONTE, Salete da (1993-94). J.L. *Vasconcelos e os percursos por Tomar antiga*. Em: *O Arqueólogo Português*. Museu Nacional da Arqueologia. Lisboa. Série IV. Volume 11/12. p.135-141. Consultado a partir do website: <https://goo.gl/kKhsiu>
- SOLEDADE, Fernando da (1721) *História seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na província de Portugal*. Parte V, Livro III, Capítulo XXX, p.537-546. Consultado a partir do website: <http://purl.pt/20706/4/>

Webgrafia

- Biblioteca Nacional de Portugal
<http://www.bnportugal.pt/>
- Botica do Real Convento de Tomar
<http://www.boticaconvento.ipt.pt/>
- Câmara Municipal de Tomar
<http://www.cm-tomar.pt/>
- Centro de Estudos e Proteção do Património da Região de Tomar
<http://www.cepprt.org/>
- Círculo de Estudos de Thomar
<http://cethomar.blogspot.com/>
- Convento de Cristo
<http://www.conventocristo.gov.pt/>
- Direção-Geral do Património Cultural
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/>
- Direção-Geral do Território
<http://www.dgterritorio.pt/>
- Hemeroteca Digital - Câmara Municipal de Lisboa
<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/index.htm>

Instituto da Conservação da Natureza e Florestas
<http://www.icnf.pt/>

Médio Tejo
<http://www.mediotejo.net/>

Memória Digital de Tomar
<http://www.mdthomar.ipt.pt/>

O Mirante - Semanário Regional
<https://omirante.pt/>

Portugal 360 - Património Virtual Tour
<http://www.360portugal.com/>

Restos de Coleção
<http://restosdecolecao.blogspot.com/>

Sistema de Informação do arquivo fotográfico da DGPC - MatrizPix
<http://www.matrizpix.dgpc.pt/>

Sistema de Informação para o Património Arquitectónico
<http://www.monumentos.pt/>

Sistema Nacional de Informação Geográfica
<http://snig.dgterritorio.pt/>

Tomar, a Cidade
<http://tomaracidade.blogspot.com/>

Tomar na Rede
<http://tomarnarede.blogspot.com/>

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
<http://whc.unesco.org/>

Vias Romanas em Portugal
<http://viasromanas.pt/>

2. De imagem

Figuras

- Figura 01 Castelo Templário
Autoria própria
- Figura 02 Castelo Templário com identificação dos locais e principais dependências
Autoria própria
- Figura 03 Proposta do Castelo Templário por Lacerda Machado
Origem: MACHADO, F.S. Lacerda (1936). *O Castelo dos Templários: Origem da Cidade de Tomar*.
- Figura 04 Proposta do Castelo Templário por Nuno Oliveira
Origem: OLIVEIRA, Nuno Villamariz (2010). *Castelos Templários em Portugal*.
- Figura 05 Proposta do Castelo Templário por Maria Bento
Origem: BENTO, Maria Travassos (2014). *Convento de Cristo – 1420/1521 – Mais do que um século*.
- Figura 06 Torre de Menagem
Autoria própria
- Figura 07 Charola Templária
Autoria própria
- Figura 08 Interior da Almedina
Autoria própria
- Figura 09 Interior da Alcáçova
Autoria própria
- Figura 10 Charola de Tomar
Origem: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4718
- Figura 11 Igreja de Vera Cruz de Segóvia
Origem: CHUECA GOITIA, Fernando (2001). *História de la arquitectura española : edad antigua y edad media*.
- Figura 12 Igreja de Santa Maria de Eunate
Origem: ibid.
- Figura 13 Igreja do Santo Sepulcro de Torre del Río
Origem: ibid.
- Figura 14 Ermida de Santa Catarina de Monsaraz
Origem: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1239
- Figura 15 Porta da Almedina ou Porta do Sangue
Autoria própria
- Figura 16 Porta do Sol
Autoria própria
- Figura 17 Porta de Santiago
Autoria própria
- Figura 18 Obras do Infante D. Henrique
Autoria própria
- Figura 19 Claustros Henriquinos
Autoria própria
- Figura 20 Obras de D. Manuel I
Autoria própria

- Figura 21 Vista do Convento de Cristo na paisagem
Autoria própria
- Figura 22 Junção da Charola com a nave manuelina
Autoria própria
- Figura 23 Vista da nave Manuelina
Autoria própria
- Figura 24 Fachada poente da nave Manuelina e Janela do Capítulo
Autoria própria
- Figura 25 Portal da nave Manuelina na fachada sul
Autoria própria
- Figura 26 Casa do Capítulo
Autoria própria
- Figura 27 Obras de D. João III
Autoria própria
- Figura 28 Vista aérea do Convento de Cristo
Origem: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4718
- Figura 29 Obras Filipinas
Autoria própria
- Figura 30 Vista da Charola do Claustro de D. João III
Autoria própria
- Figura 31 Edifício da Enfermaria e Botica, construídos durante o reinado Filipino
Autoria própria
- Figura 32 Terreiro do Convento utilizado para fins agrícolas
Origem: PASSOS, José M.S. (2001). *O bilhete postal ilustrado e a história da cidade de Tomar.*
- Figura 33 Arranjo dos jardins da Cerca do Convento
Origem: PASSOS, José M.S. (2001). *O bilhete postal ilustrado e a história da cidade de Tomar.*
- Figura 34 Delimitação das Zonas de Proteção e “Non aedificandi” do Convento de Cristo
Origem: <http://whc.unesco.org/en/list/265/documents/>
- Figura 35 Identificação dos locais de estudo
Autoria própria
- Figura 36 Torre de Menagem com identificação das pedras romana e visigótica
Autoria própria
- Figura 37 Morro do Castelo, visto a partir da Várzea Grande em 1952
Origem: <http://www.mdthomar.ipt.pt/?pagina=fototeca&categoria=80#>
- Figura 38 Vista da Cidade de Tomar a partir da Alcáçova
Autoria própria
- Figura 39 Vista da Charola na direção norte
Autoria própria
- Figura 40 Vista da torre de Menagem na direção sudeste
Autoria própria
- Figura 41 Vista da Charola na direção oeste
Autoria própria
- Figura 42 Vista da Torre de Menagem na direção sul
Autoria própria

- Figura 43 Capela de S. Gregório
Autoria própria
- Figura 44 Ermida de N. Sra. da Piedade
Autoria própria
- Figura 45 Monte de N. Sra. da Piedade
Coleção Particular M^a Helena Mota Lima - ASFM Municipio de Tomar
Origem: GODINHO, Bárbara (2013). *Arquivo Fotográfico Silva Magalhães : um novo olhar sobre Tomar do século XIX.*
- Figura 46 Vila de Baixo, maioritariamente consolidada no séc. XIV
Autoria própria
- Figura 47 Iluminura do Convento de Cristo, de 1509
Iluminura da portada do Livro IV da Estremadura da *Leitura Nova*
Origem: <http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4223211>
- Figura 48 Vista do Convento a partir da Pedreira
Autoria própria
- Figura 49 Vista a partir da Rua do Casal Magano
Autoria própria
- Figura 50 Bairro de N. Sra. dos Anjos e FAI
Autoria própria
- Figura 51 Início da Estrada de Paialvo
Autoria própria
- Figura 52 Percurso no Monte de Sta. Bárbara
Autoria própria
- Figura 53 Cerca Conventual
Autoria própria
- Figura 54 Cerca Conventual
Autoria própria
- Figura 55 Nascente da Gruta
Autoria própria
- Figura 56 Nascente junto da Charolinha
Autoria própria
- Figura 57 Charolinha
Autoria própria
- Figura 58 Tanque grande
Autoria própria
- Figura 59 Tanque pequeno
Autoria própria
- Figura 60 e 61 Ermida de N. Sra. da Conceição
Autoria própria
- Figura 62 Corte entre a Torre de Menagem e a Ermida
Autoria própria
- Figura 63 Corte entre a Charola Templária e a Ermida
Autoria própria
- Figura 64 Possível continuação da Calçada de S. Gregório
Autoria própria

- Figura 65 Planta da cidade de Tomar de 1928
Origem: <http://www.cm-tomar.pt/>
- Figura 66 Monte de Sta. Bárbara
Autoria própria
- Figura 67 Aqueduto dos Pegões
Autoria própria
- Figura 68 Tanque da Cadeira d'El Rei
Autoria própria
- Figura 69 Portaria do Convento
Autoria própria
- Figura 70 Convento da Anunciada Nova
Autoria própria
- Figura 71 Convento da Anunciada Nova
Coleção Particular M^a Helena Mota Lima - ASFM Municipio de Tomar
Origem: GODINHO, Bárbara (2013). *Arquivo Fotográfico Silva Magalhães : um novo olhar sobre Tomar do século XIX.*
- Figura 72 Convento da Anunciada Nova
Autoria própria
- Figura 73 Convento e Igreja de S. Francisco
António da Silva Magalhães - Arquivo Fotográfico Silva Magalhães
Origem: <http://www.mdthomar.ipt.pt/?pagina=fototeca&categoria=52#>
- Figura 74 Convento e Igreja de S. Francisco
Autoria própria
- Figura 75 Vestígios da cerca do Convento de S. Francisco
Autoria própria
- Figura 76 Vestígios da cerca do Convento de S. Francisco
Autoria própria
- Figura 77 Gravura de 1668-69 com vista de Tomar
Pier Maria Baldi, in *Viaje de Cosme de Médicis por España y Portugal*, Lorenzo Magalotti, Madrid (1668-1669)
Origem: <http://www.boticaconvento.ipt.pt/pt/colecao/>
- Figura 78 Gravura de 1889 da Cerca Conventual
Revista "O Occidente", Lisboa, p.228-229
Origem: BARBOSA, Álvaro José (2003). *Sete Montes de Tomar. Recuperação da Cerca do Convento de Cristo*. Cedida pelo autor Álvaro José Barbosa
- Figura 79 Fotografia aérea de Tomar da década de 30 do séc. XX
Arquivo da Câmara Municipal de Tomar
Origem: BARBOSA, Álvaro José (2003). *Sete Montes de Tomar. Recuperação da Cerca do Convento de Cristo*. Cedida pelo autor Álvaro José Barbosa
- Figura 80 Estrada de Leiria
António da Silva Magalhães - Arquivo Fotográfico Silva Magalhães
Origem: <http://www.mdthomar.ipt.pt/?pagina=fototeca&categoria=48#>
- Figura 81 Estrada de Leiria
Autoria própria

- Figura 82 Fonte de S. Gregório
Autoria própria
- Figura 83 Escadaria de N. Sra. da Piedade
António da Silva Magalhães - Arquivo Fotográfico Silva Magalhães
Origem: <http://www.mdthomar.ipt.pt/?pagina=fototeca&categoria=48#>
- Figura 84 Estrada de Paialvo
António da Silva Magalhães - Arquivo Fotográfico Silva Magalhães
Origem: <http://www.mdthomar.ipt.pt/?pagina=fototeca&categoria=60#>
- Figura 85 Estrada de Paialvo
Coleção antiga do Município - Arquivo Fotográfico Silva Magalhães
Origem: GODINHO, Bárbara (2013). *Arquivo Fotográfico Silva Magalhães : um novo olhar sobre Tomar do século XIX.*
- Figura 86 Avenida Dr. Vieira Guimarães
Autoria própria
- Figura 87 Avenida Dr. Vieira Guimarães
Autoria própria
- Figura 88 Muralha do Castelo
António da Silva Magalhães - Arquivo Fotográfico Silva Magalhães
Origem: <http://www.mdthomar.ipt.pt/?pagina=fototeca&categoria=47#>
- Figura 89 Projetos para arranjo da envolvente da Ermida de N. Sra. da Conceição
Site dos Monumentos - SIPA
Origem: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3354
- Figura 90 Ermida de N. Sra. da Conceição
António da Silva Magalhães - Arquivo Fotográfico Silva Magalhães
Origem: <http://www.mdthomar.ipt.pt/?pagina=fototeca&categoria=52#>
- Figura 91 Ermida de N. Sra. da Conceição
Autoria própria
- Figura 92 Convento de Cristo
António da Silva Magalhães - Arquivo Fotográfico Silva Magalhães
Origem: <http://www.mdthomar.ipt.pt/?pagina=fototeca&categoria=52#>
- Figura 93 Convento de Cristo
Autoria própria
- Figura 94 Cerrada dos Cães
Coleção Particular M^a Helena Mota Lima - ASFM Município de Tomar
Origem: GODINHO, Bárbara (2013). *Arquivo Fotográfico Silva Magalhães : um novo olhar sobre Tomar do século XIX.*
- Figura 95 Cerrada dos Cães
Autoria própria
- Figura 96 Muro visível no morro do Castelo
António da Silva Magalhães - Arquivo Fotográfico Silva Magalhães
Origem: <http://www.matrizpix.dgpc.pt/MatrizPix/Fotografias/FotografiasConsultar.aspx?TIPOPEsq=2&NUMPAG=13®PAG=50&CRITERIO=tomar&IDFOTO=112102>
- Figura 97 Vestígios de construções
Autoria própria

- Figura 98 Vestígios de construções
Autoria própria
- Figura 99 Morro do Castelo, visto de Sta. Bárbara de 1936
Comissão de Iniciativa e Turismo de Tomar
Origem: BARBOSA, Álvaro José (2003). *Sete Montes de Tomar. Recuperação da Cerca do Convento de Cristo*. Cedida pelo autor Álvaro José Barbosa
- Figura 100 Morro do Castelo, visto de Sta. Bárbara
Autoria própria
- Figura 101 Parque de merendas na Mata dos Sete Montes
Autoria própria
- Figura 102 Novos caminhos abertos e percursos de manutenção criados
Autoria própria
- Figura 103 Alameda dos Freixos, no chã da valada
Autoria própria
- Figura 104 Antigos edifícios no cimo da Rua da Graça
António da Silva Magalhães - Arquivo Fotográfico Silva Magalhães
Origem: <http://www.mdthomar.ipt.pt/?pagina=fototeca&categoria=48#>
- Figura 105, 106 e 107 Demolição dos edifícios no cimo da Rua da Graça
Site dos Monumentos - SIPA
Origem: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00002067
- Figura 108 Nova entrada da Mata. No centro ergue-se a estátua do Infante D. Henrique
Autoria própria
- Figura 109 Jardim Formal, criado no local das antigas hortas
Autoria própria
- Figura 110 Fotografia aérea de 1958
Instituto Português de Cartografia e Cadastro
Origem: BARBOSA, Álvaro José (2003). *Sete Montes de Tomar. Recuperação da Cerca do Convento de Cristo*. Cedida pelo autor Álvaro José Barbosa
- Figura 111 Fotografia aérea de 1992
Instituto Português de Cartografia e Cadastro
Origem: BARBOSA, Álvaro José (2003). *Sete Montes de Tomar. Recuperação da Cerca do Convento de Cristo*. Cedida pelo autor Álvaro José Barbosa
- Figura 112 Fotografia aérea de 2009
Autoria própria, reproduzida a partir do software Google Earth Pro
- Figura 113 Fotografia aérea de 2011
Autoria própria, reproduzida a partir do software Google Earth Pro
- Figura 114 Mata dos Sete Montes ,vista do tramo da cerca sudoeste
Autoria própria
- Figura 115 Cerrada dos Cães, 1955
Projeto de arranjo urbanístico da Cerrada dos Cães
Origem: AMT
- Figura 116 Projeto de arranjo urbanístico para a Cerrada dos Cães
Desenhos de autoria própria, a partir dos desenhos do Projeto de arranjo urbanístico da Cerrada dos Cães. Origem: AMT

- Figura 117 Cerrada dos Cães, 1960
António Passaporte - Arquivo Fotográfico Silva Magalhães
Origem: <http://www.mdthomar.ipt.pt/?pagina=fototeca&categoria=47#>
- Figura 118 Vista aérea do Convento de Cristo
Autor desconhecido
Origem: <http://cethomar.blogspot.com/2007/01/alguns-mistrios-de-thomar.html>
- Figura 119 Painel informativo na entrada da Mata dos Sete Montes
Autoria própria
- Figura 120 Parque infantil, substituído após o projeto de valorização
Autoria própria
- Figura 121 Placas informativas colocadas ao longo da Mata
Autoria própria
- Figura 122 Placas sinaléticas a indicar os diferentes percursos ao longo da Mata
Autoria própria
- Figura 123 Vista da Cerrada dos Cães
Autoria própria
- Figura 124 Parque de estacionamento
Autoria própria
- Figura 125 Fachada norte do Convento de Cristo
Autoria própria
- Figura 126 Vista aérea da Cerrada dos Cães
Créditos: Alex Lima
Origem: <https://www.pastoralexlima.com/fotos-pessoais>
- Figura 127 Projeto de 2011
Projeto de Requalificação Urbana e Valorização da Envolvente ao Convento de Cristo
Origem: AMT
- Figura 128 Alçados da Casa do Guarda
Site dos Monumentos - SIPA
Origem: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004718
- Figura 129 Alçado da nova entrada da Mata
Site dos Monumentos - SIPA
Origem: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004718
- Figura 130 Redesenho das vias e do acesso à Mata dos Sete Montes
Site dos Monumentos - SIPA
Origem: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004718
- Figura 131 Fotomontagem com o projeto de 1970 para a frente norte e poente do Convento de Cristo
Autoria desconhecida
Origem: <http://cethomar.blogspot.com/2008/01/castelo-ou-convento.html>
- Figura 132 Plantas e Alçados do projeto de 1970
Site dos Monumentos - SIPA
Origem: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004718

Desenhos (autoria própria)

- Desenho 01 Esquema Morfoestrutural de Portugal
Reproduzido a partir de ilustrações no *Atlas de Portugal* (2005), Instituto Geográfico de Portugal.
- Desenho 02 Mapa Hipsométrico de Portugal
Reproduzido a partir de ilustrações no *Atlas de Portugal* (2005), Instituto Geográfico de Portugal.
- Desenho 03 O território envolvente de Tomar - Escala 1:100 000
Planta topográfica desenhada com base em Cartas Militares de Portugal - Série M888 - Escala 1:25 000
- Desenho 04 Zona de estudo - Escala 1:7 500
Planta topográfica desenhada com base em Cartografia cedida pela CMT.
- Desenho 05 O território envolvente de Tomar - Escala 1: 100 000
- Desenho 06 A região de Tomar - 1:20 000
Planta topográfica desenhada com base em Cartas Militares de Portugal - Série M888 - Escala 1:25 000
- Desenho 07 Dos primórdios à fundação da nacionalidade - Escala 1:7 500
- Desenho 08 A região de Tomar - Escala 1:20 000
- Desenho 09 Zona de Estudo - Topografia, linhas de fecho e linhas de água - Escala 1:7 500
- Desenho 10 Da Ordem do Templo à Ordem de Cristo - Escala 1:7 500
- Desenho 11 De D. João I ao Infante D. Henrique em Tomar - Escala 1:7 500
- Desenho 12 Reinado de D. Manuel I - Escala 1:7 500
- Desenho 13 Reinado de D. João III - Escala 1:7 500
- Desenho 14 Junção das coroas de Portugal e Espanha - Escala 1:7 500
- Desenho 15 Da Restauração às invasões Francesas - Escala 1:7 500
- Desenho 16 Das invasões Francesas ao fim da Monarquia - Escala 1:7 500
- Desenho 17 Da implantação da República à atualidade - Escala 1:7 500
- Desenho 18 Proposta de percurso pedonal da água - Escala 1:5 000
- Desenho 19 Proposta de percurso de miradouros nos três montes - Escala 1:7 500
- Desenho 20 Propostas de percursos pedonais para o Convento de Cristo - Escala 1:5 000

ANEXOS

ANEXO I

Cronologia

A cronologia que se apresenta contempla o registo, com as correspondentes referências, de todos os eventos decorridos na envolvente do Convento de Cristo, e que foram sendo expostos textualmente ao longo do trabalho. Foi uma importante ferramenta para a concepção daquilo que foi a construção deste lugar ao longo do tempo, sintetizando grande parte do trabalho de investigação.

Século	Década	Ano	Designação	Evento
Pré-História			Monte Piedade	Machado de Basalto encontrado no monte de N. Sra. da Piedade ¹
VI a.C. - III a.C.			Monte Castelo	Referência a <i>oppidum</i> céltico, hipótese colocada pela Arqueóloga Salete da Ponte ²
II a.C. - V d.C.			Vias	Desenvolvimento da rede viária na região de Tomar - <i>Sellium</i> - decorrente da ocupação Romana ³
V			Riba Fria	<i>Villa de Theodemaris</i> - propriedade rústica de origem Romana ou Suevo-visigótica ⁴
XIX - XI			Monte Castelo	Vestígios de calçada árabe no morro do Castelo ⁵
XI			Monte Piolhinho	Batalha da Encosta das Maias, no Monte do Piolhinho ⁶
	40-60	1159	Termo de Ceras	Doação do Termo de Ceras por D. Afonso Henriques à Ordem do Templo ⁷
		1159	S. Gregório	Referência à existência de uma capela onde foi depositada a mão de S. Gregório ⁸
			Castelo	Início construção do Castelo de Tomar ⁹
		1160	Vegetação	A vegetação circundante foi retirada, por questões estratégicas ¹⁰
XII	60-80		Monte Castelo	Surgimento do arrabalde de S. Martinho e do Pé da Costa ¹¹
		1174-1178	Vila de Baixo	Primeiros arruamentos da Vila de Baixo começam a definir-se ¹²
		1178	Tomar	Já há bastantes registos de olivais na região de Tomar, refletindo a paisagem de então ¹³
	80-100	1188	Castelo	Existência de uma igreja no Castelo, denominada de Sta. Maria do Castelo ¹⁴
		1190	Monte Castelo	Invasão Moura e cerco ao Castelo de Tomar ⁹
	0-20	1200	Casas	Doação de 7 casas à Ordem do Templo, junto da muralha do Castelo ¹⁵
		1204	Castelo	O Castelo e a vila de cima dão-se como concluídos ¹⁶
XIII	40-60			
	60-80	1271	Casas	Doação de casas dentro da cerca do Castelo, junto à muralha ¹⁷
	80-100			
	0-20	1314	Casas	Referência à existência de habitações na Calçada de Santiago e na Vila de Baixo ¹⁸
	20-40	1327	Cerca	Referência à doação de olivais dos Sete Montes e Sete Vales à Ordem do Templo ¹⁹
	40-60			
XIV	60-80			
		1387	Ermida Piedade	Construção Capela N.S.Piedade ²⁰
	80-100	1392	Monte Sta. Bárbara	Primeira referência à calçada que vai para Torres Novas e a olivais no monte de Sta. Bárbara ²¹

Século	Década	Ano	Designação	Evento	
XV	0-20	1417-1450	Convento de Cristo	Construção do Claustro da Lavagem e do Cemitério ²²	
		1438	Vias	Primeira referência à Calçada do Convento e de S. Gregório ²³	
	20-40	1439	Sete Montes	Primeira referência ao nome Riba Fria e Sete Vales e Sete Fontes ²⁴	
		40-60	Meados	Convento de Cristo	Início das obras do Infante D. Henrique no Convento de Cristo ²²
	60-80	1474	Monte Piedade	Doação de olivais no monte de N. Sra. da Piedade ²⁵	
		80-100	1499	Vale Pereiro	Primeira referência ao Vale Pereiro e Almuinhas ²⁶
	Castelo			Expropriação dos moradores intramuros e mandanda entaipar a Porta da Almedina ²⁷	
	XVI	0-20	1509	Pintura	Iluminura do Castelo, que denuncia a Charola Templária e o Terreiro de entrada ²⁸
				Monte Piolhinho	Doação de olivais no monte do Piolhinho ²⁹
		0-20	1510	Capela N. Sra. Anjos	Primeira referência à Capela de N. Sra. dos Anjos, situado no monte de Sta. Bárbara ³⁰
Convento de Cristo				Início da construção da Nave Manuelina ²²	
0-20		1520	Monte Sta. Bárbara	Doação de olivais no monte de Sta. Bárbara ³¹	
			1521	Monte Piedade	Doação de olivais no monte de N. Sra. da Piedade ³²
0-20		1524	Monte Piedade	Doação de olivais no monte de N. Sra. da Piedade ³³	
			1529	Convento de Cristo	Documento que descreve a compra dos terrenos para a construção do Convento de Cristo e Cerca Conventual ³⁴
20-40		1530	Convento de Cristo	Início da construção do Convento de Cristo ²²	
			S. Martinho	Destruição do arrabalde de S. Martinho ²²	
20-40	1530	Sete Montes	Surgimento da Cerca Conventual no lugar dos Sete Montes e Sete Vales ²²		
		1531	Casas	Casa de Frei António de Lisboa na Calçada que vai para a Porta da Almedina ³⁵	
40-60	1535	Capela S. Gregório	Intervenção na Capela de S. Gregório ³⁶		
		Ermida Conceição	Início construção da Ermida de N. Sra. da Conceição ³⁷		
40-60	1540	Monte Sta. Bárbara	Primeira referência à Forca de Tomar, no então Monte da Forca ³⁸		
		1542	Monte Piolhinho	Doação de olivais no monte do Piolhinho ³⁹	
40-60	1546	Monte Piedade	Doação de olivais no monte de N. Sra. da Piedade ⁴⁰		
		Capela N. Sra. Anjos	Possível intervenção a esta capela, devido a data gravada no chão ⁴¹		
40-60	1546	Anunciada Nova	Aquisição da Horta do Valente por Frei António de Lisboa ⁴²		
		1555	Ermida Piedade	Intervenção na Ermida de N. Sra. da Piedade ⁴³	
60-80	1559	Vias	Mencionada a Calçada de S. Gregório ⁴⁴		
		60-80			
80-100	1593	Aqueduto	Início da construção do Aqueduto dos Pegões ⁴⁵		
		80-100	Finais sec	Convento de Cristo	Campanha de obras Filipinas ²²

Século	Década	Ano	Designação	Evento	
XVII	0-20	1613	Ermida Piedade	Intervenção na Ermida de N. Sra. da Piedade ⁴⁶	
		1620	Convento de Cristo	Mandada construir a Nova Portaria ²²	
	20-40	1625	Convento S. Francisco	Início da construção da Igreja de S. Francisco ⁴⁷	
		1629	Anunciada Nova	Troca dos terrenos do Convento da Anunciada Velha pela Horta do Valente ⁴⁸	
	40-60	1645	Anunciada Nova	Início da construção Convento da Anunciada Nova ⁴⁹	
	60-80	1668-69	Pintura	Gravura com vista para os montes de Tomar ⁵⁰	
		Finais	Capela Sta. Bárbara	Possível existência da Capela de Sta. Bárbara ⁵¹	
	80-100	1699	Convento S. Francisco	Descrição meticolosa da Cerca do Convento de S. Francisco e da Capela de Sta. Bárbara ⁵¹	
		1700	Convento S. Francisco	Início da construção dos claustros do Convento de S. Francisco ⁵²	
	XVIII	0-20	1719	Tomar	Descrição da região em visitasões ⁵³
20-40					
40-60		1741	Tomar	Descrição da região em visitasões ⁵⁴	
60-80		1767	Sete Montes	Referência à Cerca Conventual como Quinta dos Sete Montes e arrendamento a morador de Tomar ⁵⁵	
		1779	Tomar	Descrição da região em visitasões ⁵⁶	
80-100		1797	Tomar	Descrição da região em visitasões ⁵⁷	
XIX		0-20	1801	Tomar	Descrição da região em visitasões ⁵⁸
			1822	Vias	Calçada de S. Gregório em mau estado ⁵⁹
		20-40	1822	Convento S. Francisco	O Convento é entregue ao Ministério da Guerra e a Igreja à Ordem Terceira de S. Francisco ⁶⁰
			1834		Extinção das Ordens Religiosas por D. Maria II
	40-60	1834	Convento S. Francisco	Convento entregue ao Batalhão de Caçadores nº 7, que aí estabeleceu o Hospital Militar ⁶⁰	
		1837	Sete Montes	Venda da Quinta dos Sete Montes a António Bernardo Costa Cabral ⁶¹	
	40-60	1848	Ermida	Ermida restaurada pelos estragos feitos em 1810 pela 3ª Invasão Francesa ⁶²	
		1856	Convento S. Francisco	Espaço é concedido à CMT, que o aproveita para Quartel Militar ⁶⁰	
		1858	Vias	Pedido de construção de uma estrada a ligar Leiria a Tomar ⁶³	

Século	Década	Ano	Designação	Evento		
XIX	60-80	1862	Monte Piedade	Conclusão da construção das escadilhas de N. Sra. da Piedade ⁶⁴		
		1864	Vias	Início da construção da Estrada do Prado ⁶⁵		
		1865	Capela N. Sra. Anjos	Demolição da Capela de Senhora dos Anjos ⁶⁶		
		1871	Vias	Pedidos de reparações da calçada do caminho a partir de Tomar para a Ermida de N. Sra. da Conceição ⁶⁷		
		1873	Vias	Fonte de S.Gregório ⁶⁸		
		1874	Vias	Construção da Estrada de Leiria ⁶⁹		
	80-100			Monte Sta. Bárbara	Exploração de água na mina de N. Sra. dos Anjos, na Encosta do Pinhal de Sta. Bárbara ⁷⁰	
		1877	Vias	Conclusão da Estrada de Paialvo ⁷¹		
		1886	Vias	Reparação do caminho público da Estrada Real à Quinta do Vale do Pereiro ⁷²		
		1888	Vias	Construção do caminho para a Ermida N. Sra. da Conceição ⁷³		
		1889	Pintura	Gravura de 1889 da Cerca Conventual ⁷³		
		1895	Monte Sta. Bárbara	Foi semeado o pinhal de Sta. Bárbara ⁷⁴		
		XX	0-20	1905	Vias	Reclamação pela inexistência de uma via em condições para o Convento de Cristo ⁷⁵
				1907	Classificação	Convento de Cristo foi classificado como Monumento Nacional ⁷⁶
1908	Vias			Referência a muralha de suporte na nova Estrada do Convento ⁷⁷		
20-40	1910		Classificação	Ermida N. Sra. da Conceição e Aqueduto dos Pegões classificados como Monumento Nacional ⁷⁸		
	1919		Vias	Conclusão da Avenida Dr. Vieira Guimarães (Estrada do Convento) ⁷⁹		
	1933		Ermida Conceição	Intervenções interiores, envolvendo a abóboda central e o telhado, e exteriores com a construção do muro de suporte do lado sul ⁸⁰		
XX	anos 30		Ermida Conceição	Surgiram vários projetos para a envolvente da Ermida de N. Sra. da Conceição ⁸¹		
			Convento	Reparos no Convento de Cristo ²²		
	20-40	1936-39	Sete Montes Convento de Cristo	Os bens da família Costa Cabral voltaram para o Estado Português ²²		
		1936	Sete Montes	Transformada em campo experimental Hortícola pela XIIª Brigada de Campanha de Produção Agrícola ⁸²		
		1938	Classificação	Cerca Conventual classificada como Imóvel de Interesse Público ⁷⁸		
1938	Sete Montes	Conversão da Quinta para um Parque Municipal ⁸²				

Século	Década	Ano	Designação	Evento
XX	40-60	1940	Casas	Demolição das casas no cimo da Rua da Graça ⁸²
		1946	Protecção	Atribuída Zona Especial de Protecção e da Zona “non aedificandi” ao Convento de Cristo, Ermida de N. Sra. da Conceição, Aqueduto dos Pegões e Cerca Conventual ⁷⁸
		1948	Classificação	Capela de S. Gregório classificada como Imóvel de Interesse Público ⁷⁸
		1949	Sete Montes	Construção do muro e vedação da entrada principal ⁸²
		Meados	Casas	Destruídas as casas extra-muros no flanco norte/nascente do Castelo ⁸³
		1955	Cerrada dos Cães	Projeto de arranjo urbanístico da Cerrada dos Cães ⁸⁴
		1959	Classificação	Igreja de S. Francisco classificada como Imóvel de Interesse Público ⁷⁸
	60-80	1965	Ermida Conceição	Construídos restantes muros de suporte a toda a volta e o piso envolvente da capela foi pavimentado ⁸⁵
		Anos 70	Ermida Conceição	Devido a deslizos de terras, é reconstruído o muro do lado sul ⁸⁵
		Anos 70	Monte Sta. Bárbara	Construção da FAI - Feira Agrícola e Industrial ⁸⁶
		1977	Protecção	Alteração da Zona de Protecção do Aqueduto dos Pegões ⁷⁸
		1979	Protecção	Alteração da Zona de Protecção do Aqueduto dos Pegões ⁷⁸
		1983	Monte Piedade	Construção do loteamento no Monte de N. Sra. da Piedade ⁸⁷
		80-100	1983	Classificação
1986	Sete Montes		Novo nome de Mata Nacional dos Sete Montes ⁸²	
XXI	0-20	2002	Ermida Conceição	Obras de restauro ⁸⁸
		2008	Sete Montes	Projeto de Valorização e Requalificação da Mata Nacional dos Sete Montes ⁸²
		2011	Cerrada dos Cães	Projeto de Requalificação Urbana e Valorização da Envolvente ao Convento de Cristo ⁸⁴
		2017	Aqueduto	Projeto de Reabilitação e Conservação do Aqueduto dos Pegões ²²

- ¹ “Das edades prehistoricas não se encontrou até hoje vestígio algum da existência do homem n’esta localidade que possa ter dado origem a uma povoação qualquer. Um machado de basalto, que há anos foi encontrado próximo da capella da Senhora da Piedade, em um sitio chamado Armazem da Polvora, outro de cobre que foi achado na fenda de uma rocha, junto à Fonte Quente, quando se construiu a estrada do Prado e ainda outros de pedra lascada e polida, que teem apparecido em diferentes pontos e aos quaes a gente do campo chama raios, cahidos das nuvens, não são indícios certos de que o homem da idade de pedra ou da de cobre presistisse por estes logares...” SOUSA, J. M. (1903). *Notícia descritiva e histórica da cidade de Thomar*. p. 189
- ² “É assim que as comunidades indígenas da região, em tempos proto-históricos, habitaram, na colina do Castelo, ou seja, num recinto fortificado (oppidum), como nos atestam alguns vestígios materiais, ainda insuficientes para a definição do tipo e intensidade de ocupação deste espaço, com contornos de relevo diferenciado. Porém, o lugar ou oppidum céltico (colina do Castelo) é, entretanto, romanizado e integrado na civitas de Sellium, do Conventos Scallabitanus da Lusitânia.” Documento redigido por Salete da Ponte e consultado a partir do site do Convento de Cristo de Tomar, <http://www.conventocristo.gov.pt/>, no dia 25 de maio de 2018
- ³ Apesar da rede viária estar atribuída ao Romanos, que a desenvolveu e otimizou, muitas das vias tiveram a sua origem em períodos anteriores a este povoamento, limitando-se a estabelecer percursos em vias utilizadas pelos aglomerados populacionais anteriores. Por isto é impreciso datar temporalmente o surgimento de certas vias e estruturas. Cf. MATTOSO, José [et al.] (1993). *História de Portugal: Antes de Portugal*. Volume I. p. 255-257 e Cf. BATATA, Carlos [et. al.] (1992b). *Um troço de estrada Romana inédito*. Em: *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Nº 16. p.78-86
- ⁴ “A melhor hipótese talvez seja a germânica: Tomar não será senão o genético Theodemari, sc. «villa» de Theodemarus, ou análoga propriedade rústica, pouco de surpreender abaixo de um monte escarpado, provavelmente castrejo, e em sitio fértil, abrigado e ameno, junto de uma pov. importante na época romana (Sellium) e na hermanica (Selio, Nabantia). Sendo assim, tal villa pode ter origem romana, e ter recebido nova denominação com a dominação suevo-visigótica. (Tomar, de Theodemari, tem perfeito correspondente em Lomar, de Leodema, e os temas gót. que constituem o antropónimo são thiuda <povo>, e marcha <cavalo>. Cp. ainda Teomil, de Theodemiri, Armamar de Ermamari, etc). Um dos exemplos com que os autores têm concedido ao rio o nome Tomar (que ficou à pov. na sua margem nascida), é o da origem pretensamente arábica do nome, muito discutível, até porque os árabes não deviam ter estanciado muito tempo pela região. Alguns nomes dessa origem na toponímia local podem ser devidos à língua comum, enriquecida de apelativos dessa origem. Depois, sendo o nome Nabão irrecusavelmente antiquíssimo, acaso pré-romano (ao menos de origem), pois que parece derivado sem duvida de Nava, a própria região nos sec. VI-VII, vindo depois ele mesmo a dar à região o nome de Nabantia (que é a explicação que mais esclarece a mudança de uma designação para a outra), não se explica satisfatoriamente como é que, tendo os árabes mudado o nome do rio, o antigo não só se não perdeu como sobreviveu e se conserva ainda.” *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. (1978) Volume 31. p. 903
- ⁵ “Por último, a cultura material e as estruturas residuais detectadas neste espaço fortificado, mais exactamente na área ocupada pela construção dos Paços Antigos (séc. XV) e Paços Novos (séc. XVI), permitem definir alguns traços da volumetria e paisagem construtiva da cidadela muçulmana. As pré-existências, aqui identificadas permitem reconhecer nesta colina da margem direita, a madina (cidade), de Thamara ou Tamarmá (sécs. IX e XIII), situada em lugar privilegiado e estratégico de vigilância do seu território.” Documento redigido por Salete da Ponte e consultado a partir do site do Convento de Cristo de Tomar, <http://www.conventocristo.gov.pt/>, no dia 25 de maio de 2018
- ⁶ “Há memórias expressivas destes factos calamitosos [referente à dominação muçulmana] já para uma época mais tardia (os séc. XI-XII), mostrando bem a dureza dos recontros anteriores e sua frequência: a batalha de Água das Maias, nos meados do séc. XI, referida junto de Coimbra pelas memórias medievais, mas que deve convir, mais ao sul (até por Coimbra ser já cristã, definitivamente), à região de Tomar, onde há um ribeiro deste nome, tributário do Nabão; e o bélico «infortúnio» sofrido em 1135, já sob o governo de D. Afonso Henriques, pelos cristãos não longe do assento da actual cidade, se não nele mesmo.” *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. (1978) Vol.31. p.904
- ⁷ Documento da doação do território de Cera de 1159. ANTT., Coleção Gavetas, g.7, m.3, nº8. Publicação de Rui Pinto de Azevedo, DMP, DR, I, doc. 271 (tábua XXIX). apud OLIVEIRA, Nuno Villamariz (2010). *Castelos Templários em Portugal*. p. 716.
- ⁸ “A mão direita de S. Gregório Bispo Nazianzeno que o povo considera seu padroeiro, diz-se que foi para aqui trazida pelo Mestre Gualdim Pais. Estava numa coluna de pedra em que assentava o altar-mor, antes das obras de D. João III.” ANTT – Tombo da Igreja de Santa Maria. apud ROSA, A. (1940). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos*. Volume I. p.29
- ⁹ Conforme nos indica o letreiro em pedra gravada junto dos lanços que sobem para a Charola: “Era 1198 (1160, era de Cristo) Reinando Afonso, ilustríssimo Rei de Portugal, Gualdim Pais. Mestre dos Cavaleiros Portugueses do Templo, com seus freires, começou no primeiro dia de março, a edificar este Castelo, chamado Tomar que, concluindo, o Rei ofertou a Deus e aos Cavaleiros do Templo... Era de 1228 (1190, era de Cristo). Aos 13 dias de Julho veio El-Rei de Marrocos trazendo 400 mil cavaleiros e 500 mil peões e cercou este castelo por seis dias, e destruiu quanto achou fora de muros; e ao Castelo e ao dito mestre com seus soldados livrou Deus de suas mãos. O mesmo Rei voltou para a sua Pátria com inumerável perda de Homens e animais.”
- ¹⁰ “A vegetação circundante por questões estratégicas fora toda retirada” BARBOSA, A. J. (2003). *Sete Montes de Tomar. Recuperação da Cerca do Convento de Cristo*. p.21. op. cit. capítulo 3.1., p. 58
- ¹¹ “(...) os habitantes da Cerca, ainda cedo se terá relevado insuficiente para albergar a cada vez mais alargada população. Em consequência disso, e seguindo os típicos processos de evolução urbana, surge um primeiro arrabalde – o arrabalde de S. Martinho –, colocando-se à secção poente do recinto muralhado.” CABRAL DIAS, J. J. (2018). *A Evolução Urbana de Tomar: De Sellium a Carlos Ramos*. p.72

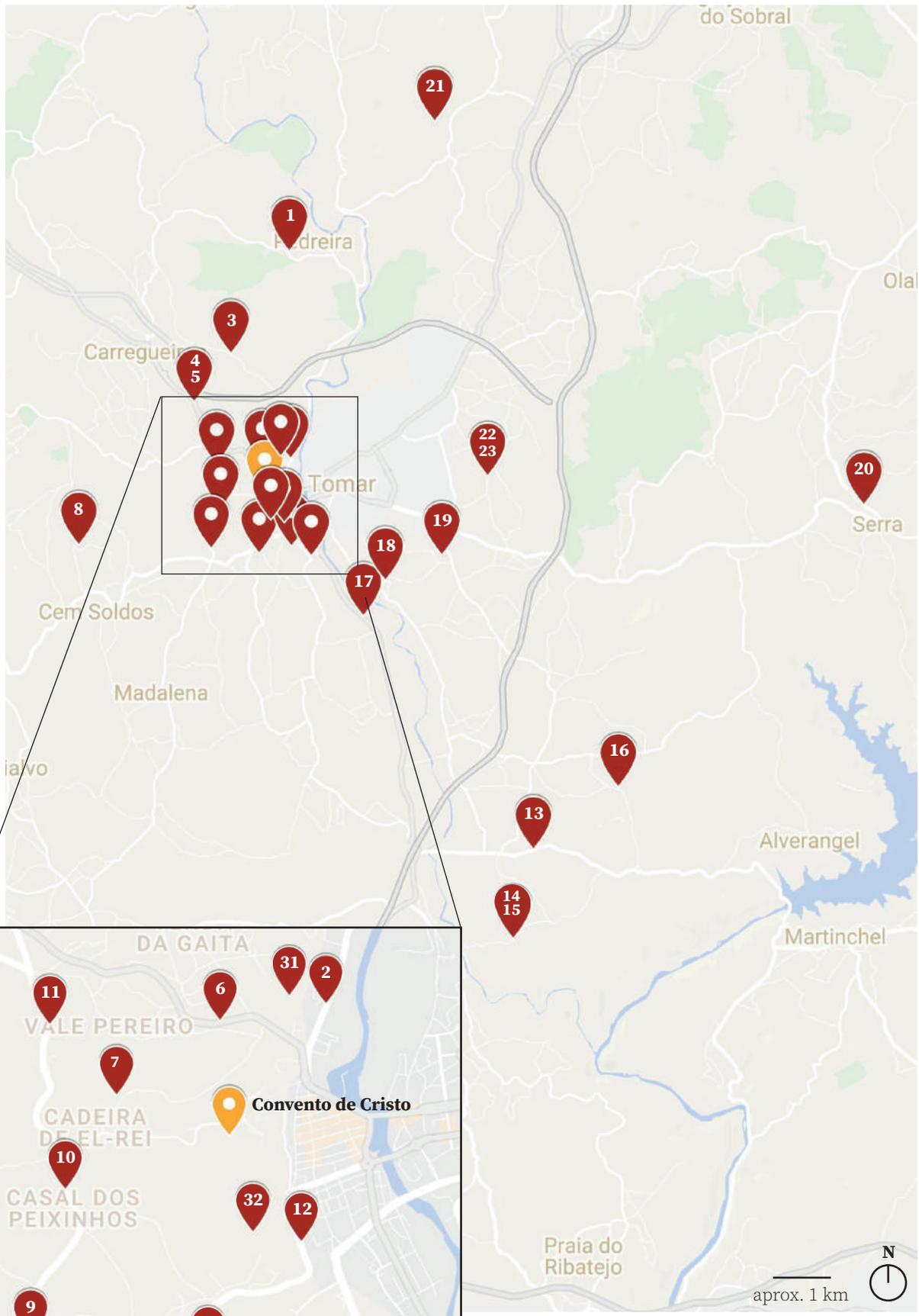
- 12 Cf. CABRAL DIAS, J. J. (2018). *ibid.* p.86-105
- 13 “Nesse mesmo ano [1178], em Maio, D. Martinho Formarigo, Comendador de Pombal, comprou no termo de Tomar um olival chamado Olival do Pombal” ANTT – Livro II das Escrituras apud ROSA, A. (1965). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos*. Volume II. p.47
- 14 “A Paroquial de Santa Maria do Castelo foi feita em 1226 (1188).” ANTT – Convento de Tomar – M.º34 apud ROSA, A. (1940). *ibid.* p.54. Atualmente não existem praticamente vestígios desta igreja no local. No entanto, é possível determinar a sua localização através de um levantamento desenhado do 3º piso do convento do final do século XIX. Cf. BENTO, M. T. (2014). *Convento de Cristo – 1420/1521 – Mais do que um século*. p. 85-95
- 15 “Era de MCCXXXVIIJ (1200) D. Justo doou à Ordem de Templo 7 casas que tinha junto ao Castelo de Tomar, pegadas à muralha.” ANTT – Livro dos Mestrados – Chanc. de D. Manuel apud ROSA, A. (1940). *ibid.* pg.65
- 16 “No dizer de Pedr’Álvares, e apesar dos estragos causados pelas hostes de Yacub Almansor, em 1204 o Castelo e a Vila podiam dar-se por concluídos, embora o Bairro da Várzea Pequena estivesse então apenas delineado.” ROSA, A. (1965). *História de Tomar*. Volume I. p. 47
- 17 “Uma fidalga de nome Justa, Senhora devotíssima das religiosas templárias, doou ao Convento das tais religiosas, as suas casas que tinha dentro da Cerca do Castelo de Tomar, junto à muralha para que as tivessem para sempre.” ROSA, A. (1940). *ibid.* p.126
- 18 ANTT – L.º dos Mestrados de Cristo – Chanc. de D. Manuel apud ROSA, A. (1940). *ibid.* p.176
- 19 “(...) Os olivais de Maria Vasques, os de Sete Montes e Sete Vales, o olival das Cardas, a vinha e o olival do Cerzedo.” ANTT, “Rol dos bens que passaram à Ordem de Cristo – Vicariato de Tomar”, Livro II das Escrituras. apud ROSA, A. (1940). *ibid.* p.228.
- 20 “Entretanto construiu-se a Ermida de N. Sra. da Piedade, cuja fundação data de 1387, com muitas remodelações posteriores, e cujo acesso era realizado por caminho, pois o seu conhecido escadório só é construído em meados do século XIX.” FERREIRA, J. J. C. [et al.] (1991). *Tomar – Perspectivas*. p. 72.
- 21 “Em 1 de julho de 1430 (1392), Maria Francisca legou à Confraria dos Clérigos de Tomar, a casa na Rua de Gil Vicente, metade do olival ao cimo da Calçada que vai para Torres Novas e 6 olivais que estavam no Ribeiro dos Gafos, por detrás de Sta. Maria.” ANTT – Tombo de Santa Maria do Olival apud ROSA, A. (1940). *ibid.* p. 282.
- 22 Consultado no website Monumentos: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4718
- 23 “(...) El-Rei foi metido numa tumba [1438] e, ao cair da noite, pelas abruptas calçadas do Convento e de S. Gregório seguia, em triste cortejo, caminho ao Mosteiro da Batalha.” ROSA, A. (1964). *Tomar no Verão de 1438 in Anais da União de Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*. Volume IV. p.100
- 24 O Papa Eugénio IV ordena ao Abade de Alcobaça que indague sobre a liceidade e conveniência do emprazamento dos imóveis ditos Sete Vales e Sete Fontes (Septem Valles et Septem Fontes (sic)) no Vale da Riba Fria, da Comenda do Paul, Tomar...”
- 25 O Olival e terra de pão e cerrada que foi vinha, que está de arredor de Santa Maria da Monte que pertence à dita Ermida e parte com o caminho que vai para a dita Igreja e com terra de João Preto, da Várzea Pequena. O caminho cerca a Igreja de poente a sul. Foi feito em 1474 por D. Frei Pero de Abreu, Vigário de Tomar. No mesmo Ano, se aforou o olival do Entroncadoiro [situado na zona Além Rio, entre a estrada de Coimbra e o caminho público que vai para as Avessadas], deixado pelos 2 criados.” ANTT – Tombo dos Bens de Nossa Senhora do Monte apud ROSA, A. (1965). *ibid.* p. 42
- 26 “doação de umas casas e quintal e umas oliveiras, que estão no Vale dos Pereiros e as Almuinhas” ANTT – Tombo de Santa Maria do Olival apud *ibid.* p. 105.
- 27 “Em 1499 mandou o Rei D. Manuel comprar todas as casa e quintais e chãos que estavam dentro da Cerca desta Vila, em que entravam algumas que já eram da Ordem anexas e algumas Comendas, e mandou que da dita Cerca se saíssem todos os moradores leigos, e deu-as ao D.Prior, bem como as chaves de Cerca, para daí em diante se fecharem da mão do D.Prior e ser clausura do dito Convento ...” ROSA, Amorim (1965). *ibid.* p. 102. E ainda “As casas dos moradores da Cerca da Vila, que hão de ir viver fora, lhe mandar fazer outras em S.Martinho, que sejam daquela mesma valia.”
- 28 Iluminura da portada do Livro IV da Estremadura da Leitura Nova, datando de 1509.
- 29 “...; entre outras coisas que vendeu e lhe foram vendidas em paga, fora um Cerrada de Olival e terras de pão que está no termo da dita Vila de Tomar onde chamam o Piolhinho; ...” ANTT – Livro 13 da Estremadura – Chancelaria de D. Manuel
- 30 “Ao tempo que foi instituída a Confraria da Misericórdia nesta Vila de Tomar, no Ano de 1510, POR EL-REI DOM MANUEL, seu bisavô que está em glória, lhe anexou três Confrarias: a da Senhora dos Anjos, a da Santa Cruz e a da Gafaria; e por ser cousa pouca e estar na mór estrada do Reino [Rua Pública da cidade, que passava atravessava a Vila da Várzea Grande à Várzea Pequena], lhe anexou também o Hospital de Nossa Senhora da Graça [designação que deu origem ao nome da Rua da Graça]” Arquivo da Santa Casa da Misericórdia – Liv.º 71 dos Privilégios da Irmandade apud ROSA, Amorim (1966). *ibid.* p.351-357.

- ³¹ “Ao tempo que foi instituída a Confraria da Misericórdia nesta Vila de Tomar, no Ano de 1510, POR EL-REI DOM MANUEL, seu bisavô que está em glória, lhe anexou três Confrarias: a da Senhora dos Anjos, a da Santa Cruz e a da Gafaria; e por ser cousa pouca e estar na mór estrada do Reino [Rua Pública da cidade, que passava atravessava a Vila da Várzea Grande à Várzea Pequena], lhe anexou também o Hospital de Nossa Senhora da Graça [designação que deu origem ao nome da Rua da Graça]” Arquivo da Santa Casa da Misericórdia – Liv.º 71 dos Privilégios da Irmandade apud ROSA, Amorim (1966). *ibid.* p.351-357.
- ³² “Em 9 de Fevereiro de 1521, Maria Lopes, filha de Brás Pires, deixou aos clérigos de Santa Maria do Olival 1 olival que tinha em Santa Maria do Monte. ANTT – Tombo de Santa Maria do Olival apud ROSA, Amorim (1965).*ibid.* p.180.
- ³³ “Cerrada de Olival na ladeira de Nossa Senhora do Monte, da banda da Vila; parte a leste com o caminho da Vila para a Igreja de Nossa Senhora do Monte.” ANTT – Tombo de Santa Maria do Olival apud ROSA, Amorim (1965). *ibid.* p. 201.
- ³⁴ ANTT – Tombo dos Bens e Rendas do Convento apud ROSA, Amorim (1966). *ibid.* p.215.
- ³⁵ “uma casa terrea na calçada que ia para a Porta de Almedina, com outra começada pegada com ela, que somente tinha os alicerces sobre o chão, e um quintalinho de trás, cercado de sebe que partiam de norte com a mulher de Vasco Pires e do levante com a mesma Calçada para onde tem a porta, e do poente com a parede e cerco da nova Vinha da Cerca, e do Sul com Álvaro Tavorda” Pag.243 vol 2 Anais de Tomar
- ³⁶ “Recebeu em 1535, 600 réis para a emadeirar (nada mais se sabe).” ANTT – Ordem de Cristo – Convento de Cristo – Livro 118 apud ROSA, A. (1966). *ibid.* p.260.
- ³⁷ “Fez mais a ermida da Conceição que se vê da Hospedaria e Enfermaria deste convento, obra para se ver e notar em tão pouco espaço e tão perfeita que os architectos não têm que notar se não o não estar acabado por lhe faltar o tempo, que este é ladrão de imperfeições e desgostos como também das perfeições e gostos mas na vida uma e outra cousa acaba.” ANTT – Ordem de Cristo, Conventos Diversos apud PIRES COELHO, M. C. (1987). *A Igreja da Conceição e o Claustro de D. João III do Convento de Cristo de Tomar.*
- ³⁸ “Segundo documentos da época (1540), a forca de Tomar ficava no Outeiro da Forca, hoje chamado de Santa Bárbara, mesmo no local onde ainda existem vestígios da capela de Santa Bárbara.” ROSA, Amorim (1982). *ibid.* p.151
- ³⁹ Um olival ao Piolhinho que era de Antão de Figueiredo do Ribeiro do Cerzedo” AnTT – L.º de Registo e Doações das Ordens do Templo e de Cristo deste 1190; apud ROSA, A. (1966). *ibid.* p. 138 e 276, respetivamente.
- ⁴⁰ “Uma Cerrada de Olival com a sua terra e um cerrado pequeno de horta dentro dela, que está através de Santa Maria do Monte, contra poente, onde chamam Atalaia, (casais da) e entesta com o Ribeiro; foro de 11 de Outubro de 1546.” ANTT – Tombo de Santa Maria do Olival apud ROSA, A. (1965). *ibid.* p. 295.
- ⁴¹ “Inscrição no solo, à entrada da capela: 1546.” ROSA, A. (1966). *ibid.* p.269.
- ⁴² “Dom António de Lisboa comprou a Horta do Valente, por meio da qual passa o Ribeiro da Eira, que do Sul entesta com o Rossio da Várzea Pequena, e de norte e leste com o caminho e estrada pública que vão para Leiria e Ourém, e para as heranças da Pedreira [estrada do Prado], e do poente entesta com a cerrada da Ordem. Tem várias moradias. Ali mandou Frei António fazer duas azenhas de moer pão, que já acabaram, por moer pouco tempo e poucos anos por não moer senão nos meses mito invernosos. Pegava com a Várzea Pequena. Aforadas a António e Margarida Gonçalves em 9 de Julho de 1546.” ANTT – Tombo dos Bens e Rendas do Convento apud ROSA, A. (1966). *ibid.* p.295
- ⁴³ “1555 – alterações estruturais por D. Frei António de Lisboa;...”. Informação retirada do SIPA no website: <http://www.monumentos.pt/>, consultado em 5 de abril de 2018
- ⁴⁴ “Fica junto da antiga Calçada de S. Gregório, e é em estilo manuelino; seguia encostada ao muro do antigo Convento da Anunciada Nova.” ROSA, A. (1966). *ibid.* p. 346
- ⁴⁵ Consultado no website Monumentos: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3364
- ⁴⁶ “Em 1613, Bernardo Martins Ochoa, Juíz Eleito de Tomar, restaurou a capela de Nossa Senhora da Piedade.” Lápide existente na capela.” ROSA, A. (1967). *ibid.* p.119
- ⁴⁷ “Da época deste mesmo monarca é iniciada a edificação do Convento de es. Francisco, único templo de feição barroca da nossa terra; na pilastra do extremo sul da fachada da igreja encontra-se gravada uma inscrição com a data errada do início da construção. Deve ser 1625 e não 1628, conforme documentos. É erro dos canteiros, muito comum na época. A conclusão da Igreja opera-se em 1660 já após a restauração (...)” FERREIRA, J. J. C. [et al.] (1991).*ibid.* p.94.
- ⁴⁸ “Em 19 de Março de 1629 (...) assinou-se a escritura de escambo da Anunciada Velha pela Horta do Valente.” e ainda “Em 3 de Março de 1634, El-Rei D. Filipe III publicou um Alvará autorizando os Frades Capuchinhos a mudarem do Convento da Anunciada Velha, a Cem Soldos, para a Anunciada Nova, na Horta do Valente.” SOUSA, J. M. (1903). *ibid.* p. 168 e 173 respetivamente.

- 49 “Depois a guerra da restauração e outras delongas fizeram com que as obras do novo convento só tivessem principio em 1645. De uma e outra parte do convento fizeram aquelles religiosos algumas compras e houve também quem lhe fizesse doação de terras para acrescentarem á cerca.” SOUSA, J. M. (1903). *ibid.* p. 167
- 50 Pier Maria Baldi, in *Viaje de Cosme de Médicis por España y Portugal*, Lorenzo Magalotti, Madrid (1668-1669)
- 51 Pelo que pareceu preciso comprarem-se algumas casas, e herdades com a sua cerrada de olival, que chamavam a do Talheiro, em que consiste a maior parte da cerca, a qual vai subindo até o alto do monte que fica detrás do Convento, recolhendo em sua pagagem onde as pessoas de fora podiam devassar com a vista o interior dele. Estava no alto deste monte o lugar da forca destinado para castigo de criminosos, e servia de grande embaraço ao intento dos nossos Padres que por esse respeito se viam precisados a recolher o muro da clausura, perdendo esta parte do terreno que já pertencia à casa, e ficando as oficinas dela por esse motivo descobertas, e patentes a quem as quisesse ver o próprio sitio. Porém, os que actualmente governam a vila mostrando que em tudo desejavam dar gosto aos nossos religiosos, mudaram logo o patíbulo para outra parte, deixando-lhe liberdade para cercar o alto do monte. No próprio lugar erigimos sua Ermida e nela colocamos a imagem de Cristo Crucificado, deixando a sua vista perante a todos. (...) Hoje se intitula Capela de Sta. Barbara. (...); a qual [uma carvalheira misteriosa que nasceu junto da Capela] ainda existia no ano de 1699, em que fomos a este Convento e a vimos com muito vagar e reparo. SOLEDADE, F. (1721) *História seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na província de Portugal*. Parte V, Livro III, capítulo XXX, p.537-541. Consultado a partir do catálogo online da Biblioteca Nacional de Portugal no website: <http://purl.pt/20706/4/>, a 4 de junho de 2018
- 52 “Em 1717 ainda continuavam as obras segundo descrição de Gian-Lorenzo Buonafede Vanti, na sua passagem por Tomar, e que fora recebido pelos Frades no Convento de S. Francisco”. VELOSO, C.(1988). *Tomar setecentista na obra de viajantes estrangeiros: história – arte – indústria*. p. 17
- 53 “Dirigi-me a Atalaia, a légua e meia da Golegã, cercada por olivais, que passei ao largo por nada lhe achar de especial; feitas três léguas cheguei a Tomar, recebido com caridade pelos padres da minha ordem. Passada uma colina, chega-se a uma enorme praça oval – a Várzea grande certamente –, de onde se vê a povoação e, do lado esquerdo, o Convento dos Franciscanos, todo branco, excelente, com a igreja não desproporcionada e um claustro de óptima arquitectura, quando ficar terminado, já que estão a construí-lo com grande diligência. A povoação, rodeada de olivais, numa planície junto a um pequeno rio, oferece boas condições, com ruas direitas e bem divididas, bastante populosa, e afável. Dominado o lugar e construído numa colina vê-se um grande Mosteiro da Ordem de Cristo (...)” C.I. VANTI, Gian-Lorenzo Buonafede (1719). *Viagem Ocidental a Santiago da Galiza, Nossa Senhora da Barca e Finisterra, pelo Mar Mediterrâneo, Oceano, Algarve, Portugal, Espanha e França*. Bolonha. p. 138-141. Em: VELOSO, C. (1988). *ibid.* p. 38.
- 54 “Na estrada principal de Coimbra a Lisboa, são doze léguas de caminho, pelas montanhas; uma vez atravessadas, descemos a uma bela planura muito extensa, onde se situa um belo Burgo denominado Tomar. Está no sopé destas extensas montanhas, na margem do Nabão, cercado por densos olivais (...) Dominado o Burgo, vê-se um castelo no alto da montanha (...)” C.I. ALVAREZ de COLMENAR, Juan (1741). *Anais de Espanha e de Portugal*. Amesterdão. Tomo VI. p. 222-224. Em: VELOSO, C. (1988). *ibid.* p. 37.
- 55 “Em o mesmo dia, o Convento de Cristo arrendou a Quinta dos Sete Montes a Manuel Lopes, por 150 alqueires de azeite.” ANTT – Ordem de Cristo – Convento de Tomar – M.º 63 apud ROSA, A. (1969a). *ibid.* p. 366
- 56 “S. Thomar numa bela e vasta planície cercada por olivais, próximo das ruínas de Nabância, de que está separada pelo Nabão (...) o da Ordem de Cristo – refere-se ao mosteiro de Tomar – eleva-se no alto e uma montanha (...)” C.I. Bushing (1779). *Geografia de Bushing*. Lausana. Tomo IV. p.27. Em: VELOSO, C. (1988). *ibid.* p. 38.
- 57 “Uma paisagem idêntica prolonga-se até Tomar; aqui e ali vêem-se sobreiros (...). A cidade (vila) de Tomar está situada numa planície, junto à ribeira do Nabão; está inteiramente rodeada de colinas, parcialmente formadas de grés e pedra calcária. A planície onde assenta a cidade está quase inteiramente coberta de olivais que, de longe, lhe dão um aspecto uniforme; mas de perto, os jardins das margens do rio dão-lhe um aspecto mais agradável. No entanto, a região é, na generalidade, árida e seca. A cidade pertenceu outrora aos Templários (...). Do lado sul, junto ao rio, há uma praça bela e vasta – a várzea grande –, rodeada por um muro; esta praça foi construída por ordem do passado rei D. Sebastião, segundo inscrição gravada numa coluna. No alto das colinas que rodeia esta praça, encontra-se um edifício notável, a sede da Ordem de Cristo (...)” C.I. LINK, Heinrich (1805). *Viagem em Portugal de 1797 a 1799*. Paris. Tomo II. p. 95-98. Em: VELOSO, C. (1988). *ibid.* p. 41.
- 58 “[1801] Finalmente começámos a subir. Oh! o cenário magnífico – montanhas atrás de montanhas desvanecendo-se no céu azul – em baixo férteis culturas – as oliveiras, as minhas preferidas, desenvolvendo-se bem, e de troncos tão fantásticos – longe, muito longe, Santarém no alto da colina – e perto desta, a igreja dos Templários e o Castelo de Tomar, e o seu aqueduto de arco duplo – através de cujas aberturas vemos os ciprestes, as oliveiras e outras espécies de árvores – e a Olaia, toda de púrpura brilhantes.” C.I. SOUTHEY, Robert (1960). *Diário de uma Estadia em Portugal*. Oxford. p. 29. Em: VELOSO, C. (1988). *ibid.* p. 44
- 59 “Em 20 de Março [1822] dizem os Almotacés Dr. José Xavier da Silveira e Feliciano Tomé da Silva que achando-se esta Calçada em princípio de ruína, vê-se ser impossível o conserto por causa da água que corre da Cerca dos Religiosos de Santo António (Anunciada) proveniente duma lameira que eles têm na terra superior ao caminho. E porque este se não pode enxugar apesar das diligências praticadas pelos ditos religiosos, são necessárias medidas só próprias das atribuições do Senado Camarário tomadas em acto de vistoria ROSA, A. (1970). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos*. Volume VI. p. 278
- 60 Consultado no website Monumentos: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2074
- 61 BARBOSA, A. J. (2003). *ibid.* p. 35

- ⁶² “Segundo uma inscrição dentro da capela, o edifício sofreu danos em 1810, ano da terceira invasão francesa, tendo sido restaurado em 1848. Não se conseguiu apurar quais os estragos tratados nesta época.” RAMOS, C. (2013). *Ermida de N. Sra. da Conceição de Tomar*. p. 41.
- ⁶³ “Em 28 de Janeiro de 1858 a Câmara da presidência de Rodrigo Pereira Mendes, indicou ao Governo Civil, como uma das maiores necessidades de Tomar, a construção de uma estrada que ligue esta cidade com Leiria, passando por Vila Nova de Ourém. Em 5 de Março, reunidos em Vila Nova de Ourém, esta Câmara e as de Tomar e Leiria resolveram fazer uma representação comum às Cortes, pedindo a construção da estrada.” ROSA, A. (1982). *ibid.* p.95
- ⁶⁴ “Concluiu-se em 1862 o escadório da Ermida de Nossa Senhora da Piedade, a antiga Nossa Senhora do Monte, tão querida dos tomarenses mesmo para aqueles que não são devotos, e que havia principiado a ser construída em 1846 com os seus 292 degraus, ladeando-a procedeu-se à plantação de árvores que muito vieram embelezar o monte votivo e que uma urbanização descaracterizada e desenraizada da terra-mater veio a desfeiar com algumas construções que galgaram a encosta com a desaprovação da maioria dos Tomarenses.” FERREIRA, J. J. C. [et al.] (1991). *ibid.* p.105
- ⁶⁵ “Constroi-se a estrada do Prado” *idem* p. 105
- ⁶⁶ “(...) foram demolidas as capelas da Senhora dos Anjos, (...) a capela de S.Pedro Fins de origem visigótica e a capela de s.Brás situada ao cimo da Rua Larga, junto ao palácio dos Vales e que foi sacrificada também com a finalidade do alargamento da Rua que seguia para Santo André.” *idem* p. 103
- ⁶⁷ “[1871] ...pedindo a autorização para fazer algumas reparações na Calçada do Caminho para a Senhora da Conceição, desta Cidade, a fim de ser estabelecido, provisoriamente, por aquele sítio, o trânsito dos pobres entre Tomar e Vale dos Ovos.” ROSA, A. (1971). *ibid.* p.31.
- ⁶⁸ “Construiu-se a chafariz da Várzea Pequena conhecido por Fonte de S. Gregório, conforme data aí colocada” *idem* p. 105
- ⁶⁹ “Por esta altura constrói-se a estrada de Leiria passando pelas Barreiras Altas cujo desaterro serviu para o aterro acima da Fonte e Capela de S.Gregório; foi pena o Ministério das Obras Públicas não tivesse tido em conta a opinião da Câmara de Tomar que pretendia que o traçado seguisse a antiga calçada de S.Gregório, seguindo pelo Vale do Ribeiro de S. Gregório, Vale do Pereiro e se possível, com passagem pelos pegões Altos, verdadeira estrada turística que a realizar-se teria evitado a entaipamento da Capela de S. Gregório ,oferecendo outra perspectiva de entrada da cidade, frente ao jardim da Várzea Pequena, e evitando o desinteressante percurso pelas Barreiras Altas com o prejuizo do custoso desaterro das mesmas Barreiras” *idem* p. 105
- ⁷⁰ “Exploração de água na mina de N. Sra. dos Anjos, na Encosta do Pinhal de Sta. Bárbara, com o fim de um maior abastecimento À cidade que ia aumentando de população” *idem* p. 106
- ⁷¹ “Nesse mesmo mês [1877] ficou concluído um lanço de estrada de Paivalvo a Tomar, na extensão de 604 metros.” ROSA, A. (1971). *ibid.* p. 117
- ⁷² “Reparação do Caminho Público da Estrada Real à Quinta do Vale do Pereiro.” ROSA, A. (1972). *ibid.* p.385
- ⁷³ “[1888] Na mesma Sessão a Câmara aprovou o projecto da Junta de Freguesia de Santa Maria, de fazer um ramal do caminho para a Senhora da Conceição.” ROSA, A. (1971). *ibid.* p.276.
- ⁷⁴ Revista “O Ocidente”, Lisboa, p.228-229
- ⁷⁵ “O Convento não tem uma estrada pública para carruagens que leve os seus muitos visitantes à sua Real Entrada. Menciona que na visita da Rainha D.Maria Pia e do Infante D. Afonso, sentiu-se essa falta, tendo de recorrer à Quinta dos Sete Montes que é particular.” ROSA, A. (1971). *ibid.* p.91
- ⁷⁶ Decreto de 16-06-1910, DG, n.º 136, de 23-06-1910, disponível em http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/decsmaria/Decreto23_06_1910.pdf.
- ⁷⁷ “Começa a ser construída a muralha de suporte dos terrenos da encosta do Castelo, no Pé da Costa de Cima. Depois de construída a muralha, uma das mais importantes da nova Avenida, prosseguem-se os restantes trabalhos.” ROSA, A. (1971). *ibid.* p.166
- ⁷⁸ Consultado em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/>, a 19 de julho de 2018
- ⁷⁹ “Começaram já o s trabalhos para a conclusão da Avenida” ROSA, A. (1971). *ibid.* p.380
- ⁸⁰ “Nos anos 30 os alicerces do edifício no lado sul são tapados e é construído um muro de suporte, tendo sido refeitas as escadas da porta lateral.” RAMOS, C. (2013). *ibid.* p. 41
- ⁸¹ “No decurso desta década desenharam-se alguns projetos de arranjos exteriores que felizmente só foram parcialmente executados (documento da comissão de iniciativa e turismo de Tomar).” *idem* p. 41
- ⁸² Consultado no website dos Monumentos em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2067

- ⁸³ “... foram lançadas casas extramuros no flanco Norte/Nascente do monte do Castelo; ainda aí permaneceram até meados do século XX, quando numa medida de saneamento, a vereação de Tomar as mandou arrasar.” BARBOSA, A. J. (2003). *ibid.* p. 21
- ⁸⁴ Consultado no Arquivo Municipal de Tomar
- ⁸⁵ “ Capela teve várias reabilitações que mudaram o seu exterior de uma forma mais profunda do que desejável. Nesta altura foram construídos os muros a norte, sul e oeste e entulhado o lado norte tal como já acontecera no lado sul nos anos 30. O adro foi pavimentado em redor do edifício e as escadas da porta principal substituídas por umas também semi-circulares, porém com três degraus. Também nesta altura, as janelas e portas da cabeceira no piso inferior foram desentulhadas.” RAMOS, C. (2013). *ibid.* p. 42
- ⁸⁶ ROSA, Amorim (1982). *História de Tomar*. Volume II
- ⁸⁷ Consultado no website dos Monumentos em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7841
- ⁸⁸ Consultado no website da UNESCO em <http://whc.unesco.org/en/criteria/>.



ANEXO II

Um percurso de aproximação ao Convento de Cristo

Para que possamos perceber a imponência e importância do morro onde se insere o Castelo Templário e o Convento de Cristo e da sua relação com a envolvente direta e, neste caso, mais longínqua, pareceu-nos pertinente observar a aproximação a este local através de vários pontos na região de Tomar. Como apurámos no primeiro capítulo, Portugal apresenta maioritariamente perfis topográficos montanhosos a norte e de planície a sul, confluindo estes diferentes perfis na zona centro do país. Por isto, a região de Tomar apresenta-se com uma grande diversidade paisagística, através da harmoniosa conjugação entre os montes e serras com as planícies do Vale do Nabão, que se intui pela mudança de paisagem aquando da aproximação à cidade. É neste contexto que se vislumbra o Castelo Templário e o Convento no alto do monte construídos entre as cotas 100 e 120 metros, independentemente da direção a partir da qual nos aproximamos.

Foi nossa intenção obter imagens de diferentes ângulos e procurar ensaiar aproximações a Tomar através de antigas vias e de algumas localidades, que possuíram um papel importante na ordenação e gestão do território de Tomar. O objetivo fulcral deste estudo foi perceber como é que o monumento e a sua envolvente se expressam nas diferentes direções e não a procura exaustiva de todos os locais na região onde o seja possível avistar. Assim, consideremos antes os locais escolhidos como amostras representativas de cada direção cardinal. Para além da envolvente longínqua, procurámos ainda experienciar a aproximação ao Castelo e Convento por antigas calçadas e caminhos a partir da cidade de Tomar, bem como do monte de N. Sra. da Piedade e do Vale Pereiro, a norte, e do monte de Sta. Bárbara e do Vale da Riba Fria, a sul.

Todo este estudo foi realizado com o intuito de compreender esta unidade de paisagem e a sua relevância no território, mostrando-se como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento do capítulo 3 do trabalho.

Ermida
N. Sra. da Piedade

Torre de Menagem

Charola Templária

Ala norte
do Convento de Cristo



Iniciando o nosso percurso a norte de Tomar, seguimos no acompanhamento do Vale do Nabão, a partir do qual conseguimos avistar o Castelo, a uma distância de 4 km em linha reta e à cota 160 metros, na localidade da Pedreira. Daqui, é perceptível o flanco norte com a Torre de Menagem, a Enfermaria da Ordem, bem como as fachadas exteriores dos Claustros da Micha e da Hospedaria e a Charola e nave Manuelina que se elevam acima do restante complexo. É ainda visível o monte de N. Sra. da Piedade e a sua capela (Figura 1). Apesar de toda esta zona situada a norte ser bastante mais alta relativamente ao morro do Castelo, não nos é possível vê-lo na totalidade devido à vegetação ou a outros montes que se elevam nas proximidades de Tomar, como é o caso da imagem anterior. Continuando no percurso de aproximação a Tomar através da Estrada do Prado, inicia-se uma descida de encontro ao rio Nabão, sendo apenas possível vislumbrar de novo o Castelo a 850 metros do mesmo. Podemos pressupor ser possível observá-lo a mais de 1km de distância, se não fossem as recentes habitações construídas na encosta que lhe bloqueiam a vista. Desta rua apenas são visíveis a Alcáçova com a Torre de Menagem e a Torre de Sta. Catarina, ficando o resto resguardado pela vegetação – que à altura da construção do Castelo era rasteira ou mesmo inexistente²⁴⁹ – que não nos permite ver os grandes alambores e grande parte do pano este da muralha (Figura 2).

Uma vez iniciado o percurso numa das zonas mais montanhosa e acidentada do concelho, procuramos então continuar segundo este critério, tomando o sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Assim sendo, para noroeste a cerca de 2,40km e a 130 metros de altitude, perto do Casal da Azinheira, avistam-se partes do lado norte do Castelo e Convento, quando a vegetação assim o permite. (Figura 3) Seguindo em direção a Casal das Sortes, perto de Carregueiros, convergimos com a Estrada de Leiria e iniciamos a descida de entrada para a cidade e todo o complexo é cada vez mais perceptível (Figura 4 e 5). De igual modo, torna-se clara a relação deste com a Ermida de N. Sra. da Conceição e com o Vale Pereiro, que ladeiam e acompanham esta entrada na cidade, terminando junto da Várzea Pequena, na interceção entre a Calçada do Convento e a Estrada do Prado (Figura 6). Recuando ligeiramente no espaço, antes de chegar ao final da estrada, é possível atalhar para o Convento através da Rua do Casal do Láparo, no Vale Pereiro.

Este vale tem uma grande importância enquanto envolvente direta do monumento. Ao longo dos séculos, o vale foi sendo ocupado por habitações que acabaram por chegar bastante perto do Convento, reduzindo a sua imponência nesta encosta, até então dominada pelo Olival. Recentemente, no seguimento dos arranjos exteriores do Convento de Cristo, foi construído um grande muro de sustentação das terras que, devido à sua altura exagerada, alterou muito a configuração do alçado norte na sua perceção no vale (Figura 7). No seguimento desta via, acabamos por chegar à Rua da Caldeira d'El Rei a uma cota superior à do Convento, antiga via romana, que se apresenta a poente do mesmo e que o liga à Estrada Nacional 113.

Continuando o percurso a partir de oeste, não é possível visualizar o Convento com tanta clareza. Poderá dever-se à orografia daquela zona, porém acreditamos que o atual estado da vegetação, muito mais alta e densificada, seja a responsável por tal. Apesar do morro Templário aparentar possuir um grande desnível do terreno apenas para o seu lado norte, nascente e sul, estabilizando a sua cota do lado poente, tal não acontece. Através da recriação das curvas de nível do local antes

²⁴⁹ “Segundo os preceitos da estratégia militar toda a vegetação circundante *distante até um tiro de besta*, fora eliminada por questões de segurança. Surgiu assim na paisagem um monte despido do seu coberto vegetal coroado por uma cintura amuralhada.” Cf. BARBOSA, A. (2003) *Sete Montes de Tomar. Recuperação da Cerca do Convento de Cristo*, p. 21. Um tiro de besta é uma unidade de medida medieval que se baseava na distância média percorrida por uma flecha disparada pela besta, correspondendo a aproximadamente 35 metros.



6

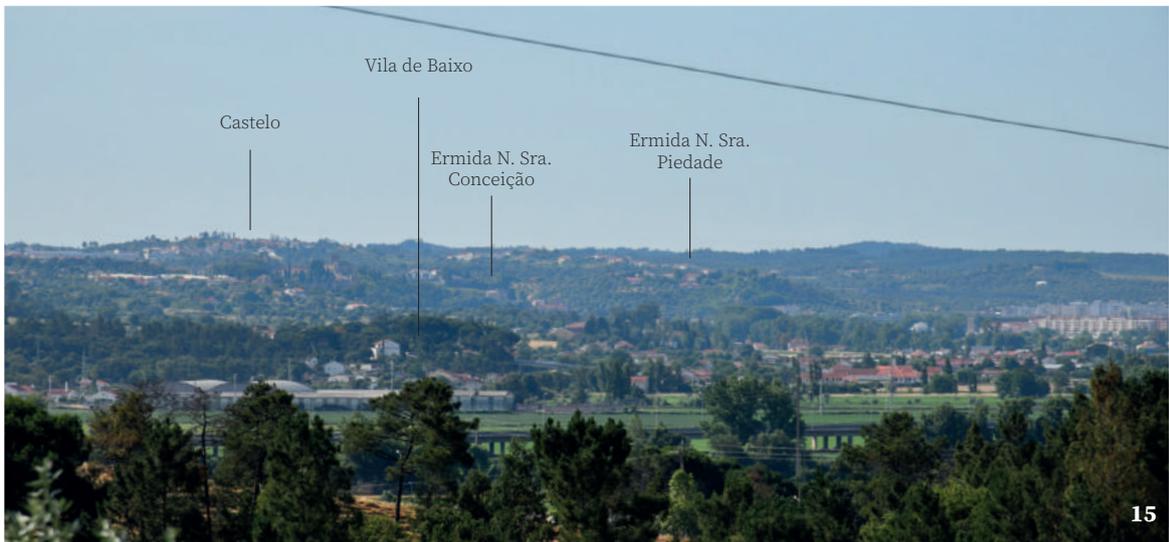


7



8





das terraplanagens e da construção do Convento de Cristo²⁵⁰ – que veio atenuar essa diferença de cota – bem como pela configuração e desenho da nave Manuelina aquando da sua construção, é-nos possível perceber que existia uma grande depressão abaixo da Charola Templária, onde se situava o Arrabalde de S. Martinho. Para além disto, imediatamente atrás do Pátio dos Carrascos, lado poente dos Claustros da Michá e dos Corvos, o morro sofre uma subida de cerca de 20 metros que torna praticamente impercetível algum vestígio do Castelo e Convento, quando visto de zonas mais baixas que esta. Contudo, tal não justifica que não haja visibilidade na direção oeste a partir do Castelo, ainda mais com a colocação da Charola neste lado da fortificação à cota mais alta do complexo, 120 metros à qual se acrescenta a altura deste edifício. Para além disso, é de considerar a via romana que de poente provinha e do carácter militar e defensivo que a Charola assumia para proteção desta zona do território.

De Cem Soldos²⁵¹, antigo povoamento mencionado já na altura dos Templários, não foi possível visualizar o monumento, devido a um monte que se eleva entre esta aldeia e o Convento. Acreditamos que seja possível ver a partir da torre da Igreja da Vila, que se situa à cota de 120 metros, precisamente à mesma cota que a Torre da Menagem e a Charola. No entanto não nos foi possível comprovar tal hipótese. De igual modo, no marco geodésico²⁵² de Vale de Alhos, perto da aldeia, a uma cota de 160 metros, é possível visualizar toda a região envolvente excetuando, precisamente, o morro do Castelo e a cidade de Tomar, a 3km de distância. Acreditamos tratar-se da vegetação densa que se eleva nessa direção e que não permite ver com clareza para a zona de Tomar (Figura 28).

Tal como em toda a zona oeste, não foi possível avistar o Castelo e Convento do lado sudoeste, uma vez que o terreno estabiliza a sua cota entre os 90 e os 100 metros de altitude e o monte do Piolhinho eleva-se a uma cota de 140 metros, junto da cidade.

Se nos aproximarmos, vindo de Cem Soldos através da Estrada Nacional 349-3 e, depois, da Rua do Casal Magano²⁵³ avistamos desde logo a Cerca Conventual e, posteriormente, o Convento. Esta rua, acompanha a cumeeira do monte e é ladeada, em parte do seu percurso, pela Cerca do Convento que nos permite, em certos momentos, vislumbrar o monumento (Figura 9, 10 e 11). Se, por outro lado, continuarmos pelas Algarvias, através da Estrada de Paialvo, chegamos ao monte de Sta. Bárbara, contornando-o pela sua encosta sul e nascente, a partir da qual vislumbramos todo o pano de muralha junto da Torre de Sta. Catarina. Esta rua termina junto da atual entrada da Mata Nacional dos Sete Montes, onde findava a antiga via que ligava a Porta da Almedina com a Vila de Baixo e se inicia a Rua da Graça (Figura 12).

Partindo agora de sul, através das planícies do Vale do Nabão, é-nos permitido ver de muito longe toda a zona da cidade de Tomar. São exemplos de alguns destes locais, a Quinta de Falcão, povoação a cerca de 7km do Castelo em linha reta (Figura 13); a Portela, a cerca de 1,5km a sul desta, num morro junto do rio Nabão a 100 metros de altitude; e ainda a aldeia da Linhaceira, na freguesia

²⁵⁰ O primeiro mapa onde tal fora representado foi o de Lacerda Machado na sua obra “O Castelo dos Templários: Origem da Cidade de Tomar.” em 1936.

²⁵¹ Aldeia a cerca de 4 km de Tomar, que fora uma das primeiras comendas a surgir. “...que pela Constituição feita por D. João Lourenço em 1364 (1326) criou e fez na Vila de Tomar, e foram 5, a saber: A da Alcaldaria-Mor, a do Prado, a de Paul e Cem Soldos, a da Beselga e das Pias...” ANTT – Livro das Escrituras apud ROSA, Amorim (1941). *Anais do Município de Tomar: crónica de acontecimentos*. Volume I. p. 226

²⁵² Construção, pedra, estaca ou sinal para indicar no terreno uma posição cartográfica ou geodésica precisa, geralmente em pontos bastante altos de uma certa região.

²⁵³ Esta via é indicada como uma das mais antigas vias de aproximação à cidade de Tomar, através de antigas referências a esta via que ligava Tomar a Torres Novas, passando por Cem Soldos e Paialvo. Será mencionada novamente no próximo sub-capítulo 3.3. *A construção de um lugar no tempo*.



da Asseiceira, a 9,5km para sudeste de Tomar. Uma particularidade interessante, proveniente destes diferentes modos de aproximação ao Convento, é a diferente percepção que temos deste complexo (Figura 13 e Figura 15). Ademais da distância e da vegetação que apenas nos permitem ver a muralha do Castelo a partir do lado sul e nascente, temos uma percepção bastante única da relação entre o complexo e a cidade de Tomar, que nos incita a sensação de grande distância entre ambos, impercetível quando visto de perto.

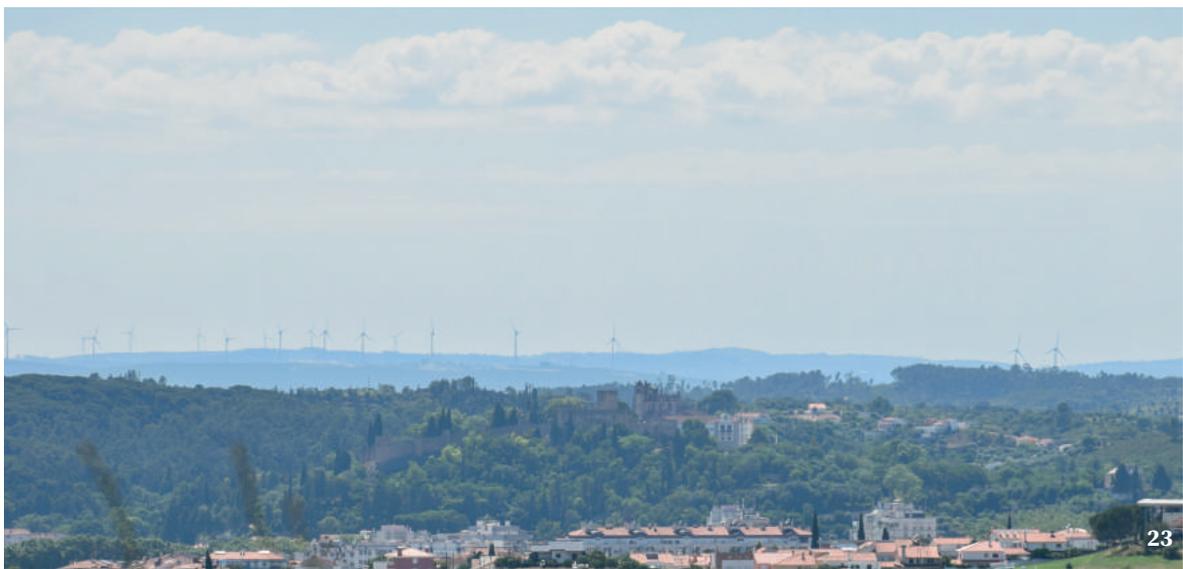
Seguindo um pouco mais para sudeste, em Castelo do Bode, a cerca de 10 km de Tomar e a 150 metros de altitude, e em São Pedro de Tomar, a cerca de 7 km da cidade, é possível ver o Castelo Templário e recriá-lo quase como fora primitivamente, uma vez que o ângulo de visão apenas nos permite ver os panos de muralha e a Igreja Templária, ocultando o Convento de Cristo (Figura 16).

Iniciando o regresso a Tomar através do Vale do Nabão pela estrada N110 de Carvalhos de Figueiredo, descemos para a cota 50 e torna-se constante a presença do Castelo na paisagem, de ambos os lados do rio (Figura 17). Mais perto de Tomar, junto de Marmelais de Cima e da capela de Sta. Marta, a 2,50km e 3km de distância, respetivamente, conseguimos ainda ver com bastante clareza o complexo Templário (Figura 18 e 19). É de salientar a Figura 20, tirada a partir da capela de Sta. Marta, onde conseguimos ter um panorama geral de toda a envolvente e dos três montes em estudo. Encontramos no lado direito o Pinhal de Sta. Bárbara, separado do Castelo pela Mata Nacional dos Sete Montes, e do lado direito a Ermida de N. Sra. da Conceição e a capela de N. Sra. da Piedade, separadas pelo Vale Pereiro.

A nascente, a cidade apresenta-se na paisagem em praticamente todos os locais. A existência de uma grande serra, com a cota máxima de 320 metros – onde se encontra a localidade da Serra de Tomar – forma um miradouro natural perante todo o Vale do Nabão, que se fecha novamente a poente de Tomar com o morro do Castelo e os morros envolventes. Procurámos destacar dois locais de onde se avista bastante bem todo o território. O mais distante, da Serra de Tomar, a cerca de 10 km do Convento de Cristo e uma altitude de 320 metros, que se situa na cumeeira do monte (Figura 20). Na mesma direção, mas já nos limites da cidade de Tomar, podemos avistar de diversos locais os três morros em estudo e observar com clareza a delimitação criada pelos morros através do desenho da linha de horizonte da cidade de Tomar (Figura 22 e 23).

Por último, do lado nordeste, arriscámos procurar vestígios do complexo na paisagem em locais mais distantes. Acreditamos ser possível ver a partir da zona de antigas comendas de Tomar, como do monte de S. Saturnino, na Comenda de Pias a cerca de 20km de Tomar, da torre da igreja dos Casais, pouco mais próximo, e de muitos outros pontos altos naquela região e locais de passagem importantes, primitivamente utilizados. Para além da alteração na vegetação, como referido anteriormente, que veio dificultar a vista em muitos pontos altos, à falta de melhor equipamento, capaz de captar tais distâncias, e à falta de tempo para demarcar e identificar todos estes locais – salientando mais uma vez que não fora esse o propósito de tal estudo – reduzimo-nos a alguns pontos representativos da zona nordeste. Junto da aldeia dos Casais em Soianda, a 6,50km de distância e a 214 metros de altitude, conseguimos identificar, com alguma dificuldade, a expressiva fachada norte do Convento, com a ajuda do caiado branco que contribui para a leitura do mesmo (Figura 23).

Já no interior da cidade, a imagem do Castelo é uma constante presença na paisagem (Figura 24 e 25). As suas múltiplas facetas permitem surpreender a cada ponto de aproximação ao local. A norte ergue-se o monte de N. Sra. da Piedade, com a capela no seu topo e as vistosas escadarias que o rompem num desenho claro e linear, aproximando esta capela da cidade. Ainda no seu sopé, do lado direito para quem entra na cidade através da estrada do Prado, encontra-se a capela de S. Gregório e a







sua fonte, com o culminar do ribeiro do Vale Pereiro. Este vale foi bastante menosprezado, se assim o poderemos dizer, pelo seu desconhecimento e inacessibilidade, levando ao abandono de um dos mais belos percursos de aproximação ao monumento. A par da construção da Estrada de Leiria, fora criado um muro de suporte – por muitos autores contestado – que cortou transversalmente o vale e o separou da Várzea Pequena, tornando-o invisível perante a cidade.

Logo após a sua ribeira, ergue-se o monte do Castelo e Convento de Cristo. Imediatamente acima do Vale Pereiro encontra-se a Quinta da Anunciada Nova, antigo Convento dos Frades Menores Capuchinhos. Acima desta Quinta ergue-se a Ermida de N. Sra. da Conceição, a meia cota entre a cidade e o Castelo. A sua construção numa das extensões deste morro permite que tenha uma grande projeção na cidade. Entre esta capela e a Alcáçova do Castelo, encontramos uma antiga via, a Calçada do Convento, de ligação entre o Castelo e a Várzea Pequena (Figura 26). De igual modo, mais a sul, encontra-se a Calçada de Santiago, que liga a Praça de D. Manuel I, onde se situa a Igreja de São João Batista, à Porta de Santiago (Figura 27). Entre estas duas vias, desenha-se pela topografia a chamada Cerrada dos Cães, atualmente a praça de receção ao Castelo e Convento de Cristo e miradouro para a cidade.

Da encosta sul deste monte, surge a Mata Nacional dos Sete Montes, antiga Cerca Conventual, cujos limites se desenham pelo Castelo e Convento, a norte, pela Calçada de Santiago e Rua do Pé da Costa de Cima, a nascente, e a sul e poente pela cumeeira do monte de Sta. Bárbara. É nesta cerca que se encontra um outro caminho, que outrora unia a Porta da Almedina à Várzea Grande, bem como parte do Aqueduto dos Pegões aquando da sua chegada ao Convento (Figura 28).

O monte de Sta. Bárbara, a sul, não possui neste momento nada mais que um Pinhal. Antigamente possuíra duas capelas, cujos vestígios apenas nos chegam documentados, e parte da cerca do Convento de S. Francisco, implantado no seu sopé junto da Várzea Grande, da qual é possível detectar alguns sinais. Ainda para sul, o monte do Alto do Piolhinho, ligeiramente recuado em relação à cidade, encerra o perímetro desta, fechando este conjunto de elevações junto ao rio Nabão perto da capela de S. Lourenço, na entrada sul da Cidade (Figura 29 e 30).

Consideremos assim, que graças a esta topografia característica e única, Tomar consegue oferecer-nos sensações antagónicas, mas igualmente apazíveis. Por um lado, quando percorremos a cidade à cota mais baixa, sentimo-nos encerrados e acolhidos pela conjugação entre os seus morros e a fisionomia da suas ruas e edifícios, não nos permitindo alcançar nada mais do que o próximo. Por outro lado, se subirmos aos montes envolventes, sentimo-nos projetados para um território vasto e inalcançável, do qual é possível contemplar muito além do concelho de Tomar. A partir da Torre de Menagem é possível identificar a mais de 50 km para norte, a Serra da Lousã, bem como outras de menor dimensão, como a Serra de Alvaiázere e de Penela (Figuras 34 a 37); a poente vislumbramos em todo o seu comprimento, a Serra d'Aire e Candeeiros, a cerca de 40 km de distância; a sul, apresenta-se uma paisagem muito mais planar, na qual poucas elevações se distinguem; e a nascente, a serra de Tomar que ladeia o rio Zêzere, para além do qual conseguimos identificar alguns pontos, como Vila de Rei.

Antes de concluirmos, devemos também observar o Castelo e Convento, a partir dos montes vizinhos, dos quais reconhecemos distintas perceções. No monte de N. Sra. da Piedade, à medida que subimos as escadinhas rumo à capela no seu topo, a encosta norte vai-se revelando. Conseguimos ver com bastante clareza a fachada norte do Convento de Cristo, a parte superior da Charola e da nave manuelina e ainda parte da Alcáçova e da Torre de Menagem, bastantes ocultas pela



vegetação da Mata Nacional dos Sete Montes e da Cerrada dos Cães. Conseguimos ainda ver o Vale Pereiro, a Ermida de N. Sra. da Conceição e Quinta da Anunciada Nova, abaixo desta, e o Pinhal de Sta. Bárbara mais a sul (Figura 31).

Por sua vez, em Sta. Bárbara é-nos possível ver o vale da Riba Fria, onde atualmente se encontra a Mata Nacional dos Sete Montes, o pano de muralha sul, a Charola e a Torre de Menagem, e ainda parte do muro interior do pano nascente da muralha. Com um olhar atento, é ainda possível identificar à direita do Castelo, a capela de N. Sra. da Piedade, e parte das suas escadinhas (Figura 32).

Ao contrário do que acontecia ainda em meados do século passado, como é possível testemunhar a partir de fotografias retiradas do mesmo ângulo, em ambos os montes, neste momento a vegetação priva-nos de ver grande parte da muralha e dos expressivos alambores. É também expressivo o contraste entre a vegetação da colina norte e sul, que se deveu, como iremos ver nos capítulos seguintes, a transformações na flora levadas a cabo na Mata Nacional dos Sete Montes.

Em todos estes percursos ensaiados de diferentes direções e distâncias, podemos retirar algumas conclusões interessantes. Em primeiro lugar será de reforçar a importância da Charola Templária e da Torre de Menagem na sua distinção na paisagem, em qualquer que seja a direção. Este aspeto acaba por reforçar o carácter defensivo e estratégico que ambos os edifícios possuíam. Enquanto que a Torre de Menagem dominava toda a paisagem a norte, nascente e sul, e a Igreja Templária – vista por muitos autores com um carácter fortificado e defensivo e precisamente com essa função – acabava por colmatar a zona poente. Em segundo, a dualidade programática que este complexo possui – o Castelo Templário e o Convento de Cristo –, que se espelha na sua aproximação. O Convento de Cristo, com o seu surgimento a poente, alterou consideravelmente o flanco norte e poente do Castelo Templário, não deixando quaisquer vestígios da primitiva muralha. Derivado disto, qualquer que seja a aproximação de norte ao local, oferece naturalmente um carácter Conventual. Em contrapartida, os flancos nascente e sul ficaram praticamente intactos no que diz respeito ao desenho do pano de muralha, levando a que ainda hoje apresentem um carácter fortificado e defensivo. É ainda de destacar que, das diferentes perspetivas a partir das quais podemos observar o morro do Castelo e os morros envolventes – Sta. Bárbara e N. Sra. da Piedade – é evidente que o morro onde fora construído o Castelo é o que melhor se avista da paisagem. Apesar de parecer que tal se deve à presença do complexo muralhado, que mais facilmente nos ajuda a localizá-lo na paisagem, é evidente, através das imagens dos dois morros, que estes não possuem tanto destaque na maioria das zonas. Para além do mais, como já fora mencionado acima, é-nos possível comprovar a visibilidade que a Charola e a Torre de Menagem têm para todas as direções do território, contrariamente ao que seria de esperar se situados no morro de N. Sra. da Piedade ou no de Sta. Bárbara.

Concluimos também que a aproximação na qual vemos mais claramente o morro edificado, sem necessidade de grandes desvios no percurso, é de nordeste até sul, zona do concelho onde se verifica uma grande depressão montanhosa que desce gradualmente até ao Vale do Nabão, formando peneplanícies que nos permitem ter grande visibilidade de toda a região de Tomar. Por outro lado, seguindo desde norte até sudoeste, toda a região é bastante acidentada, com constantes montes e vales, que dificultam a visibilidade. É de ressaltar que a paisagem envolvente deste local sofreu inúmeras transformações ao longo dos séculos. Se poderíamos imaginar um Castelo elevado num morro envolto em mais nada senão vegetação rasteira e uma pequena povoação arruinada na outra margem do rio, agora deparamo-nos com o contrário. Um horizonte repleto de “poluição visual”, onde o cheio ganha destaque em relação ao vazio, retirando imponência do Convento de Cristo e a sua notoriedade na paisagem. É de lamentar que as recentes construções e edifícios, particularmente próximos do complexo,

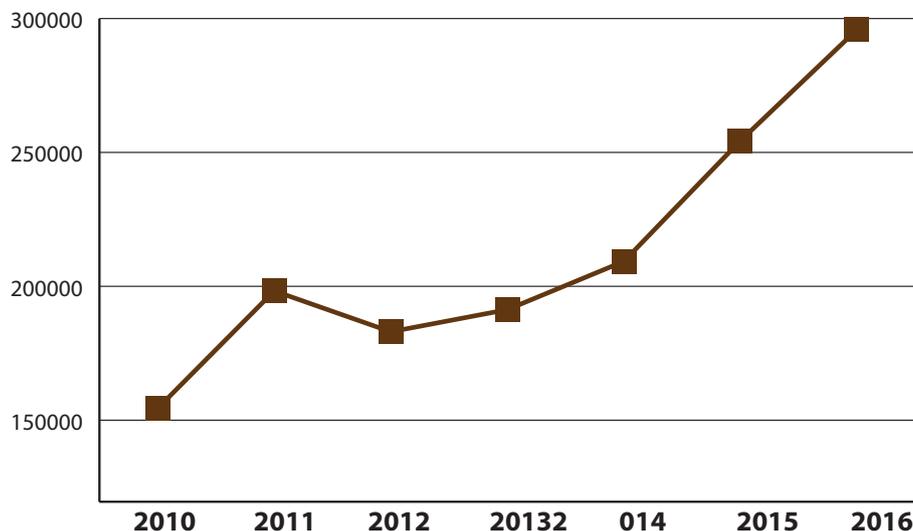
não tenham o cuidado de ser pensadas em função deste lugar e da preservação desta paisagem única. De igual modo, a vegetação é um fator muito importante para a percepção próxima e distante deste local. As alterações na flora da região, que decorreram maioritariamente no século passado, levam a que seja difícil avistar a região de alguns locais onde anteriormente seria capaz. Tal mudança deveu-se, principalmente, a um desinteresse pela cultura e exploração da oliveira, predominante em toda esta região anteriormente conhecida pela produção de azeite e pelos seus lagares. Em outros casos, a responsabilidade decorre das alterações de políticas e utilidades de certos terrenos, como é o caso do vale da Riba Fria que fora transformado em Jardim Público e conseqüentemente reflorestado com diversas espécies de maior dimensão do que a oliveira.

Com tudo isto, e apesar de ser impossível reconstruir fielmente a imponência do Castelo e Convento perante esta unidade de paisagem, acreditamos que a partir das imagens por nós produzidas, seja possível imaginar a sua aparência e domínio no território e afirmar a importância da envolvente do monumento na sua leitura e valorização.

ANEXO III

Estadísticas de entradas no Convento de Cristo

Quantidade de entradas anuais no Convento de Cristo



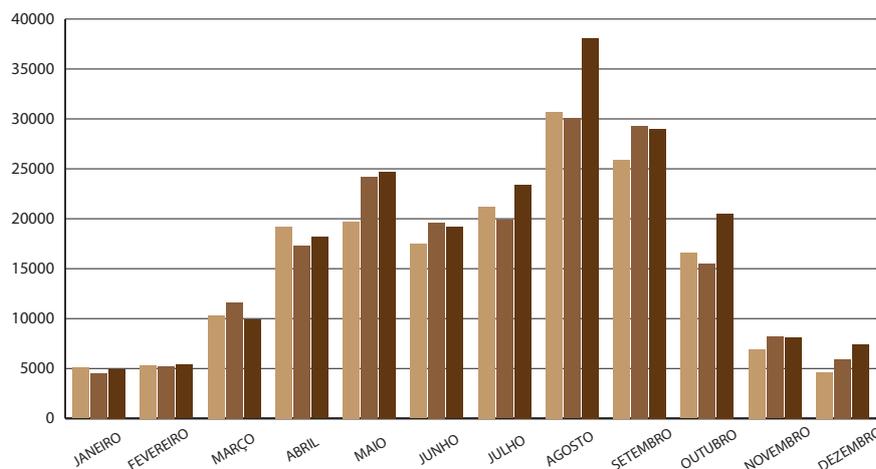
O Convento de Cristo, em Tomar, apresenta uma crescente taxa de entradas no monumento, em crescimento desde 2012.

Taxa de Crescimento 2012-2017: **93,8%**
Taxa de Variação 2016-2017: **16,6%**

Número de visitantes:

2010 - **154.438**
2011 - **198.274**
2012 - **183.027**
2013 - **191.278**
2014 - **209.294**
2015 - **254.313**
2016 - **295.808**
2017 - **354.763**

Amostra de 2012 a 2014, de entradas mensais no Convento de Cristo



2012
2013
2014

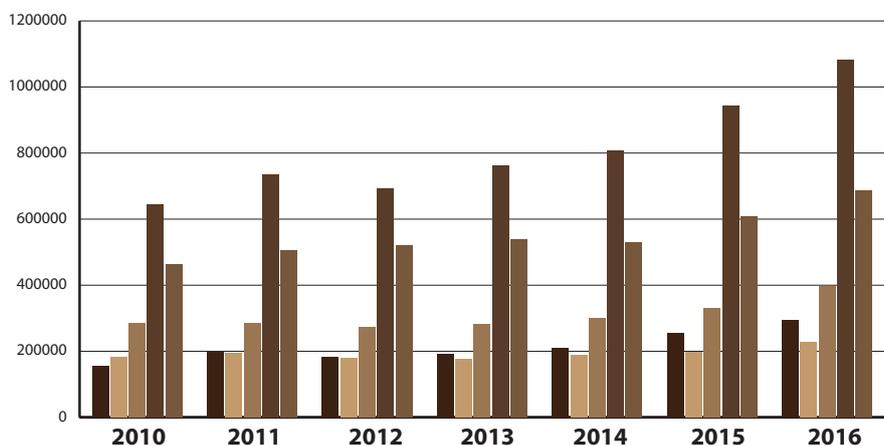
Meses maior nº entradas:

Maio a Setembro.
Agosto é o maior.

Meses menor nº entradas:

Novembro a Fevereiro.
Janeiro é o menor.

Quantidade de entradas anuais nos 5 Monumentos mais visitados



Convento de Cristo
Mosteiro da Alcobaça
Mosteiro da Batalha
Mosteiro dos Jerónimos
Torre de Belém

Números de 2016:

Mosteiro de Alcobaça - **226.516**
Convento de Cristo - **295.808**
Mosteiro da Batalha - **396.423**
Torre de Belém - **685.694**
Mosteiro dos Jerónimos - **1.080.902**

ANEXO IV

Projeto de arranjo urbanístico da Cerrada dos Cães 1955, Memória Descritiva, ANT

Aspectos urbanísticos

O arranjo urbanístico do local actualmente designado Cerrada dos Cais, compreende um parque de estacionamento de viaturas e um mirante.

O parque de estacionamento foi elaborado de forma a servir para automóveis, caminhetas, velocípedes, motociclos, etc. Conforme se observa na planta nº1, existe uma entrada de veículos e uma saída e uma entrada principal para peões.

Criou-se a toda a volta deste estacionamento um passeio com 1,50m. para circulação de peões, que serve não só para definir o percurso do turista, evitando a sua circulação na parte destinada a veículos, quer para o mirante, instalações sanitárias como para o Castelo e Convento, mas também para delimitar as diversas zonas de estacionamento.

Na zona reservada ao estacionamento de caminhetas, há também um percurso de peões que terá ligação com a entrada principal. Reservada somente a peões e nela será colocada com centro de composição um posto de informação da comissão municipal de Turismo que terá duas frentes, sendo a que fica virada para a estrada reservada a propaganda turística.

Entre o mirante e a plataforma de estacionamento haverá um largo ladeado por zonas verdes, onde será colocada a estátua de D. Gualdim Pais actualmente existente na praça da república.

Esta mudança impõe-se por várias razões, entre as quais se destacam as de ordem estética. No seu actual lugar, quanto a nós, tira toda a proporção à praça, devido às dimensões.

Colocado no conjunto agora projetado, sobranceiro à cidade e junto da entrada do Castelo dos Templários e de cuja Ordem foi seu Grão-Mestre, parece-nos que ficará no seu devido lugar quer sob o aspecto histórico quer ainda sob o aspecto estético, dadas as proporções do local.

Claro que, na Praça da República, antiga D. Manuel, deveria ser reposto o antigo pelourinho que ficará mais de acordo com a arquitectura da Praça e com as suas proporções bem definidas.

O mirante é a zona de indiscutível interesse turístico, lógico complemento do estacionamento, pois a paisagem que dele se desfruta será imponente. Deste local parte uma escada de acesso às instalações sanitárias e ao parque para merendas. Este parque para merendas será constituído por várias plataformas com mesas e bancos. Arborização adequada irá completar este parque de forma a criar um ambiente propício. Todas estas zonas que constituem o arranjo fazem parte dum conjunto que necessita duma ligação total. Toda a arborização será colocada de modo a criar um ambiente agradável, proporcionando alguma sombra aos veículos estacionados. A circulação de peões será bem marcada com um lajedo assente de forma a ter relva nas juntas. As instalações sanitárias colocadas na parte exterior desta esplanada terão, conforme se disse, acesso pelo mirante.

Convém notar que estas instalações estão com um relativo desenvolvimento dada a grande afluência de excursões que normalmente visitam o Convento de Cristo. Exteriormente procurou-se uma solução que se integrasse bem no conjunto.

Tomar, Agosto de 1955.

O arquitecto,

João Pedro de Figueiredo da Mota Lima

Aspectos construtivos

Na elaboração deste projecto, não nos foi possível, embora o desejássemos, fazer uma compensação nos volumes de terras das escavações e aterros, já pelos condicionamentos impostos pelos acessos existentes, já porque a plataforma não tinha as dimensões necessárias para o parque de estacionamento a criar. O volume é, pois, bastante elevado em relação às escavações.

Para suporte desses aterros criou-se um muro de altura variável conforme se depreende do exame das peças desenhadas, que será com o paramento rústico, para melhor adaptação ao local.

Ainda com o fim de diminuir o volume de aterros, rebaixou-se a cota actual da plataforma de 0,50m. Com o mesmo fim e para uma melhor delimitação dos locais, a esplanada agora projetada foi distribuída em três planos: parque de estacionamento, largo de acesso ao mirante e mirante propriamente dito. Estes têm as cotas respectivamente de 109, 50-109, 20-109, 05. As diferenças de nível são vencidas por 2 degraus de 0,15 entre o parque de estacionamento e o largo e por um degrau de 0,15 entre este e o mirante.

Na zona do parque de estacionamento destinada à circulação de veículos previu-se desde já a execução de um macadame ordinário, mas esperamos que num futuro próximo seja feito o seu revestimento betuminoso, de toda a conveniência.

As instalações sanitárias que são de absoluta necessidade (como se pode avaliar por uma visita ao local) foram situadas sob a plataforma e o seu isolamento foi feito por uma parede de tijolo a 1 vez afastada do muro de suporte e entre esta e o muro será executado um dreno conduzindo as águas de infiltração para os esgotos. Para diminuir o elevado pé direito foi feito um teto falso que se considerou em lage de betão armado e que foi calculado para servir de armazém no caso de na parte superior se executar um pavilhão para venda de refrigerantes e outros artigos similares de grande utilidade principalmente durante o verão, altura em que o movimento de turistas é maior.

Sobre a execução de trabalhos, foram estes devidamente discriminados, quer no Caderno de Encargos quer ainda nas medições e orçamento.

Se bem que nos pareça que entre os diversos elementos que constituem o projecto desta esplanada haja uma ligação indissolúvel, que não permite a execução de apenas uma parte da obra, procuramos separar, na medida do possível, conforme nos foi solicitado, os elementos que pertencem ao parque de estacionamento e ao mirante.

O muro de suporte foi porém considerado no todo, pois a separar-se a parte do parque de estacionamento haveria que fazer mais um muro na zona adjacente ao largo de acesso ao mirante o que seria uma duplicação de despesas. Em todo o resto, porém, procurou-se fazer uma separação.

Tomar, Agosto de 1995.

O engenheiro,

João Carlos Cruz de Chaluf

ANEXO V

Projeto de Requalificação Urbana e Valorização da Envolvente ao Convento de Cristo, 2011
Excertos relevantes da Memória Descritiva, ANT

Introdução, p. 1

...a intervenção pretende resolver algumas das questões de ordem logística que a elevada afluência ao Convento de Cristo gera, nomeadamente a circulação automóvel e o estacionamento de transportes coletivos e individuais. Para além destas preocupações a proposta deverá centra-se na valorização do espaço, procurando torná-lo mais funcional, tendo em conta a sua visita e o usufruto deste local impar...

2. Estratégia de intervenção p. 2

...a abordagem ao espaço teve em conta a problemática da falta de estacionamento nos períodos de maior procura, bem como os conflitos que a Av. Vieira de Guimarães apresenta, para dois autocarros se cruzarem, com o seu perfil atual.

Tendo presente a problemática do estacionamento, claramente insuficiente nos períodos de maior procura do Convento, procura-se aumentar a oferta e incentivar novas formas de aceder a este, nomeadamente através das calçadas. A solução adoptada, prevê a criação de um estacionamento na encosta e de inserção perpendicular à Av. Vieira Guimarães e a Calçada de Santo André, esta solução permite criar cerca de 21 lugares de estacionamento para viaturas ligeiras, propor-se a sua localização na zona da encosta com menos coberto vegetal.

p. 3

Preve-se, por outro lado, criar um muro de suporte ao longo da Ala Norte do Convento de Cisto, que permite criar uma plataforma de enquadramento e estadia para contemplação daquele alçado do monumento, esta diferença de nível permitirá rebaixar o acesso viário e criar bolsas de estacionamento para autocarros, num total de 6 lugares, com vista a recolher os turistas no fim da visita e levá-los a visitar a cidade.

É de salientar, que junto ao portão do Pátio dos Carrascos, propôs-se uma bolsa de paragem para transportes públicos e uma área pavimentada ampla, para o retorno de viaturas ligeiras, tendo em conta o novo equipamento (restaurante/bar) a ser construído nas ruínas existentes no referido pátio.

2.4. Intervenção no Terreiro Gualdim Pais, p. 5

Na zona central tendo em conta os excelentes exemplos arbóreos apenas se propõe a colocação de uma camada de saibro para regularização do terreno

Ao nível do coberto arbóreo, propõe-se a manutenção dos pinheiros mansos existentes que criam uma sombra bastante agradável no Verão.

ANEXO VI

Texto de apresentação para a Prova Pública de Dissertação de MIARQ no dia 09 de novembro de 2018, arguida pela Professora Doutora Marta Oliveira e Presidida pelo Professor Doutor José Cabral Dias, com a classificação de 19 valores.

Bom dia a todos. O título do meu trabalho é “A envolvente do Convento de Cristo em Tomar: Uma leitura sobre o lugar no tempo para uma proposta de regeneração urbana.” Antes de mais, gostaria de começar por cumprimentar o júri aqui presente. Ao Professor Doutor José Cabral Dias, enquanto Presidente do Júri, à Professora Doutora Marta Oliveira, enquanto arguente, e à Professora Doutora Maria Sofia Santos, enquanto minha orientadora, a quem dirijo um agradecimento especial por todo o acompanhamento ao longo deste ano. De igual modo, não posso deixar de agradecer em público a todas as entidades que contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação, e em particular ao Arquitecto Rui Serrano e ao Arquitecto Álvaro José Barbosa, que foram sem dúvida importantes contributos para todo o processo de trabalho. Por último, resta-me agradecer à minha família, amigos e restante público aqui presente.

Contextualizando um pouco a escolha do tema, começarei por introduzir o lugar e o seu protagonista, o Convento de Cristo. Tomar é uma cidade situada no centro do país, no distrito de Santarém, sede de município com mais de 40 mil habitantes. A cidade é banhada pelo rio Nabão e o concelho pelo rio Zêzere a nascente. A região possui uma orografia muito variada, encontrando-se Tomar ladeado de depressões montanhosas, contrastando com as expressivas planícies do Vale do Nabão que, a partir desta cidade irrompem para sul.

Esta característica conduz a que a região possua uma grande variedade topográfica, havendo variações de cotas dentro do concelho de 300 metros de altitude. Na zona é também característica a exploração agrícola da vinha e da oliveira, elementos muito presentes desta paisagem, como veremos mais à frente.

Relacionado com a génese deste local, surge inevitavelmente o Castelo e o Convento de Cristo, importantes centros na vida da região e agentes transformadores da paisagem. O Convento de Cristo é hoje o quarto monumento nacional mais visitado, tendo atingido no ano de 2017 354 763 visitantes, número que tem aumentado substancialmente a cada ano. É um importante ícone para a História de Portugal e da Arquitectura Portuguesa, uma vez que congrega nele marcas das mais variadas épocas e estilos arquitectónicos, desenhados pelas mãos de importantes arquitectos que por Portugal passaram. Tem o seu valor reconhecido pela classificação de Monumento Nacional, em 1907, e de Património Mundial da Unesco, em 1983.

A chegada da Ordem do Templo à região deu-se em meados do século XII, com a escolha de um morro Tomarense para a construção do Castelo Templário e da sede da Ordem. Certamente as qualidades estratégicas e defensivas que este local apresenta perante a região foram tidas em conta. Para além da sua altura privilegiada, sendo o maior morro entre as restantes 3 depressões que compõem a margem direita do rio nabão, e pela sua qualidade peninsular, de um morro bem definido pelos dois grandes vales adjacentes, devemos ainda considerar a grande visibilidade e destaque perante a paisagem. Assim, foi iniciada a construção do Castelo Templário a 1 de março de 1160. Juntamente com as muralhas e principais elementos dos sistemas construtivos templários, foi também erguido um elemento singular, a Charola, edifício religioso e defensivo inspirado em modelos provenientes da Terra Santa.

Após a construção do Castelo é apenas no século XV com a presença do Infante D. Henrique enquanto governador da Ordem de Cristo que se verificam novas obras. Foram construídos os primeiros dois claustros e as respetivas dependências, bem como os Paços Henriquinos, tudo isto na zona norte do complexo, junto da alcáçova, ainda dentro dos limites muralhados existentes. Tais limites foram apenas transpostos no reinado de D. Manuel I, com a construção da nave manuelina da autoria de João de Castilho e Diogo de Arruda que se agregou à Igreja Templária e se projetou para fora das muralhas a poente.

Seguidamente, no reinado de D. João III dá-se a construção de um grande complexo conventual para poente composto por 6 novos claustros e pelas restantes dependências conventuais, projeto de igual modo da autoria de João de Castilho e sucedido por posteriores arquitectos, como Diogo de Torralva e Filipe Terzi entre outros. Nestas destacamos a cerca conventual, construída na sua envolvente, e que falarei mais à frente. Estas obras apenas viriam a ser terminadas já depois do reinado dos Filipes de Espanha, os quais acrescentam a norte deste complexo o edifício da Enfermaria e Botica e fecham assim os limites do Convento como ainda hoje os conhecemos. Foi a construção deste complexo ao longo de cinco séculos que o valorizou e o tornou autêntico enquanto conjunto e monumento

Este local possui um extenso estado de conhecimento, abordado em diferentes temáticas, áreas disciplinares e por variados autores. Contudo, pareceu-nos que a sua envolvente não tivera essa mesma atenção, faltando assim uma leitura da parcela de território compreendida entre a cidade de Tomar e o Convento de Cristo, que tem extrema importância para aquilo que é a imagem e dinâmica deste lugar. Inicialmente este estudo tinha como finalidade o projeto construído, através da construção de uma plataforma que pudesse auxiliar e dinamizar este lugar e foi neste seguimento que se começou por desenvolver esta dissertação.

Contudo, desde logo sentimos a necessidade de conhecer e compreender este espaço, o que foi, como se construiu ao longo do tempo e qual a sua relação com o Convento de Cristo. Isso levou-nos a um extenso trabalho de investigação, que ao longo do tempo começou a ganhar importância dado o seu peso histórico, paisagístico e patrimonial. Portanto, se inicialmente o projeto edificado seria a intenção, começámos a deparar-nos com a necessidade de pelo contrário, preservar a memória e a imagem deste local, e de desenvolver antes um projeto em torno do planeamento e gestão territorial articulando os vários elementos e campos disciplinares que compõem o lugar.

Assim, com um olhar direcionado para a envolvente do Convento de Cristo e para a sua transformação ao longo do tempo, surge uma leitura necessária para compreender o lugar, para recriar os elementos esquecidos que compunham esta unidade de paisagem, e acima de tudo, para suportar as linhas de ação e propostas que visem regenerar e revitalizar este espaço potenciando e evidenciando o que já lá existe. Esta vontade de explorar este lugar intensifica-se pela relação pessoal que tenho com o sítio, sendo Tomar a minha cidade natal, e pela vontade de contribuir para a cidade com o olhar de alguém a quem o monumento é próximo e que pode conciliar o conhecimento empírico com o adquirido enquanto arquitecto.

A metodologia do trabalho desenvolveu-se segundo a tabela que se apresenta. Iniciou-se com uma extensa recolha documental, de bibliografia bastante direcionada para Tomar e para o tema em questão, iconografia diversa, desde fotografias a gravuras e cartografia, antiga e atual. Os contactos foram também uma importante componente, passando por diversas entidades e pessoas. Houve uma necessidade de visitar o lugar e de experimentar diversas aproximações ao mesmo, a fim de perceber como se percebe a paisagem a partir do Convento e como se percebe a

convento a partir da paisagem. A sistematização de toda a informação foi através dos desenhos, que ilustram o texto ao longo dos capítulos, e de uma cronologia de apoio à construção do lugar, ferramenta fundamental neste processo. Assim surge a estrutura da dissertação, dividida em 4 capítulos. Os dois primeiros são uma introdução ao lugar e ao objeto de estudo, importantes para os dois capítulos seguintes que representam o cerne desta dissertação, começando com uma leitura temporal da envolvente seguida de uma leitura dos problemas atuais e das respetivas propostas.

A definição de um limite da zona de estudo e, portanto, da unidade de paisagem que compõe o Convento de Cristo, foi uma procura ao longo do trabalho. Consideramos como envolvente direta do Convento, toda a área adjacente no morro do Castelo, delimitada pelos dois vales que o ladeiam, e como unidade de paisagem a área compreendida entre os dois morros adjacentes ao morro do Castelo, não só pela presença que têm na imagem do Convento, mas também pela sua relevância história e paisagista de conjunto.

Assim, o local de estudo desenvolveu-se em torno destes três montes: o monte de N. Sra. da Piedade, a Norte, o monte do Castelo, no Centro, e o monte de Sta. Bárbara a sul. Neste conjunto é possível encontrar três Conventos: O Convento da Anunciada Nova e o Convento de Cristo, no morro do Castelo e ainda o Convento de S. Francisco no sopé do monte de Sta. Bárbara; para além destes, três Capelas, a Ermida de N. Sra. Piedade, a Capela de S. Gregório e a Ermida de N. Sra. da Conceição e ainda a memória de outras duas capelas que já não existem, Sta. Bárbara e N. Sra. dos Anjos. O local é ainda composto pela única Cerca Conventual ainda existente na sua forma original, a atual Mata Nacional dos Sete Montes.

Nestes locais verificámos alguns impasses e problemas. Em primeiro, a carência de classificação de alguns monumentos e de respetivas zonas de proteção, que são inexistentes ou com uma delimitação insuficiente. Derivado disso, surge um desenvolvimento urbano nas proximidades de certos locais, como a Ermida de N. Sra. da Piedade ou do Convento de Cristo, que em nada é benéfico para a imagem destes locais e até para a sua segurança. As intervenções levadas a cabo nos últimos séculos, com a abertura de vias e estradas nestes montes levaram de igual modo à sua descaracterização e à destruição da memória do lugar, como é exemplo o desaparecimento de duas das capelas. Derivado disto surge um desconhecimento da história destes locais, acentuado pela falta de dinamização cultural destes espaços, pelo seu encerramento ao público e à cidade, e ainda pela sua desconexão naquilo que foi a sua interação e interdependência no passado, como é o caso da Mata Nacional dos Sete Montes e do Castelo. Excetuando a zona do Convento de Cristo, toda a restante envolvente foi deixada de parte no arranjo exterior e paisagístico, carecendo de função, mobiliário urbano e cuidado no tratamento da vegetação.

Estes foram, muito genericamente, alguns dos problemas por nós levantados, que levaram à compreensão do lugar e ao seu estudo e foi neste seguimento que se desenvolveu a leitura do lugar ao longo do tempo. Esta zona, como já foi dito anteriormente, verificou o seu grande desenvolvimento após a chegada dos templários a Tomar. Contudo, deveremos considerar a presença de outros povos na região de Tomar, como os Romanos, os Povos Germânicos e Árabes que deixaram marcas no território que subtilmente definiram e influenciaram fixações posteriores.

São por nós evidenciados alguns percursos e Vias Romanas que por Tomar passavam e possíveis construções no morro do Castelo, que certamente não ficaram indiferentes aos Templários, dado a sua urgência na construção e necessidade de grandes recursos – aliás, são visíveis essas marcas em pedras utilizados na construção da Torre de Menagem, por exemplo. A construção do Castelo foi assim a primeira grande alteração na paisagem, pelo menos que tenhamos conhecimento. Para

além da sua edificação, a vegetação envolvente foi retirada por questões de segurança, reforçando assim a imagem do Castelo no cimo de um monte despido, quase semelhante aquilo que aparentava ainda no século passado.

Apesar da vila de Tomar ter a sua génese intramuros, desde logo, no séc. XII, que começaram a surgir arruamentos e habitações extramuros, como o arrabalde de S. Martinho e o ajuntamento do Pé da Costa, no sopé deste mesmo monte, os quais acreditamos estarem ligados pelo caminho da riba fria que seria a via mais utilizada na altura. A par deste crescimento fora das muralhas, ao longo dos séculos XIII e XIV e XV, surgem novas capelas na vila de baixo e nos morros envolventes ao do Castelo, por norma associadas a vias de chegada a Tomar. É exemplo disso a Capela de N. Sra. do Monte, atual Ermida de N. Sra. da Piedade, a norte, e a Capela N. Sra. dos Anjos, junto da calçada que partia em direção a Torres Novas, a sul, ambas do séc. XV.

É já no reinado de D. João III, com a construção do Convento e da Cerca Conventual, que se verifica nova grande alteração na envolvente do Convento. Para além do seu surgimento que levou à destruição do arrabalde de S. Martinho, a poete da Charola, foram compradas inúmeras terras para a criação da cerca conventual, que se desenvolveu a sul deste complexo, nos limites ainda hoje definidos pela cerca da Mata dos Sete Montes. Este local, tinha como função a exploração agrícola para sustento do Convento e ainda como local de retiro dos frades. Com a complexidade com que foi desenhada, com a criação de percursos pedonais, percursos de irrigação e canais de água, dos quais fazem parte alguns tanques dos quais a Charolinha, e ainda pelas diferentes constituintes arbóreas, como zona de olival, zona de hortas e ainda zona de mata, podemos considerar que foi um grande projeto de arquitetura paisagística nunca antes visto nesta região. Esta cerca ficou completa com a construção do aqueduto dos pegões que visava servir de água as hortas e o Convento, já no reinado dos Filipes de Espanha, no início do séc. XVII.

Ainda no decorrer do séc. XVI, foram intervencionadas diversas Capelas em Tomar, das quais as duas anteriormente mencionadas e ainda a Capela de S. Gregório, situada no sopé do monte a norte. Esta capela é indicada por alguns autores como sendo construída neste século, contudo acreditamos ter a sua origem no séc. XII com a chegada da Ordem do Templo, ou ainda anterior.

Surge também a Ermida de N. Sra. da Conceição, a nordeste do Convento de Cristo, no mesmo monte, com grande presença na paisagem nabantina e reforçada não só pelo local, mas também pela sua forma de torreão que irrompe do solo. Seguidamente, em meados do séc. XVII, começam a surgir novos Conventos na zona de estudo: O Convento da Anunciada Nova, da Ordem Mendicante dos Capuchos, e o Convento de S. Francisco, da Ordem Terceira de S. Francisco. Ambos os Conventos, possuíam uma cerca, à semelhança do Convento de Cristo, com uma extensão superior aquela que ainda hoje é perceptível. Contudo, devido ao posterior surgimento de estradas junto de ambos os Conventos, as suas cercas foram destruídas em parte. Também neste séc. é construída a Capela de Sta. Bárbara no cimo da Cerca de S. Francisco, no anterior local da Forca de Tomar que de lá fora retirada a pedido dos Franciscanos. Esta Capela atualmente já não existe, sendo apenas perceptível a sua forma numa gravura de Tomar deste mesmo séc., onde vemos de igual modo todos os locais anteriormente mencionados.

A par desta gravura e de outras idênticas que surgiram posteriormente, no decorrer do séc. XVIII surgem relatos de visitas a Tomar, onde identificámos uma constante referência ao olival. De facto, em fotografias do século seguinte, portanto séc. XIX, é esta a imagem com que ficamos da paisagem Tomarense, e que é característica em muitos registos e descrições que surgem desde o séc. XII.

A oliveira era um elemento muito importante para o desenho da paisagem e para a imagem desta região, agora não tanto pelo desinteresse na sua cultura e pela vegetação evasiva que a dominou. É muito interessante verificar esta diferença e o peso que esta árvore tem, quando comparando imagens de ângulos aproximados em diferentes épocas. A imagem da esquerda é de 1890 e a da direita de 2017. Para além disso, a sua colocação no território, com um ordenamento bastante pragmático, imprime um ritmo e um desenho característico que advém do modo de exploração desta árvore mas também de uma vontade de manter um estabelecimento visual entre o Castelo e a então Vila de Baixo de Tomar, quase como um prolongamento do desenho urbano dos seus quarteirões.

No decorrer do séc. XIX, dão-se os arranjos das Estradas Públicas e a abertura de novas vias, surgindo assim a Estrada de Leiria, que quebra o Vale Pereiro com a construção de um muro de suporte e a estrada de Paialvo, a sul, que rompe a Cerca do Convento de S. Francisco e corta o monte de Sta. Bárbara. É no seguimento da abertura desta última via, que se destroem ambas as capelas no monte de Sta. Bárbara, para reaproveitamento do material e se dá a plantação do Pinhal de Sta. Bárbara.

Além destas, já no início do séc. XX, surge a Estrada do Convento, que parte junto da nova entrada da Mata e cruza as duas calçadas existentes, de Santiago e do Convento, únicos acessos até então. Esta intervenção que visava dotar o Convento de um acesso digno fica apenas completa com a construção de um terreiro de estacionamento e miradouro em 1955 na Cerrada dos Cães. Posteriormente, já no séc. XXI, em 2010, são realizadas novas obras no local e ainda na fachada norte do Convento. Ademais destas transformações, também a Cerca Conventual, já então designada de Quinta, passa a ser Jardim Público, o que leva a uma série de intervenções que descaracterizaram a topografia do local e acima de tudo a sua flora, com a plantação de novas espécies com um porte bastante superior ao da oliveira.

Terminando o estudo e o levantamento dos problemas desta unidade de paisagem, surgem as principais propostas de atuação que consideramos importantes para a regeneração deste lugar. Em primeiro, devo destacar a necessidade de classificação dos monumentos que ainda não o têm e atribuição de respetivas zonas de proteção.

Relacionado com a Classificação do Convento de Cristo, propomos o seu reconhecimento como Património Mundial da Unesco enquanto conjunto, ou seja, alargar a classificação à Mata Nacional dos Sete Montes e ao Aqueduto dos Pegões, uma vez que são partes do seu legado e da sua história, apesar de hoje estarem desassociados. Nesse sentido, propomos também a ampliação da zona especial de proteção a estes locais e a sua adaptação à topografia deste local e não por limites abstratos igualmente projetados a todo o perímetro.

Para a renovação da vivência deste território, é necessário revitalizar a vida e o conhecimento destes locais, divulgando-os devidamente e permitindo a sua visita por parte do público com a criação de percursos temáticas dentro desta unidade de paisagem. Falo neste caso da Ermida de N. Sra. da Piedade e da Conceição e da Capela de S. Gregório, bem como no monte de Sta. Bárbara. Relacionado com isto, a dinamização cultural destes espaços e a procura por reavivar a sua memória, deverá ser um caminho a considerar através, por exemplo, da reativação do percurso da água, ligando o Aqueduto dos Pegões, Castelo, Convento e Mata Nacional dos Sete Montes.

A acessibilidade ao Convento de Cristo tem também de ser repensada, nomeadamente o acesso automóvel, uma vez que o monumento está em constante aumento turístico e torna-se cada vez mais inconcebível o estacionamento no local. Propomos assim a criação de percursos temáticos e pedonais ao longo desta unidade de paisagem que visem diferentes aproximações ao complexo e

que levem o público a visitar os restantes espaços que compõem este conjunto, dotando-os de espaços de lazer, sinalética devida e do mobiliário urbano necessário.

Ademais destas propostas, o monte de Santa Bárbara necessita de uma intervenção urbanística em toda a sua extensão, desde o Convento de S. Francisco no seu sopé, até ao pinhal de Sta. Bárbara, no topo. O local encontra-se abandonado e a sua história esquecida e desconhecida para a cidade, não existindo qualquer ligação entre ambos os locais, apesar da sua proximidade.

Assim, esta unidade de paisagem apesar de albergar lugares tão diversos e relevantes, não está a utilizá-los como tal e necessita de reafirmar o seu valor e potencial. De uma maneira bastante sintetizada concluo aquele que foi o estudo deste lugar, com a certeza afirmada da importância que esta parcela de território tem como envolvente do Convento de Cristo, dada a estreita relação que é estabelecida entre o monumento, a paisagem e a sua envolvente direta.

Foi através de um conjunto de outros estudos e referências sobre o local, agregados a um conhecimento empírico e com um cunho próprio expresso na metodologia e processo de trabalho, que surgiu este resultado. Para além das demais propostas que deixamos e defendemos para o desenvolvimento deste lugar, considero este estudo por si só pertinente e necessário para a compreensão e enriquecimento do estado de conhecimento do Convento de Cristo e da cidade de Tomar.

É necessário realizar um planeamento devido desta unidade de paisagem, ao qual contribuímos com um conjunto de considerações retiradas deste estudo, e de alargar o conceito de Património à envolvente do Convento de Cristo, sem a qual este monumento fica desenquadrado e descaracterizado.

Pessoalmente foi muito enriquecedor descobrir e investigar mais sobre um lugar que tanto me apaixonou e que frequento diariamente e muito gratificante ao poder contribuir com uma leitura necessária e urgente para o Convento, para a cidade e para a comunidade Tomarense. Sem mais nada a acrescentar, resta-me agradecer a vossa atenção. Obrigado.

A envolvente do Convento de Cristo em Tomar:

Uma leitura sobre o lugar no tempo
para uma proposta de regeneração urbana

André Freitas

FACULDADE DE ARQUITECTURA

